

Costuras Narrativas:

Famílias Inter-raciais, Colonialidade
e Experiências Afetivas

Liana Barcelos Porto



Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

P839c Porto, Liana Barcelos

Costuras narrativas [recurso eletrônico] : famílias inter-raciais, colonialidade e experiências afetivas / Liana Barcelos Porto ; Marcio Caetano, orientador. — Pelotas, 2023.
234 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Família inter-racial. 2. Pesquisa-costura. 3. Colonialidade. 4. Educação transgressora. I. Caetano, Marcio, orient. II. Título.

CDD 370

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação



TESE

Costuras Narrativas:

Famílias Inter-raciais, Colonialidade e Experiências Afetivas

Liana Barcelos Porto

Pelotas, 2023

Liana Barcelos Porto

Costuras Narrativas:

Famílias Inter-raciais, Colonialidade e Experiências Afetivas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação (área de concentração: Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação).

Orientador: Prof. Dr. Marcio Caetano.

Pelotas, 2023

Liana Barcelos Porto

Costuras Narrativas: Famílias Inter-raciais, Colonialidade e Experiências Afetivas

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 08 de Dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcio Caetano (orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Madalena Klein
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Rosangela Aparecida Hilario
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Aline Machado Dorneles
Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande

Prof. Dr. Maicon Farias Vieira
Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas

A TESSITURA DA COLCHA

A quem servirá essa colcha?

Quem a costurou?

A costureira.

Mas quem é ela?

Ela segue agora para outros rumos...

E ganha o mundo, o seu trabalho, a sua colcha.

*Para aconchegar corpos cansados e oprimidos pela colonialidade,
como também poderá ser reinventada para outras utilidades.*

Quem sabe servirá como toalha de mesa ou manta de sofá?

*Mas o desejo que tenho é que a colcha leve a alegria das cores,
a afetividade envolvida no recorte e disposição de cada retalho-
narrativo.*

*Não é fácil trabalhar com retalhos e linhas, cada um é composto
por uma trama única de fios que lhe confere texturas múltiplas.*

Complicado regular os pontos, ajustar as tonalidades das linhas.

*O corte de tecidos coloridos, a disposição e harmonização destes.
Mas em meio a toda essa complexidade, juntei os panos e coloquei
em marcha minha máquina.*

*Não acredito que fiz a colcha mais harmônica e esteticamente
bonita do mundo, mas a fiz!*

E a compus com/no cotidiano, com/nas experiências.

*Foi feita com amor, aquele amor emancipatório que nos provoca a
olhar criticamente para nossas relações afetivas.*

*Contemplando as subjetividades e a hierarquia racial que opera na
sociedade brasileira.*

*Isso faz tanto barulho, tem tantos sons: dororidade¹, cor para o
amor, abandono afetivo, racismo estrutural...*

E como vencer esse barulho todo?

A resposta é que não temos como vencê-lo de uma única vez.

*Mas na marcha barulhenta e decolonial da minha máquina fui
juntando retalhos de criticidade, esperança, existência, resistência
e militância, tecendo costuras.*

*E esse movimento de costurar é composto de luta constante e
coletiva para a feitura de novas tessituras coloridas e potentes que,
quiçá, sejam instigadoras para a construção de um mundo melhor
para TODOS, TODAS E TODES.*

Liana Barcelos Porto

1 Conceito criado por Vilma Piedade (2017) para discutir a dor de mulheres negras: "Quanto mais preta, mais racismo, mais dor".

Agradecimentos



Começo pela assertiva de que para costurar é preciso de tecido, no caso da minha costura, especificamente, de retalhos de tecidos. E esses retalhos-narrativos foram compostos pelos/as **participantes-autores/as** desta pesquisa, que corajosamente aceitaram viver esta experiência narrativa decolonial juntamente comigo, contribuindo com suas vivências para que esta colcha pudesse ser construída, bem como me possibilitaram pesquisar-costurar, sem perder o rigor teórico, mas alinhavando teoria, empiria e poesia.

Gratidão a **Deus**, não aquele Deus que anda sendo comercializado por aí, carrasco e patriarcal, mas aquele Deus que também é Jesus, um cara insurgente. Esse Jesus que me refiro desafiou a ordem política, econômica e religiosa da sua época. Nasceu e viveu na periferia, foi preso, torturado e assassinado como herege, desviado, imoral, e esse assassinato aconteceu sob a chancela do Estado e a pedido de lideranças religiosas para manter a ordem e a moralidade. Esse é o Jesus do Evangelho, um cara subversivo e revolucionário, que me convoca para a luta, para a militância, que me inspira e conforta.

Agradeço a minha filha, **Nathalia Barcelos Porto Ferreira**, por ser aquele “nózinho” fundamental nesta costura, me tornou mãe e com sua existência contribuiu para que me tornasse um ser humano melhor e buscando ser este melhor a cada dia. Também presto reconhecimento ao suporte técnico por ela ofertado, trazendo um help nas transcrições e nas demais articulações com equipamentos e aplicativos digitais, além dos incentivos: *Segue em frente mãe; Não te cobra tanto; Ta ficando lindo!* Palavras que me acalentaram e impulsionaram em momentos difíceis.

Um reconhecimento para o meu companheiro, **Cleider Silveira Bermudez**, pela compreensão das minhas presenças-ausências, onde minha cabeça “viajava” entre linhas, tecidos e teorias. Obrigada por contribuir também com: caronas, sinônimos, ortografia, ordenação de parágrafos, poesia e Rivotril, sem os quais com certeza não estaria aqui. Também pelo colo afetivo e encorajamento a prosseguir nos momentos de crise.

A minha mãe, **Mara Rosana Bezerra Barcelos**, uma mulher fruto do seu tempo e como todos/as socialmente construída, mesmo com todas as divergências me ensinaste potentes lições, como: nunca desistir, tentar de novo, permanecer, ter fé, resistir, mudar, seguir em frente... E se eu continuasse a lista seria imensa, mas fica aqui o registro que esses pontos ensinados me oportunizaram ter a ousadia de do chão da escola pública, que é de onde meus pés pisam, me construir uma pesquisadora-costureira-doutora.



Ao meu orientador, **Marcio Caetano**, agradeço a oportunidade e a confiança que me concedeu ao me permitir costurar, mesmo em um ambiente ainda tão positivista como a academia, ousaste comigo, credibilizando que não existe um único modo de fazer pesquisa.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Educação FAE/UFPeI**, aos funcionários/as desta instituição, a todos/as colegas de curso, em especial aos integrantes do **Grupo de Pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos (POCs)**. E, também, teço aqui alguns pontos de gratidão aos colegas do **Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas na Educação** da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do qual também faço parte e com eles/as tramei, teci, contei e aprendi muito.

Agradeço a banca de qualificação composta por: **Profa. Dra. Madalena Klein** (UFPeI), **Profa. Dra. Rosangela Aparecida Hilario** (USP) e **Profa. Dra. Aline Machado Dorneles** (FURG), pelos olhares atentos, pelas palavras de incentivo e caminhos indicados para transformar aquele projeto, hoje, em tese. E agora, na defesa, agregasse a essa banca o **Prof. Dr. Maicon Farias Vieira** (UFPeI), companheiro de docência na educação básica e nas atividades enquanto bolsista da Universidade Aberta do Brasil. Fica aqui meu muito obrigada por aceitarem a empreitada de ler, contribuir e, por essas atitudes, somarem a esta pesquisa tão cara na minha constituição enquanto costureira-pesquisadora.

Um SALVE especial para **Estevam Luiz Domingues (*in memoriam*)**, com quem tive uma família inter-racial por árduos/felizes dez anos, nossas trajetórias foram atravessadas por muitas linhas ásperas. Mas, juntos “aquilombamos” e aprendemos a demarcar nossas existências e resistências. Quem sabe entre um ponto e outro talvez possamos nos reencontrar, cientes que não tem só um caminho, mas que em cada um deles precisamos ser críticos, reflexivos e letrados racialmente.



Resumo

PORTO, Liana Barcelos. **Costuras Narrativas:** Famílias Inter-raciais, Colonialidade e Experiências Afetivas. Orientador: Marcio Caetano. 2023. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Esta pesquisa-costura foi escrita como uma tese-colcha de retalhos decolonial, é qualitativa e baseia-se em autores/as percursores da pesquisa narrativa. As premissas teórico-metodológicas utilizadas compreendem a narrativa enquanto fenômeno e método de pesquisa. Como participantes-autores/as desta pesquisa, a partir de um recorte geográfico sociocultural, pode-se dizer que todos/as participantes-autores/as residem na região sul do Rio Grande do Sul, nas cidades de Canguçu, Pelotas e Rio Grande, compõem famílias inter-raciais e se propuseram a narrar suas experiências afetivo-familiares, aceitando refletir sobre os modos como a colonialidade e sua estrutura racial poderiam estar presentes em suas relações íntimas e sociais. Para a composição dos arranjos metodológicos desta pesquisa-costura, foi necessário o corte de tecidos, etapa que nomeia a experiência vivenciada entre participantes-autores/as e pesquisadora costureira. Dessas experiências surgem os retalhos-narrativos, que são os registros das experiências narrativas que foram transcritas, bem como as notas de campo confeccionadas pela pesquisadora-costureira. A tessitura desta colcha-tese se sustenta pelo forro teórico que intersecciona: colonialidade, raça, teorias críticas da branquitude e amor romântico. O momento de juntar os retalhos-narrativos, conectando-os com o forro teórico, que já estavam alinhavados manualmente, deu-se pelo costurar à máquina. Tal movimento compôs os sentidos às experiências narrativas, por meio de um processo analítico interpretativo dos retalhos-narrativos dos participantes-autores/as. Desta análise surgiram doze fios-conceitos, mas como nem todos os fios puderam passar pela máquina de costura, ao menos por ora, optou-se, a partir das suas especificidades, por compor outras três linhas condutoras para a escritura em colcha. Esses três novos fios guiaram este processo de composição de sentidos das experiências narrativas, que se desdobraram em textos intermediários e, posteriormente, no texto de pesquisa. Por fim, esta pesquisa-costura evidencia e visibiliza a importância das famílias inter-raciais olharem criticamente para suas experiências afetivos-familiares, oportunizando a reflexão de como as suas experiências podem influenciar os processos de positivação/negativação da identidade racial de pessoas negras. Esta tessitura, também, encontrou a potência dos processos educativos transgressores, aqueles que se opõem ao positivismo curricular e ao racismo estrutural. Tais processos se alinham a proposta de educação emancipatória, alinhavando o cotidiano escolar com o letramento racial-crítico. Entre a costura dos retalhos (frente da peça) e o forro (verso da peça), ainda se encontram lacunas sem retalhos, mas com potentes linhas excedentes, pontas de nó e arestas de arremates. Visto a relevância que a pesquisa-costura narrativa, sob a perspectiva decolonial, apresenta para promover reflexões sobre amor, afeto, racismo, letramento racial, branquitude, dentre tantos outros, oportuniza, portanto, a continuidade e o aprofundamento dos estudos na área, uma vez que contribui com artefatos da pesquisa-costura, que podem ser usados para inúmeras outras artesanias.

Palavras-chave: Família inter-racial. Pesquisa-costura. Colonialidade. Educação transgressora.

Abstract

PORTO, Liana Barcelos. *Narratives Stitchings: Interracial Families, Coloniality, and Affective Experiences*. Advisor: Marcio Caetano. 2023. 234p. Thesis (Ph.D. in Education) – Graduate Program in Education, School of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

This research-stitching was written as a decolonial patchwork thesis, qualitative in nature, and is based on the works of narrative research pioneers. The theoretical and methodological premises employed encompass narrative as both a phenomenon and a research method. As participant-authors in this research, within a specific sociocultural geographic context, it can be said that all participant-authors reside in the southern region of Rio Grande do Sul, in the cities of Canguçu, Pelotas, and Rio Grande, and they form interracial families. They set out to narrate their affective-family experiences, accepting to reflect on how coloniality and its racial structure might be present in their intimate and social relationships. To create the methodological arrangements for this research-stitching, it was necessary to cut fabrics, a stage that encapsulates the experiences lived between participant-authors and the researcher-seamstress. From these experiences, narrative patches emerge, which are records of the narrative experiences that were transcribed, as well as field notes crafted by the researcher-seamstress. The weaving of this thesis-quilt is underpinned by the theoretical lining that intersects coloniality, race, critical theories of whiteness, and romantic love. The moment of joining the narrative patches, connecting them with the already hand-sewn theoretical lining, was done by sewing machine. This movement provided meaning to the narrative experiences through an analytical interpretive process of the narrative patches from the participant-authors. From this analysis, twelve concept-threads emerged. However, since not all threads could pass through the sewing machine, at least for now, it was decided, based on their specificities, to compose three other guiding lines for the quilt writing. These three new threads guided the process of composing the meanings of the narrative experiences, which unfolded into intermediate texts and, subsequently, into the research text. Finally, this research-stitching highlights the importance of interracial families critically examining their affective-family experiences, facilitating reflection on how their experiences can influence the processes of racial identity affirmation/negation for Black individuals. This weaving also uncovered the power of transgressive educational processes, those that oppose curricular positivism and structural racism. These processes work toward the proposal of emancipatory education, stitching together everyday school life with critical racial literacy. Between the sewing of patches (front of the piece) and the lining (back of the piece), there are still gaps without patches but with powerful surplus threads, knot ends, and finishing edges. Given the relevance that narrative research-stitching from a decolonial perspective presents for promoting reflections on love, affection, racism, racial literacy, whiteness, among many others, it provides an opportunity for the continuity and deepening of studies in the field, as it contributes with artifacts of narrative research-stitching that can be used for numerous other crafts.

Keywords: Interracial family. Research-stitching. Coloniality. Transgressive education.

Lista de Figuras

Figura 1 - Costureira de Phoebe Wahl (2015).....	26
Figura 2 - Pedra das Mentiras.....	31
Figura 3 - Drawing Hands (Desenhar Mãos) - Maurits Cornelis Escher 1948.....	42
Figura 4 - Retirantes - Cândido Portinari 1944.....	50
Figura 5 - A Redenção de Cam - Modesto Brocos, em 1895.....	56
Figura 6 - Nascimento de Eva, 2018 - Harmonia Rosales.....	60
Figura 7 - Participação no mercado de trabalho por gênero e raça.....	66
Figura 8 - El abrazo de amor de El Universo, la tierra, Frida Kahlo – 1949.....	84
Figura 9 - Esfera refletora - Maurits Cornelis Escher 1935.....	100
Figura 10 - Lugares e Narrativas. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	105
Figura 11 - Mapa do RS - Cidades dos/as participantes-autores/as.....	106
Figura 12 - Perfil: Experiência Narrativa/ Manuela D’ávila.....	114
Figura 13 - Perfil: Experiência Narrativa/ Zumbi dos Palmares.....	115
Figura 14 - Perfil: Experiência Narrativa/ Angela Davis.....	116
Figura 15 - Perfil: Experiência Narrativa/ Luiz Gama.....	117
Figura 16 - Perfil: Experiência Narrativa/ Marighella.....	118
Figura 17 - Perfil: Experiência Narrativa/ Emicida.....	119
Figura 18 - Grande Veleiro – Bispo do Rosário.....	146
Figura 19 - Fios-conceitos das experiências narrativas.....	149
Figura 20 - Linhas condutoras da pesquisa.....	150
Figura 21 - O Manto da Apresentação – Bispo do Rosário.....	154

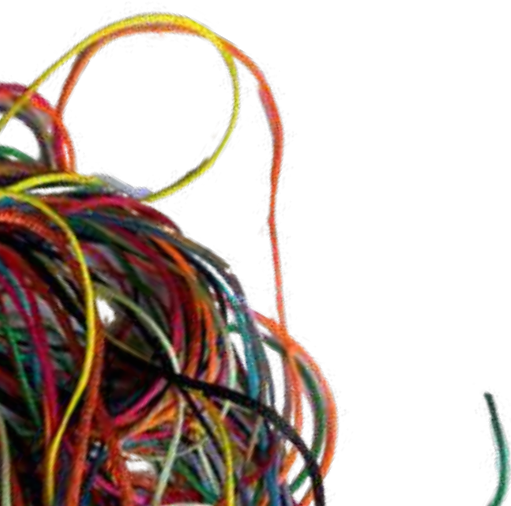
Lista de Quadros

Quadro 1 - Problemáticas para a construção da pesquisa.....	103
Quadro 2: Pontos Disparadores - primeira experiência narrativa.....	120
Quadro 3 - Pontos Disparadores – segunda experiência narrativa.....	120
Quadro 4 - Tensões das linhas condutoras.....	151



Sumário

idealizando a colcha • introdução	15
pontos base para a pesquisa-costura decolonial	19
a pesquisadora-costureira • seu lugar na pesquisa	27
constituindo a caixa de costura • panorama de pesquisas	43
escolhendo o forro da colcha • revisão teórica	51
famílias inter-raciais, colonialidade e experiências afetivas	51
sobre processos racializados ou racializações	57
dialogando sobre: raça e branquitude	61
aspectos históricos e teóricos dos estudos da branquitude	71
conceituando o amor	86
para além do amor romântico • entre a dominação e a emancipação	91
arranjos metodológicos desta pesquisa-costura	101
não quero usar moldes, quero uma colcha decolonial	112
costurando retalhos-narrativos	147
costurando com a máquina • análise	155
composição de sentidos das narrativas	155
“pulando a corda da aceitação”	156
negociando ‘Moreno/a’	176
abraçar as conexões afrocentricas	193
a borda da colcha • considerações finais	209
referências	223



Sou feita de retalhos

*Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou
costurando na alma.*

*Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e
me fazem ser quem eu sou.*

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

*Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.*

*E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de
outras gentes que vão se tornando parte da gente também.*

*E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.*

*Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da
minha vida e que me permitem engrandecer minha história com
os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar
pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte
das suas histórias.*

*E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia,
um imenso bordado de "nós".*

Cris Pizzimenti²

² Importante demarcar que a autoria do texto por muito tempo foi erroneamente atribuída a poetisa Cora Coralina. texto foi publicado na página de Facebook "Uma pitada de encanto - by Cris Pizzimenti", em 10/06/2013. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> Acesso em: 09 out. 2022.

idealizando a colcha • introdução

O poema *Sou Feita de Retalhos*, de autoria de Cris Pizziment, encontrou-se com a escrita desta tese-colcha à medida que compreendo escrever como o ato de costurar pedacinhos. Pedacinhos de teorias, ideias, histórias de vidas aqui compartilhadas, experiências, momentos e encontros, e isso é pesquisa narrativa. Esses retalhos/pedaços compuseram esta escrita, que se propôs a refletir sobre as dinâmicas de famílias inter-raciais, bem como pretendeu trazer uma crítica à colonialidade, visto a impossibilidade de se pensar um projeto de nação brasileira e de família que desconsidere a centralidade da questão racial, enfatizando que esse debate racial não se limita apenas às famílias inter-raciais, mas sim a toda sociedade brasileira.

A cor do fio escolhido para a costura é o preto, porque harmoniza-se bem entre os retalhos coloridos. A pergunta fio condutora desta pesquisa foi: Quais os modos como incide a colonialidade e sua estrutura racial nas relações afetivo-familiares inter-raciais? A partir de tal pergunta, busquei compreender a existência das famílias inter-raciais, sob o contexto da colonialidade e os impactos que seus marcadores³ causam na constituição das experiências afetivo-familiares.

Esse fio atravessa a agulha e se move. Vai perpassando os pedacinhos de tecido e começando a alinhar os retalhos. Dessa forma, como objetivos específicos, tive:

1. indagar como as relações marcadas pela colonialidade se expressam no interior das famílias inter-raciais;
2. rastrear indícios sobre como os marcadores construídos pela colonialidade são percebidos no interior das famílias inter-raciais;
3. investigar de que forma as experiências afetivo-familiares operam no interior das relações inter-raciais;
4. compor o texto de pesquisa como um texto-único narrativo, entrelaçando teoria, método e empiria.

Essa ideia de texto-único narrativo é também nomeada como **metodologia entrelaçada**⁴, o que para mim foi um convite a uma escrita emaranhada, onde fui tecendo-escrevendo, sem a preocupação de “compartmentar” o texto de pesquisa.

3 Esses marcadores construídos pela colonialidade foram entendidos, aqui, como aqueles impostos pela lógica eurocêntrica, que demarca, que diz como “deve ser” as relações de: gênero, sexualidade, produção de conhecimento, relações políticas e econômicas.

4 “Frequentemente percebemos a incerteza provocada por essa tensão em reuniões de banca dos alunos quando os docentes, adeptos da metodologia formalista, questionam a **metodologia entrelaçada**, da qual o aluno lança mão para usar a teoria na pesquisa narrativa” (CLANDININ; CONELLY; 2015, p. 75).

Para realizar esta investigação, fiz uso de perspectivas críticas, buscando que este estudo possa contribuir para ampliar a discussão acadêmica sobre famílias inter-raciais, expandindo esse debate para o ambiente escolar, objetivando que meus pares, professores/as da educação básica e ativistas, consultem este estudo e possam, através deste material, interrogar os tensionamentos que envolvem famílias inter-raciais, bem como tenham contato com temas que podem colaborar para seus processos de letramento racial⁵.

Alguns dos temas citados no parágrafo anterior são: **debate racial**, **hierarquia racial**, **colonialidade**, **branquitude** e **experiências afetivas**. Fio importante no movimento desta costura, a linha do **debate racial** foi aqui entendida como algo fundamental para a emancipação dos sujeitos, visto que parte da compreensão de que questões raciais compõem os alicerces, porque constroem e sustentam a sociedade brasileira. Nossos modos de ser e estar no mundo, bem como nossos preconceitos, são socialmente construídos e essa construção social está embasada em um processo histórico errôneo que corrobora com essa lógica e que mantém a população negra em uma posição de subalternidade⁶.

Pegando o fio da **hierarquia racial**, compreendida aqui como um sistema que acredita e legitima a superioridade de alguns grupos étnicos⁷ em detrimento de outros grupos, é válido enfatizar que a dinâmica que articula e organiza grupos raciais possui sua hierarquia estruturada pelo racismo.

Para desembaraçar algumas linhas da **colonialidade**, concebida neste estudo como um fenômeno histórico e cultural que teve origem no colonialismo, percebe-se que mesmo após o “término” do mesmo, essa experiência colonial se mantém operante na sociedade brasileira atual. Para Luciana Ballestrin (2013)⁸, a lógica da colonialidade continua presente na produção e legitimação dos saberes, bem como nos modos de vida.

Transpassando pela agulha a linha da **branquitude**, que foi entendida como uma posição de superioridade racial ocupada por pessoas brancas, pontuo que a maneira como a maioria das pessoas brancas se comportam suscitam a perpetuação dos privilégios sociais, econômicos, políticos e subjetivos, o que contribui para a

5 Conjunto de práticas que desconstrói formas de pensar e agir já naturalizadas nas relações entre pessoas negras e brancas. Esse conceito foi utilizado pela primeira vez pela socióloga afro-americana France Winddance Twine, no ano de 2003. No Brasil, o *racial literacy* foi traduzido para o português pela psicóloga Lia Vainer Schucman.

6 Estado ou sensação de dependência, de inferioridade, subserviência, subordinação.

7 Povo ou etnia, uma categoria de pessoas que se identificam devido à genealogia, ancestralidade ou cultura em comum.

8 Nesta pesquisa-costura, foi adotado que a primeira vez que o nome de um autor/a é citado, ele será apresentado contemplando seu primeiro nome. Essa escolha deve-se a uma compreensão da importância de trazer maior visibilidade a essas pessoas. E, também, a linguagem o/a será utilizada para demarcar os gêneros masculino e feminino.

manutenção do racismo. Nesta tese-colcha, utilizei as teorias críticas da branquitude para compreender melhor esse fenômeno. Trocando a linha da agulha para o fio das **experiências afetivas**, destaco que esse conceito surge da ideia de experiência baseada em Jorge Larrosa (2011). Essa adjetivação **afetiva** ao conceito de experiência compreende: abraços, beijos, brigas, suporte financeiro, apoio, presenças, ausências, dores, entre outros. É um movimento que envolve pessoas, pensando sobre suas experiências familiares.

Com isso, ao colocar a linha na agulha, deu-se início aos alinhavos da colcha-pesquisa-decolonial. Compreendo como importante demarcar que o Brasil é um país com grandes índices de miscigenação⁹, e família inter-racial pode ser entendida como qualquer família que contemple misturas raciais. Dito isso, neste estudo, trabalhei com o recorte de famílias inter-raciais formadas por pessoas negras¹⁰ e brancas. Ciente de todos os desdobramentos e especificidades dessa diferenciação racial no Brasil, este estudo, no entanto, foi pautado pelo critério de autodeclaração racial¹¹.

Minha proposição de estudo e meu interesse em desenvolver pesquisa na linha **saberes insurgentes e pedagogias transgressoras** foi devido às aproximações teóricas, interesses de leituras e produções bibliográficas, pois compreendo que a teoria decolonial é uma forma subversiva de ler o mundo e faz parte das teorias críticas. Utilizei o termo “decolonial”, suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico, filiando-me às perspectivas apresentadas por Catherine Walsh (2005). Desse modo, vale salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção foi provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua.

Com essa proposição de pesquisa, experienciou-se uma ruptura com o pensamento positivista acadêmico, devido aos aspectos insurgentes aqui trabalhados. Alinhavou-se pertinentemente as práticas de transformação requeridas pela área e linha de pesquisa em que o estudo se aloca, visando uma práxis em pesquisa de pós-graduação presente não apenas nas suas ementas e/ou até mesmo na sua nomenclatura.

Para a artesanaria de uma costura, desde o modo figurativo ou metaforizado como aqui experienciado, existem vários processos de manuseios, de pausas, de

9 Mistura de raças, utilizada por muito tempo com o objetivo do embranquecimento da população brasileira.

10 Utilizei ao longo desta tese-colcha a nomenclatura negro/a-negros/as, ciente que a posituação dos termos negros/as e pretos/as são frutos de intensa luta do movimento negro.

11 Autodeclaração é o meio pelo qual as pessoas podem responder como se definem racialmente, dentre cinco opções (branca, preta, amarela, parda ou indígena). Pertencimento e identidade, ações afirmativas e políticas públicas são alguns dos aspectos que perpassam ou que se apoiam em dados de cor/raça para garantir mais justiça e equidade. Para saber mais: <https://www.cenpec.org.br/noticias/por-que-a-autodeclaracao-de-raca-cor-e-importante-e-necessaria>

vistas próximas e distantes, de um fazer pelo pensamento e mãos. Primeiramente, é preciso a matéria-prima. No caso da minha colcha, precisei transformar os pedaços de tecido, que foram aqui compreendidos como os encontros experienciais narrativos, ou seja, a experiência vivenciada no campo, em retalhos-narrativos. Esses retalhos são a base para a feitura da colcha e foram compostos pela experiência entre pesquisadora-costureira e participantes-autores/as da pesquisa, isto é, os retalhos-narrativos são os textos e notas de campo, com base nos autores Jean Clandinin e Michael Conelly.

Esses retalhos-narrativos foram sendo alinhavados em um movimento delicado e manual onde a costureira foi perpassando agulha e linha, unindo esses retalhos em um processo tridimensional. Com isso, construí esta tessitura como uma pesquisadora-costureira, todo este texto foi composto como uma costura. Um processo artesanal, poético e artístico de coser uma colcha de retalhos decolonial.

Os processos, que foram pensados e executados durante a confecção desta colcha de retalhos, demonstram o modo como pensei e cosi a pesquisa-costura e como a tese-colcha se compôs. Aproveito para alertar que se por ventura alguém pensou que costurar uma colcha é algo fácil, enganou-se, pois exige planejamento, criatividade, dedicação e também uma caixa de costura repleta de artefatos, como: tesoura, leituras, linhas, escolhas teóricas, fios, panorama sobre o tema da pesquisa, alfinetes, escolhas estéticas¹², dedal, escolhas artísticas, agulhas e outros.

Os retalhos-narrativos e o forro precisaram ser conectados. Esse processo foi muito complexo, pois nesse momento a costura foi se refinando e unindo os retalhos-narrativos e o forro com a máquina de costura, pontos altos e pontos baixos foram intercalados, a peça foi tomando forma. Contudo, ainda que alinhados e com suas cores lindas e vibrantes, os retalhos sozinhos não compõem a colcha com a qualidade, efeito estético e social que se espera. Falta o forro, aquele tecido teórico, cuidadosamente escolhido, cortado e costurado que trouxe sustentação à peça.

Como arremate final, fixei a borda da colcha. Um tecido escolhido para trazer harmonia e impacto à colcha, abraçando a peça recém costurada em arremate e potência criativa. A peça se mostra resumidamente não só em potência, mas expõe seus limites e anuncia possíveis novos e outros desdobramentos.

12 Demarco que todas as fotos, com exceção das obras de arte foram tiradas pela autora (pesquisadora-costureira), para que pudesse trazer uma estética totalmente autoral que parte do real, compondo assim um repertório imagético de elementos usados pela própria pesquisadora-costureira em suas artesanias de costura. Quanto as imagens, priorizei que as mesmas fossem captadas em um plano zenital, termo comumente usado para falar de ângulos de captura de fotos. Nele a câmera é posicionada acima do objeto, em 90 graus, com isso se tem fotos que são sempre feitas de cima como se tivessem sobre uma mesa. O que adotei para o projeto gráfico, por concordar com o formato “de livro”, que é algo que acaba se lendo numa angulação semelhante. Em seguida o Estúdio Z (www.estudioz.art.br), editou as imagens, contraste e iluminação e as recortou de todos os fundos. E assim em parceria, fomos aplicando em cada espaço criando uma narrativa visual a pesquisa-costura.

pontos base para a pesquisa-costura decolonial

Essa ideia de pesquisar-costurar nasceu do desafio e das provocações tecidas sobre o conceito de experiência, conforme John Dewey (1938) e Larrosa (2002), e com as explanações da professora Dilma Mello (2005)¹³ sobre as premissas de Clandinin e Conelly fazendo um chamamento para subverter o óbvio, e, assim, construir uma tese junto com os/as participantes-autores/as¹⁴ e não negligenciar os afetos, as histórias e as miudezas, como nomeia Tiago Ribeiro (2020). Portanto, com isso, a presente investigação-costura teve como objetivo principal desenvolver um estudo quanto à existência das famílias inter-raciais, sob o contexto da colonialidade, e as influências que elas trazem para as pessoas e suas relações afetivo-familiares. Este estudo alinhou-se com perspectivas desenvolvidas e publicadas por Walter Mignolo (1998, 2003, 2007, 2008), Walsh (2013), Ramón Grosfoguel (2008), Aníbal Quijano (2007), Nelson Maldonado-Torres (2007), Camila Loureiro e Tiago Ingrassia (2019), entre outros/as que têm proposto processos de “desobediência epistêmica”.

Esse conceito sinaliza a construção de novos arranjos na produção e valorização do conhecimento, reforçando a necessidade de uma desobediência teórica que rompa com a essência da padronização, sendo o principal caminho para os/as pensadores/as e pesquisadores/as decoloniais, dentre os/as quais destaco, ainda, Frantz Fanon (2008), Eduardo Galeano (2000), Gloria Anzaldua (1981), entre outros/as.

Propondo um diálogo inter-racial entre Galeano e Fanon sobre o colonialismo, Galeano (2000, p. 157) diz:

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser.

Com base na colocação de Galeano e pensando no colonialismo “disfarçado” que se apresenta na sociedade brasileira, Fanon (2008) discorre sobre a questão da “colonização do imaginário”. Para exemplificar essa conceituação, posso citar a forma como as pessoas negras são retratadas via meios de comunicação e na cultura popular como sendo sujeitos “inferiores e subalternos”. Essas “representações” de pessoas negras vão reforçando e validando estereótipos negativos com relação a

13 Realizou Doutorado-sanduíche e Pós-Doutorado na Universidade de Alberta-Canadá, estudando com afinco as narrativas, principalmente sob as lentes de Clandinin e Connelly.

14 Termo criado pela autora, com base em Clandinin e Conelly (2015), que ressalta a centralidade que os participantes têm em uma pesquisa narrativa, bem como dizem que esses participantes exercem uma coautoria, uma autoria compartilhada nas pesquisas narrativas.

população negra. Fanon (2008, p. 39) afirma que “a colonização do imaginário é uma forma sutil e eficaz de dominação, pois molda a forma como as pessoas se veem e se relacionam com o mundo ao seu redor”. Como é possível perceber, o “colonialismo invisível” (GALENO, 2000) e a “colonização do imaginário” (FANON, 2008) nos chamam a atenção para o quanto o colonialismo se entranha em nossas subjetividades, procurando padronizar e legitimar certos modos de ser e estar no mundo, e esse “padrão legítimo” seria masculino, hétero, cis¹⁵ e branco (QUIJANO, 2005).

Pensando no exposto anteriormente, questioneei como a existência de famílias inter-raciais podem se aliar ou se opor a esse sistema colonialista? É possível cogitar situações de racismo dentro dessa instituição familiar? O amor e a opressão podem coexistir no mesmo ambiente familiar? Este estudo teve como propósito provocar um olhar crítico para/com as famílias inter-raciais sobre os desdobramentos que esses resquícios coloniais causam na estruturação das dinâmicas afetivas.

Adentrei no entendimento dos padrões e estereótipos socialmente construídos e hegemônicos na sociedade, compreendendo essa sociedade hegemônica como uma sociedade do capital, estruturada em princípios racistas, classistas e patriarcais. Nessa sociedade, como dito precedentemente, o “padrão” é branco, masculino, cristão e heterossexual, como nos apresenta Quijano (2005). Entendi que estudar famílias inter-raciais demandou olhares conjunturais, a fim de compreender o contexto histórico e conceitual em que nos inserimos para melhor interrogar e incidir no presente e destituir a lógica colonial em um futuro.

Com essa perspectiva de compreensão da necessidade da contextualização histórica, posso dizer que a colonialidade nos acompanha desde o Renascimento¹⁶ até hoje, tornando-se importante olharmos para ela como ponto de partida para chegarmos ao processo analítico interpretativo, de acordo com Margot Ely, Ruth Vinz, Maryann Downing e Margaret Anzul (2005), das famílias inter-raciais e as experiências afetivas que as constituem. Dito isso, compreendo que para chegarmos a esse ponto de partida é necessário o entendimento de alguns conceitos importantes. Buscando a fundamentação em Maldonado-Torres (2018), apresento esses conceitos: colonialismo pode ser concebido como a formação histórica dos territórios coloniais, conceito histórico ou puramente empírico; colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a invasão; e colonialidade:

15 Refere-se àquelas pessoas que se identificam com o sexo biológico que nasceram.

16 Foi um movimento cultural, econômico e político que surgiu na Itália no século XIV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa, com inspirações nos valores da Antiguidade Clássica e gerado pelas modificações econômicas (BEZERRA, n.d.).

lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A “descoberta” do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade. Outra maneira de se referir à colonialidade é pelo uso dos termos modernidade/colonialidade, uma forma mais completa de se dirigir também à modernidade ocidental. (MALDONATO-TORRES, 2018, p. 36).

Assim sendo, pode-se dizer que a colonialidade é uma lógica que está introduzida na modernidade e se apresenta como uma maneira de controlar/dominar os recursos, o trabalho, o capital e o conhecimento (BALLESTRIN, 2013). Sendo assim, “a descolonização refere-se a momentos históricos em que os sujeitos coloniais se insurgiram contra os ex-impérios e reivindicaram independência, a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 36). É uma luta de classes que busca alcançar não uma diferente modernidade, mas alguma coisa maior do que a modernidade, algo revolucionário.

Ainda sobre isso, Maldonato-Torres (2018, p. 37) diz que a colonialidade se refere “à experiência vivida da colonização e o seu impacto na linguagem”. Essa colonialidade é a continuidade de um processo amplo do colonizador e que está presente atualmente dentro de um sistemático mundo moderno e se expressa, principalmente, por meio da pobreza e da opressão sofrida pelos colonizados/as.

Buscando uma definição para compreender o poder colonial é importante datar seu surgimento, que foi durante o período de invasão da América, e difusão do capitalismo nesse mesmo contexto, quando aparece a utilização da categorização por raça como um sinônimo de poder (QUIJANO, 2005). O autor explica, ainda, como a globalização contribuiu para a efetivação da civilização capitalista que controla toda a ordem global, modificando a vida de todas as sociedades (QUIJANO, 1998).

Sendo assim, pode-se dizer que a categoria raça (SCHWARCKS, 1993) fez-se objeto de dominação eficiente e por essa justificativa se mantém operante, contribuindo para a disseminação e legitimação dos ideais eurocêntricos. Conforme Quijano (2005) reforça, a ideia de raça, em seu sentido contemporâneo, não tem história conhecida antes da América. Pode ter se originado como uma referência às diferenças fenotípicas entre os colonizadores/as e os colonizados/as, mas o que é importante é que foi construída desde muito cedo como uma referência às supostas estruturas biológicas distintas entre esses grupos. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

Para além dos processos de dominação já conhecidos e explorados pela história, o colonialismo epistemológico já trabalhado por Fanon (1968) é também explorado por Paul Gilroy (2001), que aprofunda a discussão e apresenta o conceito de **racismo epistêmico**, destacando que o conhecimento acadêmico é dominado por uma “razão

branco-ocidental”, concebida como “conhecimento absoluto”, generalizante. Sobre o racismo epistêmico, Sueli Carneiro (2005) alerta como esse tem sido um dispositivo que tem contribuído para a conservação e perpetuação das hierarquias raciais que são construídas pelo próprio **epistemicídio**. Logo, o conhecimento e os saberes validados são aqueles em consonância com os ideais brancos e europeus.

E os “outros” saberes, que são relegados à subalternidade devido ao racismo epistêmico, que os autores citados anteriormente demarcam, compreendem processos de produção de subjetividade dos sujeitos (população negra, indígena, LGBTQIPN+, dentre outras), encontrando-se com o alinhavo metodológico aqui proposto, que se constitui por um viés narrativo.

Propus um convite de encontro com uma escrita repleta de costuras e subjetividades que me constituem enquanto pesquisadora-costureira. O ato de escrever, nesse sentido, é de certa forma colocar-se à disposição do outro por meio de palavras, é permitir ser avaliado/a, é um ato de refletir e constituir-se. Com isso, enfatizo a importância do leitor/a, que no meio da pesquisa integra o processo e torna-se a peça-chave e endereçamento da escrita.

Tal tarefa não foi nada fácil, como adverte Anzaldúa (1981, p. 235): “não deixem que a caneta as afugente de vocês mesmas”. Essa colonialidade que adentra as estruturas sociais, econômicas, familiares e acadêmicas muitas vezes nos afugenta da escrita significativa, mas aqui me propus seguir a provocação de Anzaldúa (1981, p. 235), que diz “**ponham suas tripas no papel**”. Tentei, nesta tese-colcha, fazer esse complexo exercício. Talvez um dos desafios a serem realizados em uma pesquisa seja compreender a trajetória do/a pesquisador/a, suas provocações e meios que o levam a investigar uma determinada temática (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Busquei compreender, por meio da perspectiva teórico-metodológica de investigação narrativa, os fios e enredos que me aproximaram das tensões que envolvem as famílias inter-raciais.

Acredito que esses fios narrativos expostos por meio das experiências familiares revelam como as pessoas que compõem famílias inter-raciais lidam com o marcador racial dentro das relações afetivo-familiares. Por meio dessas “respostas”, foi possível perceber como os relacionamentos e as experiências cotidianas de pessoas que compõem famílias inter-raciais são “racializados”, essa questão é um nó nesta costura que teci, pois a racialização é comumente atribuída às pessoas negras, ou seja, uma família é considerada inter-racial porque existe na sua constituição pessoas negras, o que significa que a relação assume ou recebe um significado racial no contexto da sociedade. Já as pessoas brancas não são consideradas um grupo racializado, porque o ser branco ainda é visto/validado como “norma universal”.

Exemplificando o que foi dito no parágrafo anterior, posso dizer que existe uma “preocupação” em “definir” quem é negro. Mas e quem é branco? Muito se discute

sobre as tonalidades de pele negra e não sobre as de pele branca. Existe uma crítica por parte de muitas pessoas brancas com relação à questão das políticas de ações afirmativas pela suposta falta de “mérito”¹⁷, mas não colocam na pauta das discussões as pessoas brancas que fraudam essas políticas para benefício próprio. Inserem e naturalizam em seus discursos uma linguagem racista, como: “coisa de preto”, “serviço de preto”, mas não inserem no debate as “branquices”¹⁸ cotidianas. Enquanto brancos/as falamos sobre empoderamento negro contra o racismo, mas ainda falamos muito pouco sobre “desempoderamento” branco contra o racismo.

Essa questão sobre o **desempoderamento branco** tem a ver com um conceito utilizado por Peggy McIntosh (1989), o qual ela nomeia de “mochila invisível”, que seria um artefato utilizado para “guardar” os privilégios da branquitude, ou seja, as vantagens sociais, políticas e econômicas que as pessoas brancas têm simplesmente por serem brancas. A autora afirma que essas vantagens são invisíveis para quem as possui, mas marcadamente visíveis para quem não as tem. Será que nós brancos/as estamos dispostos a nos desfazer dessa “mochila invisível”?

Essa mesma autora teceu o conceito de **fragilidade branca**, que consiste na resistência de pessoas brancas de discutir raça e racismo (MCINTOSH, 1989). Ela menciona que pessoas brancas crescem protegidas por barreiras que ela nomeia como sendo os “travesseiros confortáveis”. Essa proteção os impede de sofrer qualquer estresse racial e por esse motivo que pessoas brancas são tão resistentes ao debate sobre racismo, e, quando tem que enfrentar essa discussão, tendem ao sentimento de estarem sendo apontados, acusados ou até mesmo insultados.

Pensando sobre famílias inter-raciais, esse “desempoderamento branco” existe? As pessoas brancas que compõem famílias inter-raciais utilizam das suas “mochilas invisíveis”, do seu lugar de poder dentro das dinâmicas afetivo-familiares? A fragilidade branca aparece nas relações familiares inter-raciais?

Além dessas indagações, acredito que os relatos compostos nos processos experienciais narrativos, com os participantes-autores/as integrantes de famílias inter-raciais que compuseram este estudo, poderão servir de dispositivos para ilustrar como os valores morais e sociais podem delinear as formas de compreensão, bem como as interpretações dos/as participantes-autores/as sobre as suas relações e constituições familiares. Sendo assim, a partir do indivíduo, buscou-se compreender a família. Além disso, utilizei como estratégia metodológica a dinâmica familiar em si, com o objetivo de rastrear a produção de subjetividade de cada indivíduo. Enfatiza-se que a

17 Ligado à meritocracia, que concebe o acesso ao poder através do merecimento. Sendo assim, para essa corrente de pensamento, as “metas” são alcançadas por aqueles/as que se dedicam e se esforçam em medida “suficiente” para alcançá-las, desconsiderando aspectos socioculturais.

18 Nesta pesquisa-costura compreendida como: entender preconceito como *mimimi*, chorar diante de uma acusação de racismo, ocupar espaços de pessoas negras sem constrangimento, dentre tantos outros.

subjetividade está sempre correlacionada à coletividade, como um organismo vivo e não hierárquico, não podendo desassociar um do outro.

Diante desse fato, pretendi explorar, nos encontros com os participantes-autores/as que fazem parte de famílias inter-raciais, as maneiras pelas quais suas identidades e noções de família são interpeladas pela questão racial e pelos impactos da colonialidade. Busquei não somente interrogar e sim viver essa experiência juntamente com os participantes-autores/as, alinhando-me à provocação de Ribeiro (2020, p. 106): “nossos modos apre(e)ndidos de investigar têm sido orientados pela lonjura, pela neutralidade, pela explicação, pela categorização, pela análise, pela revelação”. Busquei romper a lonjura e me emaranhar nas histórias, nos fios narrativos compartilhados pelos/as participantes-autores/as da pesquisa.

Tecendo alguns arremates neste primeiro trecho do texto, demarco que o tópico **idealizando a colcha** contemplou três itens. O primeiro deles se intitula **pontos base para a pesquisa-costura decolonial**, onde apresentei as minhas intenções/tenções de pesquisa, expondo, assim, os pontos basilares para que a feitura desta pesquisa-costura pudesse se compor. No segundo item, **a pesquisadora-costureira**, trouxe o “eu pesquisadora”, apresentando a pesquisadora-costureira desta tese-colcha decolonial. Já no último item deste tópico, **constituindo a caixa de costura**, teci explicações de como foi constituído o panorama de pesquisas sobre o tema da tese-colcha e com esse movimento compus minha caixa de costura. Em **escolhendo o forro da colcha** investi na escolha do tecido que serviu de forro para a tese-colcha, aquele pano teórico, que cobre e sustenta toda a costura. Apresentei esse forro em sete itens. De forma geral, posso dizer que esse forro apresentado em sete itens foi composto por debates teóricos sobre: famílias inter-raciais, colonialidade, branquitude, experiências afetivo-familiares e amor.

Já na parte **arranjos metodológicos desta pesquisa-costura** foi o momento em que narrei, em três itens, o processo adotado para compor a pesquisa-costura da tese-colcha, seus desdobramentos, contextualização e apresentação dos/as participantes-autores/as da pesquisa-costura. Expliquei, também, como se deu a produção propriamente dita dos retalhos, ou seja, o corte dos pedaços de tecido em retalhos-narrativos, que compreendeu as experiências narrativas entre pesquisadora-costureira e participantes-autores/as da pesquisa vivendo o contar e (re)contar suas histórias afetivo-familiares, e os retalhos propriamente ditos, que são as notas de campo e os textos de campo (transcrições).

No tópico **composição de sentidos das narrativas** foi o momento de costurar com a máquina, hora de juntar os pedacinhos de tecido já alinhavados manualmente e, nesse movimento de costura, ir compondo sentido às experiências narrativas entre pesquisadora-costureira e participantes-autores/as escrevendo os textos intermediários que se desdobrarão no texto de pesquisa. No trecho **a borda da colcha**

teci os arremates finais da tese-colcha e a colocação da sua borda, assim, demonstrei os aspectos conclusivos desta pesquisa-costura, sua potência e possibilidades outras de novas tessituras.

Para a feitura de uma colcha decolonial busquei inspiração em Clandinin e Connelly (2015), Clandinin, Steeves e Caine (2013), que destacam que a maneira como organizamos e apresentamos um texto também informa uma mensagem, ou seja, os arranjos textuais e a estética escolhida transmitem a intencionalidade do/a pesquisador/a.

E nesta costura o vaivém da agulha busca se alinhar à provocação de Ribeiro (2020, p. 107): “como a investigação pode ser sumariada em explicações, categorizações, análises e revelações sem vitalidade?” Busco trazer essa vitalidade-afetiva que o autor provoca apresentando as artesanias escolhidas, as cores, as texturas, os pontos, as imagens, a arte, enfim, a estética utilizada para compor esta pesquisa-costura.

Leitores/as, convido-os/as a seguir a agulha, na movimentação de entrar e sair do pano, que vai deixando um rastro de linha, de conteúdo teórico, poético e insurgente.





Figura 1 - Costureira de Phoebe Wahl (2015).

Fonte: <http://www.costurakatiacostura.com/a-poesia-da-costura/>

a pesquisadora-costureira • seu lugar na pesquisa

A imagem é uma ilustração de Phoebe Wahl, que é uma ilustradora, escultora e autora de livros infantis, natural dos Estados Unidos. Suas produções artísticas envolvem diversas técnicas, tais como: aquarela, colagem e esculturas em tecido.

A ilustração escolhida dialoga com a proposta deste capítulo, que busca lançar um olhar autobiográfico para a minha trajetória enquanto mulher, mãe, educadora e costureira-pesquisadora. O desenho de Phoebe Wahl é rico em detalhes, tem uma proposição retrô, artesanal e afetiva, nos mostra uma mulher que costura pedacinhos de tecido e desta composição de retalhos vai construindo novas paisagens e novos cenários.

Em vários momentos desta escrita me senti como aquela costureira da ilustração, compondo retalhos-narrativos com os/as participante-autores/as, perpassando linhas tridimensionais da pesquisa narrativa, e, entre um ponto e outro, fui tecendo alinhavos entre teoria e empiria.

MÃOS QUE CONDUZEM A COSTURA

*Nenhum ponto existe sem tua presença, pois mãos delicadas dão a direção
Dobras as esperanças, jogando de um lado para o outro, sonhos alimentados.*

Na ponta da agulha arrematas a costura desses teus sonhos.

No infesto dos panos, cortas todos os fios das incertezas.

Embainhas todas as extremidades do lençol da vida, sonhando com a felicidade, medes o teu valor.

No dobrar das fronhas coloridas, buscas o bem estar de quem pretende dormir na paz!

Na máquina, o sentido da trama e do urdume, desperta, dando o direcionamento de todos os propósitos: Costurar com dignidade é um deles.

(Julio José Rodrigues/Presidente do SINDIVEST- Blumenau).

Esse poema singelo, que fala de agulhas, dobras, sonhos e bainhas, desloca-nos para o ambiente do ateliê de costura, aquele ambiente onde a costureira produz, onde ela cria, onde pega a matéria-prima (tecidos) e vai compondo suas peças.

Neste capítulo quero narrar quem eu sou e como me constituí pesquisadora-costureira decolonial e, também, como o tema desta tese-colcha se costura às minhas vivências.

Para falar sobre esta pesquisa narrativa qualitativa decolonial, é necessário que antes a pessoa que aqui escreve se apresente, pois compreendo que pesquisar narrativamente é se envolver em um emaranhado de fios e linhas, como aquelas

bolinhas de sobras de fios que vamos criando no decorrer da costura. Adentrei por entre esse embaraço de linhas, buscando compreender a experiência, viver a pesquisa, e assim fui me compondo ao longo do processo.

Aproveito para dizer que em alguns momentos a escrita será atravessada não só com retalhos e costuras, mas também por uma voz “em primeira pessoa”¹⁹ – a minha, enquanto pesquisadora-costureira autora desta escrita, artesã desta colcha.

Atuo como professora dos anos finais na rede municipal da cidade de Canguçu, Rio Grande do Sul (Atendimento Educacional Especializado e Ensino Religioso) e, também, atuo na equipe multidisciplinar dos cursos de Licenciatura via Universidade Aberta do Brasil (UAB) e Instituto Federal Sul Rio-Grandense (IFSul).

Nesses 12 anos de atuação docente, busco desempenhar uma práxis pedagógica progressista, priorizo o diálogo, a troca de experiências e a valorização das diferenças. Os desdobramentos dos marcadores raciais no cotidiano escolar, bem como a maneira como as famílias inter-raciais se (auto)classificam e se (auto) nomeiam sempre me chamaram a atenção.

Esta pesquisa surgiu de uma série de inquietações que atravessaram e atravessam a minha trajetória como pesquisadora das relações raciais brasileiras, processo que teve início no ano de 2015, após a conclusão do mestrado, quando cursei uma Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e gostei do curso e das leituras propostas. Então, comecei a investir nos estudos relacionados à temática: realizando cursos de extensão, compra e leitura de livros, pesquisando e implementando práticas didáticas que provoquem os alunos/as a pensar sobre representatividade negra, racismo, cotas, entre outras pautas antirracistas. Clandinin e Connelly (2011, p. 165) dizem “que nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma ao nosso enredo de investigação narrativa”.

Com isso, a pergunta propulsora deste estudo começou a ser formulada a partir de um olhar para a minha experiência pessoal enquanto integrante de uma família inter-racial e a partir de diferentes relatos de sujeitos que faziam parte das minhas relações pessoais, bem como familiares de estudantes da escola onde trabalho e, também, com base nas discussões articuladas em eventos e debates que venho participando na área em que, em diversos momentos, pessoas compartilham alguns dos conflitos gerados pelo marcador racial no interior de suas famílias.

Revisitando essas memórias e esses relatos permeados de sofrimentos e experiências traumáticas vivenciadas no íntimo do ambiente familiar, surgiu o interesse de compreender como algumas dessas relações, mesmo transpostas de afetividade,

19 Essa voz em primeira pessoa não é uma voz sozinha, avulsa. Ela se constitui no coletivo, nas andanças e nos movimentos de aprendizagens que a pesquisadora-costureira foi construindo.

amorosidade e consanguinidade, poderiam também ser violentas e repressoras. Demarco que esta pesquisa se debruçou sobre a análise das experiências afetivas, sejam elas violentas ou não, do ponto de vista racial. E, como foi necessário, em alguns pontos mais a frente aponto as interseccionalidades com outras categorias, como gênero e classe, por exemplo.

Como dito anteriormente, o interesse em realizar esta pesquisa perpassa minha vivência enquanto parte de uma família inter-racial pelo período de dez anos. Essa família foi decomposta devido ao falecimento do meu então marido, um homem negro de tom de pele retinta, falecido aos 33 anos de idade, vítima de um problema renal crônico. Essa minha experiência familiar tangencia meus interesses de estudo, pois foi uma vivência muito complexa e potente em vista do debate racial. Ao refletir sobre isso, concluo que mesmo sendo uma mulher branca, minhas escolhas me forçaram a olhar para as tensões que envolvem grupos racializados, pois entendo que ser branco também é pertencer a um grupo racializado, mas como para a sociedade brasileira – e diria especialmente para a sociedade do Rio Grande do Sul – ser branco é uma norma universalizada, logo, os discursos racializam apenas os grupos compostos por pessoas não brancas (negras, indígenas, asiáticas amarelas, asiáticas marrons).

A cor da pele sempre esteve marcada na nossa família. Minha filha, que é fruto de um outro relacionamento, uma menina não negra, difere bastante de mim que sou sem nenhum traço de fenótipo²⁰ negro, e ela, por sua vez, tem a pele de tom mais escuro que o meu, olhos castanhos e cabelos castanhos escuros e cacheados, muitas vezes lida socialmente como não branca, devido a não se parecer comigo e também porque tinha apenas três anos quando começamos a nos relacionar. Ele, meu falecido marido, era muito participativo na educação e cuidados com ela, ouvi várias vezes de mães de coleguinhas dela na educação infantil: *“nossa, que bom que ela puxou a somente a parte ‘boa’ do pai dela”*, referindo-se ao cabelo cacheado e ao tom da pele, o que é mais aceitável para o “modelo” social colonial e racista que vivemos no Brasil. Olhando para essa minha vivência com os conhecimentos e com as leituras que tenho hoje, reflito como a hierarquia racial operava dentro da minha própria família, e, assim sendo, percebo o ambiente familiar com uma potência para pensar como famílias inter-raciais concebem e vivenciam a raça no interior de suas dinâmicas cotidianas.

Em linhas gerais, posso dizer que pensando em dinâmicas familiares e tendo como referencial a minha experiência de família inter-racial, atribuo a ela pelo menos dois significados, ou poderia dizer que são dois nós na minha costura. O primeiro nó mais romântico, mas também apresentando nuances de resistência, era dentro do nosso núcleo familiar, onde tentávamos construir estratégias de enfrentamento

20 Relacionado com as características externas, ou seja, o fenótipo determina a aparência do indivíduo.

e acolhida às violências racistas sofridas no contexto do dia a dia nas interações sociais de forma ampla. O segundo nó que sempre sustentou uma “justificativa” de amor e cuidado são atitudes que hoje percebo terem sido racistas e que muitas vezes passavam pormenorizadas, mas estavam ali coexistindo com o amor e com a acolhida.

Além do meu atravessamento pessoal com o tema, contei também com as conversas com o professor orientador deste trabalho, que me sugeriu a leitura do livro *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor* escrito por Lia Vainer Schucman (2018), que é parte de seu trabalho de pesquisa de pós-doutoramento em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo (USP). A autora utilizou entrevistas com famílias inter-raciais para buscar a compreensão de como os marcadores de cor, raça e racismo são afetivamente vividos e significados pelos diferentes membros de uma mesma família. Essa leitura foi fundamental para a construção das ideias que deram sustentação a esta tese-colcha.

Assim sendo, a diferenciação desta pesquisa-costura para o trabalho desenvolvido pela autora supracitada consiste no fato de que Lia é psicóloga e utilizou a psicanálise como referencial teórico psicológico, dispondo de ferramentas específicas de sua área para realizar as análises, que são centradas nos impactos psicológicos que o racismo traz para pessoas integrantes de famílias inter-raciais.

Com a intenção de aprofundar enquanto pesquisadora na área de relações familiares inter-raciais, no ano de 2020 ingressei no Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, um programa que é voltado à área das ciências. Por ser uma área diferente das minhas graduações, tive certa dificuldade de me encontrar, mas como nada é por acaso, lá conheci mais de perto a pesquisa narrativa enquanto um método contemporâneo com aplicação na área da educação. Esse encontro entre inquietação e metodologia de pesquisa aconteceu devido a minha participação em eventos, debates, seminários e estudos autodidáticos sobre o método, o qual se mostrava a melhor escolha para investigar as experiências vivenciadas no ambiente familiar, buscando a compreensão de como essas relações carregadas de afeto e amorosidade podem ser também violentas e repressoras do ponto de vista racial.

Continuo participando do grupo de estudos *Tramas Narrativas* sob a coordenação da Profa. Dra. Aline Dorneles. Essa passagem pela FURG rendeu minha adesão nesse grupo de estudos tão significativo para mim, bem como me encorajou a percorrer a trilha de troca de programa e instituição, para que houvesse melhor condução do processo de pesquisa.

Com essas provocações e aprendizagens, um dos objetivos principais dessa pesquisa se tornou investigar os marcadores coloniais que interpelam as famílias

inter-raciais, isso a partir de um estudo narrativo. Outros questionamentos ainda permearam os retalhos também subjetivos de quem pesquisa, como, por exemplo: por que quiz me construir uma pesquisadora narrativa?

Pensando por imagem, em algo estético que diga sobre o motivo subjetivo pelo qual quis me constituir uma pesquisadora-costureira narrativa, resolvi fazer uma viagem pela minha trajetória. Ao tentar compor sentidos para o meu interesse por histórias e metáforas, me encontrei com memórias/retalhos que de algum modo dizem sobre mim.



Figura 2 - Pedra das Mentiras.

Fonte: Print feito pela autora via Google Maps e Portal da Prefeitura de Canguçu (2023).

Diz a primeira lenda: Quando Canguçu era apenas uma Capela, as festas maiores faziam-se em Piratini. Partiam para lá numerosas comitivas, que faziam paradas pelo caminho. Uma dessas paradas era junto aquele grupo de pedras que ofereciam comodidade.

Enquanto tomavam chimarrão e o churrasco assava, palestravam. E dessas conversas surgiam casos exagerados, intrigas, gaiatices, burlas, que pouco eram levadas a sério.

Com o passar do tempo, por não serem verdadeiros muitos dos casos contados ali, o local passou a ser chamado de Pedra das Mentiras.

Diz a segunda lenda: Dois estancieiros, à sombra da pedra maior, firmaram um negócio de grande responsabilidade. Um emprestou dinheiro ao outro, que deixou empenhada a palavra de que devolveria o dinheiro num certo prazo. Passado algum tempo, o estancieiro procura por seu amigo que, descaradamente, se desdisse, alegando não lembrar quando, nem onde, lhe prometera alguma coisa. Foi então que o lesado disse que ela mentira, junto aquela pedra que era testemunha.

O estancieiro esperto havia procurado este local, justamente porque ali se dizia, conforme o próprio nome “Pedra das Mentiras”, não era digno de crédito. (PREFEITURA DE CANGUÇU, 2023, n.p.).

Minha avó ainda criança, juntamente com seus nove irmãos, cresceu ouvindo as lendas e causos proferidos naquele lugar socialmente construído como espaço de contação de histórias. Envolvida por esse contexto, aprendendo a ouvir e a narrar, educou suas três filhas dando um espaço enorme para os causos e histórias (essas sempre variadas: de assombrações, bíblicas, romances proibidos etc.). Talvez seja por isso que suas duas filhas mais velhas sejam historiadoras.

Eu sendo a primeira neta (hoje ela tem quatro netos e uma bisneta – a minha filha), fui extremamente influenciada pelos causos da Dona Noemi. Em frente aos dilemas de criança, choros e birras, ela fazia uma pausa e sempre dizia: “*Vou te contar um caso que aconteceu com o fulano*”²¹. E proferia uma história tão complexa e encantadora que tudo ao redor se acalmava. Interessante que ela contava as histórias com tanta proximidade aos personagens que os reis, milionários, mágicos e personagens bíblicos pareciam ser seus amigos de infância. E isso acontece até hoje com os artistas da televisão, ela diz: “*Vou me preparar que daqui a pouco o Luciano chega e eu tenho que ouvir os causos dele*” (referindo-se a um apresentador famoso de programa de entretenimento da televisão aberta).

Além do gosto pelo narrar, Dona Noemi me ensinou artesanato e aprendi a tecer (tricô, crochê, pintura, fuxicos e costura). Junto com essas manualidades, tecíamos também nossas histórias. Na costura, nas rendas, os fios se entrelaçam, em meio as imagens poéticas tramávamos contos sobre família, fé, coragem e esperança.

Viajando por esse percurso, penso que talvez seja por influência dela que sempre gostei de ler, de conhecer as parábolas e de imaginar os personagens. Talvez por isso eu seja hoje Teóloga e recentemente graduada em História, além de ter feito Pedagogia e amar problematizar²² os clássicos infantis. Contudo, narrar nos submete à tridimensionalidade (CLANDININ; CONNELLY, 2015), o eu e as minhas histórias; o lugar, contexto da experiência; e o social, um retorno ético às relações estabelecidas pela pesquisa.

Quando ingressei na pré-escola cheia de causos e uma imaginação fervilhante, com cinco anos de idade, o engessamento da escola e a falta de sensibilidade da minha professora marcariam para sempre minha vida estudantil. É interessante contextualizar que essa instituição educacional a que me refiro é uma escola tradicional, particular e confessional, alinhada à uma concepção tradicional de escola. Um mês de aula e minha mãe foi chamada à escola para receber um “diagnóstico”.

Segundo a professora, eu tinha problemas graves de compreensão do mundo, via as coisas de forma distorcida e inventava coisas, pois meu pai, um cara sério e comprometido, eu o desenhava de chapéu colorido e com uma imensa flor rosa *pink* na cabeça. E ainda tinham as maçãs, ah as malditas maçãs! Eu as desenhava com o cabo para baixo e uma bela folha do lado, mas virado, o que serviu para que ela fizesse esse “diagnóstico”. No entanto, o pior estava por vir. Minha mãe, ao chegar em casa, me xingou tanto, me explicou, me bateu, chorou...

21 Neste trabalho, as falas de outros sujeitos foram demarcadas por aspas e itálico, e nesse caso são de autoria da minha avó materna: Noemi Bezerra Barcelos.

22 Significa a busca de diferentes aspectos a partir de estudos, elaboração de hipóteses de solução e análise crítica sobre essas. Conceito muito difundido por Paulo Freire.

E, a partir daí, depois da escola eu tinha aula de desenho com a mãe: ela colocava uma maçã grande em cima da mesa e eu tinha que desenhar umas mil vezes até o maldito cabo sair para cima (até hoje não como maçã e não gosto da representação da fruta). Depois vinha a fotografia do meu pai, eu tinha que olhar e desenhar sem o fatídico chapéu florido que eu amava colocar. E várias tentativas eram feitas... E nunca esqueci a decepção da minha mãe e o desabafo dela: “*Sei que é chato, mas mais chato é pensarem que teu pai é afeminado*” (nas palavras dela), mas com cinco anos eu não compreendia o que era. Só queria dar cor àquele semblante sério.

Passaram os anos e eu, que amava ir para a escola, contar causos, desenhar e inventar personagens, perdi a graça. Não queria mais estudar, mas de arrasto concluí o ensino fundamental e sempre mediante a algum insucesso vinha à tona o diagnóstico da maçã. “*Viu, está com dificuldade na tabuada, a professora da pré-escola avisou que não iria aprender*”, repetia minha mãe.

Nas voltas da linha um nó para arrematar, ou quem sabe para pensarmos a escola. A menina que aprendeu a tecer, contar histórias, imaginar composições artesanais e poéticas, na instituição escolar não encontrava “espaço” para esses saberes. E aqui não tem como não tecer pontos sobre Paulo Freire (1987), que nos ensinou que aprender é um ato revolucionário e que a educação deve ser instrumento de emancipação para que os sujeitos possam compreender suas condições históricas e a partir disso possam ler o mundo. No meu caso, as práxis pedagógicas praticadas pela escola em questão não seguiam os ensinamentos de Freire e se alinhavam à alienação.

Os anos passaram e no início da adolescência, com aproximadamente 12 anos, comecei a gostar de um garoto. Ele, um menino um pouco mais velho que eu, negro, olhos vicejantes, divertido e cheio de amigos, estudava em outra escola, mas tínhamos amigos em comum. Como jovem estava encantada e era correspondida. Trocávamos bilhetes e mensagens por meio de amigos/as. Até que um dia conto à minha professora de português da 8ª série (hoje 9º ano) que eu estava apaixonada. Ela imediatamente perguntou quem era o menino. Expliquei, e como morávamos em uma cidade pequena (Canguçu/RS) todos mais ou menos se conheciam. Ela ficou em silêncio.

Após o silenciamento, a professora chamou meus pais na escola, além de relatar meu “segredo”, entregou a eles meu caderno de redação. Esse caderno ao qual me refiro era um caderno simples, sem molas, que recebíamos no início do ano letivo, nossa primeira interação com esse caderno era a confecção da capa, cada aluno/a criava a sua como bem quisesse.

Eu que gostava de criar, fiquei imaginando várias possibilidades artísticas para aquela capa e a compus com colagens de imagens de revistas, tecidos e palavras, depois fiz um processo de impermeabilização de forma caseira e intuitiva, misturando dois tipos de cola que tinha em casa, aprovei o resultado, o livro ficou firme, diferenciado e colorido.

Todas as sextas-feiras após o recreio pegávamos nossos cadernos e nos dirigíamos ao pátio da escola, lá a professora nos direcionava a proposição dos textos a serem escritos, geralmente tinha um tema ou um gênero textual a ser seguido, eu esperava ansiosamente a sexta-feira chegar para pegar meu caderno de redação. Era uma espécie de refúgio poético para mim, amava a apresentação dele, o cheiro que ele tinha e as histórias que eu podia compartilhar ali, onde não me limitava ao “modelo”, escrevia perguntas, questionava a estrutura da escola, a maneira como nos impunham a religião e por aí vai...

Retomando a ida dos meus pais à escola e a conversa com a professora, após esse fato teve início um complexo e dolorido processo de violência de diferentes formas. Esses processos violentos, resumidamente, foram: minha mãe rasgou em pedaços meu caderno de redação (pois disse que ali tinha comunismo e promiscuidade – na época nem sabia direito o que era isso); apanhei fortemente de forma física de meu pai e mãe, tapas, puxões de cabelo e cinto de couro manuseado com força e raiva; várias vezes essas agressões físicas marcaram meu corpo e minha mente; fui levada a médicos, realizei vários exames, sessões de terapia, correntes de oração feitas pela igreja evangélica da minha avó materna; a escola chamou meus pais novamente porque como sabiam que eu tinha amigos/as e um namoradinho negro, acharam por bem que eu não fosse na viagem/excursão de final de ano.

A viagem já mencionada foi organizada por professores/as e alunos/as da oitava série (hoje 9º ano), era corriqueiro naquela época (1998) a organização de excursões para o *Beto Carrero World*²³. Um lugar que eu gostaria muito de ir.

Já estava com todas as mensalidades pagas, as roupas separadas, os planos feitos, mas a diretora e professores/as da escola particular e confessional (Católica), instituição que estudei desde a educação infantil e que desde esse período me violentavam com posturas, prognósticos e rótulos inaceitáveis, indeferiram minha presença na viagem.

Assim, orientaram meus pais a procurar mais recursos, pois segundo eles/as, eu estava me relacionando com pessoas más, podendo ser um péssimo exemplo para o restante das/os meninas/os. E o mais trágico é que meus pais aderiram a ideia e os

23 Parque temático localizado no litoral norte do estado de Santa Catarina, considerado o maior parque de diversões da América Latina.

processos violentos continuaram e se tornaram parte do meu cotidiano. É doloroso remexer nas linhas dessas lembranças, percebo que meu corpo tinha “ganhado” um tipo de permissão para a violência, meus pais legitimavam essa opressão, professores/as, parentes, vizinhos/as tinham consentimento dos meus responsáveis para proferir insultos e sermões variados, do tipo: puta, endemoniada, imoral, promíscua, infame, porca, desprezível, imunda, indecente, obscena, sem juízo, desonesta, libertina. Esses são alguns dos xingamentos que mais me marcaram, me machucaram e até hoje estão costurados na minha memória.

Esses acontecimentos, suturados nas minhas lembranças, dialogam com o discurso hegemônico vigente que tem por objetivo “controlar” certos corpos, conforme Michel Foucault (1987), tais como corpos de mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência, indígenas, LGBTQIAPN+²⁴, entre outros corpos que fujam da “norma” patriarcal, branca, hetero, magra e cristã. Um primeiro alinhavo que faço aqui é refletir como os estereótipos socialmente construídos vão gerando determinados “alvos” a serem aniquilados, uma espécie de *eugenia*²⁵ contemporânea que coloca esses corpos em lugares de subalternidade, retira a sua visibilidade e seu direito à existência.

Digo isso com base em Fanon (2008, p. 156), que diz “pois, precisa-se de um bode expiatório”. Aqui, o autor se refere ao homem negro, à hipersexualização de sua imagem e ao atrelamento à selvageria e à barbárie.

Angela Davis (2016) também discorre sobre o “perigo do homem negro”, contando o que ela nomeia de o “mito do estuprador negro”, que associava a figura do homem negro ao estuprador. Esses estereótipos atribuídos ao homem negro causaram um pânico coletivo e validaram a falácia que todo o homem negro seria uma ameaça às mulheres brancas, pois “quem diz estupro, está dizendo preto” (FANON, 2008, p. 144).

Revisitando as obras dos referidos autores citados, é possível compreender como as representações do homem negro foram e são negativadas no inconsciente coletivo, bem como no caso exposto aqui na minha narrativa, essas negativas e associações do homem negro ao “perigo” estavam presentes no imaginário da minha família e na lógica da escola na qual eu estudava.

Seguindo o percurso, comecei o Ensino Médio e logo parei de estudar. Aos 17 anos estava grávida, não do rapaz que eu gostava, mas de um carinha que eu mal conhecia, era irmão de uma amiga. A construção dessa relação foi para mim uma

24 A saber, a sigla **LGBTQIAPN+** corresponde às pessoas: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexual, pansexual e não-binário. E o sinal de mais serve para abranger as demais pessoas, tendo em vista a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

25 Eugenia: termo criado por Francis Galton em 1883, como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das gerações futuras.

forma de sair de casa naquele momento. Com isso, eu podia ao menos dar alguns passeios e quem sabe, com sorte, ver meus amigos/as e o carinho que eu realmente gostava.

Com a gravidez, fui obrigada a casar e assim fiquei por três anos. Não demorou para a violência doméstica se apresentar, foram três longos anos de violência. “Se tive ajuda?” Pedi, gritei, conversei com meus pais, mas a resposta era: “*Tem que aguentar, homem é assim mesmo e tu é alguém marcada por escolhas erradas, por andar com pessoas inadequadas*”. Outras pessoas que procurei auxílio diziam que preferiam se manter neutras, que isso ia passar. Quando revisito essas memórias, a dor é grande e lembro da citação do escritor Elie Wiesel (2003), que nos adverte a sempre tomarmos partido, pois a neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o torturador, não a amedrontada.

O tempo passa e, já mãe, sinto a necessidade de retornar aos estudos. Concluo o Ensino Médio via Educação de Jovens e Adultos (EJA) e me preparo para ingressar na faculdade, mas o curso ofertado na minha pequena Canguçu era Pedagogia. Com um bebê, não tinha como me deslocar para a cidade vizinha, Pelotas, para estudar. Então, resolvi cursar Pedagogia, mas não foi fácil, pois essa decisão era acompanhada de um conjunto de conflitos internos muito abrupto e doloroso. Uma parte de mim sentia necessidade de estudar, ler, ampliar minha visão de mundo, fosse o curso que fosse. A outra parte temia porque novamente em busca de coisas boas iria encarar a escola, a educação e, o pior ainda, me tornaria uma aniquiladora de sonhos, uma repressora, como foram comigo. Pensava dessa forma tendo como referência a maioria dos meus professores/as até aquele momento. Todavia, mesmo aos trancos e em contradição com minhas ideias e sentimentos, fui ao primeiro dia de aula.

Entrei na sala com as mãos trêmulas e o olhar perdido. A professora Jara Fontoura²⁶ já estava falando e a sala estava cheia, umas 40 pessoas. “*Que pavor, todas essas pessoas vão sair daqui tirando a criatividade e os sonhos das crianças?*”, pensei. Entretanto, por um segundo parei de ouvir meus pré-conceitos e escutei a professora, que lembro como se fosse hoje, falava empolgada de Paulo Freire, citando suas contribuições e legados e que ele nos convidava a acreditar que a educação não muda o mundo, ela muda as pessoas e essas sim podem mudar o mundo (FREIRE, 1987).

Desde então, a mudança começou, a menina resistente à escola encontrava-se com a futura educadora que estava disposta a desconstruir a concepção repressora da

26 Graduada em pedagogia com mestrado e doutorado em educação ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Atualmente é docente nessa mesma instituição, atuando no campus Carreiros, junto ao Instituto de Educação com a disciplina de Didática, atendendo vários cursos de licenciaturas.

escola e impregnar de sentido o seu futuro fazer pedagógico. E, assim, me encontro nesse processo, caminhando, estudando e constantemente me construindo enquanto educadora.

Fiz algumas especializações e sempre senti falta de uma formação voltada à pesquisa, era uma lacuna no meu processo formativo. Então, ingressei no Mestrado em Educação ofertado pela Universidade Federal de Pelotas, um momento muito significativo para mim, pois a seleção foi árdua. Foi um processo de muitas aprendizagens, eu precisava fazer um esforço de logística para dar conta de trabalhar e manter uma casa em um município e estudar em outra cidade. Construí uma significativa dissertação, trabalhando com o papel da tutoria na educação a distância (EaD), modalidade de ensino que atuo há alguns anos. Contudo, de novo senti o perfil domesticador da educação em ação, reverberações de uma base positivista que me forçava a produzir muito e engessava minha escrita. Ali, naquela dissertação, que era um trabalho tão importante para mim, não tinha lugar para o *Eu* pesquisadora, me sentia condicionada em um lugar de reprodução e apropriação de discursos. Problemática essa bem alinhada com uma das muitas facetas da colonialidade, que é a colonialidade do saber, conceito trabalhado por teóricos decoloniais, dentre eles Orlando Fals Borda (1987, 2009), que foi um dos maiores críticos do colonialismo intelectual das ciências sociais latino-americanas.

Passado algum tempo, continuava lendo e produzindo algumas coisas, agora com um viés mais qualitativo do que quantitativo. Buscava um interesse de pesquisa e uma metodologia que conversasse comigo enquanto sujeito. E nesse contexto de busca, me encontro com a perspectiva das narrativas, das histórias de vida, e dessa forma me sinto emocionada e empolgada como fiquei na minha primeira aula do curso de Pedagogia, quando fui apresentada à Freire. Essa empolgação também se entrelaçou a minha presença no PPGE/UFPEL, especialmente dentro da linha cinco deste programa: epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação. A mobilidade por entre esse espaço, as articulações e debates com professores/as e com colegas foram fios potentes para que esse movimento de pesquisar-costurar se efetivasse, produzindo o impacto transgressor aos cânones universalizantes da academia, conforme a proposta e enunciado da referida linha de pesquisa.

A partir disso, nesta pesquisa, assumo que o espaço topológico será valorizado, meus poemas, obras de arte, parábolas e metáforas terão espaço e trarão sua voz para contribuir com a construção deste trabalho. Quem sabe alguns dirão que este texto não se trata de uma tese? Quem sabe não é mesmo, talvez seja um movimento de resgate daquele caderno de redação rasgado no passado. Não sei, não quero me prender a conceituações, quero escrever-costurar, pegar agulha e linha e adentrar

túneis de pano, sumir e reaparecer do outro lado. Deixando para trás escritos de denúncia e poesia.

Os/as participantes-autores/as desta pesquisa-costura são parte essencial/imprescindível neste estudo. Como enfatizam Clandinin e Connelly (2015, p. 121), “a pesquisa narrativa é relacional”, e é esse diálogo relacional que construí com os/as participantes-autores/as. Anzaldúa (1981, p. 231) nos provoca a refletir sobre nossos processos de escrita e sobre o quão doloroso esse procedimento pode ser quando nos diz que “Se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos”. Essa leitura me mobilizou, me afrontou, me questionou e me fez reconhecer o quão difícil foi trilhar esse caminho. Já não sou a menina de sonhos de renda, que costurava e compunha histórias sem a pressão do tempo. Agora enfrento horas de planejamento de aulas, horas de ministração de aulas, horas de correções de trabalhos, horas de leitura, horas de limpeza de casa, horas de produção de vídeos, horas de produção alimentar, horas de deslocamentos, horas de escuta/auxílio à filha, horas de produção escrita... Enfim... E ainda quero escrever? Quero pesquisar? Quero costurar?

Seguindo as proposições de Anzaldúa (1981, p. 234), que conceitua o ato de escrever como “confrontar nossos demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”, posso dizer que vivi a experiência de escrever como uma mulher, uma mulher com acúmulo de funções, uma mulher com lacunas na sua formação, uma mulher por vezes desumanizada²⁷ pelos enquadramentos sociais, com tudo isso, segui tentando não deixar que o ato de escrever me afugentasse.

Schucman (2018) reflete que a violência dentro da família gera uma cicatriz quase impossível de apagar, e assim é para mim. Essa sensação de medo que sinto, essa vontade de fugir dos “demônios”, por vezes dialoga com essa cicatriz que a autora menciona. Ela está relacionada à conceituação de temporalidade muito usada pela psicologia, a qual entende o tempo de uma forma subjetiva, fora da perspectiva cronológica (SCHUCMAN, 2018).

Sobre isso, Flávia Duarte (2018), na sua tese de doutorado intitulada “Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres”, produzida na Universidade Federal de São Paulo, problematiza essa questão da temporalidade quando exemplifica que mulheres que passam por essas situações de violência sentem a sensação de que o tempo não passa, porque o passado está sendo revivido dia após dia sob a forma daquela cicatriz, que pode ser uma cicatriz física ou emocional. A autora afirma que essas cicatrizes podem se tornar um trauma na vida dessas

27 É importante demarcar que o significado desse termo se refere à desumanização no sentido que parece que me é retirado a esfera humana de sofrer, de estar cansada, de não estar dando conta das tantas demandas.

mulheres, devido às lembranças recorrentes dos momentos de aflição e violência. Sinto esta cicatriz, este incômodo, esta dor até hoje por aqueles episódios de violência físicas e emocionais que vivenciei no interior da minha família, bem como as cicatrizes da violência doméstica que sofri.

O tempo continua passando e eu me construindo uma pesquisadora-costureira narrativa e decolonial, sempre lembrando da minha primeira tensão proposta por Freire (1997), de que educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante. Parafraseio o autor, englobando que o ato de pesquisar, também necessita da impregnação de sentido, do encantamento, da responsabilidade social e política.

Clandinin e Connelly (2015) falam que a pesquisa narrativa é caótica, talvez por isso a escolhi, pois não sou muito linear e, deslocando-me no tempo, volto aos retalhos-narrativos da minha experiência enquanto mulher branca e integrante de uma família inter-racial. Para esse movimento, preciso puxar o fio tirânico que atravessou nossas vivências enquanto família inter-racial, esse fio se camuflava, se escondia, mas estava ali costurando nossas vidas.

Certa vez, enquanto trabalhava em uma escola do interior do município de Canguçu, RS, onde a maioria dos/das professores/as e alunos/as eram de origem germânica, sentia-me acolhida pelo grupo de colegas e gostava dos alunos/as, até que um dia meu marido precisou ir até a escola levar um documento que necessitava da minha assinatura. Desde aquele dia gelado, do ano de 2005, tudo mudou, o chimarrão na sala dos professores não era mais compartilhado comigo e se eu o pegasse e tomasse, ninguém mais tomava. Fiquei sem entender, mas fiquei observando e também me sentindo muito mal com aquela situação. Naquela época, os/as professores/as tinham que fazer comida, almoço para o grupo de profissionais da escola, então, comecei a perceber que nos dias que eu cozinhava, poucas pessoas comiam. Comecei a atentar para uma frase em alemão que eu não sabia o que significava, mas a ouvia várias vezes pronunciada por esses/as colegas, perguntei o significado, mas desconversavam e não me respondiam.

Até que resolvi perguntar a um aluno o que significava tal frase, ele me explicou que significava algo do tipo "beija negro preto", logo compreendi o que estava acontecendo, estavam se referindo ao meu relacionamento com um homem negro, logo, eu não "servia" para compartilhar o chimarrão, minha comida também não era apreciada e, o mais forte de todos os episódios, um belo dia fui chamada pela diretora da escola, pois aproximava-se o "Dia da Família", uma festa tradicional da escola, em que todos/as deveriam participar e levar suas respectivas famílias. No entanto, para mim foi solicitado que eu levasse apenas a minha filha, porque segundo as palavras da diretora, *"a presença do meu marido traria desconforto, os alunos/as poderiam não*

me respeitar mais", e lógico que ela reforçou que racismo não existe, mas que era uma escola do campo, com costumes antigos e essa "situação" poderia ser uma afronta e que eu poderia "*vir a ter problemas*". Aqui costura-se o que diz Fanon (2008) quando chama a atenção sobre como a imagem socialmente construída do homem negro é atrelada à incivilidade. E, também, podemos entrelaçar aqui o **genocídio simbólico** que Ana Luiza Flauzina (2008) denuncia, quando cita os tipos de estereótipos de família que são validados e difundidos pela mídia.

Eu fiquei estática e não falei nada, não fui à festa, mas esse fato ficou costurado na minha memória. São pontos desconfortáveis e doloridos que perpassaram minhas vivências. Ali, para aquelas pessoas, para aquela comunidade, existia bem demarcado um tipo de família que era legitimado e também viam como promiscuidade, como algo impuro, um relacionamento inter-racial. E não foi só naquela escola que isso aconteceu, foi em reuniões de "amigos/as" e encontros familiares.

Eu poderia compartilhar outros tantos perversos retalhos que infelizmente compõem minha história, mas é um movimento bem difícil. Assim como era difícil o ato de realizar compras, sim, uma coisa simples e cotidiana, mas adquirir produtos e, principalmente, produtos mais caros era muito complicado. Se meu marido fosse nas lojas sozinho seguidamente os/as vendedores/as ofereciam produtos mais baratos e de qualidade inferior, mesmo ele falando o que queria, ele não era ouvido. Um exemplo que elucida o lugar social em que as pessoas negras são colocadas.

E, hoje, quando me olho dentro daquela dinâmica familiar, percebo o quanto exercia minha branquitude, percebo o quanto o "poder simbólico da branquitude" (SCHUCMAN, 2018) alinhava e se enredava no nosso cotidiano. A costureira-pesquisadora aprendeu a manusear a máquina, mas não era a máquina de costura, era a máquina de cortar cabelos. Comprei uma e aprendi a usar, com o objetivo de manter os cabelos do meu marido bem aparados, máquina zero quase toda a semana. Ele aceitava, inclusive quando estava hospitalizado eu levava a maldita máquina para o hospital, garantido assim o não aparecimento dos seus cabelos. Eu vigiava também a pele dele, "zelando" para que não suasse muito mesmo em dias quentes, para não ficar com a pele brilhosa e aparentar ser mais escura.

Compartilhando isso, me envergonho, as mãos tremem e os pontos parecem não saírem tão poeticamente, até a agulha parece estar pesada, triste. A cabeça da pesquisadora-costureira se atordoa, mas silenciar, negar, não querer ver é o que faz a maioria das pessoas brancas acrílicas, que seguem suas costuras genocidas, negando o racismo e mantendo indelével seus pactos **narcísicos da branquitude**, conforme Maria Aparecida Bento (2002).

Não quero fazer isso, por isso costurei, quem sabe assim, tecendo criticamente, não seja possível confeccionar outros pontos, outras tramas e nessas múltiplas tessituras ir se constituindo um ser humano melhor.

Compreendo que estes meus retalhos-narrativos autobiográficos que compõem a costura-vida desta pesquisadora-costureira servem para compartilhar a minha inserção no campo de pesquisa. Clandinin e Connelly (2015) nomeiam esse movimento como se colocar no **entremeio da experiência**. Com esse conceito, os autores enfatizam o quanto é importante que pesquisadores-narrativos/as encontrem seu lugar no espaço da pesquisa. Dito isso, compreendo que meus retalhos-narrativos autobiográficos me levaram ao entremeio da experiência e contribuíram para a condução do processo de pesquisa, para as experiências vivenciadas no campo.



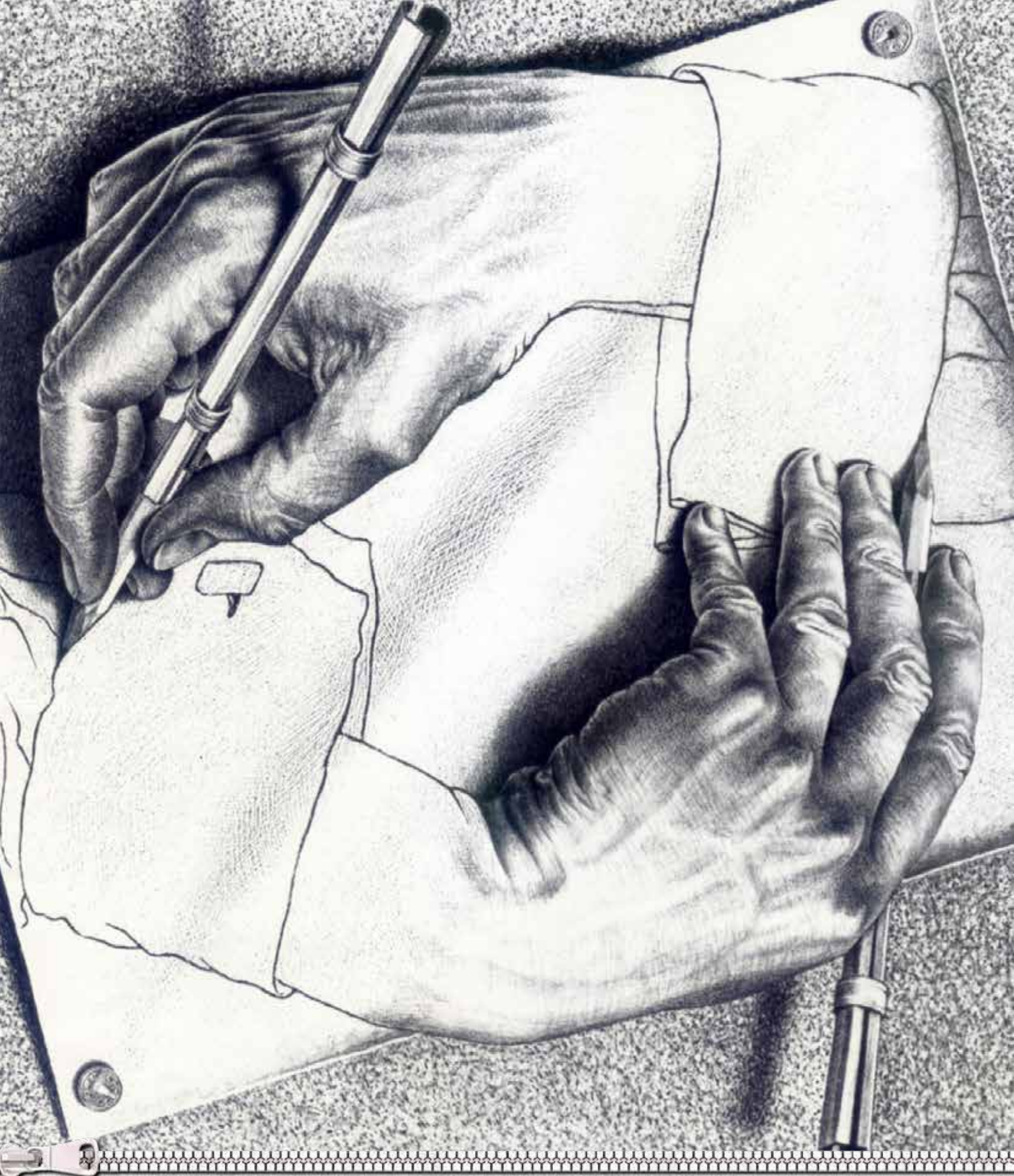


Figura 3 - Drawing Hands (Desenhar Mãos) - Maurits Cornelis Escher 1948.
Fonte: Arte e Blog (2016).

constituindo a caixa de costura • panorama de pesquisas

A obra disposta vem compor esta costura-pesquisa, convidando-nos a tecer juntos/as. Em mim ela provoca o pensamento, a noção de continuidade do ser, uma mão construindo a outra em um movimento recíproco. Pesquisar, costurar e escrever também exigem esse deslocamento de construir, (re)construir, desfazer e continuar fazendo.

A litogravura **Drawing Hands** (Desenhando Mãos) foi impressa pela primeira vez em janeiro de 1948. Ela retrata uma folha de papel a partir da qual dois pulsos estáticos permanecem planos na página, duas mãos estão de frente uma para a outra desenvolvendo o ato de se desenharem simultaneamente.

O autor consegue fazer com que um desenho unidimensional se transforme em um desenho tridimensional (ARTE E BLOG, 2015). Isso é encantador e provocativo, totalmente alinhado com a proposta metodológica das narrativas aqui utilizadas, para a qual a pesquisa-costura vai se compondo tridimensionalmente, ou seja, levando em conta as dimensões do tempo/espço, pessoal e social, em que são produzidas as narrativas (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Relembro que para a composição narrativa em artesanaria de uma pesquisa-costura muitos artefatos e materiais são necessários, a caixa de costura da pesquisadora-costureira precisa estar bem provida. Então, para compor essa “provisão” para a caixa de costura, me propus a fazer um panorama geral sobre o tema desta tese-colcha, foi um processo de buscas e leituras que foram desenhando e redesenhando a estrutura deste trabalho.

Buscando construir um panorama das pesquisas que versam sobre a temática deste estudo, acessei o Repositório de Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no dia 12 de fevereiro de 2021, limitando o período de busca entre os anos de 2010 e 2015, no idioma português e utilizando as palavras-chave “família” e “inter-racial”. Assim, foi possível obter um número de 286 produções.

Observando esse quantitativo de 286 trabalhos, por meio da realização da leitura dos respectivos resumos e palavras-chave dessas pesquisas foi possível constatar que apenas um desses estudos versam com a proposta da pesquisa, e se intitula: *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, uma tese de doutorado produzida por Lia Vainer Schucman (2012) na área de psicologia social pela Universidade de São Paulo.

No referido trabalho, a autora discute como a concepção de raça e branquitude são construídas por pessoas brancas na cidade de São Paulo. Foram realizadas entrevistas com pessoas que se autodeclaram brancas e de distintas classes sociais, idade e sexo. Apresenta a conceituação de branquitude como construção sócio-histórica fabricada pela falácia de superioridade racial de pessoas brancas. A autora demarca, também, os privilégios simbólicos e materiais que pessoas brancas obtêm, privilégios esses negados às pessoas não brancas. Os resultados obtidos apontam que há, por parte dessas pessoas, a incidência de discursos culturais hegemônicos e hierarquizados do branco sob outras construções racializadas, o que demonstra que o racismo ainda faz parte da identidade racial branca paulistana.

O restante das produções se dividia na contemplação dos arranjos familiares de forma mais superficial e focalizadas nas temáticas que abordam adoção, homossexualidade, políticas de ação afirmativa, questões de saúde e outras que enfocavam sobre a temática do racismo. Ao alterar apenas as palavras-chave para “branquitude e decolonidade”, mantendo o período de busca entre os anos de 2010 e 2015 e mantendo as aspas e idioma português, obtive acesso a 15 produções. Após a leitura dos resumos e palavras-chave dos textos selecionados, posso dizer que são produções qualificadas, mas que não apresentam pontos evidentes de aproximação com o tema de famílias inter-raciais. Versam mais com debates acerca da formação de professores, produção de conhecimento, direito e feminismo.

Buscando ampliar e atualizar esse panorama geral de trabalhos sobre o tema, escolhi realizar uma nova busca no Portal de Teses e Dissertações da Capes, no dia oito de novembro de 2022. Para delimitar as buscas, foi definido como recorte temporal os trabalhos publicados nos últimos cinco anos, na área da educação, utilizando aspas para delimitar o rastreo dos descritores e somente teses foram selecionadas. Os descritores utilizados para a busca na respectiva plataforma foram: “família inter-racial”, “famílias racializadas”, “famílias negras”, “casal inter-racial”, “inter-racial”, “interracial”²⁸.

No total foram capturados o quantitativo de 11 teses, assim subdivididas:

- família inter-racial – quatro teses;
- famílias negras – uma tese;
- famílias racializadas – uma tese;
- inter-racial – quatro teses;
- interracial – uma tese.

28 Nesta busca foi acrescentada a palavra interracial escrita dessa forma para contemplar possíveis trabalhos antes da mudança ortográfica, que diz que: os prefixos hiper, inter e super devem usar hífen se o 2º elemento iniciar por h ou r.

Foi realizada a leitura flutuante das palavras-chave e resumo dos trabalhos capturados. Conforme Laurence Bardin (2011), a leitura flutuante é um primeiro contato com os documentos que serão analisados, bem como contempla a produção de marcadores guias para a realização do processo interpretativo dos textos. Após essa leitura dos resumos e palavras-chave das 11 teses selecionadas, constatei que apenas quatro produções possuem aproximações com esta pesquisa. As demais teses contemplam o debate étnico-racial envolvendo as dinâmicas da educação escolar, livro didático, cotas e currículo. Os quatro trabalhos que possuem alinhamento com esta pesquisa serão descritos a seguir.

A tese “[...] *Nós aqui é o espaço dos sem vez*” – quilombolas e educação em Poconé/MT, de autoria de Nilvaci Leite de Magalhães Moreira (2019), é um trabalho produzido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Nessa produção, o objetivo central é discutir as percepções de famílias quilombolas com relação à escola e detectar que estratégias são operacionalizadas por essas famílias para garantir o acesso e a permanência dos filhos na escola. A investigação foi realizada nas comunidades quilombolas de Jejum, Laranjal e Curralinho, pertencentes ao município de Poconé, no estado do Mato Grosso.

A autora realizou entrevistas com 14 famílias, desenvolvendo um estudo etnográfico, e utilizou a conceituação de cultura, educação, quilombo, comunidade e identidades, para assim ter subsídios para realizar a análise dos dados. A centralidade dessa discussão não tem relação direta com minha pesquisa, mas ajudou a pensar questões de cultura, identidade e família.

O trabalho cujo título é *A noção de família para professores de educação infantil*, sob autoria de Cristiane de Assis Lucifora (2022), foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Aborda as compreensões que professores da educação infantil possuem sobre suas experiências familiares e também suas práxis pedagógicas. Como instrumento de pesquisa foi utilizado o questionário, contendo questões abertas e fechadas. Esse instrumento foi aplicado com 30 professores/as da rede municipal da cidade de São Carlos, que se situa no interior de São Paulo.

Como resultados, a autora aponta para um cenário esperançoso e receptivo à variedade de arranjos familiares e demarca o quanto os professores reconhecem a importância de trazer a reflexão e o debate sobre essas múltiplas configurações familiares para o contexto escolar, propondo, assim, o encaminhamento de práticas que colaborem com a descontinuação/desuso da ideia de estereotipar um modelo

de família como sendo o padrão. As discussões e argumentações que a autora traz sobre as disposições familiares, bem como os referenciais teóricos utilizados para fundamentar essas ponderações, contribuíram para promover a ampliação do debate sobre esse tema, o que foi relevante para a construção desta tese.

A pesquisa *Branquitude crítica dissimulada: desafios da educação para as relações étnico-raciais*, de autoria de Maria Isabel Donnabella Orrico (2021), foi apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UEC). A tese busca a compreensão das representações sociais que professoras brancas possuem com relação ao tema das relações étnico-raciais. Para isso, a autora buscou sustentação teórica nos estudos sobre branquitude.

Os participantes da pesquisa foram professoras que se autodeclararam brancas e atuantes em uma escola pública do Ensino Fundamental I da cidade de Campinas, SP. A coleta de dados foi realizada em dois momentos: dinâmica de grupo e entrevistas individuais. Esse material foi gravado e transcrito pela pesquisadora, após esses movimentos ela separou esses dados no que ela nomeou de núcleos de significação, a partir dos quais elaborou a análise.

Como resultados, a pesquisa mostra que as pessoas brancas não refletem sobre seu pertencimento étnico-racial nas vivências diárias, percebem-se como sujeitos neutros/universais, não tensionam e tampouco problematizam a branquitude e os seus múltiplos significados, escolhem a imobilidade com relação à discussão de questões raciais e atribuem essa omissão à falta de formações.

O estudo de Orrico (2021) contribuiu com a elaboração desta tese-colcha, especialmente subsidiando o aprofundamento teórico²⁹. Essa contribuição se deve principalmente pela demarcação que faz das categorias *silêncio* e *omissão*, apresentando-as como elementos indispensáveis à manutenção do racismo e das vantagens raciais das pessoas brancas. O foco desse trabalho foi direcionado à educação, mas contribuiu para me ajudar a pensar como essas vantagens raciais de pessoas brancas operam e influenciam as experiências afetivas em famílias inter-raciais.

A última produção selecionada foi a tese *Amores (des)racializados: um estudo psicossocial dos casamentos de “amarelos” com negros e brancos em São Paulo*, de autoria de Laura Satoe Ueno (2020), trabalho vinculado ao Programa de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP).

O objetivo principal do referido estudo consiste em analisar as percepções sobre raça-etnia em casamentos inter-raciais de pessoas amarelas com negros/as e com

29 Ver subcapítulo 4.1 - Dialogando sobre família: discussões de raça e branquitude.

brancos/as na cidade São Paulo, procurando compreender como as diferenças eram vividas pelos parceiros/as na interação com os familiares e a sociedade paulistana.

Vale ressaltar que como amarelos/as a autora se refere aos descendentes de japoneses, chineses, taiwaneses e coreanos cujas famílias saíram do Leste Asiático para o Brasil. A autora constatou que brancos/as e amarelos/as não encontraram processos de resistência nas famílias dos/das parceiros/as com relação ao casamento inter-racial. Em contrapartida, manifestações racistas com profundos impactos psicológicos foram experienciadas por cônjuges negros/as, não aceitos de forma automática e amistosa nas famílias asiáticas.

Sendo assim, a pesquisa baliza o quanto a branquitude se apresenta como norma geral, bem como transpassa a busca da brasilidade pelos amarelos/as casados/as com brancos/as, atravessando, também, o cotidiano das famílias afro-asiáticas. Como instrumento metodológico foram utilizadas entrevistas semidirigidas, as quais orientavam por um roteiro previamente estabelecido com base em tópicos extraídos da literatura de apoio ao referido estudo. Essas entrevistas foram gravadas com a anuência dos/as participantes e, posteriormente, foram transcritas na íntegra.

Como dito anteriormente, Ueno (2020) utilizou um roteiro como estrutura para a operacionalização das entrevistas. Esse instrumento de pesquisa contemplava pontos-chave, como:

- autoclassificação de cor/raça e etnia;
- concepções a respeito da própria cor/raça e etnia;
- concepções sobre cor/raça e etnia do cônjuge;
- influências da raça-etnia na escolha do parceiro/a;
- percepções sobre o casamento inter-racial;
- reações de familiares, amigos e da rede social ampliada com relação ao envolvimento sexual/amoroso e ao casamento;
- percepção de reações externas no cotidiano do casal quando se encontram em ambientes públicos;
- impactos e formas de enfrentamento diante de conflitos explícitos e/ou submersos;
- preocupação com raça-etnia e racismo na socialização dos filhos.

Como resultados, a pesquisa identificou que os significados de raça no contexto do relacionamento conjugal era algo negado ou atenuado no discurso da maioria dos participantes.

Antagonicamente ao que foi dito anteriormente, as narrativas proferidas pelos participantes da pesquisa sobre as vivências cotidianas no interior dos seus núcleos familiares eram racializadas e traços fenóticos e culturais se apresentavam de forma estereotipada e suscitavam agressões raciais para com os parceiros não brancos.

Dito isso, Ueno (2020) evidencia a existência de uma tensão social envolvendo os casais amarelo/a e negro/a com relação ao nascimento de seus filhos/as. Para finalizar o estudo, ela demarca que aqueles/as participantes que dispunham de um processo mais sólido de conscientização com relação às desigualdades de poder relacionadas à interseccionalidade entre raça e gênero acabavam adotando posturas comprometidas em positivar as identidades não brancas e consideravam ativas essas dimensões no processo de socialização dos/as filhos/as.

Essa produção tem sua centralidade nas dinâmicas étnico-raciais que envolvem os/as amarelos/as em São Paulo e trouxe contribuições para a presente pesquisa-costura na potente discussão que apresenta sobre raça, classe e gênero, bem como sobre família e casamentos inter-raciais, branquitude e racismo, trazendo como possíveis soluções a discussão do racismo e a adoção de posturas de fato antirracistas nos diferentes âmbitos sociais.

Diante desse pressuposto, acredito que a construção desta pesquisa-costura contou com ineditismo e atualidade. Digo isso porque nas buscas realizadas não foram encontradas pesquisas sobre o tema vinculadas à área da educação e nem desenvolvidas no Rio Grande do Sul. Por isso, penso ser urgente mais pesquisas e estudos sobre essa temática, que contemplem a família e discutam sobre famílias inter-raciais, debatendo de forma séria e responsável em torno desse assunto, sem romantização e compreendendo a complexidade que envolve esses relacionamentos.

Após esse movimento de construção do panorama de pesquisas que conversam sobre a temática da tese-colcha, minha caixa de costura já se encontrava composta de linhas, agulhas, tesoura e retalhos de tecido. Contudo, um encaminhamento ainda era indispensável para que o processo de costura continuasse, voltei-me mais uma vez para a minha caixa e escolhi o pano que serviu como revestimento para esta colcha, aquele tecido teórico que sustentou toda a harmonização construída com os retalhos criteriosamente dispostos e alinhavados.





Figura 4 - Retirantes - Cândido Portinari 1944.
Fonte: Cazula (2021).

escolhendo o forro da colcha • revisão teórica

A obra de Portinari visualizada foi selecionada por impactar visualmente e deslocar nosso pensamento para o quanto a colonialidade está internalizada e operante em nós. E ainda que hoje nosso país não seja mais colônia de ninguém, continuamos reproduzindo esses modelos coloniais desumanizadores e opressores. Neste capítulo, busquei tensionar questões referentes à colonialidade e seus desdobramentos no âmbito das famílias inter-raciais.

A obra **Retirantes** foi produzida em 1944 pelo artista brasileiro Cândido Portinari, retrata uma família que precisa abandonar sua terra para tentar fugir da miserabilidade que os assola. Os tons – fortemente destacados e as figuras fantasmagóricas – revelam uma situação desumana que infelizmente é vivenciada por muitos (CAZULA, 2021). O autor conseguiu retratar em muitas de suas obras o cotidiano de brasileiros comuns, tentando também realizar uma denúncia por meio de sua arte das desigualdades sociais que marcam o Brasil.

Esse quadro específico de Portinari foi escolhido por retratar uma família que é tema deste trabalho, mas bem mais do que isso, foi escolhido para nos provocar a refletir a miséria, a dor e a tristeza que acometem muitos brasileiros, principalmente nesse período pós-pandemia da Covid- 19³⁰, no qual a miserabilidade atingiu muitos lares, cujas políticas públicas não foram eficazes e milhares de pessoas perderam suas vidas.

E, por fim, a obra também provoca a reflexão sobre que tipo de família é legitimado pela colonialidade? Pontos enviesados que vão aparecendo no decorrer dos alinhavos, mas no vaivém da agulha e das linhas e com a fixação do forro foram sendo retomados e discutidos.

famílias inter-raciais, colonialidade e experiências afetivas

Os autores Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) sublinham o quanto o ambiente familiar é importante para a construção da identidade pessoal e destacam que é no interior da instituição familiar que as pessoas vão interiorizando e se apropriando de uma compreensão da realidade já preestabelecida. A partir disso, é

30 Também conhecida como pandemia de coronavírus, causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Essa pandemia escancarou desigualdades sociais e ceifou a vida de aproximadamente 14,9 milhões de pessoas pelo mundo. Para saber mais: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>.

possível compreender a família enquanto um espaço privilegiado de sociabilidade e no qual são estabelecidas relações íntimas com maior intensidade.

Berger e Luckmann (1985) nos suscitam a refletir no sentido de que o universo familiar é o responsável pelo primeiro movimento de ensino dos indivíduos, contemplando ensinamentos de sobrevivência e valores morais. Esse primeiro movimento é corroborado pelos sujeitos por vários fatores comportamentais, dentre eles, a identificação e o exemplo. Esses ensinamentos iniciais, muitas vezes, são compartilhados com esses sujeitos como verdades universais, o que, sendo apropriado por esses indivíduos, pode produzir uma visão alienada de entendimento e compreensão de mundo.

Como coloca Freire (1987), o processo de formação dos sujeitos, o qual perpassa um movimento de consciência do mundo, não ocorre num vazio, mas em um movimento de comunicação e de reconhecimento do mundo e, através desse, um reconhecimento de si. Ou seja, é no diálogo com os outros que o ser humano se desenvolve, elabora o mundo e constitui a sua consciência humana.

Esse processo tem início na convivência em família, por essa ser um dos primeiros lugares de convivência cotidiana e de formação das identidades. Contudo, o processo de socialização e construção de identidade de cada indivíduo não se encerra nesse primeiro lugar. Existem outros espaços possíveis de convivência e aprendizado das diversas formas de ser, estar e se relacionar no mundo, tais como: escola, igreja, clubes etc.

Esse primeiro lugar-espço de convivência surge enquanto algo a ser revisto e questionado, conforme alertam Marcelo Santiago e Lourdes Feitosa (2011). Isso porque o modelo de família e os papéis sociais atribuídos aos gêneros, principalmente aqueles que ditam sobre o papel do homem e da mulher nos âmbitos familiar e social, derivam do idealizado e naturalizado pela sociedade ocidental, branca, capitalista e industrializada.

Sabemos que ainda dispomos de uma concepção cristalizada e engessada com relação às configurações familiares. Não existe um único modo de ser família, porém, pontuo que o arranjo familiar que é construído, aceito socialmente e legitimado, em detrimento de outros arranjos familiares, é aquele “modelo” branco e cisheteronormativo. Pontuo, também, que até bem pouco tempo, outros arranjos familiares sequer eram considerados e respeitados como entidades familiares.

Acredito que essa legitimação social de instituição familiar se alinha com o que diz Anthony Giddens (2008, p. 175): “as mudanças na vida familiar deparam sempre com resistência e com apelos aos ‘dias de ouro’ do passado”. Existe uma

resistência potente e bem articulada de instituições conservadoras que atacam e endemonizam todo e qualquer movimento de mudança, na “aceitação” de formas outras de composição familiar.

Com relação à naturalização, posso dizer que está fundamentada em uma ordem cisheteronormativa³¹ que rege a sociedade no Brasil, onde se ensina a diferenciar o que é tido como “correto” do “incorreto”, o “puro” do “imundo”, frequentemente incluído em uma lógica moralista e eugenista³².

Conforme Santiago e Feitosa (2011, p. 33):

Cada sociedade cria sua existência de acordo com as relações estabelecidas entre seus indivíduos e nisso se inclui a família. A desnaturalização do modelo de família é imprescindível para a compreensão organizacional de qualquer sociedade.

Esse modelo que os autores acima citados referem é aquele patriarcal, constituído por um casal cis, heteronormativo, branco e com filhos. Contemporaneamente, a realidade brasileira e sul rio-grandense manifesta uma ampla variedade de arranjos familiares. Assim, conforme Santiago e Feitosa (2011), o entendimento da família como uma categoria sociocultural é um dos elementos fundamentais para pensarmos sobre ela e até mesmo problematizarmos a concepção enganosa de sua falência.

Essa falência mencionada no parágrafo anterior é difundida por instituições com viés conservador, tais como: igrejas, escolas e outras, também é nomeada e propagada como “crise na família”. Giddens (2010) exemplifica essa “crise”:

A família está a desaparecer!” gritam, alarmados, os defensores dos valores familiares, analisando as mudanças das últimas décadas – uma atitude mais liberal e aberta em relação à sexualidade, um aumento sempre crescente das taxas de divórcio e uma preocupação geral em relação à felicidade pessoal à custa das velhas concepções dos deveres familiares. É necessário recuperar a ordem moral da vida familiar, defendem. É necessário reinstituir a família tradicional, muito mais estável e organizada do que a complexa rede de relações em que hoje em dia a maioria de nós se vê envolvido. (GIDDENS, 2010, p. 198).

Sendo assim, a falência da instituição familiar ou sua iminente/inevitável “crise” é atribuída por essas instituições devido a aberturas para percepções menos rígidas de família. Essa fluidez, essa flexibilização no entendimento de arranjos familiares, ameaça aquele “modelo de família” já exposto anteriormente e defendido e preservado por tais instituições.

31 “Determinação” social rígida que limita a pluralidade de manifestações múltiplas da sexualidade.

32 Refere-se à lógica alinhada à teoria de Francis Galton (1883), que buscava o “bem-nascido”. Consultar a nota número 10 deste trabalho.

Avaliando as muitas contribuições de outros campos científicos para buscar auxílio com a movimentação do pensamento sobre a significação de família, estabeleci um diálogo com as áreas do direito e a da antropologia com a intenção de ampliar o olhar e aprofundar a conceituação do que é família. Considerando o campo do Direito, o entendimento com relação à categoria família se expandiu, conforme Roosenberg Alves (2013), após a Lei nº 8.971/1994, que regulamenta a união estável no Brasil. Isso provocou uma ruptura nos paradigmas clássicos e promoveu o reconhecimento e legitimação de outras configurações familiares não decorrentes do casamento, conforme sintetiza Alves (2013):

- Família monoparental – composta por qualquer um dos progenitores/as e seus descendentes;
- Família homoafetiva – designa as relações entre pessoas do mesmo gênero;
- Família unipessoal – formada por apenas uma pessoa;
- Família anaparental – é aquela formada entre irmãos/as, primos/as ou pessoas que têm uma relação de parentesco entre si;
- Família reconstituída/mosaica/recomposta – é aquela formada por pessoas que em algum momento de suas vidas já tiveram outra/s família/s e filhos/as;
- Família paralela – oposta à monogamia, contempla esposas/os que participam, concomitantemente, como esposas/os de outra/s família/s;
- Família eudemonista – decorrente do convívio entre pessoas por afetividade e solidariedade.

Ainda nessa via de ruptura dos paradigmas clássicos, vale grifar que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 não estabeleceu nenhuma distinção entre filhos legítimos e ilegítimos, bem como confirmou a igualdade entre homens e mulheres para o exercício de direitos e deveres referentes ao matrimônio e à união estável.

Percebe-se que o movimento democrático brasileiro do Direito vai a favor das rupturas, tentando acompanhar as metamorfoses sociais, mas sabemos que a obediência às leis e à constituição no Brasil são frequentemente negligenciadas.

Segundo Cynthia Andersen Sarti (1992), o campo da Antropologia colabora para pensar a família a partir da discussão com relação ao parentesco. Em síntese, o que esse campo do conhecimento considera é que as relações, tais como casamento, parentesco e divisão sexual do trabalho, são estruturas universalizantes, ou seja, existem em todos os tipos de sociedade, mas as validações, as reprovações e a atribuição de significado/sentido a essas configurações relacionais são múltiplas.

Sarti (1992) sinaliza, ainda, a potência da Antropologia para tensionar a desnaturalização da família enquanto um “modelo” fixo/estático e ampliarmos essa

compreensão de família para uma instituição que está em transformação, não uma transformação rápida e tampouco integral, mas em modificação.

O conceito de família para esta tese-colcha foi revisado após a composição dos textos e notas de campo e textos intermediários. Enfatizo que essa conceituação de família foi tangenciada por algumas perguntas, que são: O que significa família na cultura? Quem pode ter família? Qual “modelo” de família é legitimado pelo Estado?

No livro *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro* de autoria de Flauzina (2008), a autora discute sobre a negação da presença física da população negra em um determinado espaço, entendendo essa negação como um genocídio simbólico. Pontuo que o autor Abdias do Nascimento (2016), no livro *O genocídio do negro brasileiro*, define como genocídio o extermínio de uma população, e discorre que essa **exterminação** pode ser moral, cultural e epistêmica. Ou seja, existe uma construção social que cotidianamente vai aniquilando a produção de subjetividade, a cultura e a feitura epistêmica da população negra. Por isso, ainda hoje no Brasil a produção científica e intelectual de pessoas negras, em especial de mulheres negras, inclina-se a ser menos difundida.

Pensando nos filmes e novelas amplamente difundidos na TV aberta, as famílias negras são representadas? Ou a maioria dessas produções delega a solidão às pessoas negras, ou quando elas possuem núcleo familiar é um núcleo branco, enfatizando essa solidão principalmente para as mulheres negras?

As famílias ainda hoje são representadas massivamente seguindo o “modelo” heteronormativo, branco e patriarcal. Dessa forma, se pensarmos na lógica cristã/moralista que entende a família como continuidade e com um viés reprodutivo e não visualizamos em ampla escala as famílias negras representadas na televisão (nas novelas, nos filmes e até mesmo nos livros didáticos), é possível dizer que essa negação da presença negra legitima o entendimento de que essas famílias negras não existem ou estão destinadas a acabar, sendo exposto um tipo de genocídio simbólico, como menciona Flauzina (2008). Trouxe essa exemplificação para mostrar como essa lógica do embranquecimento continua vigente, legitimando alguns estereótipos de família e deslegitimando outros arranjos familiares³³, como podemos perceber na polêmica imagem a seguir.

33 Pontuo que se durante o desenvolvimento da pesquisa surgirem outras conceituações sobre família, essas serão discutidas neste trabalho.



Figura 5 - A Redenção de Cam - Modesto Brocos, em 1895.
Fonte: Barreto (2020).

sobre processos racializados ou racializações

A pintura exposta foi criada pelo artista espanhol Modesto Brocos. No início do século XX, foi utilizada por *João Baptista Lacerda*³⁴, que levou a tela para o *Congresso universal das raças*³⁵ em Londres, com a finalidade de exemplificar sua tese chamada: sobre os mestiços, a qual defendia que em três gerações o Brasil seria branco.

Essa tela tem relação com a história bíblica registrada em Gênesis, capítulo nove, a qual conta a história da Maldição de Cam. Conforme essa narrativa bíblica, os filhos de Noé, que se chamavam Sem, Cam e Jafé, viram seu pai Noé nu e bêbado e acabaram rindo dele, principalmente Cam, sendo amaldiçoado por Noé à peregrinação, à uma vida nômade.

A história bíblica era nomeada Maldição de Cam, a tela em questão intitula-se *Redenção de Cam*, simbolizando a vitória, porque “as pessoas negras passariam a ser brancas”. Trouxe essa imagem para demarcar o teor altamente racista da tela, mas que infelizmente ainda diz muito do Brasil e das teorias de branqueamento.

A ideia é continuar a alinhar o forro da tese-colcha provocando a reflexão sobre essas questões históricas de hierarquização racial, como na pintura em discussão que, como já disse, continua impactando pelo alto teor de racismo contido e produzido pela branquitude colonial, para introduzir um mundo perverso e estruturalmente racista. Saliento, aqui, a intensa luta dos movimentos negros e o movimento negro feminista para modificar essas construções simbólicas racistas.

Para iniciarmos a compreensão acerca dos processos de racializações, busquei tecer pontos que nos ajudem a refletir sobre a proposta pintada, lá no ano 1895, por Brocos. Será que ela tem alguma “reapresentação” na atualidade?

Buscando tecer entendimentos, vale especificar que, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a autodeclaração negro contempla pessoas pardas e pretas, logo, a categoria negro para o IBGE é a soma dos números de pessoas autodeclaradas pretas e pardas. Penso ser importante grifar que neste trabalho adotei a nomenclatura de *pessoas negras*, com o objetivo de não excluir pessoas de um tom de pele mais claro e que não se autodefinem como pretas.

Rita Segato (2021) pontua que o apagamento da ideia de violência contra a mulher – e, em especial, as mulheres negras – é a tentativa da construção de

34 Antropólogo e médico, foi um dos principais expoentes brasileiros da “tese do branqueamento racial”.

35 Um comitê que realizava encontros, buscando “entendimento” entre as diversas nações e “raças” do mundo.

uma narrativa romantizada e de uma possível democracia racial. Esse ideal vai se alicerçando em discursos reproduzidos pelo senso comum. À título de exemplificação, muitas pessoas se nomeiam não racistas porque têm amigos/as ou mães afetivas negras, mas o que esses discursos não “dizem” é que as mães pretas, as babás negras, tiveram que deixar seus filhos aos cuidados de outras pessoas, ou seja, foi retirada a possibilidade daquela mulher de ser mãe, de criar seus próprios filhos.

Trago, também, o exemplo do caso Miguel, que foi assassinado por um “descaso”. Refletindo sobre esse caso, pode-se dizer que nada mais é do que um movimento repaginado, uma atualização de uma realidade histórica no Brasil, uma continuidade da exploração do corpo da mulher negra. É válido ressaltar que mãe, pai, filho/a, experiências familiares, ideias sobre família e ideias de parentesco vão mudando, vão se alterando conforme a sociedade se altera, isto é, são categorias socialmente construídas.

Segato (2021) busca onde está a mãe preta que está nos relatos do senso comum, no imaginário coletivo, nas fotografias antigas e é apagada na historiografia oficial. A autora alerta sobre como essa ideia de utilização do corpo da mulher negra para se alimentar, para gerar cuidado e ao mesmo tempo negar ou tentar apagar essa presença, essa relação íntima, se articula bem com a lógica capitalista exploratória que usa, usufrui, superexplora, descarta e depois apaga a relação que manteve com aquela pessoa. Lélia Gonzales (1988), por sua vez, quando fala de racismo e sexismo no Brasil e apresenta o *pretuguês*, demarca como é impossível pensar o Brasil sem contemplar essas questões raciais.

Esta escrita buscou seguir tensionando como a colonialidade se atualiza, se reinventa e continua persuadindo/moldando as relações sociais, principalmente aquelas atravessadas pela tríade gênero, raça e classe, bem como esses atravessamentos se desdobram nas relações afetivo-familiares.

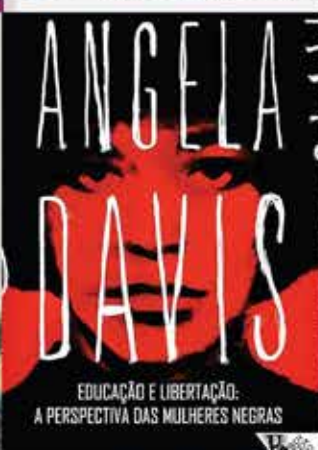
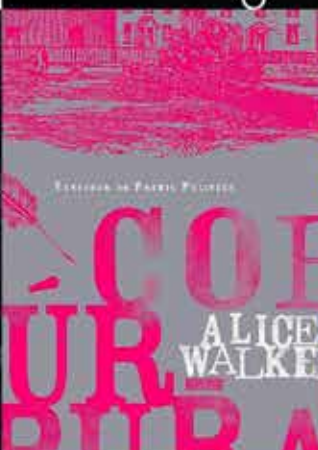
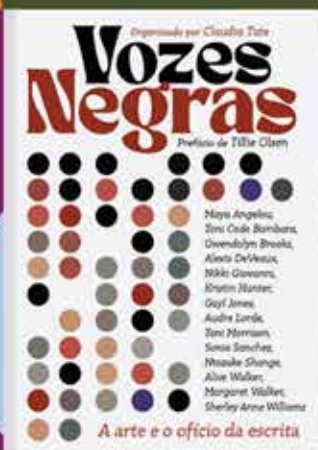
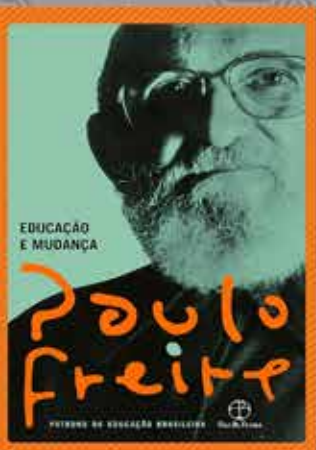




Figura 6 - Nascimento de Eva, 2018 - Harmonia Rosales
Fonte: Harmonia Rosales (2023).

dialogando sobre: raça e branquitude

O quadro exposto é de autoria de *Harmonia Rosales*, ela que é uma artista norte-americana, de origem afro-cubana. Dedicar sua arte a criar-recuar obras clássicas da pintura europeia, proporcionando com que essas pinturas “renasçam” a partir do seu universo de mulher negra.

Essa arte foi costurada aqui nesta tese-colcha com encantamento e esperança, pois mostra um movimento decolonial na arte. Sabe-se que por muito tempo a arte contribuiu para cancelar posturas racistas e hegemônicas, como em a “Redenção de Cam” (Figura 5). Agora a artista chama a atenção para isso, para a maioria de homens representados nas obras de arte em lugares de poder e adoração e as recria a partir da perspectiva decolonial, trazendo mulheres negras para a centralidade, para esses lugares de poder e adoração. Destaco que só isso não é o suficiente para mudar toda uma estrutura racista e patriarcal, mas como entendo a decolonialidade como luta constante, que vai tecendo brechas, rasgos e furos na colonialidade, permito-me *esperançar*, daquela maneira que Freire (1992)³⁶ provoca, não esperando de forma apática, mas se movimentando, pensando, costurando, “alfinetando” outros/as, chamando-os/as para seguir cotidianamente rasgando/furando a colonialidade que alinha a arte, os afetos, a produção de conhecimento, a educação, as relações afetivo-familiares, a política e por aí vai.

Retomo na minha mão a agulha e teço pontos para discutir a raça e a branquitude para, assim, identificar os seus efeitos nas relações familiares, é a compreensão do processo histórico da colonização. O mundo colonial, observa Fanon (1968), é segmentado em compartimentos, e essa divisão possibilita não somente indicar os seus arranjos, mas também “delimitar as arestas a partir das quais se há de reorganizar a sociedade descolonizada” (FANON, 1968, p. 27).

Não se trata de uma mera inversão do funcionamento da sociedade globalizada racista e dos pressupostos enraizados da dominação da branquitude, mas de reconhecer e destrinchar os aspectos dessa mesma branquitude que se solidificam através das culturas, dos saberes e até da geografia, como explicarei adiante no texto.

Puxando uma linha de exemplificação, Wagner Vinhas (2019) sugere que a herança racista da colonização brasileira pode ser facilmente identificada, no âmbito

36 “[...] É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]” (FREIRE, 1992, p. 42).

do saber, não apenas a partir da hegemonia do eurocentrismo e, consequentemente, da branquitude como um todo, mas principalmente diante do apagamento da negritude no campo intelectual.

Na sequência dos argumentos apresentados pelo autor, ressalta-se a *política do esquecimento*, um fenômeno historiográfico cuja estratégia principal estabelece como base a desqualificação dos trabalhos intelectuais de negros/as, conforme lê-se no trecho destacado abaixo:

As estratégias por detrás desse silenciamento se dariam por diferentes maneiras de tentar desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual de autores negros e negras: excessivo interesse pela temática negra acarretando a falta de distanciamento epistemológico; o engajamento na militância negra comprometendo os critérios de objetividade da investigação; o despreparo dos intelectuais negros e negras quando comparados à competência dos brancos; o possível isolamento especialmente dos que estão politicamente comprometidos no combate da desigualdade racial e do racismo. (VINHAS, 2019, p. 206).

Essa “manobra” no campo da intelectualidade deve ser interpretada sob a perspectiva do caráter de dominação constituído nas relações de poder, cuja base é a raça. Tal estrutura, que alimenta um sistema de subjugação das pessoas negras no Brasil³⁷, perpassa por regras de organização social que explicitam tanto a herança racista quanto a herança sexista (VINHAS, 2019). Nesse sentido, é possível notar os respingos de ambas as “heranças” na política do esquecimento, na construção das relações privadas e, de modo mais amplo, no funcionamento das instituições públicas e nos discursos institucionais.

Segundo Vinas (2019), o intelectual possui como principal característica a destruição dos estereótipos e outras categorias que limitam os processos de racionalização. Um processo de descolonização do pensamento crítico – e, mais ainda, da produção do conhecimento – é mais do que um sintoma da luta pela conquista de espaços na construção dos saberes: é uma necessidade. Então, seguindo a continuidade do movimento da agulha, é interessante sinalizar que Fanon (1968) afirma haver uma linha divisória no mundo colonizado. Tal linha, de acordo com os pressupostos teóricos do autor, torna-se nítida nas regiões coloniais, posto que nesses locais cabe aos mantenedores da ação violenta do apagamento o contato com o colonizado (FANON, 1968). O intermediário entre o poder e o explorado, nessas regiões, utiliza artifícios violentos e, por muitas vezes, imperceptíveis aos olhos do

37 Com relação a esse ponto, embora me atenha ao cenário nacional nesta pesquisa-costura, fica evidente que a colonialidade do saber é um fenômeno mundial, conforme sugere Virgínia Santiago dos Santos Góes (2017) em um estudo que objetivou refletir criticamente sobre a construção do discurso nas relações de poder na comunidade internacional. Os resultados apontam que a configuração do sistema internacional se alicerça na predominância dos modelos e conceitos racionalistas e ocidentais (GÓES, 2017).

explorado (FANON, 1968). Não se trata, contudo, da mera violência física, mas uma violência simbólica que apaga os seus símbolos, a sua história, as suas linguagens e, por fim, a sua existência.

Esse apagamento, instrumentalizado a partir da dor do colonizado, possui uma relação de dependência com a alienação, uma vez que:

Quando o colonizado passa a pensar em suas amarras, a inquietar o colono, enviam-lhe boas almas que, nos “Congressos de cultura”, lhe expõem a especificidade, as riquezas dos valores ocidentais. Mas todas as vezes que se trata de valores ocidentais produz-se, no colonizado, uma espécie de retesamento, de tetania muscular. No período da descolonização apela-se para a razão dos colonizados. Propõem-lhes valores seguros, explicam-lhes abundantemente que a descolonização não deve significar regressão, que é preciso apoiar-se em valores experimentados, sólidos, citados. Ora, acontece que quando ouve um discurso sobre a cultura ocidental, o colonizado saca da faca de mato ou pelo menos se certifica de que a tem ao alcance da mão. A violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de: vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa reviravolta das coisas, o Colonizado ria com escárnio ante a evocação de tais valores. [...] No período de descolonização a massa colonizada zomba desses mesmos valores, insulta-os, vomita-os. (FANON, 1968, p. 32).

O caseado tecido na costura serve de apelo à razão. E fica, então, demarcado neste capítulo teórico que serviu como forro à esta pesquisa-costura, como o primeiro passo para decolonizar o pensamento é a luta alicerçada no conhecimento e nos princípios da decolonialidade, principalmente quando pensamos em libertação na América Latina.

Ao abordar a libertação dessa classe, que está sob condição de opressão há séculos, é inevitável não ignorar um trecho de Galeano (2000), onde ele considera que a pobreza é uma produção de um sistema que se alimenta da desigualdade e da injustiça socioeconômica:

Tudo nos é proibido, exceto cruzar os braços? A pobreza não está escrita nas estrelas, o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro desígnio de Deus. Correm anos de revolução, tempos de redenção. As classes dominantes põem as barbas de molho e, ao mesmo tempo, anunciam o inferno para todos. Em certo sentido, a direita tem razão quando se identifica com a tranquilidade e com a ordem. A ordem é a diuturna humilhação das maiorias, mas sempre é uma ordem – a tranquilidade de que a injustiça siga sendo injusta e a fome faminta. (GALEANO, 2000, p. 11).

A manutenção desse sistema, defende Lélia Gonzalez (1988), é uma consequência do colonialismo europeu que se instaurou na segunda metade do século XIX, quando a estruturação do modelo ariano “viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista [...], como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental” (GONZALEZ, 1988, p. 71). A alienação, tanto

em Fanon (1968) quanto em Gonzalez (1988), é a principal ferramenta da hegemonia eurocêntrica para a manutenção da injustiça.

Cabe, neste momento, dar sequência à costura em um outro sentido para retomar uma pauta de importância encontrada na literatura especializada: os efeitos do racismo sobre o sujeito. É evidente que compreender o racismo da perspectiva social é indispensável, todavia, questionar a subjetividade³⁸ e, além disso, a formação identitária da pessoa negra, é fundamental.

Apesar da timidez de alguns estudos que tratam dos variados fenômenos psicológicos que esbarram nas questões raciais que pautam as relações sociais, Iray Carone e Maria Aparecida Bento (2007) discorrem acerca da psicologia social do racismo. Nesse contexto, é pertinente indicar que, desde o Brasil Colônia, o processo de miscigenação³⁹ foi correlacionado aos procedimentos de adequação à cultura eurocêntrica (CARONE; BENTO, 2007).

A aceitação social dessas pessoas negras no processo de embranquecimento dependia integralmente da adaptação da sua identidade racial (CARONE; BENTO, 2007) ou, em outras palavras, da aceitação da condição de que todos os aspectos que compunham a sua identidade deveriam ser suprimidos em prol da sua inserção social.

Essa violência, conforme foi dito mais acima, opera no campo do simbólico e apresenta efeitos a longo prazo no aparelho psíquico desses sujeitos (CARONE; BENTO, 2007).

Aqui, um emaranhado de fios e linhas destacam, então, que o desenvolvimento psicossocial desses sujeitos em uma sociedade racista é permanentemente afetado pelos esforços da branquitude para a supressão da sua identidade.

Daí pode-se compreender melhor o funcionamento do apagamento abordado por Fanon (1968): por um lado, o interesse em pôr a discussão da pauta racial como um subtema para o desenvolvimento de uma sociedade civilizada e igualitária (CARONE; BENTO, 2007); por outro lado, o que temos é um processo colonizador de adoecimento que é, de fato, expresso através das políticas econômicas e educacionais, da dificuldade na obtenção dos direitos sociais e em outros elementos intrínsecos ao funcionamento da sociedade.

Não é por acaso que evidências científicas sugerem maiores índices de estresse em pessoas negras. De acordo com André Faro e Marcos Emanuel Pereira (2011), esse acontecimento tem como base a instituição e a permanência do sofrimento

38 Sem que, logicamente, se tenha a intenção de pressupor que uma sociedade racista exerce, invariavelmente, os mesmos impactos em todos esses indivíduos.

39 Que é, a bem da verdade, um processo de embranquecimento.

psíquico da população negra. Esse processo acarreta, de acordo com Carone e Bento (2007), em dois desdobramentos.

O primeiro se refere à limitação do alcance das problemáticas decorrentes do racismo, que são consideradas um infortúnio exclusivo da população negra (CARONE; BENTO, 2007). Sobre esse aspecto, cabe considerar que esse fenômeno reflete a marginalização das questões derivadas da desigualdade racial – como é o caso do sofrimento psíquico específico dessa parcela populacional – e que, em uma observação mais ampla, afeta os modos de viver dessa população, “atada”, emaranhada sob a imposição da sua condição de cidadania de “segunda classe”. Os resultados desse primeiro desdobramento solidificam um discurso de exclusão, que não somente admite o racismo e as suas expressões na sociedade brasileira, bem como, em paralelo, terceiriza a responsabilidade do seu combate para uma população marginalizada.

O segundo desdobramento é a admissão de que, em uma sociedade racista, há espaço apenas para o desenvolvimento de tratamentos de saúde mental voltados para os sofrimentos mentais sob a ótica da branquitude (CARONE; BENTO, 2007). Esse fenômeno, por sua vez, abre espaço para uma reflexão de extrema relevância. Ora, o que é desqualificar o sofrimento mental de uma parcela inteira da população senão assumir que esses indivíduos são menos humanos e, nesse sentido, são menos suscetíveis às dores causadas por uma sociedade que não lhes dá o mínimo de dignidade?

A partir de ambos os desdobramentos, percebe-se, então, a qual compartimentalização Fanon (1968) se refere. Diante disso, o processo de descolonização é, de forma inegável, uma unificação do mundo (FANON, 1968). Por outro lado, seria ilusório assumir que a raça se trata do único problema estrutural do país.

Em um estudo recente realizado por Leonardo Silveira e Natália Leão (2020), viu-se que a desigualdade socioeconômica no Brasil é delineada tanto pela segregação de raça quanto de gênero. Entre os anos 1986 e 2015, uma análise do mercado de trabalho brasileiro apontou um aumento na participação de mulheres negras no exercício laboral, porém, há prevalência da diferença salarial em relação aos homens brancos – assim como às mulheres brancas e aos homens negros (SILVEIRA; LEÃO, 2020).

A partir deste momento, portanto, estabeleço o segundo tipo de ponto para prosseguir com



o alinhavo, debater a raça e a branquitude a fim de identificar os seus efeitos nas relações familiares: a interlocução entre gênero e raça na sociedade brasileira.

Intentando coser um alinhavo com a primeira parte deste desenvolvimento, neste trabalho consideram-se pertinentes as ideias contidas na obra de Waldir Quadros (2004), que aborda as desigualdades sociais no Brasil sob um recorte de gênero e raça. A hierarquia social estabelecida pelos homens e mulheres brancas em relação aos homens negros e, de forma mais intensa, às mulheres negras, pode ser observada na ocupação laboral desses grupos.

De modo geral, a fragilidade de mulheres negras que ocupam os cargos com níveis salariais mais baixos (QUADROS, 2004) é expressa através de dados, tais como os que comparam a escolaridade e a média de renda *per capita*, onde se vê que “as mulheres negras também possuem um perfil de escolaridade superior ao dos homens negros, com rendimentos inferiores tanto por nível de escolaridade como no total do segmento” (QUADROS, 2004, p. 108).

A Figura 7, logo abaixo, apresenta a distribuição da participação no mercado de trabalho por gênero e raça entre os anos 1986 e 2015:

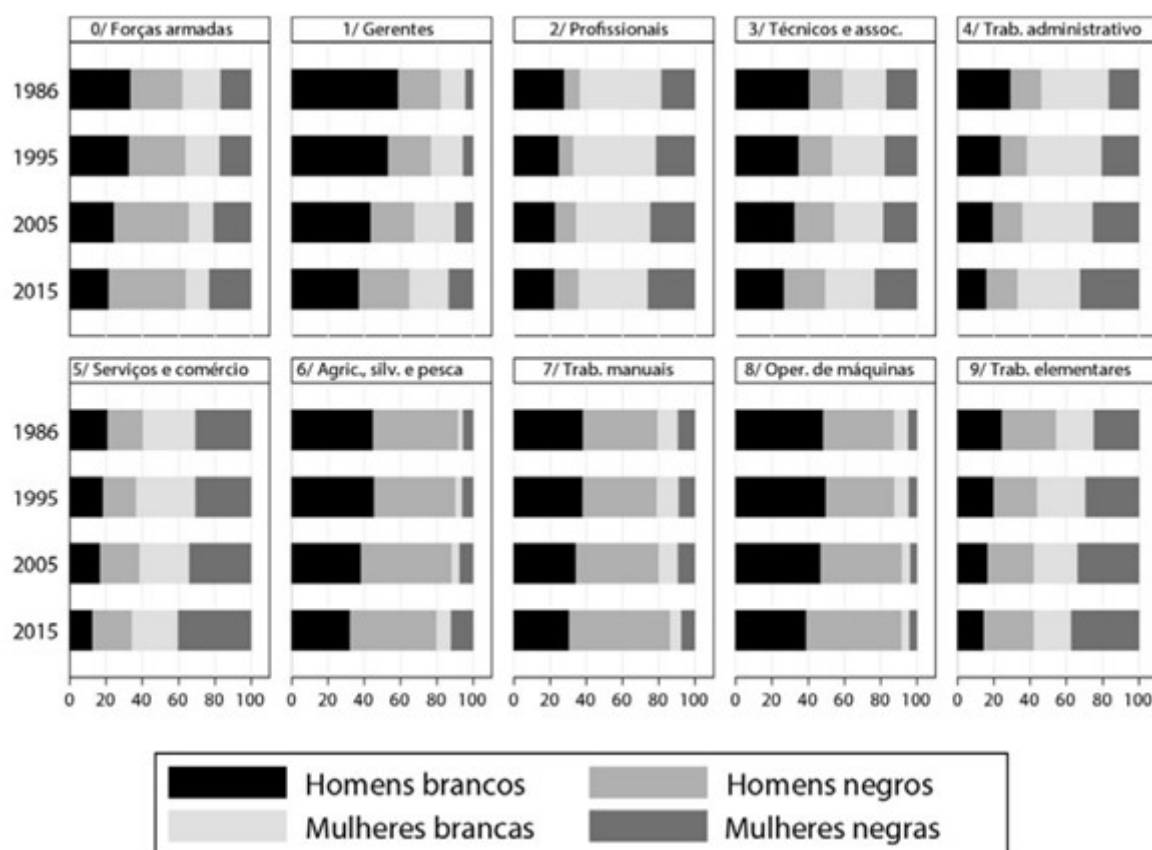


Figura 7 - Participação no mercado de trabalho por gênero e raça.
Fonte: Silveira e Leão (2020, p. 57).

Cabe, nesse sentido, buscar identificar o percurso historiográfico que possibilitou o quadro observado na Figura 7, onde, embora seja tangível identificar o crescimento da participação das mulheres negras, não se vê um acompanhamento da ascensão dos seus ganhos financeiros (SILVEIRA; LEÃO, 2020).

Se, até então, pontuei os efeitos das práticas racistas sobre a população negra no âmbito geral, a inserção de um recorte de gênero nos moldes do que propõe Grosfoguel (2016) perpassa a compreensão da perseguição das mulheres na Baixa Idade Média, quando milhões delas foram queimadas vivas – um momento histórico que se correlaciona com o apagamento dos saberes dessa parcela populacional.

Concordando com outros pressupostos teóricos estabelecidos na literatura especializada, Grosfoguel (2016) reitera que essa perseguição tem o seu ponto alto entre os anos 1550 e 1660, sendo relacionada à escravização dos africanos. Para o autor, tal movimento apresenta duas faces de uma mesma moeda: a da vantagem que a dominação epistemológica⁴⁰ trazia para um sistema com base na acumulação de capital; e a inferioridade epistêmica, para a qual a moeda se chama racismo/sexismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2012). Para tal, uma face se considera superior a outra.

É necessário sinalizar que, ao integrar os diálogos sobre colonialidade e gênero, evidencia-se que a mulher negra se encontra em uma posição de dupla opressão: por um lado, a herança colonial que a descaracteriza por sua raça e, por outro, a estrutura patriarcal que subjuga tanto a sua subjetividade quanto a sua identidade em decorrência seu gênero. Sobre esse ponto, essa ideologia de dupla opressão possui gênese no processo colonizatório, por certo, cuja base é do estabelecimento de uma hierarquia social:

[...] começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano e que foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (LUGONES, 2014, p. 936).

40 O termo utilizado por Grosfoguel (2016, p. 26) é *epistemicídio*, ou seja, a “destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos”. Grosfoguel (2016) lista os quatro epistemicídios que fortaleceram o privilégio do homem ocidental: contra os muçulmanos e os judeus, os povos originários das Américas, os povos africanos e as mulheres europeias queimadas na Inquisição.

O processo civilizatório imposto pelos colonizadores partiu, portanto, de duas premissas: a subjugação dos povos originários, o que escalou para a escravidão dos indígenas e dos negros africanos; e a definição da função da mulher naquela sociedade. Ainda que seja referida, neste momento, a mulher europeia, é necessário estabelecer que esse modelo tornava explícito, logo a princípio, que cabia à figura feminina um papel secundário no âmbito familiar – a sua função social era, nesse sentido, inexistente.

Ainda de acordo com María Lugones (2014, p. 938), “a ‘missão civilizatória’ colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual [...] e terror sistemático”. A violação do corpo feminino não-europeu passou, nesse período, a ser uma prática do colonizador.

Retornando para o âmbito das violências simbólicas do apagamento, esses efeitos são passíveis de reconhecimento em Grosfoguel (2016), que alega ser dos homens brancos ocidentais todo o privilégio da produção do conhecimento. Esse monopólio do conhecimento, considerado um privilégio epistêmico no qual os homens brancos detêm o total controle dos projetos implementados ao redor do mundo – e, ao fim e ao cabo, possuem um viés patriarcal e colonizatório –, tem como função a inferiorização dos conhecimentos dos homens negros e das mulheres em geral (GROSFOGUEL, 2016). Nessa tessitura, ressalto:

Como resultado, nosso trabalho na universidade ocidentalizada é basicamente reduzido a aprender essas teorias oriundas da experiência e dos problemas de uma região particular do mundo, com suas dimensões espaciais/temporais muito particulares e “aplicá-las” em outras localizações geográficas, mesmo que as experiências espaciais/temporais destas sejam completamente diferentes daquelas citadas anteriormente. Essas teorias sociais, baseadas nas experiências sócio-históricas dos cinco países, constituem a base teórica das ciências humanas nas universidades ocidentais dos dias de hoje. (GROSFOGUEL, 2016, p. 27).

Se, mais acima, refleti sobre a desumanização das pessoas negras sob a ótica da psicologia social do racismo, neste momento compreendo ser necessário fazer uma associação entre o privilégio epistêmico de Grosfoguel (2016) e um fenômeno que é objeto de estudos recentes: a sexualização e a objetificação da mulher negra.

Se Fanon (2008, p. 159) define que “o inconsciente coletivo, sem que haja necessidade de recorrer aos genes, é simplesmente o conjunto dos preconceitos, mitos, atitudes coletivas de um grupo determinado”, enquadrar a mulher negra nesse prisma é fundamental para dar consecução a este desenvolvimento. Primeiro, pois segundo os pressupostos de Grosfoguel (2016) há uma definição, há séculos, da função da mulher na sociedade. E, segundo, na costura dos argumentos de Lugones (2014), o imaginário colonizador e patriarcal pressupõe o uso irrestrito desses corpos. Ambas

as lógicas não decorrem, evidentemente, de quaisquer definições biológicas. Joicy Pantoja *et al.*⁴¹ (2019, p. 2), ao abordar essa temática, defendem que “o colonialismo se favoreceu da subjetivação dos corpos, em particular da depreciação da pele negra como instrumento de dominação dos indivíduos”. Isso confere às relações sociais da época um direcionamento pautado em um senso comum que foi, *a priori*, estabelecido sob a ótica de dominação dos homens brancos.

A origem da objetificação da mulher negra, segundo Pantoja *et al.* (2019), ocorre na segunda metade do século XVI, quando os escravizados africanos foram massivamente exportados para as Américas. As mulheres africanas, contudo, também foram submetidas à exploração sexual, além do trabalho forçado (PANTOJA *et al.*, 2019), conforme lê-se no trecho em destaque abaixo:

As mulheres negras, mesmo consideradas não-humanas pela sociedade colonial, exerciam infindas funcionalidades, eram trabalhadoras de lavouras, amas-de-leite, mucamas, prostitutas, quituteiras, etc. Viviam em senzalas, casa-grande e centros urbanos, carregando consigo “bastardos” vindos de abusos sexuais de seus senhores. (PANTOJA *et al.*, 2019, p. 5).

Embora, de fato, essas mulheres não tenham aceitado de forma passiva tal condição de sub-humanidade (PANTOJA *et al.*, 2019), a resistência, por si só, não foi suficiente para fornecer a elas quaisquer melhorias significativas na condição de cidadãs brasileiras após a abolição no ano de 1888. É dessa forma que, década após década, a objetificação do corpo da mulher negra permaneceu.

Ao revisitar as ideias de Grosfoguel (2016) sobre o privilégio epistêmico da branquitude, é interessante notar como a desumanização da mulher negra se intensifica com a permanência desse discurso hegemônico. Ora, não é de se espantar que fique impregnado no inconsciente coletivo – o que não deriva das razões psicobiológicas, mas do preconceito – que um corpo objetificado e cuja função é exclusivamente sexual seja, obviamente, incapaz de produzir conhecimento.

Não por acaso, Albert Memmi (2007) destaca que o privilégio da branquitude não se limita aos aspectos econômicos. Essa é uma das diversas heranças coloniais e pode ser observada, por exemplo, em práticas como o nepotismo (MEMMI, 2007), cujo benefício é direcionado precisamente a quem redige as leis.

A lógica imperial e colonizadora do nepotismo se baseia na perpetuação da tomada de decisões por parte de um mesmo grupo social, o que acarreta a permanente subjugação das classes dominadas. As tensões que surgem dessa estrutura, que privilegia uma parcela da população em detrimento de outra, são, portanto, inevitáveis:

41 Buscando trazer protagonismo, as demais autoras são: Luiza Silva Favacho, Marcela Martins Maia e Mayara Alves Azevedo

Este conflito permeia nossa mais profunda experiência histórica, pois não só está na raiz de nossos problemas de identidade, mas percorre toda nossa história, desde o início da constituição da América, como uma tensão contínua de subjetividade, onde o caráter do imaginário e das formas de conhecer e produzir conhecimento é sempre uma questão em aberto. E em alguns momentos, esta tensão pode se tornar extremamente intensa. No século XX foi assim, por exemplo, entre o final da Segunda Guerra Mundial e o final dos anos 60. E hoje, no limiar de outro milênio, estamos imersos em outro momento particular desse mesmo conflito prolongado, no cruzamento entre as tendências de reoriginalização e a continuação da dependência cultural. (QUIJANO, 1998, p. 227, tradução livre feita pela autora⁴²).

Enquanto Quijano (1998) refere que a intensificação das tensões entre as classes tende a graduar, Gonzalez (1988, p. 75) elabora que há uma passividade em relação às “formas político-ideológicas de luta e resistência negra no Novo Mundo” que decorre, especificamente, da soberania cultural, política e econômica que trasladou da Europa para os Estados Unidos da América após a Segunda Guerra Mundial.

É com base nesse fenômeno, portanto, que justifico o que defendi no início deste capítulo, ao assumir a solidificação das narrativas da branquitude através das culturas, dos saberes e da geografia. É indispensável sinalizar que, apesar da translocação geográfica a qual me referi no parágrafo anterior, o sistema de opressão da hierarquia racial se mantém intacto e dando fortes sinais de continuidade. Compreender esses sintomas na América do Norte com base em Gonzalez (1988) propicia, na sequência, a identificação de quais são os seus reflexos na América Latina e, em especial, no Brasil.

Retornando aos alinhavos com relação à sexualização das mulheres negras, Pantoja *et al.* (2019) ilustram os efeitos do processo de sexualização das mulheres brasileiras. As autoras levantam, entre os seus argumentos, a solidão da mulher negra e a dificuldade para a construção da sua identidade além do eixo da sexualidade (PANTOJA *et al.*, 2019), o que permite compreender em maior grau como se dá essa individualidade no âmbito familiar.

Com base nas aprendizagens adquiridas com as leituras de Quijano (2005), Ochy Curiel (2011) e Jules Falquet (2019) sobre os estudos decoloniais, posso arrematar dizendo que a sociedade moderna está fundada em dois grandes princípios: primeiro, que o não branco é selvagem; e, segundo, que tudo que não é masculino é cognitivamente inferior. Uma vez tendo explicitado algumas das minhas reflexões

42 Do original em espanhol: *Ese conflicto impregna nuestra más profunda experiencia histórica, porque no solamente subyace en la raíz de nuestros problemas de identidad, sino que atraviesa toda nuestra historia, desde el comienzo mismo de la constitución de América, como una tensión continua de la subjetividad, donde el carácter del imaginario y de los modos de conocer y de producir conocimiento es una cuestión siempre abierta. Y en algunos momentos esa tensión puede llegar a ser extremadamente intensa. En el siglo XX fue así, por ejemplo, entre el fin de la Segunda Guerra Mundial y fines de los 60s. Y hoy, en el umbral de otro milenio, estamos inmersos en otro momento particular de ese mismo prolongado conflicto, en la encrucijada entre las tendencias de reoriginalización y de continuación de la dependencia cultural.*

acerca dos privilégios da branquitude e de que maneira os impactos a longo prazo da colonização podem ser observados no Brasil contemporâneo, prossigo a costura para o próximo tópico que penso ter sido relevante para desembaraçar os fios que envolvem a centralidade desta pesquisa-costura.

aspectos históricos e teóricos dos estudos da branquitude

Nesse processo de desemaranhar fios e linhas, encontro a coletânea intitulada *500 Anos de Solidão: ensaios sobre as desigualdades raciais no Brasil*, organizada por Marcelo Paixão (2013), composta por alguns dos mais significativos textos realizados pelo referido autor entre os anos 2004 e 2012 sobre as desigualdades raciais no Brasil. Dentre tantos pontos relevantes abordados pelo autor nessa obra, ele faz um chamamento ao processo histórico que tinha por objetivo a extinção dos afrodescendentes, tendo por meta o branqueamento da sociedade brasileira, necessário para que o mito da europeização da nação se processasse e o grau de desenvolvimento econômico se efetivasse.

A partir de uma teoria social solidificada nos dados estatísticos que são apresentados ao longo do livro, Paixão (2013) problematiza a função da cordialidade, do silêncio e da invisibilização de conflitos latentes que há na manutenção da transformação de uma diferença em desigualdade. Entrelaçada com essas contribuições do autor, entendo que ele faz um chamamento para nos atentarmos, em relação às diferenças raciais e o quanto essas diferenças raciais se transformam em desigualdades sociais.

Ou seja, pessoas negras são colocadas em lugares de subalternidade, enquanto pessoas brancas mantêm seus privilégios reais e simbólicos, que é o que se trama com os ensinamentos das teorias críticas da branquitude trabalhadas principalmente por Alberto Guerreiro Ramos (1995), que tecerei com detalhes mais à frente no texto. Sendo assim, para a manutenção e perpetuação desses privilégios, a branquitude se articula para assegurar que a **pirâmide da hierarquia racial** vá se mantendo intacta com o costurar do tempo. Para explicar melhor, pontuo que a base desta pirâmide é composta por mulheres negras, logo acima homens negros, depois mulheres brancas e no topo da pirâmide da hierarquia racial estão os homens brancos, conforme Lilia Schwarcz (1993) e Schucman (2012).

Essa pirâmide da hierarquia racial é criticada por Paixão (2013), que a nomeia como sendo uma espécie de cristalização do “pensamento social”, ou seja, o autor pondera que as diferenciações entre as condições de vida e subsistência entre os brasileiros, oriundos de uma hierarquização racial da sociedade, são o “preço” a ser pago pela “pacífica estabilidade social”. Conforme diz o autor:

as assimetrias (são) o preço que se paga pela paz. Assim, no interior desse ponto de vista, são as disparidades raciais que garantem a qualidade dos modos de interação entre brancos e negros no Brasil. Essa é a chave do entendimento da Lenda da modernidade encantada. Ou melhor, esse é o segredo do racismo à brasileira. (PAIXÃO, 2013, p. 134).

Essa “chave” para a compreensão da “lenda da modernidade encantada” ou a “compreensão do racismo no Brasil” ofertada por Paixão (2013) se alinha à compreensão dos privilégios da branquitude. Assim sendo, se a estrutura social mantém pessoas negras na posição de subalternidade, na base da pirâmide, significa que mantém e legitima o lugar social da branquitude no topo da pirâmide da hierarquia racial.

As provocações trazidas pela envolvente narrativa do autor anteriormente citado instigam a conhecer, repensar e se emaranhar nas questões raciais no Brasil, bem como provocaram a indagação sobre se esses conflitos, essas invisibilizações, esse pacto de cordialidade, de silêncio e as hierarquias raciais se manifestam também no cotidiano de famílias inter-raciais.

Nesse contexto, a classificação racial e de gênero é compreendida como algo estruturador da sociedade, que desde o processo de invasão (expansão) europeia compreendemos como um processo centenário de colonização – tanto do imaginário quanto da realidade sociocultural brasileira. Sendo assim, o homem eurocentrado, branco, heterossexual e cristão se tornou um modelo de ideal. A naturalização desse “modo de ser único” se enraizou na estrutura da comunidade colonizada. Sendo assim, nós, povos colonizados, passamos a seguir e reproduzir esse modelo de projeto de nação imposto pelos/as colonizadores/as.

Dessa forma, conforme Denisse Omar (2020) os povos colonizados eram lidos como seres que deviam ser incorporados na cultura do colonizador, formando, assim, um projeto de nação “coerente” com os objetivos do sistema colonial, “visando, no entanto, a propagação das suas relações de exploração e de dominação” (OMAR 2020, p. 74). O autor demarca, ainda, como o processo de colonização era alicerçado no aspecto de negar a condição humana dos povos colonizados. Ou seja, esse processo de deslegitimação, de negação do outro, “elevou o branco, europeu, a condição de um verdadeiro homem, civilizado e detentor de sabedoria racional” (OMAR, 2020, p. 86).

Sendo assim, esse modelo de homem civilizado e detentor da racionalidade era legitimado pela lógica colonial. Já “variações” desse modelo, ou seja, o que não é homem, branco, heterossexual e cristão, se distanciava desse modelo preestabelecido pela lógica colonial, eram e ainda são considerados inferiores, sem validação social. Em contraponto a isso, quem se aproxima e performa esse modelo preestabelecido pela lógica colonial recebe reconhecimento e validação social.

Para dizer brevemente a respeito das categorias atualmente desenvolvidas e/ou repercutidas pelos movimentos sociais, podemos pensar em termos de aproximações e distanciamentos, principalmente em relação aos termos sobre privilégio e opressão, respectivamente. Uma vez que a figura do “homem modelo”, a do colonizador (aquele cara forte, viril, eurocêntrico), naturaliza um modo de ser além do corpo físico, mas dita o que seria um “modelo de humanidade”, remete a uma relação sobre humanidade, tanto sobre “ser ou não ser humano” como “o quanto” aquela pessoa é ou não humana. Ou seja, a branquitude estabelece modelo e réguas para “medições” sociais de entendimento sobre pessoas serem “mais ou menos humanas”. Diante essa aproximação e esse distanciamento desse ideal eurocentrado, do que ‘é humano”, as relações são hierarquicamente produzidas, ditando de modo opressor as dinâmicas preconceituosas, discriminatórias, genocidas, entre tantas outras que conhecemos. Principalmente àquelas direcionadas às comunidades mais fragilizadas e vulneráveis em termos de direito, que interseccionam, em seus corpos e modos de vida, dinâmicas vinculadas à raça, gênero e classe, como é o caso das comunidades LGBTQIAP+, quilombola, indígena etc.

A partir disso, precisamos dizer que esse processo de colonização não foi apenas territorial geográfico, mas colonizou também a nossa subjetividade, os nossos territórios-corpos. Fanon (2008) diz que o processo de colonização subjetiva as mentes dos povos colonizados, o que ocorreu como uma espécie de sedução do colonizado, de modo que as ideias coloniais, ao se introjetarem nos povos colonizados, passassem a ser reproduzidas por eles de modo naturalizado. Isso nos remete ao alerta de Fanon (2008), de que não haveria colonização se não houvesse cúmplices dentro desses povos oprimidos.

Como já mencionado⁴³, Fanon (2008) discorre ainda sobre o que nomeia de “colonização do imaginário”, que é um processo potencializado pelas mídias, livros didáticos, telenovelas, filmes, músicas, dentre outros, que ditam quais lugares devem ser ocupados por essas pessoas (não modelo), sejam elas negras, mulheres, LGBTQIAPN+. E que são esses “lugares”, uma vez ocupados por essas pessoas, que de fato são colocações-demarkações de inferioridade, de subalternidade. E até mesmo de variações-ramificações desses lugares, que vão complexizando cada vez mais o enraizamento cruel do pensamento colonizante, como é o caso da hipersexualização dos corpos pretos.

Tais lugares são naturalizados como “subalternos” pela colonização do imaginário, que reforça cotidianamente estereótipos equivocados e minorizados sobre as pessoas que não correspondem ao ideal da branquitude. Mesmo que hoje não sejamos mais colônia de ninguém, diante tais apontamentos, continuamos a reproduzir

43 Ver subcapítulo 1.2 - Explicando a Pesquisa.

esses modelos de preconceito e minorização de sujeitos. Maldonado-Torres (2018) nomeia isso de colonialidade do saber e do poder, ou seja, as ideias coloniais se internalizam nos nossos corpos, tanto nos corpos oprimidos quanto nos corpos das elites.

Para seguir pensando sobre, mesmo que de modo breve, iniciamos a análise das teorias críticas da branquitude na linearidade temporal por Du Bois (1903), que problematiza a questão dos brancos que invadiram os Estados Unidos, bem como as divisões da classe trabalhadora e o status adquirido por ela, as quais lhes atribuíam o poder de frequentar espaços compreendido como “lugar dos ricos”. Isso se deu mesmo eles sendo tão proletários quanto os negros, simplesmente pelo privilégio da raça – quando pessoas brancas são socialmente enaltecidas como superiores – indiferente do seu poder aquisitivo.

Depois, encontramos Fanon (2008) novamente, um dos primeiros autores a referir que o branco “pensa ser superior”. Essa superioridade que o autor se refere não necessariamente quer dizer que as pessoas brancas se sentem superiores aos não brancos, mas que os lugares que elas ocupam são racialmente demarcados como superiores. Sendo assim, pessoas brancas obtêm privilégios simbólicos mesmo que involuntariamente (SCHUCMAN, 2013). Fanon (2008) enfatiza o quanto o colonizado percebe o branco como ser humano enquanto essa pertença de humanidade parece inexistente no negro. Tentando simplificar, pode-se dizer que a opressão é tanta que acaba retirando a dimensão humana dos colonizados que vislumbram no branco a “norma/universal” de todos os aspectos, inclusive de humanidade.

A questão do embranquecimento, portanto, segundo esse autor, emerge como uma tentativa de “se tornar humano”. Fanon (1968, p. 47) constata que a postura socialmente exigida dos negros é a de ser “um bom preto, isso posto, o resto vem naturalmente”. Isso significa afirmar, conforme o psicanalista, que isso se trata de um processo de naturalização da cultura branca eurocêntrica (FANON, 1968), o que acarreta, conseqüentemente, no apagamento da identidade negra e de tudo aquilo que por ela perpassa. Esse processo acontece devido à “influência humana”, por se tratar de um fenômeno do qual não estamos isentos enquanto seres sociais:

A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa a influência humana. É pelo homem que a sociedade chega ao ser. O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício. (FANON, 2008, p. 28).

Seguimos a confecção da colcha, produzindo mais alguns alinhavos pelas teorias críticas da branquitude⁴⁴. Ramos (1995) chama atenção para a supervalorização que

⁴⁴ “*Critical whiteness studies*”, ou estudos críticos da branquitude, surgiram nos anos 1990, nos EUA, e hoje estão espalhados pelo mundo, especialmente: Brasil, Austrália e Inglaterra.

foi construída da origem europeia em detrimento da origem do negro e do indígena. Ele fala, ainda, sobre as patologias do branco no Brasil, que seriam: apagar a origem do negro e do indígena e, também, a compreensão do negro como um objeto a ser estudado e o branco como ser humano.

Bento (2002) alerta para os pactos narcísicos da branquitude e para a negação do problema racial. Kabengele Munanga (2019) também enfatiza que o racismo no Brasil tem uma peculiaridade, que é uma voz muito forte que grita dentro de cada brasileiro: *não somos racistas! Racistas são os outros!* E ele define essa voz como sendo uma inércia, causada pelo mito da democracia racial, que teve a propulsão de Gilberto Freyre (2001) com o livro *Casa Grande e Senzala* e que repercute até os dias de hoje. Assim, reforça uma ideia de “então, se não temos racismo no Brasil, se eu não sou racista, por que pensar sobre isso? Por que lutar contra isso?”, o que minimiza e/ou invisibiliza a estrutura racista na qual ainda cotidianamente construímos não apenas o “imaginário brasileiro”, mas a realidade e oportunidade diária de toda uma nação.

Dito isso, puxo o fio teórico de Schucman (2012, 2018) para pensarmos a branquitude. Se tramarmos a agulha pelas linhas das oportunidades, das conquistas de pessoas brancas, nos enredamos no modo como elas são concebidas. A maioria das pessoas entende essas “conquistas”, esses lugares de prestígio ocupados massivamente por pessoas brancas, como mérito⁴⁵, como fruto de luta.

Sendo assim, um nó se apresentou na tessitura: e as oportunidades, acessos e lugares conquistados por pessoas negras recebem esse mesmo olhar? Ou são entendidas como coitadismo⁴⁶? Esse lugar culturalmente construído de privilégio branco se apresenta nas relações familiares inter-raciais? Será que essa negação das questões raciais também se apresenta nas dinâmicas de famílias inter-raciais? Essa voz que Munanga (2019) adverte tem som no interior das famílias que fizeram parte deste estudo? Questões que não encontraram respostas, mas encontraram significados no movimento de composição de sentidos das narrativas que vocês acompanharão mais à frente.

É válido demarcar que o termo branquitude não é sinônimo de pessoas brancas. O conceito representa um lugar de privilégio e poder, ainda que por vezes simbólico, que pessoas brancas ocupam. Na busca por uma definição mais acurada sobre o conceito de branquitude, Bento (2002) apresenta elementos e características sobre a brancura, destacando o quanto ser branco performa um lugar de regra e poder.

45 Consultar nota 16.

46 Refere-se a alguém que se coloca sempre no papel de vítima.

Nessa perspectiva, o processo histórico de construção da ideologia do poder branco é alinhado ao plano colonial moderno do imperialismo europeu, ou seja, essa ideologia de poder branco vem se mantendo com o passar do tempo para continuar a manutenção do status dos brancos na sociedade (SCHUCMAN, 2013). Destaco que desde o início do século XX, estudiosos vêm tentando revelar e discutir a complexa relação entre as raças, problematizando como os privilégios atribuídos às pessoas brancas são naturalizados sob diferentes origens sociais e compartilhados culturalmente, como se observa nas obras de Du Bois, Fanon e Memmi.

Fanon (2008) tratou os modos como a opressão colonial e a repressão do racismo legaram às pessoas negras a não aceitação da sua autoimagem, o que ocasionaria na “conformação com a ideologia do branqueamento”. Entretanto, pesquisas com perspectivas críticas sobre branquitude apareceram por volta de 1990 nos Estados Unidos, como uma reviravolta epistemológica dos estudos envolvendo questões de raça e racismo.

Essa reviravolta epistemológica se verifica, principalmente, no que se refere à compreensão de pessoas brancas como grupo racializado, ou seja, a branquitude enquanto lugar de poder e privilégio passa a ser pesquisada e discutida, retirando a incumbência de somente pessoas negras serem tomadas como objeto de pesquisa. As pesquisas começaram um movimento de ampliação e de implementação de práticas multidisciplinares e passaram a contemplar aspectos históricos, culturais e sociológicos da branquitude. Os “padrões” europeus e a colonialidade continuavam (e continuam) operante, segundo Ramos (1995, p. 192):

Nessas condições, isso parece provar que ela insiste que é o problema dos negros brasileiros eles têm pele escura. A pele escura parece um obstáculo, uma anormalidade que precisa ser curada. Pode-se dizer que na cultura brasileira o branco é ideal, normativo, valioso e marcante.

A assertiva de Ramos (1995) continua vigente, nos retalhos-narrativos dos participantes-autores apresentados mais a diante é possível perceber o quanto o tom da pele influencia nas questões de racismo e opressão. No Brasil, o “ideal” permanece sendo branco, homem, cisgênero e heterossexual. Todas essas reflexões permitem considerar que as opressões do sistema patriarcal em que vivemos possuem diversas ramificações, servindo para apagar uma multiplicidade de existências.

Dito isso há, no arremate deste capítulo, três alinhavos a percorrer. O primeiro segue nas linhas emaranhadas entre o valor simbólico e material da branquitude e os seus reflexos na construção da identidade racial do não-branco⁴⁷. O segundo, por sua vez, tece comentários sobre a necessidade da adoção de um vocabulário racial.

47 Optou-se por utilizar o termo “não-branco”, pois no que diz respeito à hierarquia social brasileira, todos os grupos étnico-raciais que não carregam fenótipos de brancura sofrem, em maior ou menor grau, com o racismo estrutural.

Por fim, o terceiro transita entre o racismo enquanto um problema social – enquanto fenômeno uno – e em conjunto com os contornos da desigualdade de gênero, por exemplo.

Para Lourenço Cardoso (2014), a construção do não-branco perpassa por fenômenos, tais como a figura do branco colonizador, o embranquecimento da população colonizada e a humanização do branco na sociedade. Entre os modos de pensar, o autor apresenta a razão dual racial, bem como a sua relação com a branquitude, com a inviabilização do outro, com o mestiço e com o negro. A branquitude se pauta, principalmente, sobre a noção de superioridade, de modo que a negritude se torna indesejável nesse contexto (CARDOSO, 2014).

O **ser branco**, em uma sociedade racista, é atrelado à noção de hierarquia, o que acaba por dispensar maiores categorizações. Isso porque, de acordo com Cardoso (2014), a branquitude é uma espécie de parâmetro universal da normalidade, ou seja, um padrão a ser alcançado pelos outros grupos étnico-raciais. Dessa forma, pode-se averiguar “que o branco não possui raça e etnia. Em outras palavras, não pertence a grupos de ‘minorias’ como o negro e outros” (CARDOSO, 2014, p. 105).

É curioso notar que há uma transposição da figura do não-branco na construção do conhecimento: de sujeito para objeto de estudo. Tal como um fenômeno digno de profunda observação para ser compreendido, os efeitos destacados no trecho acima são resultantes da admissão do não-branco como aquele que é exótico.

Em paralelo, também é possível identificar algumas particularidades da construção da identidade branca nesse contexto racista. A mais relevante delas é, aliás, no uso da palavra racista. Para Cardoso (2014, p. 106), “o adjetivo racista na sociedade brasileira é atribuído somente ao branco, em regra. [...] Ser racista é um dos elementos constituintes da identidade branca”. É importante ressaltar que isso pouco se relaciona com a postura individual de cada branco, mas se trata de uma série de possibilidades autorizadas por uma estrutura racista das quais cada um desses indivíduos se beneficia.

Schucman (2014) aborda os gestos de pessoas brancas para a manutenção dos seus privilégios no cotidiano, relacionando-os com as formas de poder exercidas sobre os grupos étnico-raciais não-brancos. O ponto principal para essa discussão é pensar no princípio da circularidade do poder da branquitude:

[...] compreendendo-o como uma rede na qual os sujeitos brancos estão, consciente ou inconscientemente, exercendo-o em seu cotidiano por meio de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos e locais de desigualdades raciais. Pensar o poder da identidade racial branca dessa maneira também tem o intuito de retirar o olhar que aponta o racismo para cada sujeito em particular e recolocá-lo para o entendimento de estruturas de poder sociais com

particularidades de cada sociedade em questão. (SCHUCMAN, 2014, p. 135-136).

Se o poder não é algo que se possua, mas sim algo a ser exercido (SCHUCMAN, 2014), pontuar que os indivíduos brancos não identificam os seus comportamentos racistas no cotidiano (SCHUCMAN, 2014) é um sinal importante para compreender a execução do poder branco sobre as outras etnias na sociedade. Isso porque, embora esses sujeitos não consigam observar o racismo que está em seus relacionamentos pessoais e nas suas relações sociais, o fenômeno do racismo ainda prossegue.

Defendo que há uma bifurcação a partir deste ponto. De um lado está a exclusão promovida pelos indivíduos brancos e facilmente identificada a partir “das ações que mantém os brancos em melhores lugares que os não brancos” (SCHUCMAN, 2014, p. 138), como é o caso da preferência pela contratação de pessoas brancas em empresas, um sintoma que passa despercebido por esses sujeitos. Ainda assim, mesmo diante da identificação desse sintoma, pouco se faz a respeito (SCHUCMAN, 2014). Por outro lado, esse sistema existe e colabora para limitar o acesso dos não-brancos a esses mesmos locais. A postura de passividade do sujeito branco diante dos privilégios que recebe em decorrência da sua branquitude funciona como uma ferramenta da manutenção desse poder. Assim sendo, todo indivíduo que se encontra além da definição da branquitude, está fadado ao inaccessível a esses benefícios.

Ao versar acerca da supremacia racial, Sátira Pereira Machado, Rosane Rosa e Liliane Dutra Brignol (2019) elucidam que a construção das identidades brancas e das identidades negras se dão em sentidos opostos. Enquanto a identidade racial branca é cercada de uma série de vantagens relacionadas ao fenótipo da brancura, a identidade racial negra “levaria a complicadores para as mobilidades socioeconômicas e culturais” (MACHADO; ROSA; BRIGNOL, 2019, p. 54), o que acarreta a interiorização dessas limitações por parte do indivíduo negro.

Sob um outro ponto de vista, é válido também sinalizar que há uma série de símbolos na sociedade que reforçam a supremacia da branquitude. Em estudo realizado por Joel Zito Araújo (2006, p. 72), viu-se que, no âmbito dos signos culturais, há “a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual⁴⁸” em telenovelas, filmes e séries, conforme lê-se no trecho destacado a seguir:

A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que quanto mais nórdicos os traços físicos mais destacado ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. Os mesmos também receberão as melhores notas nos processos de escolha e premiação

48 Saliento que atualmente existe uma maior inserção de atores e atrizes negros/ as em telenovelas, filmes e séries brasileiras, inclusive com possibilidade de protagonismo.

dos mais bonitos do ano pelas revistas que fazem a crônica cotidiana do mundo das celebridades. E, no lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiura, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto, de acordo com o seu grau de mestiçagem. (ARAÚJO, 2006, p. 76-77).

A ideologia do branqueamento, diz Araújo (2006), tanto provoca a naturalização dessas cenas quanto a internalização desses locais enquanto *locais de negros*. Em última instância, provoca a não reatividade dos indivíduos negros na aceitação dessa representação. Identificar esse padrão racista nas produções audiovisuais é essencial para sinalizar que as expressões artísticas, sendo representações sociais, também são partícipes dessa estrutura. As teorias decoloniais proporcionam a minimização dessa lógica através da instauração do pensamento crítico:

O giro decolonial requer uma suspensão da lógica de reconhecimento e uma renúncia das instituições e práticas que mantêm a modernidade/colonialidade. A plataforma decolonial para muitos sujeitos críticos e criativos cooptados pela lógica do reconhecimento talvez termine aqui, e eles se tornam, em uma ocasião, ou mais que em uma ocasião, agentes da colonialidade. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 49).

A marginalização da população negra não se limita ao âmbito prático. É evidente que a exclusão parcial ou total desses indivíduos de determinados espaços sociais é um fenômeno que se enraizou nas instituições públicas e privadas, nos ambientes de convivência macrossocial e nas relações privadas. A naturalização dessa exclusão, contudo, não somente é carregada de estigmas como serve para perpetuar uma série de apagamentos simbólicos dessa parcela populacional.

Quando falo de apagamento, refiro-me aos processos de fracionamento daquilo que alicerça a identidade racial desses indivíduos. Ponho em destaque aspectos cruciais não somente para o desenvolvimento integral dos sujeitos, mas também para a sua efetiva participação social, que no decorrer desta pesquisa-costura compreendo que se relaciona de forma íntima com conceitos, tais como a dignidade humana e a cidadania. João Gabriel da Silva Ascenso (2014) investiga, sob a perspectiva da teoria crítica contemporânea, os aspectos políticos e epistemológicos da construção do conhecimento na América Latina.

O fenômeno da mestiçagem, de acordo com o autor, pode ser identificado especificamente em locais colonizados por europeus, sendo compreendido como uma ferramenta cuja função é deslegitimar os saberes, as culturas e todas as outras particularidades dos povos originários colonizados (ASCENSO, 2014).

É interessante notar como a categorização de grupos étnicos inteiros serviu – e serve – aos interesses da lógica imperialista. Por um lado, os processos colonizatórios foram também processos de miscigenação como forma de “limpeza” étnico-racial, o que sugere, de fato, o surgimento de novas etnias em determinado território e a relevância em identificar esses sujeitos. Por outro, conforme sinaliza Ascenso (2014), a categorização desses sujeitos é, em paralelo, uma estratégia de dominação.

É possível explicitar as reflexões acima a partir de uma fala de Chimamanda Ngozi Adichie (2014, p. 315), onde lê-se que “eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos”. A noção de raça é socialmente construída e, a partir do estabelecimento e da difusão dessa ideia, torna-se viável implementar outros discursos que decorrem precisamente dessa categorização. Fanon (2008) também traz uma fala nesse mesmo sentido:

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tenho ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes em minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero, um preto. (FANON, 2008, p. 108).

O que ocorre é que se enxergar como negro não é mera demarcação de cor da pele: acrescentam-se a isso todas as limitações derivadas de ser um corpo negro em uma sociedade dominada pela branquitude. Não é por acaso que o trecho de Fanon (2008) é carregado de um incômodo alicerçado na tomada de consciência de se descobrir exótico, de se compreender desigual e de internalizar a sua condição de deslocamento nos espaços sociais.

A linguagem enquanto ferramenta para a construção da identidade é defendida na literatura especializada, sendo pontuada como uma ponte entre o indivíduo – ou o grupo social – e a cultura de determinada sociedade, conforme Fabiana Moser e Danilo Damke (2012). Diante dessa consideração, entender que função a linguagem ocupa na existência de um indivíduo afro-brasileiro é, em paralelo, assimilar a sua relação com a sociedade que o cerca. Em outro sentido, os símbolos linguísticos da sociedade brasileira estão emoldurados pela estrutura racista onde eles foram desenvolvidos.

A reflexão acerca desse ponto pode ser encontrada em Renata Severo (2021, p. 6400), que sinaliza a indispensabilidade do letramento racial como forma de produzir “sujeitos críticos à naturalização da racialização”. A tomada de consciência de ser negro e, conseqüentemente, das suas implicações em uma sociedade racista, esse processo de estranhamento apresentado por Fanon (2008), se dá sob a perspectiva

do letramento racial, a partir da conscientização da sua condição de sujeito negro como forma de se apropriar dos seus próprios símbolos e criticar as premissas à branquitude que os coloca em uma existência marginalizada:

A Negritude, enquanto produtora de uma crítica ao regime de verdade racista, tensiona os processos de subjetivação. Se, por um lado, o regime de verdade proposto pela Negritude não nega a racialização, por outro, essa racialização se dá em novos termos. Assim, temos uma alteração no processo de subjetivação em relação ao regime de verdade racista, orientada pelos regimes de verdade que emergem da crítica: o regime de verdade da Negritude, que reinstaura a humanidade dos sujeitos negros; o regime de verdade proposto pelo olhar dos Estudos Críticos da Branquitude, que questiona a positividade e os privilégios atribuídos aos sujeitos brancos. Nesse contexto, o letramento racial surge como um conjunto de práticas que, ao questionar aquilo que o regime de verdade racista propõe, produz novos sujeitos. (SEVERO, 2021, p. 6408).

Schucman (2013) nos ajuda a pensar alternativas para que esse processo de aprendizagem/construção ocorra promovendo o letramento racial⁴⁹, ao passo que, para Severo (2021), como consequência do letramento racial há a produção de novos discursos. Isso, por sua vez, possibilita o enfrentamento dos códigos da branquitude que são, de maneira forçada, integrados à identidade da pessoa negra como maneira de limpeza de todo o contexto sócio-histórico que o produziu. Esse contexto, para a permanência da hierarquia social imposta pela branquitude, deve permanecer ignorado pela população negra.

Esse novo discurso, que não apenas critica o funcionamento da sociedade como propõe novos modelos sociais inclusivos, é carregado dos valores sociais, históricos, políticos e culturais desses sujeitos e, em paralelo, de um modo de pensar tanto a individualidade quanto o coletivo a partir da perspectiva racial.

[...] enquanto o sujeito racializado como não branco ocupa o lugar do *ele*, está fora da relação de intersubjetividade, está coisificado. Uma vez que esse sujeito ocupa o lugar do *eu* – não pela tomada natural de turno de que um tu poderias se valer, mas de assalto, exigindo o turno e constituindo-se como *eu* à força de resistência – aquele *eu* que não o estabelecia como *tu* é interpelado e precisa se reconfigurar. A cena enunciativa se abala, é alterada de forma que não pode mais retornar ao estado anterior. O regime de verdade racista é confrontado com outros regimes de verdade e a agonística que daí emerge produz novos sujeitos, em processo de letramento racial. (SEVERO, 2021, p. 6412).

A preocupação ao redor da importância do letramento racial pode ser melhor compreendida a partir da leitura de um estudo realizado por Edmar José da Rocha e Fúlvia Rosemberg (2007). A pesquisa realizada pelos autores identificou, ao analisar o vocabulário racial de crianças, adolescentes e adultos, que todo o contexto em que os entrevistados estão inseridos – desde a dinâmica racial até as variáveis,

49 De acordo com Schucman (2013), o letramento racial está relacionado com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas.

tais como o gênero – corroboram para a autodeclaração desses sujeitos quando questionados sobre cor/raça. As produções do estudo permitem refletir, brevemente, sobre como o processo de autodeclaração desses sujeitos está atrelado ao de não se reconhecer enquanto negro. No decorrer da pesquisa, fica explícito que o racismo que norteia o discurso racial no Brasil afasta esses sujeitos na busca por se associar a todos os efeitos que ser um corpo negro no Brasil causa a um indivíduo (ROCHA; ROSEMBERG, 2007).

Assim sendo, a inserção de um vocabulário racial possui potencial para, em última instância, melhor elucidar a realidade dos afro-brasileiros – esses que não estão sendo identificados pelos censos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, além, evidentemente, do seu quantitativo. É importante notar como a autoidentificação desses sujeitos é indispensável para a construção e a consolidação da própria identidade, por um lado, e os avanços da dignidade da sociedade brasileira, por outro.

Por fim, sinalizo, ainda, que o racismo também é contornado por outros problemas sociais, como é o caso do gênero:

A naturalização da guerra não ajuda a explicar somente o giro maniqueísta da separação ontológica e o caráter não dialético da colonialidade, como também certas dinâmicas de gênero e sexo. Guerra e gênero estão inextricavelmente ligados, e os padrões de sexo e gênero na modernidade/colonialidade têm uma conexão profunda com o modo como gênero e sexualidade aparecem em contextos de conflito [...]. Ao mesmo tempo, a naturalização da guerra envolve uma transformação de como sexo e gênero operam, não somente em contextos pacíficos, como também em guerras tradicionais. Há uma operação complexa referente a sexo e gênero na modernidade/colonialidade. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 39).

O **sexismo** e o **racismo** são fenômenos resultantes de uma mesma estrutura. Apesar disso, não podem ser integrados como formas semelhantes de marginalização social, posto que as naturezas da exclusão social – e do seu consequente reflexo nas relações sociais – divergem. Ina Kerner (2012, p. 46-47) defende que “as formas racistas e sexistas de poder são diferentes daquelas que operam vinculadas a relações de classe ou de produção”, o que elucida, de início, que cada forma de opressão pode ser compreendida a partir das suas causas, mas também de seus efeitos.

No que diz respeito ao contorno do gênero nas relações raciais, a relação entre esses fenômenos possui semelhanças e diferenças. As semelhanças, para Kerner (2012), se fundamentam sobre os mecanismos de funcionamento de ambos os fenômenos sociais, ao passo que as diferenças, para a autora, podem ser segmentadas em dois aspectos:

O primeiro diz respeito aos padrões de estratificação e de segregação que são produzidos em contextos de racismos e sexismos. O segundo aspecto se refere ao valor da reprodução [sexual] em discursos racistas e sexistas e em seus respectivos arranjos institucionais. (KERNER, 2012, p. 50-51).

A título de exemplificação, o gênero aparece como um fator dual entre a inclusão e a exclusão (KERNER, 2012), pois há, socialmente, uma série de discursos que corroboram para a incumbência do feminino em determinadas atribuições, como é o caso das funções domésticas. Em paralelo, esse grupo social possui limitações expressas na participação “nas arenas do trabalho e da política” (KERNER, 2012, p. 51). A raça, por sua vez, embora também se caracterize pela pressuposição da subordinação nessas mesmas arenas, possui um cunho de exclusão que se reflete “no nível do Estado e da nação” (KERNER, 2012, p. 51).

Trata-se, portanto, de fenômenos que partem dos mesmos pressupostos, a subordinação e a exclusão, mas se disseminam socialmente de formas diferentes. Ainda assim, a principal diferença pode ser encontrada na humanização do feminino na sociedade brasileira. Essa “diferença sub ontológica localiza os colonizados abaixo das categorias de gênero, uma vez que elas pertencem aos seres humanos” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 39), o que permite refletir sobre, em última instância, a exclusão social do não-branco decorrer do seu isolamento do conceito do que é ser um **ser social**.

Devo ressaltar, todavia, que o recorte de gênero, quando isolado do aspecto da raça/etnia, refere-se tão somente às mulheres brancas. Na interseção entre ambos os fenômenos, há “uma dimensão da experiência do ser colonizado em que estes são despojados de seu gênero e/ou de sua diferença sexual” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 39), o que coloca a mulher não-branca em uma condição dupla de subordinação e exclusão.





Figura 8 - El abrazo de amor de El Universo, la tierra, Frida Kahlo – 1949
Fonte: Benevides (2017).

diálogos entre experiências afetivo-familiares e amor

Aqui me propus a tecer sobre amor. A obra de arte aqui disposta foi escolhida por alguns motivos. O primeiro deles foi pela sua autora, Frida Kahlo, uma mulher que vivenciou relacionamentos amorosos intensos e que influenciaram fortemente sua produção artística. Então, eu não poderia deixar de trazer uma obra dela, pela experiência estética que me provoca, as mãos ali representadas me deslocam a pensar na inter-racialidade que é tema desta pesquisa-costura, além da profunda admiração e estudo que tenho de seu diário, biografias e de suas obras de arte de forma geral. O quadro escolhido para compor a artesanaria desta colcha-tese, conforme Luis Roberto Vera (2013), demonstra:

Sua relação frustrada com a maternidade, a dependência com Diego Rivera, e mostra sua identificação com a cultura e a cosmogonia do México antigo, particularmente na crença do dual no humano e o divino: dia/noite, frio/quente, masculino/feminino. A composição simbólica é protegida tanto por uma mãe terra arquetípica que rodeia em seu seio a ambos personagens protegido a sua vez pelo universo. O cão Senhor Xólotl é interpretado como um símbolo da morte dormida, da qual Frida está a salvo pela proteção das entidades descritas. (VERA, 2013, p. 7).

Segundo Vera (2013), Frida é considerada uma mulher à frente de seu tempo, pois a pintora retratou nos quadros suas dores e explorou temas como o casamento, a maternidade, a bissexualidade e o aborto.

Enfatizo, também, as referências políticas, culturais e revolucionárias de Frida, que muitas vezes são invisibilizadas com o objetivo de tornar a figura de Frida Kahlo apenas e somente um produto do capitalismo, que se submete a ser um simples objeto de consumo, desconsiderando-se toda a envergadura e complexidade de sua existência.

Para além disso, Frida traz o cotidiano para sua arte, empodera a dor, as mágoas e a frustração. Trago, então, para a agulha, o fio dessas temáticas que são muito atuais e que, de alguma forma, perpassam as relações afetivo-familiares que são o lócus deste estudo.

Seguindo meus alinhavos, por que mesmo escrever sobre amor? Com a realização dos encontros-experenciais narrativos⁵⁰ com os/as participantes-autores/as foi perceptível como apareceu a conceituação de amor como uma justificativa, como um argumento para a não existência de práticas racistas dentro do âmbito familiar, ou seja, existe o racismo externo às relações afetivo-familiares, mas internamente esse

⁵⁰ Nomeação criada pela autora com base em (CLANDININ; CONNELLY, 2015) foi utilizada para se referir às experiências vivenciadas entre pesquisadora-costureira e participantes-autores/as.

racismo “não se aplica” porque existe amor, e *se tem amor, não tem racismo*. Esse ponto apresentado se entrelaça com a “crença” de que o amor não pode coexistir onde tem racismo, logo, o amor seria como uma blindagem, como um dedal que protege o dedo da costureira-pesquisadora, ou, ainda, uma bolha que “protege” pessoas negras do racismo dentro do contexto familiar. O que pretendi discutir aqui parte da compreensão de que esse “amor”, apresentado como um ponto “mágico” que exclui toda a construção social à qual somos submetidos, faz parte da conceituação de **amor romântico** que será problematizada na sequência do tecer.

Schucman (2018) afirma que o amor é uma construção social, assim como o racismo. Tendo como base essa assertiva da autora, pretendi verificar com esta pesquisa-costura a seguinte questão: a conexão afetiva, mesmo tendo todas as suas particularidades, pode ser perpassada pelo racismo? Essa questão surgiu pela hipótese levantada pela autora e pôde se confirmar nos retalhos-narrativos produzidos com os/as participantes/autores/as, bem como na minha própria experiência enquanto membra de uma família inter-racial.

Este tópico foi pensado enquanto parte da revisão teórica por se propor a discutir a conceituação do amor para além do amor romântico, discutindo essa categoria de amor como instrumento de dominação ou emancipação e que necessita ser compreendido de forma crítica. Assim sendo, realizei reflexões sobre os desdobramentos de sentido do conceito de amor no decorrer do tempo histórico, bem como abordei o amor a partir da perspectiva da emancipação dos sujeitos.

conceituando o amor

O amor romântico, que como já foi dito muito interessa a esta pesquisa-costura, começa a ser discutido aqui pela abordagem do amor conjugal no ocidente. Mary Del Priore (2007) sinaliza ser fundamental segmentar o amor romântico e o casamento. A princípio, as movimentações da Igreja Católica para sacramentar casamentos data da primeira metade do século XV, no Concílio de Florença⁵¹, o que ocorreu após a abolição da poligamia no século XI.

A regulação do matrimônio se relacionava fundamentalmente aos interesses voltados para transmitir o patrimônio e o poder, por um lado, e solidificar a limitação do poder à determinadas linhagens, por outro (DEL PRIORE, 2007). Em toda a Idade

51 O Concílio de Basiléia-Ferrara-Florença ocorreu entre os anos de 1431 e 1439 e a sua principal pauta foi a reunião ortodoxa entre as Igrejas Grega e Latina. Originalmente feito na Basiléia, foi transferido para Ferrara e, mais a frente, para Florença, em decorrência da epidemia da peste. Embora o Concílio possuísse forte tendência antipapal, entre os seus acordos ficou estabelecido que o Papa seria “a cabeça de toda Igreja, Pai e Mestre de todos os cristãos [...]” (REIS, 1964, p. 323).

Média⁵², a condenação do amor profano decorria da sua contrariedade ao amor sagrado – uma das diversas formas de moralização impostas pelas prerrogativas eclesiásticas. Dessa forma, o amor dentro do matrimônio era visto como imoral:

Ao longo da Idade Média, enquanto os poetas cantavam amores impossíveis, os teólogos repetiam o aforismo de São Jerônimo: “Adúltero é também o marido muito ardente por sua mulher”. Mas por que maridos não podiam amar apaixonadamente suas esposas? Porque, para a antiga moral cristã inspirada no estoicismo, a sexualidade nos fora dada exclusivamente para procriar. Era perverter a obra divina servir-se dela por outras razões. Santo Agostinho, no século V, resumia o casamento à procriação e ao cuidado com os filhos. O prazer puro e simples era “concupiscência da carne”, esterilidade que submetia a razão aos sentidos. E pior: na sua opinião a força do desejo não viria de Deus, mas de Satanás. Conclusão: o casamento só era legítimo se colocado a serviço da prole, da família. É coisa muito recente a Igreja católica exaltar o amor conjugal. (DEL PRIORE, 2007, p. 123).

Os casamentos eram, na Idade Média, um contrato. Entre os procedimentos para a sua concretização havia a troca de posses e tantos outros benefícios patrimoniais entre as partes envolvidas⁵³. No campo das expressões artísticas, de acordo com José D’Assunção Barros (2011), os trovadores medievais desenvolveram o conceito de amor cortês na Baixa Idade Média, uma forma de amor que consta em idealizar a pessoa amada. Para os trovadores, o amor cortês era o amor verdadeiro (BARROS, 2011) e, nesse sentido, evidentemente oposto ao que ocorria nos matrimônios, uma vez que ele “deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece” (BARROS, 2011, p. 199).

Na Idade Moderna houve a implementação da noção do convívio afetivo entre os cônjuges, reforçado pela obrigatoriedade de alguns fatores no rito cerimonial, tal como a presença de um padre, testemunhas, a indissolubilidade do matrimônio e a inserção da aliança no ritual (DEL PRIORE, 2007). É importante acompanhar as mudanças sociais ocorridas na Idade Moderna, a saber: a primeira é que houve um “estímulo à oficialização dos casamentos e a perseguição aos celibatários” (DEL PRIORE, 2007, p. 126), além do fortalecimento do poder do marido em relação à esposa; e a segunda, as reformas eclesiásticas.

Ambos os fenômenos proporcionaram a intensificação da busca pela eliminação do amor-paixão, uma vez que “o marido não estava lá para fazer amor, mas para comandar” (DEL PRIORE, 2007, p. 127), o que estava cercado de toda manutenção

52 A Idade Média, também conhecida como Idade Medieval e Idade das Trevas, é historicamente dividida em dois períodos, sendo eles a Alta e a Baixa Idade Média. A primeira ocorreu entre os séculos V e X e a segunda entre os séculos X e XV. Os marcos inicial e final da Idade Média são, respectivamente, a deposição de Rômulo Augusto e a tomada de Constantinopla por Maomé II, conforme Antonio Roberto Xavier, Eduardo Ferreira Chagas e Edilberto Cavalcante Reis (2018).

53 Evidentemente, refiro-me aos homens envolvidos nessa transação.

da submissão da mulher nessa sociedade. Assim sendo, cabia ao amor cortês permanecer na literatura.

Os efeitos dessa forte repressão sentimental e sexual imposta pela Igreja Católica podem ser facilmente observados nos anos iniciais da Renascença, quando a sociedade ocidental se encontrou diante da retomada dos preceitos antigos. Sobre essas repercussões, segundo Del Priore (2007, p. 127):



Uma delas foi a de levar a sociedade ocidental, em princípio condenada a respeitar a decência e o pudor, à obsessão erótica ligada, muitas vezes, ao culto clandestino da pornografia. O início do Renascimento expôs, sem disfarces, as virtudes do sexo assim como o charme de seus preparativos. E o fez sem cerimônias. Os aspectos carnavais do amor se exprimiam com franqueza radical; os poetas que buscavam sem falso pudor as alegrias do leito ou do beijo e confessavam preferi-los às carantonhas de devoção pareciam, na sua sinceridade, escandalosos. Aproveitando-se da revalorização da Antiguidade, artistas variados tentavam unir a inconstância do apetite erótico com a filosofia de que era preciso viver o momento presente.

É bem verdade que as jovens mulheres prosseguiram sendo vendidas em meio aos acordos matrimoniais, distantes de qualquer possibilidade de serem consideradas indivíduos em vez de pertences. Um dos reflexos do progresso alcançado pelo Renascimento Italiano no que diz respeito ao erotismo foi, por certo, o aumento da repressão da Igreja Católica no aspecto sexual dos indivíduos. Del Priore (2007, p. 128) alega que “em toda a Europa, as autoridades religiosas tiveram sucesso em transformar o ato sexual, e qualquer atrativo feminino, em tentação diabólica”.

Até o século XVI, o casamento era visto como uma forma segura de evitar a fornicção⁵⁴, ou seja, nenhuma parte desse contrato considerava o prazer ou o afeto entre os participantes da união. O século seguinte, por sua vez, trouxe a ideia cartesiana do amor, quando se determinou que o afeto intramatrimonial seria algo muito semelhante ao conceito contemporâneo de amizade, alcançado através do abandono de si mesmo e a partir da união sob o amor divino.

Na segunda metade do século XVIII emergiu a noção de paixão pré-romântica defendida por Goethe, que “insistia em punir a sexualidade” (DEL PRIORE, 2007, p. 129), e foi reforçada por Rousseau. Após a Revolução Francesa houve, ainda, a “visibilidade ao culto romântico da paixão, ligando-o mais estreitamente à dor do que à felicidade” (DEL PRIORE, 2007, p. 131), enquanto o amor, em todo o século XIX, era associado à derrocada dos heróis românticos.

54 A fornicção é um pecado bíblico encontrado no Novo Testamento. Na Antiguidade tardia, termos como a luxúria e a fornicção foram implementados para moralizar a sociedade medieval. É interessante pontuar que, segundo Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006, p. 44), teólogos do período diziam que “a concepção das crianças não se faz sem pecado”, o que desautorizava qualquer indício de liberdade sexual, ainda que dentro do matrimônio.

Foram nesses pontos que a costura do amor se consolidou no ocidente até o final da Idade Moderna:

Diferentemente de hoje, quando não imaginamos o casamento sem amor-paixão, no passado, as duas coisas eram quase incompatíveis. Não que o amor estivesse “obrigatoriamente” ausente dos matrimônios, sobretudo, dos arranjos, e presente, fora deles; estava, sim, submetido a mil constrangimentos, incluindo os de ordem sexual [...]. (DEL PRIORE, 2007, p. 131).

O conceito de amor conjugal, em meados do início da Idade Contemporânea⁵⁵, foi vagarosamente transmutado de um amor-paixão – altamente erotizado – para, enfim, tornar-se o amor romântico. Tal amor romântico mesclava, pela primeira vez na história da humanidade, “amor e liberdade, como coisas desejáveis” (DEL PRIORE, 2007, p. 133).

Utilizo agora um forro teórico interessante, o estudo de Caroline Carpenedo e Sílvia Helena Koller (2004), que buscaram analisar as relações amorosas através da análise de cartas de amor em décadas diferentes. Foram participantes do estudo dois casais que trocavam cartas entre as décadas de 1940 e 1950, três entre os anos 1970 e 1980 e, por fim, três da década de 2000. No total, houve a análise de 40 cartas de amor.

É possível identificar, no decorrer do estudo, que as mulheres participantes do grupo focal da década de 1940-1950 tinham dificuldade em explicitar os seus sentimentos nas cartas de amor, sendo enquadradas em uma posição de submissão que pressupunha que toda escolha deveria ser do homem (CARPENEDO; KOLLER, 2004). Assim sendo, mesmo após o casamento, cabia ao homem a escolha referente aos “padrinhos, a casa onde iriam morar, os móveis que comprariam” (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 6).

Há uma mudança perceptível entre as mulheres desse primeiro grupo e as participantes do grupo da década de 1970-1980, quando se passou a questionar a estrutura patriarcal vigente. Ainda assim, “tratando-se de um início de namoro, ainda não cabia a elas tomar atitudes, mas manifestar suas vontades” (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 6), o que sugere uma importante evolução no comportamento dessas mulheres diante da condição de submissão que se esperava que elas aceitassem passivamente.

55 A Idade Contemporânea possui como marco inicial a Revolução Francesa, chegando aos dias atuais. Nesse período histórico estão presentes alguns eventos e fenômenos, tais como o Novo Imperialismo, o Nacionalismo, o Liberalismo, as Grandes Guerras Mundiais e os processos migratórios, de acordo com Geraldo Acerves Conde (2016).

Um ponto em comum entre ambos os grupos focais é a presença da religiosidade presente nas cartas de amor analisadas. Embora no período de 1970-1980 a importância de Deus e dos pressupostos da Igreja Católica⁵⁶ ainda estivessem presentes na sociedade e nas relações amorosas e sociais, esses valores “perdem poder e não mais influenciam tanto na sexualidade e na continuidade do casamento” (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 6). O quesito religiosidade sequer aparece nas cartas da década de 2000 (CARPENEDO; KOLLER, 2004).

No que diz respeito aos sentimentos e aos pensamentos, percebe-se:

Desde a década de 70, as cartas passaram a trazer mais sentimentos e pensamentos por parte daqueles que as escreviam. Nos dias atuais, nota-se que os jovens se expressam com mais liberdade e menos preconceitos. Não parece haver quaisquer tabus que impeçam a exposição daquilo que querem declarar. A intimidade parece estabelecer-se muito mais rapidamente hoje entre os jovens. Estes consideram o amor, a capacidade de viver relações calcadas à base de companheirismo, cumplicidade e respeito importante num relacionamento afetivo. (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 8).

No decorrer deste tópico do texto apresentei uma estrutura que, até os anos iniciais da Idade Contemporânea, favorecia a marginalização do amor diante de conceitos que o colocam em uma posição de contrariedade às regras matrimoniais. O que percebo com o estudo de Carpenedo e Koller (2004) é que as mudanças sociais, isto é, as conquistas da sociedade para alcançar um mundo mais digno e igualitário, influenciaram não somente a forma como as relações sociais se desenvolvem, mas também impactaram o amor romântico.

As mudanças na linguagem, atitudes, formas de sedução e até mesmo nos modos de expressar a saudade são um destaque do estudo. Além disso, o fenômeno da busca pelo prazer também aparece no estudo como um fator influente nas decisões românticas dos indivíduos:

Nos dias atuais, a exigência pela busca do prazer passou a ser muito maior. Um dos membros do casal começa a reivindicar a companhia do outro e momentos de lazer mais frequentes [sic] e intensos. Alguns casais contemporâneos sofrem com dilemas da atualidade: falta tempo para relação a dois, uma vez que compromissos com trabalho, família, amigos, entre outros também demandam atenção. (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 8).

Até esse momento, o amor romântico foi apresentado sob uma perspectiva conservadora, confesso. Dissertar-tecer acerca desse sentimento nesta introdução foi necessário para compreender o amor romântico de maneira ampla.

56 É importante sinalizar que esse período histórico antecede a explosão neopentecostal no Brasil.

Contudo, foi possível observar que esse amor foi impactado pela transformação social e, nesse sentido, é cabível refletir de que maneira a estrutura impacta as relações amorosas.

bell hooks, uma mulher negra, feminista e ativista, atribui ao capitalismo a autoria das relações fluidas – como ocorre com as relações de bens e consumo. Conforme hooks (2020), o amor é uma potência com capacidade transformadora, contemplando aspectos sociais/coletivos e também privados/familiares. Por isso, a necessidade de deslocar a compreensão desse amor romântico, fantasioso, para um amor concreto que busca o desenvolvimento pessoal e também do próximo.

Pensando nisso, no próximo tópico envieso no alinhavo de algumas ponderações sobre o amor como instrumento de dominação ou emancipação nas relações amorosas inter-raciais.

para além do amor romântico • entre a dominação e a emancipação

hooks (2020) apresenta o amor como construção social, posto que tem uma apresentação que se atualiza no decorrer dos tempos. Para Axel Honneth, o amor é parte da tríade que permite o reconhecimento de si mesmo a fim de alcançar a confiança, o respeito e a autoestima, conforme apontado por Letícia Spinelli (2016). A identidade individual, para Honneth, é o resultado da integração entre o amor, o direito e a estima social dos sujeitos (SPINELLI, 2016), sendo: o primeiro, uma esfera que abrange o emocional e o corporal dos indivíduos; o segundo, uma referência à reciprocidade; e o terceiro está historicamente ligado à honra.

Sobre o amor, especificamente, diz Honneth que ele é o que oferece sustentação para o bom desenvolvimento das outras duas esferas. Acrescenta-se a isso que:

O amor, enquanto etapa do reconhecimento, não se restringe à percepção cognitiva do outro como ser independente, mas se refere, fundamentalmente, à dialética “ligação e liberação” na qual vem expressa, por um lado, os fortes laços afetivos e, por outro, a permissão do amadurecimento enquanto pessoa singular do parceiro de interação. (SPINELLI, 2016, p. 88).

A pesquisa de Camila Sailer Rafanhim, Camila Ribeiro de Almeida Rezende e Luciana de Oliveira Inhan (2019) se dá sob a perspectiva da sociologia das emoções, considerando a representação social dos sentimentos e os seus impactos em outros aspectos da vida em sociedade, como é o caso do trabalho, da política e do casamento.

Diante dos diferentes processos de socialização aos quais homens e mulheres são submetidos⁵⁷, Rafanhim, Rezende e Inhan (2019) correlacionam a reorganização

57 O que, por sua vez, acarreta a formação identitária onde os indivíduos performam os gêneros.

do capitalismo no século XX – o capitalismo tardio – com as relações amorosas ou, ao menos, com a definição do amor romântico nesses novos tempos.

É importante sinalizar, enquanto teço esta colcha, que há vários retalhos que compõem a sociedade contemporânea. Ao versar acerca do capitalismo tardio, é inviável ignorar os seus reflexos na sociedade civilizada: o surgimento de mazelas sociais decorrentes da concentração da riqueza, de um lado, e as novas formas de consumo, por outro. É nesse contexto que o amor romântico do século XX se estabeleceu. É nessa sequência dos alinhavos, com as mazelas sociais e o reajuste dos “modelos de família” até então conhecidos, que o amor romântico se encontrou sob uma dualidade.

A cultura de uma sociedade possui potencial para influenciar as emoções dos indivíduos, sendo “também um meio de reprodução da desigualdade na qual se funda esse capitalismo” (RAFANHIM; REZENDE; INHAN, 2019), e, nesse sentido, as manifestações culturais⁵⁸ ditam comportamentos e formas de se relacionar. Se em todo o período abordado nos pontos anteriores demonstrei a marginalização do amor-paixão – que apareceu nas idades Média, Moderna e início da Contemporânea como um fator transgressor, isso é, quando passou a existir –, fica explícito, de acordo com os pressupostos teóricos defendidos por Rafanhim, Rezende e Inhan (2019), que a partir do estabelecimento do capitalismo tardio o amor romântico se tornou um produto:

Essa construção da utopia do amor romântico, em tal contexto, se deu por meio da massificação da produção e do consumo. Tal fato ampliou o poder de compra das classes mais baixas e especializou o da classe mais alta (procurando especialmente artigos de luxo), além de aproximar as mulheres da universidade e do mercado de trabalho, formando um contexto favorável a esse desenvolvimento. (RAFANHIM; REZENDE; INHAN, 2019, p. 66).

Para compreender melhor de que maneira a indústria cultural influenciou na expectativa do amor romântico no século XX, basta lembrar de *Casablanca*, filme indicado a oito categorias no Oscar de 1944, que contava com uma complexa história de amor sob o pano do conflito da Segunda Guerra Mundial. O amor romântico, no século XX, tornou-se algo a ser consumido pela sociedade. Os seus efeitos mercadológicos, alegam Rafanhim, Rezende e Inhan (2019), podem ser identificados, a título de exemplificação, com personagens masculinos na história do cinema que, embora sem quaisquer condições financeiras, passam meses fazendo uma reserva financeira destinada a comprar alianças para realizar pedidos de casamento às mulheres amadas.

Essas “provas de amor” que o cinema criou e disseminou, e que estão atreladas

⁵⁸ Refiro-me aqui, principalmente, às manifestações culturais propostas pela indústria cultural e às manifestações das culturas populares.

ao mercado, provocaram “uma transformação no ideário de amor, saindo de uma noção introspectiva e voltada ao autoconhecimento, para outra extrovertida e hedonista, que direciona para o consumo” (RAFANHIM; REZENDE; INHAN, 2019, p. 68).

Os novos arranjos familiares iniciados a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, contudo, não resultaram necessariamente em uma revolução nos modos de viver. Um sólido exemplo é que recentemente, na arena política brasileira, a então Segunda-dama do Brasil, Marcela Temer, foi apresentada como um modelo de mulher a ser seguido em uma reportagem da Revista Veja. A reportagem estampava as qualidades de Marcela, cujas funções no casamento se limitam aos “afazeres e cuidados com a casa” (RAFANHIM; REZENDE; INHAN, 2019). Enfatizo, no entanto, que os afazeres de mulheres pertencentes a uma classe burguesa são bem diferentes dos papéis de esposas das classes populares.

A reportagem se torna ainda mais interessante quando lembro que foi divulgada pela Revista Veja em abril de 2016, mês em que foi formada a comissão de *impeachment* no Senado Federal. Pressupunha-se que Marcela, submissa a um homem através do casamento, era “um exemplo de mulher na sociedade”, ao passo que Dilma Rousseff, a maior autoridade no país, era representada nessas mesmas mídias como uma figura incapaz e talvez descontrolada. Em estudo realizado por André Felipe Amorim *et al.*⁵⁹(2017, p. 6), defende-se que a deslegitimação da imagem pública de Rousseff no período foi “o patriarcado cristalizado na mídia nacional”.

Acerca da reportagem da Revista Veja, alega-se:

Apesar de se pretender que isso seja algum protagonismo feminino, o certo é que a mulher tem o direito de receber a obediência do marido dentro de casa por ser ela a responsável por essa esfera, segundo esse imaginário. E faria parte da demonstração de amor e da estratégia para ter um casamento bem-sucedido que a esposa cumpra com essas obrigações, que vão muito além da simples tarefa doméstica, mas atingem a administração familiar, doméstica, de emoções. (RAFANHIM; REZENDE; INHAN, 2019, p. 72).

Assim sendo, mesmo que exista uma evolução na participação da mulher nos espaços sociais com o passar do tempo, é inevitável observar que os mecanismos da indústria cultural agem em prol da limitação desse alcance. O amor romântico é, nesses alinhavos, uma ferramenta utilizada para consolidar esse “*ideal*” de mulher que, por amor, abre mão da própria individualidade e faz com que as principais características da sua personalidade se concretizem ao redor de uma figura masculina. Trata-se, de forma muito resumida, de uma estratégia de dominação.

hooks (2020) considera que o patriarcado é um problema para todos/as e gera violência, controle e opressão. Pensar o amor desprendido do patriarcado, fora

⁵⁹ Para trazer visibilidade a todos/as autores/as: Angelo Carvalho, Mayane Cristina Santos e Dalila Carla dos Santos.

do racismo e do sexismo, é uma forma de libertação. Esse argumento possibilita os últimos pontos deste desenvolvimento: o amor inter-racial.

O amor como experiência de entrega, de parceria, só pode ser concebido deslocado do racismo – posto que o amor pressupõe a ausência de opressão. Rhuann Lima Fernandes Porto (2022) elenca como objeto de estudo a negritude e as relações não-monogâmicas, pautando, a princípio, a colonialidade das emoções.

A primeira característica da colonialidade das emoções é a desumanização e a coisificação do corpo negro, um dos vários efeitos prolongados da escravização na formação identitária das pessoas negras, corpo esse que “é desmerecedor de qualquer benevolência ou compaixão, [e] torna-se, segundo tal lógica, indigno de afeto” (PORTO, 2022, p. 104). No capítulo anterior, teci alguns comentários a respeito da redução do corpo não-branco a uma condição animalesca de submissão. É importante, nesse momento, dar continuidade a essa lógica que se aplica, também, às relações amorosas.

A contenção dos sentimentos é esperada de negros – esses sujeitos animalizados – e, dessa forma, demonstrar o que sente é uma forma de vulnerabilidade:

Por isso, como forma de sobrevivência, abriam mão de toda e qualquer forma de afeto. O enredo de que os negros não foram feitos para afetos, que não amam e são puramente sexuais, foi desenvolvido nesse regime como parte integrante de sua desumanização e animalização. A internalização e a naturalização de sua força sobre-humana foi uma maneira identificada pelos negros para subsistir às fantasias violentas de um contexto repleto de desgraças. (PORTO, 2022, p. 105).

Após o período de escravização, portanto, as consequências desse “endurecimento” sentimental permanecem mesmo nos tempos contemporâneos. Se “dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam notadamente na base da pirâmide econômica” (HOOKS, 2017, p. 69), relembro que os negros e, em especial, as mulheres negras, passaram por um processo de sexualização dos seus corpos que, inclusive, é representada tanto na mídia quanto na literatura. Dênis Moura de Quadros (2018) explora essa temática, trazendo a literatura contemporânea de poetisas como Mel Duarte⁶⁰ e seus poemas de resistência, uma forma de reação à condição de marginalização e sexualização, onde mulheres podem e devem combater os estereótipos de subalternização. Compartilho na sequência um retalho poético de autoria de Mel Duarte:

Eles precisam saber, que a mulher negra quer
Casa pra morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.

60 Escritora, poeta, compositora e produtora cultural, nascida em São Paulo. Para saber mais: <https://melduarte poesia.com.br/>

Que a mulher negra é
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
tem suas convicções,
Suas imperfeições
Como qualquer outra mulher.



Gosto especialmente desse poema porque ele tira a mulher negra desse lugar socialmente construído de subalternidade ou de “guerreira”, fortuna, heroína, que não “sente” as coisas, as mazelas do cotidiano. Ambos os lugares que citei anteriormente retiram a sua humanidade. Um pouco de poesia-denúncia traz decolonidade à esta colcha-pesquisa.

Retomando o ponto, no que diz respeito ao “endurecimento” sentimental, a fala de hooks (2017) possibilita compreender que houve figuras históricas na luta contra o racismo que defenderam o amor como uma ferramenta de combate ao sistema. Contudo, vertentes, como o movimento *black power*⁶¹, defendiam o oposto, em uma lógica reativa aos séculos de marginalização:

Durante meus primeiros anos na faculdade, a mensagem de amor de Martin Luther King como o caminho de acabar com o racismo e curar as feridas da dominação racial tinham começado a ser substituídas por um movimento *black power* que enfatizava resistência militante. Enquanto King havia pedido por não-violência e compaixão, este novo movimento nos pedia para endurecer nossos corações, para entrarmos em guerra contra nossos inimigos. Amar nossos inimigos, os líderes militantes nos disseram, nos fazia fracos e fáceis de subjugar, e muitos viraram as costas para a mensagem de King. (HOOKS, 2017, n.p.).

Clarck Hammer Soares Garcia (2019), por sua vez, aborda o fenômeno da sexualização dos corpos negros na indústria pornográfica. O estudo analisa um site pornô destinado ao público de homens homossexuais, identificando que a noção de ser negro nesse espaço relaciona-se exclusivamente com a *potência sexual* proporcionada pelo falo (GARCIA, 2019). Não basta que o homem negro na indústria pornográfica realize o que se espera de um ator pornô, mas faz-se necessário também que ele performe um papel de masculinidade forte que traz como principal característica a agressividade na prática anal ativa (GARCIA, 2019).

A segunda característica da colonialidade das emoções, por sua vez, se trata da ideologia do branqueamento que é, para Porto (2022, p. 105), “um dispositivo da colonialidade do poder que faz o negro não olhar para os pares, pois se trata de um olhar indireto para si mesmo, um ser inferior que precisa ser superado”. Trata-

61 Intensas e grandes mobilizações da população negra americana pela igualdade de direitos civis na década de 1960.

se, então, de uma maneira de negar a si mesmo e todos os malefícios decorrentes de ser negro em uma sociedade racista. A dificuldade para amar um outro negro se fundamenta sobre a impossibilidade da autoaceitação. Para Porto (2022, p. 105), “a dignidade do negro, então, se realiza no branco. Ou melhor, quando o branco o escolhe afetivamente”.

Todos esses apontamentos consideram, evidentemente, o que Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (2022) defendem ao analisar o lugar do negro na sociedade sob a perspectiva da cultura da pobreza. Segundo os autores, o “confinamento de organização social e familiar constituem a explicação das minorias raciais na base da hierarquia social” (GONZALES; HASENBALG, 2022, p. 105), um fenômeno social que reflete nos relacionamentos inter-raciais.

Uma família multirracial, diz Silvana Rufino (2002), possui desafios para a sua constituição, utilizando como fundo da discussão a adoção inter-racial. De acordo com a autora, o âmbito familiar não está isento das manifestações racistas, de modo que o preconceito racial aparece de diversas formas na sociedade brasileira e, consequentemente, nas famílias.

No que diz respeito às adoções inter-raciais, além das questões burocráticas envolvidas no processo, há também os problemas decorrentes das questões culturais, uma vez que os adotantes apresentam resistência a adotar crianças fora do padrão de preferência (RUFINO, 2002). É possível identificar dois problemas sobre o segundo ponto. O primeiro deles é a existência de uma movimentação originada nos Estados Unidos da América para evitar a adoção de crianças negras; e o segundo é o fato de que, quando a adoção inter-racial se concretiza, “a maioria das crianças, adotadas num sistema inter-racial, tiveram de fato pouco contato com seu próprio grupo racial” (RUFINO, 2002, p. 82).

Fica visível o apagamento da identidade da criança negra adotada. À título de exemplificação, em um estudo que comparou 30 crianças negras que foram adotadas por responsáveis negros e brancos:

Elas apresentaram diferenças em suas próprias percepções raciais: enquanto todas as crianças adotadas por famílias afrodescendentes descreviam-se como negras, o mesmo acontecia a apenas um terço das adotadas por famílias de outra cor. (RUFINO, 2002, p. 82).

Sobre as uniões inter-raciais no Brasil, há dois apontamentos pertinentes: de um lado, há evidências científicas que sinalizam que elas são mais frequentes entre homens negros e mulheres brancas; e, de outro, a questão da classe social interfere em como essas relações são moldadas, conforme Moema Poli (2006). Ambos os apontamentos podem ser compreendidos a partir do fenômeno social da mobilidade

social⁶² do homem negro que, segundo José Antônio Vianna (2014), acarreta novas formas de vivenciar a experiência social. Em última instância, pontuo que o reflexo desse deslocamento para uma classe social superior carrega muito dos mesmos preceitos que abordei ao dissertar acerca da adoção inter-racial, com a diferença de que o homem negro passa pelo processo de embranquecimento de forma ativa.

Vianna (2014), que utiliza os jogadores de futebol como exemplo de mobilidade social, possibilita compreender melhor o que o Poli (2006) defende sobre os dois apontamentos do parágrafo anterior. É majoritário, na cultura midiática, ver jogadores que ostentam mulheres com o fenótipo da brancura, o que pode ser relacionado com a fala da impossibilidade da autoaceitação defendida por Porto (2022). Assim sendo:

[...] está presente nos discursos dos homens negros a atração exercida pela mulher branca, e nesse sentido surgem acusações de que, por um lado, seu relacionamento é de interesse na busca por ascensão social e, por outro lado, que foi cooptado pelo branco, o que é um fator de desagregação da identidade negra na luta contra a discriminação racial. (POLI, 2006, p. 1055).

Em paralelo, quando o casal inter-racial é formado por um homem branco e uma mulher negra, essa relação “é construída fora do casamento formal e constitutiva da nação brasileira, e reforça uma estrutura de dominação de gênero e ‘raça’” (POLI, 2006, p. 1053). Fica evidente, porém, que em ambos os casos, tanto a mulher negra quanto o homem negro não fogem dos estereótipos de erotismo (POLI, 2006).

Em estudo realizado por Jordana Freitas de Sousa (2008), observou-se que em famílias inter-raciais na cidade de Fortaleza não há preocupação com a inserção das discussões sobre a raça no processo de socialização dos filhos biológicos, o que vai de acordo com o padrão comportamental de pais de filhos adotivos pontuado por Rufino (2002). Um outro fenômeno que aparece entre os entrevistados é que há a prevalência de maridos brancos que não se referem às esposas como negras no decorrer do estudo, mesmo quando essas mulheres se reconhecem como negras (SOUSA, 2008).

Viu-se, também, que a aceitação do homem negro por parte da família das esposas brancas aumenta nos casos em que ele apresenta “uma condição financeira melhor que a dela” (SOUSA, 2008, p. 65). Ainda no que diz respeito aos parentes dos indivíduos brancos entrevistados, há um choque familiar causado ao assumir um relacionamento inter-racial – o que os entrevistados tratam com naturalidade, uma vez que “consideram que *isso é normal* e que *com o tempo se revolve*” (SOUSA, 2008, p. 66, grifo do autor).

62 A mobilidade social, diz o autor, “é a movimentação ascendente e descendente na escala social, de grupos ou indivíduos” (VIANNA, 2014, p. 19).

Como reflexo principal, Sousa (2008) alega que há o efeito negativo na autoestima dos parceiros negros, concluindo que, embora o racismo nessas relações não seja explícito, o mero fato de permitir práticas de exclusão e preconceito velado na rotina é o suficiente para identificar a naturalização dos pensamentos racistas no âmbito familiar.

É necessário pontuar, após todos os argumentos apresentados no decorrer deste capítulo, que a naturalização dos pensamentos e das ações racistas no ambiente familiar deve ser problematizada. A mera existência do amor não é, por si só, um fator excludente da estrutura racista na qual os indivíduos foram socializados. Isso significa dizer que, mesmo no seio familiar, faz-se indispensável trazer os debates étnico-raciais para: 1) identificar de que maneira o racismo se entrelaça e se apresenta nesses locais; e 2) impulsionar o amor como uma forma de libertação dessa forma de opressão.

Após tecer mais uma parte da minha tese-colcha, continuo o movimento de pesquisar-costurar, direcionando o próximo capítulo à apresentação do percurso metodológico da pesquisa-costura.





Figura 9 - Esfera refletora - Maurits Cornelis Escher 1935.

Fonte: <https://www.arteeblog.com/2016/06/analise-de-hand-with-reflecting-sphere.html>

arranjos metodológicos desta pesquisa-costura

Mais uma obra de Escher foi trazida para compor a artesanaria desta peça. A imagem retrata uma mão segurando uma esfera reflexiva. No espelhamento, a maior parte do espaço em torno do modelo, o próprio Escher, pode ser visto. Autorretratos em superfícies reflexivas e esféricas são comuns nas obras do autor (ARTE E BLOG, 2016).

A escolha por essa imagem é pespontada pelo objetivo de nos provocar a pensar narrativamente, de provocar a contemplação, o olhar para si, para o todo e para as partes que compõe a pesquisa-costura. Ao olhar para a esfera enquanto pesquisadora-costureira narrativa, “me enxergo”, percebo o lugar de onde venho, minhas histórias e meu lugar no “entremeio” da pesquisa-costura. Visualizo, também, o contexto à minha volta, “os lugares” de onde vieram as histórias dos/as participantes-autores/as, os encontros-experienciais narrativos, o (re)contar dessas histórias.

Tudo se mistura, se espelha, reflete como a esfera de Escher. Dando prosseguimento às manualidades, continuo este item narrando como idealizei a composição desta pesquisa-costura. Quando uma costureira decide confeccionar uma peça, antes de sair em busca dos materiais para a efetivação da costura, precisa pensar e elaborar um esquema sobre como pretende que a artesanaria da peça se componha.

Então, o esquema desta pesquisa-costura surgiu enquanto uma oportunidade de construção de escrita narrativa, sem “padrões”, confeccionada com forro teórico, arte, poesia e histórias de vida, muitas potências para se manusear. E é nesse enredo de potências que o método da pesquisa narrativa se enlaça nesta pesquisa-costura. Ele (método narrativo) que se trata de um método inovador e subversivo, que incentiva e possibilita uma escrita acadêmica libertária e criativa, quando o/a pesquisador/a aparece como parte realmente integrante do processo de pesquisa. Isso pode ser observado pelo movimento de escrita apresentado no item dois desta tese-colcha, onde a proposta da investigação de doutoramento e o eu-pesquisadora-costureira foram descritos de modo a contextualizar, logo de início, os tons de escrita que foram utilizados, demarcando, portanto, o espaço metodológico tridimensional desta pesquisa narrativa.

Diante disso, realizei algumas buscas e leituras das obras cujo as autorias discutiam conceitos referentes à temática e metodologia adotadas, durante o aprofundamento do escopo da pesquisa, e destaco alguns nomes importantes para o

pensamento de pesquisa. Um desses nomes é Maria Cecília Minayo (2012, p. 26), que reconhece a importância dessa etapa de pesquisa (revisão bibliográfica) ao escrever que “o apoio de revisões bibliográficas sobre os estudos já feitos ajuda a mapear as perguntas já elaboradas naquela área de conhecimento, permitindo identificar o que mais se tem enfatizado e o que tem sido pouco trabalhado”, fazendo, assim, uma revisitação da práxis metodológica adotada.

Atualmente, diversos autores adotam a perspectiva narrativa como metodologia de pesquisa, contudo, cito aqueles que de algum modo contribuíram expressamente para este trabalho: Clandinin e Connelly (2011, 2015), Clandinin, Steeves e Caine (2013), Tiago Ribeiro (2016, 2020), Michelle Protásio (2023), Maria da Conceição Passeggi, Gilcilene Nascimento e Roberta de Oliveira (2016) e Elizeu Clementino de Souza (2008).

Maria Helena Menna Abrahão (2012), Maria Passeggi, Gilcilene Nascimento e Roberta de Oliveira (2016) e Souza (2008) enfatizam como os sujeitos são capazes de narrar e refletir sobre suas próprias experiências e de contribuir para os avanços teóricos e metodológicos da pesquisa qualitativa em educação. Essa assertiva se alinha com o objetivo aqui proposto: ouvir as narrativas, histórias e conflitos que perpassam as vivências de pessoas que compõem famílias inter-raciais e suas perspectivas com relação à colonialidade que orientam e/ou incidem em sua estrutura, em suas dinâmicas afetivo-familiares.

Na concepção que trabalham Clandinin e Connelly (2015), o conceito da tridimensionalidade recebe forte influência de Dewey (1938), no que se refere à conceituação de experiência, que para esse autor tem relação direta com as noções de situação, continuidade e interação. Alicerçados nesses conceitos, para o desenvolvimento de suas pesquisas, Clandinin e Connelly (2011) mantiveram o foco nas questões de como os indivíduos ensinam, aprendem e se relacionam, compreendendo que esses movimentos são modos de experiências que acontecem narrativamente. Por isso, evidencia-se a razão de estudo adotada por esta pesquisa de: investigar as experiências em famílias inter-raciais a partir do arranjo das informações narrativas compostas pela costureira-pesquisadora e participantes-autores/as.

Enfatizando a influência deweyana, Clandinin e Connelly (2011) propõem os termos da pesquisa narrativa, bem como suas implicações, entrelaçamentos e delimitações. Os termos “herdados” de Dewey e renomeados para a pesquisa narrativa são: *interação* (pessoal e social), *continuidade* (presente, passado e futuro) e *situação* (lugar), que compõem, portanto, o espaço tridimensional que caracteriza a pesquisa narrativa, tornando-se um dos elementos-chave no desenvolvimento do método narrativo.

Com o modo de trabalho tridimensional, a perspectiva narrativa assume sua fluidez e possibilidade de alteração, de mudança, durante o processo de produção das narrativas. No quadro a seguir, intitulado “Problemáticas para a construção da pesquisa” (Quadro 1), elaboro uma prévia de como foi composta essa dimensão tridimensional para esta pesquisa-costura.

Quadro 1 - Problemáticas para a construção da pesquisa

Sociabilidade (interação-pessoal e social)	Como pesquisadora narrativa, preciso estar atenta e zelosa ao que diz respeito às condições pessoais dos/as participantes-autores/as da pesquisa. Prestando atenção aos seus sentimentos, esperanças e desejos, é preciso considerar as condições sociais nas quais as pessoas vivem suas experiências e ir questionando: E se a história fosse diferente? Existiriam tensões raciais envolvendo famílias inter-raciais? Como seria a experiência desses/as participantes-autores/as se vivessem em outro contexto geográfico/social? Esses tensionamentos com relação aos aspectos pessoais e sociais em que as pessoas vivem uma experiência, fazem com que, na pesquisa narrativa, tenha um movimento para dentro e para fora (<i>inward/outward</i>).
Temporalidade (continuidade - presente, passado e presente)	Ao ouvir as histórias de pessoas que compõem famílias inter-raciais participantes deste estudo, pretendo interrogar não somente como elas ocorrem hoje, mas atentarei para elas como resultantes de histórias vividas no passado e como podem ser vividas ou projetadas no futuro.
Lugar (situação ou contexto)	Compreendo aqui como lugar o espaço concreto (físico ou topológico) no qual a pesquisa vai ocorrer. Mantive-me alerta à seguinte indagação: As histórias contadas pelos/as participantes-autores/as seriam diferentes se fosse alterado o local de onde elas serão contadas? O lugar influencia a narrativa?

Fonte: Elaborado pela autora com base em Clandinin e Connelly (2011).

Mello (1999) sinaliza que os aspectos tridimensionais de sociabilidade, temporalidade e lugar devem estar expressos não só nos procedimentos de pesquisa, mas também no texto de pesquisa. Enquanto pesquisadora-costureira ao adotar a tridimensionalidade apresentada, convido os/as leitores/as a considerar não somente a relevância social do estudo realizado por quem pesquisa, mas também a ingerência deste trabalho para a vivência pessoal da pesquisadora-costureira e dos/as participantes-autores/as da pesquisa.

Assim sendo, trata-se de uma pesquisa relacional, conforme Clandinin e Connelly (2015). Nessa dimensão relacional, pesquisadora-costureira e participantes-autores/as da pesquisa vivenciam esse espaço tridimensional quando retornam ao passado para narrar suas histórias, contemplam essas narrativas no presente e

repensam o futuro a partir do vivido. A todo momento esse movimento tridimensional da roda da máquina de costura vai conectando as narrativas.

Para Dewey, a experiência é composta pela interação entre sujeito e objeto, sempre levando em conta a situação, continuidade e interação. Larrosa é um autor contemporâneo que também se dedica com profundidade ao conceito de “experiência”, sendo possível e bem interessante propormos uma conversa entre ele e Dewey. Posso supor que, para ambos os autores, a experiência não pode ser reduzida ao simples “fazer”. Sendo assim, para eles, o experienciar pode ser compreendido como o entrelaçar -se com o “objeto”. Buscando outra definição de experiência, apresento as palavras de Larrosa (2002, p. 19):

[...] poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa” em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”, em francês a experiência seria “se que nous arrive”, em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade” em inglês, “that what is happening to us”, em alemão, “was mir passiert”.

Compreendo, pelas definições acima, que a experiência não basta como algo exterior ao indivíduo, mas sugere uma interface entre interior e exterior. Logo, o indivíduo que a vive, nos sentidos mencionados acima, concede que algo lhe aconteça, que algo lhe toque. O indivíduo da experiência é, portanto, consciente de sua condição de construtor do conhecimento. Essa concepção de protagonismo do indivíduo a que Larrosa (2002) se refere, aproxima-se da expressa na obra de Dewey (1938), onde destaca-se o conceito de educação como construção e reconstrução da experiência, não se limitando ao que é externo ao indivíduo.

Clandinin e Connelly (2011, 2015) adotam Dewey para compor significados a esse movimento de experienciar. Proponho, então, o diálogo entre os teóricos supracitados para capturarmos o sentido, que se sabe que é complexo, do processo de experiência que busquei construir com os/as participantes-autores/as da pesquisa. Durante os encontros não se buscou por respostas prontas, e sim um contar e recontar esse recontar, conforme Clandinin e Connelly (2015).

Considerando o contexto deste trabalho, esse movimento de (re)contar se refere às “segundas experiências narrativas” com os/as participantes-autores/as. Quando após olharem para suas primeiras narrativas, eles/as a (re)contam e/ou atribuem alguns significados, como histórias familiares perpassadas pelo marcador racial, e assim, esta pesquisa narrativa teve o seu início marcado pelo fenômeno da experiência, contrapondo-se a outros métodos de pesquisa, quando o início dos estudos acontece pelo estado da arte e/ou revisão teórica. Posto isso, baseou-se a o arranjo metodológico desta pesquisa-costura a partir das experiências compostas com o movimento de construção das narrativas estabelecidas com os/as participantes-autores/as.

sobre o contexto sociocultural daqueles que se propuseram a narrar

A pesquisa-costura narrativa se desenvolveu com pessoas que compunham famílias inter-raciais e que aceitaram ser participantes-autores/as neste trabalho. Como já foi mencionado, estabeleci por família 'inter-racial' aquela composta por pessoas negras e brancas, pelo critério de autodeclaração já explicitado no decorrer da escrita.

Os/as participantes-autores/as são parte central desta investigação, o respeito ao lugar e as particularidades de cada um foram levados em conta em todas as etapas da pesquisa-costura. As narrativas contaram em primeira voz as experiências afetivo-familiares inter-raciais destes/as participantes-autores/as que residem no Sul do estado do Rio Grande do Sul, nas cidades que podem ser observadas na Figura 10⁶³ a seguir.



Figura 10 - Lugares e Narrativas. Fonte: Elaborado pela autora (2023).

63 Adotei a cor preta para compor o fundo dos quadros e figuras, bem como, dos perfis dos/as participantes-autores/as (P. 114). Esta escolha objetivou trazer um contraste com relação as folhas em branco, o contraste por cor é um recurso de design usado para dar importância a algum elemento e informação. Sendo assim, as cores utilizadas nesta produção foram pensadas para fortalecer não só conceitualmente, mas também buscaram trazer força ao projeto visual desta tese-colcha. Lancei mão deste recurso para trazer a cor para dentro do debate, criando um contraste visual por cor com todos os espaços em branco. Assim a cor preta ganhou um protagonismo simbólico que buscou reforçar os conceitos tratados nesta pesquisa-costura. Dessa forma, a cor preta não só reforça a paleta de cores do projeto visual, como traz uma carga simbólica para dentro da discussão abordada nesta pesquisa-costura, colocando também esta cor como protagonista no desenvolvimento estético desta tese-colcha.

Na continuidade, trago resumidamente uma contextualização sociocultural das cidades, que podem ser observadas no mapa a seguir (Figura 11).



Figura 11 - Mapa do Rio Grande do Sul - Cidades dos/as participantes-autores/as.
Fonte: Guia Geográfico (n.d.), editado pela autora (2022).

Ainda conforme informações do IBGE obtidas através do censo de 2022⁶⁴, a população de Canguçu é de 49.680 habitantes, sendo que, desse total, o percentual correspondente a população negra compreende 10,8%. Atualmente, Canguçu é o município da região sul com o maior número de comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, são elas: Favila, Cerro da Boneca, Bisa Vicenta, Filhos dos Quilombos, Santa Clara, Manuel do Rego, Potreiro Grande, Iguatemi, Estância da Figueira, Faxinal, Cerro da Vigília, Boqueirão, Maçambique, Passo do Lourenço, Armada e Cerro das Velhas. A cidade é amplamente povoada por descendentes de alemães (pomeranos).

Canguçu é conhecida nacionalmente como a capital da agricultura familiar. É o município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul com maior número de minifúndios do Brasil. A base da economia da cidade vem do setor agrícola. No âmbito educacional, a cidade conta com 65 instituições de ensino divididas nas redes: municipal, estadual e privada. Em nível de ensino superior, o município conta com instituições privadas (EaD) e um polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Sobre Pelotas, conforme informações do censo de 2022⁶⁵ do IBGE, a população é de 325.682 habitantes, sendo que, desse total, o percentual correspondente à população negra compreende 23,9%. Pelotas está entre as dez primeiras cidades com maior concentração de população negra do Rio Grande do Sul. Um dos fatores para esse contingente de população negra é devido ao fato de Pelotas ter sido amplamente ativa no tráfico negreiro, com a finalidade de abastecer a mão de obra das charqueadas⁶⁶, nos séculos XIX e início do XX.

Pelotas é intitulada a capital do doce, e esse é considerado patrimônio material e imaterial. A principal atividade econômica desse município é o comércio e a prestação de serviços. No âmbito da educação, a cidade é conhecida mundialmente como polo educacional da região sul, pela concentração de universidades públicas e privadas e também pelo Instituto Federal Sul Rio-Grandense (IFSul), que oferta: ensino médio, técnico e superior. A nível de educação básica, a cidade conta com 240 instituições de ensino, divididas nas redes: municipal, estadual e privada.

64 As informações com relação a população negra do estado do Rio Grande Sul, foram divulgadas no dia 22 de dezembro de 2023.

65 Ver nota anterior.

66 Ênfase que as pessoas escravizadas que trabalhavam nas charqueadas realizavam uma das piores atividades da época. A cidade de Pelotas era considerada como “punição” para escravizados/as oriundos de fora do estado do Rio Grande do Sul, devido ao tratamento desumano, ao ambiente insalubre e pelo contato direto com o sal, o que deteriorava a pele dos/as escravizados/as. Para saber mais: <https://pt.scribd.com/document/525895659/GUTIERREZ-Ester-Negros-Charqueadas-e-Olarias-Um-Estudo-Sobre-o-Espaco-Pelotense>. E também indico o documentário *Olhares sobre Pelotas A sociedade do charque*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LuSDyG964LY>.

Conforme informações do censo 2022⁶⁷ do IBGE, a população de Rio Grande é de 191.900 habitantes, sendo que, desse total, o percentual correspondente à população negra compreende 25,5%. Rio grande apresenta população de origens variadas em função da cidade ter vocação para trânsito internacional de pessoas, em razão de seu super porto. Rio Grande fica situado a 320 Km da capital gaúcha, Porto Alegre, e a 550 Km de Montevideu. Tem, em seus domínios territoriais, o primeiro porto do Rio Grande do Sul. Sua principal atividade econômica são atividades portuárias de exportação, importação e serviços.

No âmbito educacional, Rio Grande se destaca pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), que oferta: ensino médio, técnico e superior. Em nível de ensino superior, o município ainda conta com instituições privadas (EaD) e um polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Em nível de educação básica, a cidade conta com 136 instituições de ensino, divididas nas redes: municipal, estadual e privada.

Retomando o ponto que comecei este item, onde falei sobre a importância da valorização do **lugar** e das particularidades que envolvem os participantes-autores/as, Clandinin e Connelly (2015) alertam que como pesquisadores/as narrativos/as devemos construir um **lugar seguro** onde os participantes-autores/as da pesquisa se sintam confortáveis para compartilhar suas histórias e viver suas experiências. Tal percurso é estabelecido baseado na ética adotada, que extrapola a questão do termo de consentimento. Clandinin e Connelly (2015, p. 221) fazem uma crítica contundente aos formulários, termos de consentimento e comitê de ética, destacando que essas “documentações são legalistas, mas não dão conta de considerar questões de relacionamento, as quais na narrativa são o centro de todo esse processo de pesquisa”.

Em função desse arcabouço ético e relacional, constato que a utilização do método narrativo é uma proposta adequada e desafiadora para se trabalhar com relações afetivo-familiares inter-raciais. Isso porque se constitui de forma relacional, e todas as decisões de pesquisa que envolvem as narrativas produzidas são apresentadas e negociadas com os/as participantes-autores/as da pesquisa, discutindo-se sobre anonimato, pseudônimos, identificações geográficas etc. Com isso, as pessoas que fazem parte desta pesquisa foram nomeados/as de participantes-autores/as porque são essenciais à realização do estudo, compartilharam suas vivências, contaram e (re) contaram suas histórias, releram-nas, bem como partilharam decisões de pesquisa com a pesquisadora-costureira.

67 Ver nota 61.

É uma costura coletiva entre a pesquisadora-costureira que interage com os/as participantes/autores/as da pesquisa e juntos vivem suas experiências de contar, narrar e (re)contar suas histórias. Enquanto pesquisadora-costureira não estive nos encontros com os participantes-autores/as para aplicar questionário ou apenas para “coletar” informações, o objetivo central foi viver a experiência, ofertar uma escuta atenta às narrativas e aos silêncios, provocar e calar quando necessário.

Enquanto pesquisadora-costureira possuía minhas hipóteses *suleadoras*⁶⁸, meus questionamentos, mas o propósito, como já dito anteriormente, não era somente interrogar, e sim viver a experiência juntamente com os participantes-autores/as. E buscando intervir o mínimo possível, mas ofertando um *sul*⁶⁹ aos participantes-autores/as da pesquisa, no momento de acordo inicial e agendamentos de inserção no campo de pesquisa, compus o que nomeei como pontos disparadores (que são alguns tópicos para provocar as narrativas dos/as participantes-autores/as), que apresento nos Quadros 2 e 3 dispostos mais adiante no texto.

Quando investigamos narrativamente experiências, entramos, como já dito anteriormente, no aspecto tridimensional: cada pessoa está sempre se tornando, se alterando, se reinventando, tanto na vida quanto na pesquisa. Nesse momento, teço um nó, nesta escrita, para fixar um ponto importante para alertar pesquisadores/as narrativos/as: que para pensar e pesquisar narrativamente é necessário contrapor a estagnação, a crença no acabamento, na completude. É preciso compreender a trama, dispor-se a enredar-se, se fazer e se (des)fazer ao longo dos entrelaços.

Por definição de Clandinin e Connelly (2015) e Clandinin, Steeves e Caine (2013), a pesquisa narrativa é caótica, e aproveito para dizer que a percebo como uma costura sem molde, um modo de fazer-fazendo. Enquanto costuro, muitas maneiras de tecer vão surgindo junto a inúmeros materiais como: botões, fitas, variados fios e linhas. E em um movimento de ir e vir com agulha (à mão) e depois com a máquina fui costurando tanto a metodologia aqui apresentada quanto os retalhos, linhas e botões que dizem sobre a proposta de trabalho desta tessitura.

Para o sucesso desse processo de costurar, precisei adentrar no campo de pesquisa. Para tanto, o conceito de **paisagem** é importante enquanto direcionamento de pesquisa. Clandinin e Connelly (2015) pontuam que os sujeitos que participam da pesquisa fazem parte de uma paisagem e que nós pesquisadores/as narrativos/as não devemos interagir como alguém que está fora dessa paisagem. Por isso, a importância

68 O termo *sulear* problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo *nortear*, trazendo visibilidade à ótica do sul, como uma forma de contrariar e contrapor a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o norte é apresentado como “referência universal”. O termo foi criado por Marcio D’Olne Campos em 1991, sendo bastante utilizado por Paulo Freire.

69 Ver nota anterior.

a respeito do tema de pesquisa, sobre este mesclar a vida do/a pesquisador/a para que se torne mais atingível essa sua inserção na paisagem onde estão os/as participantes-autores/as.

Uma vez já inserida no campo, comecei o processo das experiências narrativas⁷⁰, que poeticamente chamo como o processo de cortar os tecidos. Como trabalho com reutilização, cada pedaço desse material tem um tamanho, então, foi necessário que eu pensasse como cortá-los, e nesse movimento de mexer-remexer, me envolver, cortar-recortar os panos, aconteceram as experiências narrativas. Desses movimentos experienciais narrativos surgiram os “relatos narrativos”, que como pesquisadora-costureira nomeio como **retalhos-narrativos** (falas dos/as participantes-autores/as).

A respeito dos **textos de campo**, segundo Clandinin e Connely (2015, p. 134), “são nossa forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa e tendo em vista que os dados tendem a carregar uma ideia de representação objetiva de uma experiência de pesquisa”. Os autores entendem como todos os materiais produzidos no campo, ou seja, as transcrições das narrativas e a organização/sistematização das **notas de campo** que são aquelas observações acuradas, dos silêncios, dos olhares, do tom de voz, da expressão corporal. São apontamentos do/a pesquisador/a, ideias que surgem, conceitos que se enlaçam as falas dos/as participantes ou temas que se conectam ao eu-pesquisador/a.

Na sequência, a pesquisadora-costureira encaminha-se para o momento de **composição de sentidos às narrativas**, o que em métodos tradicionais de produção do conhecimento seria a análise dos dados, mas para Clandinin e Connely (2015, p. 119) é “o processo de composição de sentidos das narrativas, a composição de sentidos da experiência”. Foi o momento em que olhei holisticamente e atentamente para cada um dos retalhos-narrativos, para os alinhavos que eu já havia tecido (textos de campo) e, com calma, fui costurando. Agora, com a ajuda da máquina de costura, cosendo retalhos-narrativos e o forro teórico da colcha.

Ao trazer outros-novos significados aos textos de campo, deparei-me com um exercício particularmente complexo, um movimento de atribuir unidades de significado às experiências narradas e vividas pelos/as participantes-autores/as em suas relações afetivo-familiares inter-raciais. Não pretendi somente trabalhar diretamente sobre as experiências das pessoas, e sim viver e compartilhar com elas essas experiências. E no processo de contar e recontar experiências familiares, a composição de sentidos das narrativas foi se constituindo.

70 Experiências narrativas e encontros experienciais narrativos são sinônimos, definem a mesma coisa, encontros com participantes-autores/as da pesquisa.

Busquei ser “alguém de dentro”, que faz parte da “paisagem”, conforme Clandinin e Connely (2015), e, para isso, estudo, atenção e empatia foram indispensáveis. Mello (1999) lembra que pesquisadores-narrativos/as são copesquisadores/as e coautores/as das experiências que vivem, contam, recontam e revivem, demarcando a importância que o método atribui aos participantes-autores/as, uma atribuição de protagonismo de autoria.

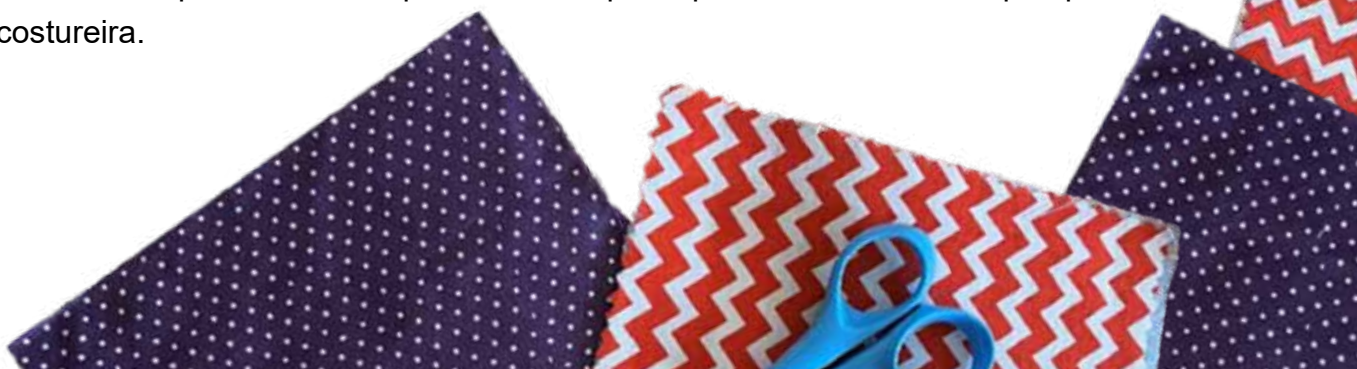
Continuando o processo de apresentar o andamento desta tese-costura, compartilho sobre a tessitura dos textos intermediários que, segundo Clandinin e Connely (2015), consistem naqueles primeiros ensaios de atribuição de significados à experiência vivida. Michele Protásio (2023) diz que o/a pesquisador/a narrativo/a não consegue dar conta da totalidade da experiência, precisando realizar escolhas, mas a autora enfatiza que essas escolhas são parciais-provisórias, podendo ser reescritas, reordenadas e observadas de outros ângulos.

Posto isso, retomo os textos intermediários que começaram a ser produzidos por mim, ainda durante o processo de escrita para a qualificação, e esses foram me acompanhando até este momento de “conclusão” desta escrita. Aqui, pergunto aos leitores, lembram o que foi dito anteriormente sobre a pesquisa narrativa ser caótica? É isso mesmo, um ir e vir constante, um emaranhado de ideias e conceitos, um experimentar e experienciar pesquisar-costurar-escrever, testando, ousando em formas de apresentação textuais e estéticas.

Para o acabamento desta tese-colcha, um último movimento foi realizado na confecção desta costura, que consistiu na “feitura dos textos de pesquisa”, que envolveu aquela costura mais firme e arrematada, contemplando também alguns ajustes e acabamentos mais finos, que foram se formando a partir de uma composição de sentidos mais acurada, inúmeras confecções de textos provisórios e a colocação da borda na colcha.

ainda entre os cortes dos pedaços de tecido, contextualizo a construção das informações narrativas

Como já mencionei, para confeccionarmos uma colcha, precisamos de matéria-prima, no caso da feitura de uma colcha de retalhos, podemos utilizar pedaços de tecido. Esses cortes de tecido são compreendidos metaforicamente como recurso didático, como as experiências compostas entre participantes-autores/as e pesquisadora-costureira.



Dito isso, é válido lembrar que na arte da costura a utilização de moldes é bem frequente, mas não uma obrigatoriedade. Ao pensar o processo de pesquisa como um desenvolvimento que envolve diferentes técnicas, perspectivas e protagonistas, correlacionei o costurar com o pesquisar, e, a partir disso, reescrevo.

Existe um molde para fazer pesquisa narrativa? Existe “um único padrão” de pesquisar narrativamente?

não quero usar moldes, quero uma colcha decolonial

Como costureira-pesquisadora preciso estabelecer alguns critérios de harmonização para a peça que está sendo construída: os tecidos serão retalhos de cor e texturas diferentes, mas e os tamanhos? Para a artesanaria de uma colcha mais harmônica, estabeleci utilizar retalhos-narrativos, inspirados na orientação de Clandinin e Connelly (2015) sobre a “negociação de transição inicial”. Compreendendo a relevância dos acordos entre pesquisador/a e participantes para a entrada no campo de pesquisa, dessa forma, compartilharei aqui como se deu o meu processo de inserção no campo de pesquisa e o meu encontro com os retalhos-narrativos aqui alinhavados em colcha.

A respeito da “escolha” das duas pessoas de cada município que compunham famílias inter-raciais e participariam desta tessitura, é importante contar que ocorreu principalmente por conhecimentos prévios sobre as trajetórias de vida dos/as participantes-autores/as, como também por indicações de colegas da pós-graduação, que conhecendo a proposta da pesquisa indicaram pessoas que poderiam vir a querer participar deste estudo. Então, com os referidos contatos, no dia três de novembro de 2022 gravei um áudio de breve apresentação e sistematização da proposta da pesquisa, com 5min10s de duração e enviei via *WhatsApp*® para os preteridos/as participantes-autores/as. O envio deste áudio consistia no processo de transição inicial de entrada no campo (CLANDININ; CONNELLY 2015).

Já em campo, neste áudio me apresentei brevemente e os convidei a participar dessa experiência narrativa juntamente comigo. Seriam dois encontros narrativos, que poderiam ser presenciais ou on-line, ou também se sentissem mais à vontade poderiam enviar: trechos de música, poema, fotos, imagens, áudio, carta ou texto que relatassem um pouco da sua experiência afetivo-familiar inter-racial. Enfatizei que não existia um modelo preestabelecido e nem nenhum questionário a ser respondido, mas que eu enviaria alguns tópicos/pontos só para *sulear* suas narrativas, esses tópicos/pontos, serão apresentados no Quadro 2: Pontos Disparadores, que foram entendidos aqui como disparadores para provocar seus relatos narrativos. No mesmo dia

do envio, recebi, quase que imediatamente, o retorno de cinco aceites à participação na pesquisa e uma negativa.

Sendo assim, comecei a pensar e contactar, com a colaboração de colegas, outras sugestões de um novo participante-autor/a. Entretanto, no dia seguinte, recebi o contato de aceite desse participante-autor que havia anteriormente negado sua participação. Contudo, com algumas ponderações: deveríamos falar pessoalmente e eu não poderia contar para a esposa dele, que também é uma das participantes-autora da pesquisa, da sua participação – e muito menos revelar o que ele iria dizer. Expliquei que de alguma forma, no possível andamento do trabalho, sua esposa poderia identificá-lo, mesmo com a utilização do anonimato e de uma outra identificação escolhida por ele. No outro dia, esse participante entrou em contato, explicando que havia pensado melhor e iria participar, eu respondi que gostaria que ele se sentisse à vontade, caso não quisesse participar, e imediatamente ele respondeu (por escrito e via WhatsApp) *“que queria e que precisava falar”*, e alguns segundos depois enviou seu aceite de participação.

participantes-autores/as da pesquisa-costura • apresentação

Como estratégia para manter o anonimato dos/as participantes-autores/as, convidei-os a escolherem nomes de personalidades famosas pelos quais gostariam de ser identificados na pesquisa-costura, uma espécie de “codinome”. Como sugestão, mencionei a relevância de homenagear autores/as ou personalidades negros/as ou pessoas não negras engajadas na luta antirracista e no movimento decolonial. Tal iniciativa foi adotada pela pesquisadora-costureira com o intuito visibilizar a negritude, principalmente no campo intelectual, alinhando-se com Vinhas (2019), que fala que o apagamento da negritude no campo da intelectualidade é uma das “heranças” da colonialidade.

Tentando romper com esses modelos coloniais, continuo pedalando minha máquina de costura. Na sequência do movimento de coser, apresento aos leitores/as esses participantes-autores/as. Compus um perfil para cada um/a dele/as contendo a imagem das personalidades escolhidas, uma breve identificação descritiva e o percurso das experiências narrativas, conforme segue:



Experiências Narrativas Manuela D'ávila



Manuela D'ávila (39 anos) é uma mulher branca, natural de Canguçu/RS, nascida e criada em uma família branca. Manuela é graduada em Administração e faz parte de uma família inter-racial, seu marido é um homem negro e juntos tem dois filhos, uma filha (18 anos) branca, e outro filho (16 anos) negro. Trabalha no setor administrativo de uma empresa do setor imobiliário na sua cidade de origem. Tem aproximações com o movimento negro canguçuense, mas não se sente acolhida por esse e se auto posiciona como uma pessoa de classe média/baixa.

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento do aceite de participação.
- ✓ **04 NOV 2022** Envio dos pontos disparadores para primeira experiência narrativa.
- ✓ **05 NOV 2022** Recebimento do primeiro relato narrativo/via WhasApp/áudio.
- ✓ **06 DEZ 2022** Transcrição da primeira experiência narrativa.
- ✓ **07 DEZ 2022** Envio da transcrição e dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa. Agendamento dessa segunda experiência narrativa/presencial.
- ✓ **15 DEZ 2022** Segunda experiência narrativa/ presencial, realizada em Canguçu juntamente com a segunda experiência narrativa de Zumbi dos Palmares.
- ✓ **18 DEZ 2022** Transcrição da segunda experiência narrativa.
- ✓ **19 DEZ 2022** Organização das notas de campo.

Esta homenageada é gaúcha, jornalista e escritora, começou sua carreira política no movimento estudantil e depois ingressou na política partidária. Foi a vereadora mais jovem da história de Porto Alegre. Para saber mais:
<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/davila-manuela>

Figura 12 - Perfil: Experiência Narrativa/ Manuela D'ávila.
Fonte: Da autora.

Experiências Narrativas Zumbi dos Palmares



Zumbi dos Palmares (42 anos) é um homem negro, natural de Canguçu/RS, nascido e criado em uma família negra. Zumbi tem Ensino Médio Completo, e faz parte de uma família inter-racial, sua esposa é uma mulher branca (Manuela D'ávila) e juntos tem dois filhos, uma filha (18 anos) branca, e outro filho (16 anos) negro. Trabalha como repositor em um supermercado na sua cidade de origem. Participante eventual do movimento negro canguçuense, sente-se acusado de palmitagem pelo movimento, e se auto posiciona como uma pessoa de classe baixa.

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento da negativa de participação.
- ✓ **04 NOV 2022** Recebimento de ponderações por Zumbi dos Palmares. Em seguida, recebimento de aceite.
- ✓ **06 NOV 2022** Envio dos pontos disparadores para a primeira experiência narrativa e agendamento da primeira experiência narrativa/presencial.
- ✓ **10 NOV 2022** Primeira experiência narrativa/presencial, realizada em Canguçu.
- ✓ **11 NOV 2022** Transcrição da primeira experiência narrativa.
- ✓ **07 DEZ 2022** Envio da transcrição da primeira experiência narrativa e dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa. Agendamento da segunda experiência narrativa/presencial.
- ✓ **15 DEZ 2022** Segunda experiência narrativa/presencial (realizada em Canguçu e juntamente com a segunda experiência narrativa de Manuela D'ávila)
- ✓ **19 DEZ 2022** Transcrição da segunda experiência narrativa.
- ✓ **20 DEZ 2022** Organização das notas de campo.

O ilustre homenageado foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial. Para saber mais: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/>

Figura 13 - Perfil: Experiência Narrativa/ Zumbi dos Palmares.
Fonte: Da autora.

Experiências Narrativas Angela Davis



Angela Davis (32 anos) é uma mulher negra, natural de Rio Grande/RS, nascida e criada em uma família inter-racial, cujo pai é um homem negro e a mãe uma mulher branca. Angela é graduada em História, divorciada e mãe de uma menina de 4 anos. Atualmente, é pós graduanda em educação e trabalha como professora na rede municipal de sua cidade de origem. Participante ativa do movimento negro rio-grandino e se auto posiciona como uma pessoa de classe média

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento do aceite de participação.
- ✓ **04 NOV 2022** Envio dos pontos disparadores para primeira experiência narrativa.
- ✓ **10 MAR 2023** Recebimento da primeira experiência narrativa via WhasApp/texto.
- ✓ **11 MAR 2023** Envio dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa.
- ✓ **16 JUN 2023** Recebimento do segundo relato narrativo/via WhasApp/texto.
- ✓ **17 JUN 2023** Organização das notas de campo.

A homenageada é estadunidense, professora e filósofa. Militante pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial. Para saber mais:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/angela-davis/>

Figura 14 - Perfil: Experiência Narrativa/ Angela Davis.
Fonte: Da autora.

Experiências Narrativas Luiz Gama



Luiz Gama (40 anos) é um homem negro, natural de Rio Grande/RS, nascido e criado em uma família negra, cujo pai é um homem negro de fenótipo pardo e a mãe uma mulher negra de tom de pele retinto. Luiz é graduado em História, casado com uma mulher branca (35 anos), juntos tem dois filhos homens, um de quinze e outro de doze anos, ambos auto classificados como pardos. Trabalha como agente penitenciário na sua cidade de origem. Participante eventual do movimento negro rio-grandino e se auto posiciona como uma pessoa de classe média.

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento do aceite de participação.
- ✓ **04 NOV 2022** Envio dos pontos disparadores para primeira experiência narrativa e agendamento da primeira experiência narrativa/presencial.
- ✓ **12 FEV 2023** Primeira experiência narrativa/presencial. Realizada em Rio Grande.
- ✓ **13 FEV 2023** Transcrição da primeira experiência narrativa.
- ✓ **20 FEV 2023** Envio da transcrição da primeira experiência narrativa e dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa.
- ✓ **02 MAR 2023** Recebimento do segundo relato narrativo/via WhasApp/áudio.
- ✓ **10 MAR 2023** Transcrição da segunda experiência narrativa.
- ✓ **20 MAR 2023** Organização das notas de campo.

O homenageado conquistou judicialmente sua própria liberdade e a partir daí passou a atuar na advocacia em prol dos escravizados. É considerado o maior abolicionista do Brasil. Para saber mais: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/655-luiz-gama>

Figura 15 - Perfil: Experiência Narrativa/ Luiz Gama.
Fonte: Da autora.

Experiências Narrativas Marighella



Marighella (28 anos) é um homem negro de fenótipo pardo, natural de Pelotas/RS, nascido de uma relação inter-racial, cujo pai é um homem negro (com quem não teve e não mantém muita convivência) e a mãe uma mulher branca. Foi criado por duas mulheres brancas, sua mãe e sua tia materna. Marighella é graduado em Letras, solteiro e sem filhos. Atualmente, é pós graduando em educação (bolsista Capes). Participante ativo do movimento negro pelotense e se auto posiciona como uma pessoa de classe média.

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento do aceite de participação.
- ✓ **08 NOV 2022** Envio dos pontos disparadores para primeira experiência narrativa.
- ✓ **15 ABR 2023** Recebimento da primeira experiência narrativa /via WhasApp/áudio.
- ✓ **15 ABR 2023** Transcrição da primeira experiência narrativa.
- ✓ **18 ABR 2023** Envio da transcrição da primeira experiência narrativa e dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa.
- ✓ **22 MAI 2023** Recebimento do segundo relato narrativo/via WhasApp/ áudio.
- ✓ **24 MAI 2023** Transcrição da segunda experiência narrativa.
- ✓ **02 JUN 2023** Organização das notas de campo.

Carlos Marighella foi um político, escritor e guerrilheiro comunista brasileiro. Um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura militar brasileira. Para saber mais: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>

Figura 16 - Perfil: Experiência Narrativa/ Marighella.
Fonte: Da autora.

Experiências Narrativas Emicida



Emicida (42 anos) é um homem negro, natural de Pelotas/RS, nascido de uma relação inter-racial, cujo pai é um homem negro (com quem não teve e não mantém muita convivência) e a mãe uma mulher branca, que o criou sozinho. Emicida é graduado em Ciências Contábeis, solteiro e sem filhos. Trabalha em um escritório de contabilidade. Participante ativo do movimento negro pelotense e se auto posiciona como uma pessoa de classe média.

- ✓ **03 NOV 2022** Envio do áudio-convite.
- ✓ **03 NOV 2022** Recebimento do aceite de participação.
- ✓ **15 ABR 2023** Envio dos pontos disparadores para primeira experiência narrativa e agendamento para primeira experiência narrativa.
- ✓ **18 ABR 2023** Primeira experiência narrativa/presencial. Realizada em Pelotas.
- ✓ **19 ABR 2023** Transcrição da primeira experiência narrativa.
- ✓ **20 ABR 2023** Envio da transcrição da primeira experiência narrativa e dos pontos disparadores para segunda experiência narrativa.
- ✓ **08 MAI 2023** Segunda experiência narrativa/ presencial, realizada em Pelotas.
- ✓ **10 MAI 2023** Transcrição da segunda experiência narrativa.
- ✓ **02 JUN 2023** Organização das notas de campo.

O nome verdadeiro do homenageado é Leandro Roque de Oliveira, conhecido pelo nome artístico Emicida, é um rapper, cantor, compositor e apresentador brasileiro. Para saber mais: <https://pt.everybodywiki.com/Emicida>

Figura 17 - Perfil: Experiência Narrativa/ Emicida.
Fonte: Da autora.

Após a apresentação dos/as participantes-autores/as, teço um ponto entrelaçado, aquele ponto que serve para fixar bem a linha no tecido, faço isso trazendo um panorama geral dos/as participantes-autores/as. Dito isso, no total, contei com a participação de seis pessoas, das quais quatro são homens negros, uma mulher branca e outra mulher negra.

Com relação à faixa etária, transitou entre a mínima de 28 anos de idade e a máxima de 42 anos de idade. Quanto à classificação econômica, a maioria dos participantes-autores/as se autoposicionaram como classe média.

Prossigo com o forro teórico de Connelly e Clandinin (2011, p. 129), que diz que “[...] os participantes da pesquisa narrativa são influenciados por sua participação na pesquisa e pela experiência de vivenciar a pesquisa.” Uma vez já apresentado os/as participantes-autores/as e os perfis contendo os processos de experiências narrativas com cada um deles/as, trago os pontos disparadores (Quadros 2 e 3) que foram enviados aos participantes-autores/as, buscando na prática de pesquisa a participação-vivencial comentada, são eles:

Quadro 2 - Pontos Disparadores - primeira experiência narrativa

Pontos disparadores – Primeira experiência narrativa

- *Percepção pessoal de pertencimento a uma família inter-racial;*
- *Positivização de identidades (branca ou negra);*
- *Percepções sobre relacionamentos inter-raciais;*
- *Percepções de validação estética e de “padrões” de beleza;*
- *Preocupação com racialização e racismo nos processos de socialização dos filhos;*
- *Concepções sobre relacionamentos afro-centrados.*

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 3 - Pontos Disparadores – segunda experiência narrativa.

Pontos disparadores – Segunda experiência narrativa - (re)contar

- *Olhando para teu texto (tuas respostas), teus pensamentos, tuas articulações... Levando em conta o tempo, tuas vivências... O que falta dizer?*
- *O que falta demarcar quando tu pensa em famílias inter-raciais?*
- *Essa configuração familiar te provoca a pensar em que?*
- *Faria alguma ressalva/algum comentário extra com relação a esse tipo de articulação familiar?*

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Teci nesta parte alguns pontos flexíveis, que são aqueles indicados para tecidos maleáveis, como, por exemplo, a malha. Quando me propus a tecer uma colcha-pesquisa-decolonial, fiquei vigilante para não incorrer a confecção de uma costura-pesquisa extrativista em que o/a pesquisador/a vai até a paisagem do outro, adentra esse espaço como alguém de fora e extrai/coleta dados e, posteriormente, escreve uma crítica ácida sobre esse material coletado. É uma tentativa de não corroborar com um possível processo de violência e opressão ainda vigente nas salas e laboratórios acadêmicos.

Esse é um cotidiano de pesquisa e conduta de pesquisadores/as que recorrentemente vejo e me questiono: não estariam esses reproduzindo a lógica da colonialidade? Afinal de contas, não podemos esquecer que fomos forjados na violência, na opressão, no disciplinamento do racismo estrutural. Contudo, reforço a importância e urgência em mantermo-nos vigilantes para não seguirmos reproduzindo essas perspectivas – que mesmo sutilmente segue nutrindo problemáticas sociais em meios ditos progressistas. Desconstruir esses sistemas de opressão e violência é, inclusive, epistemologicamente, um dos principais objetivos desta tese-colcha.

Por esse motivo, talvez, a pesquisa narrativa seja tão atacada, vide o recorrente discurso de deslegitimação e tentativa de “desqualificação” do método ao nomeá-la como uma “não ciência” devido ao seu “alto teor de subjetivação” durante seus procedimentos. Aproveito, portanto, para reafirmar e demonstrar cientificamente por esta tese-colcha, que a pesquisa narrativa pode ser uma possibilidade contra hegemônica de como reinventar formas “de se ver” e “ver os outros”. Um inventar-reinventar da escrita daqueles que narram em pesquisa. Ressalto, também, as relações de privilégio naturalizadas no ambiente acadêmico, ao pensar sobre aqueles que ocupam lugares de privilégio, sendo beneficiado-privilegiado pela estrutura racial contemporânea. Qualquer pesquisa dedicada a subverter o *status quo* que dita o que “é científico ou não” ou “o que é validado epistemologicamente”, ou seja, qualquer outro movimento que vá contra essa estrutura opressora, será lido como desqualificado. E, portanto, fortemente combatido e compreendido como algo que “não nos serve”.

Diante de tal contexto, esta pesquisa-costura trama suas linhas dentre aqueles que se colocam como alternativas e/ou “aliados” no movimento decolonial. Para tais costuras, alguns nomes consolidados são ainda interessantes como estratégia de diálogo conceitual e epistemológico. O próprio Jacques Derrida (1997) dizia que desumanizamos o outro quando tiramos dele a sua face, e compreendo que a pesquisa narrativa também convida a reestabelecer essa face que o autor fala.

Exemplifico os modos de costura que permeiam o movimento do pensamento desta tese-colcha, e, trazendo à cena a “presença”, a “existência do outro”, proporciono a quem interessar, a íntegra das transcrições do campo realizadas durante o processo experiencial narrativo.

Tiago Ribeiro (2016) trabalha muito com o conceito de “minúsculo” e convida a atentar-nos aos detalhes, olhar para as entrelinhas, para os saberes que estão nas margens, pensando uma investigação viva que destaca o outro como um sujeito legítimo e importante no processo de construção e legitimação do saber. Por isso, optei por não limitar o texto de pesquisa-costura, ao trazer apenas os excertos das experiências narrativas (trechos de falas), e sim apresentá-las na íntegra e no corpo do texto (não colocando-as nas margens desse documento tese-colcha - anexos).

TRAGO AS NARRATIVAS EM PRIMEIRA PESSOA, INTEGRALMENTE E PARA A CENTRALIDADE DO TEXTO, CONFORME OBJETIVA ESTE TRABALHO, VIABILIZANDO ESPAÇOS PARA QUE SUAS VOZES, SEUS RETALHOS-NARRATIVOS-EXPERIENCIAIS, SEJAM OUVIDAS/LIDAS, PROPORCIONANDO UM ESPAÇO DE ESCUTA EM EMERGENTE CONSTRUÇÃO E POTÊNCIA.







Manuela D'Ávila Canguçu

Primeira Experiência Narrativa
05/Novembro/2022

Fiquei intrigada com o convite a pensar sobre minha família e contar, escrever sobre ela. Fiquei pensando o que falar, o que contar e pra que isso??

Mas depois pensei, que tenho uma família formada há mais de 20 anos, família linda, mas construída com dor, e até hoje, agora parando e olhando pra ela, vejo o quanto ainda sofremos... Parece que hoje não damos bola pra isso, para as tristezas, comentários e piadas... Mas... mesmo em silêncio, mesmo sem falarmos sobre isso, a dor está ali.

Temos UMA FAMÍLIA e agora tô me dando conta que **sobre ela tem pelo menos 3 olhares:**

Primeiro olhar, o da minha família branca e extremamente católica/cristã. Eles me magoaram, judiaram, disseram coisas horríveis, me expulsaram de casa por um tempo. Tudo por estar me relacionando com um homem negro. Não dividiam a mesa comigo, me chamavam de puta, me levaram a médicos por acharem que eu tinha problemas mentais, tinham certeza que por eu ser branca e estar de relacionamento com um homem negro eu não passava de uma prostituta e que gostava muito de sexo, por isso queriam um cara preto. Ahhh, é difícil dizer isso, mas era assim.

O segundo olhar era o da família negra do meu marido, eles o achavam ousado e tipo um “privilegiado” por ter casado com uma mulher branca. Torciam para que os nossos filhos nascessem o mais branco possível. A mãe dele, uma senhora de idade, que hoje tem 85 anos, me tratava como princesa, me chamava de senhora e dava lugar para mim sentar, porque dizia que aprendeu que indiferente da idade branco tem que ter privilégio e respeito por parte dos negros.

O terceiro olhar é o do pessoal do movimento negro, que me tratam “bem”, mas com reservas, e dizem que ele, meu marido, é palmiteiro e tal... Meu marido segue participando do movimento, mas sei que se sente constrangido e eu também.

Para minha família, minha filha, aparentemente branca, foi uma benção, devido a tantas orações e fidelidade à igreja por parte deles. Meu filho, aparentemente negro, para eles é um coitado, algo que aconteceu para lembrar a coisa “errada” que fizemos. Hoje gostam dele, tratam bem, mas sempre tem esse sentimento de pena, querem que ele estude, mas parece que no fundo não acreditam que ele fará isso, sugerem que invista na música ou futebol. Inacreditável, mas estamos em 2021 e as coisas ainda estão desse jeito.

Para a família do meu marido, meu filho é o azarado, podia ter sido “branco” e não foi, mas se ele se esforçar muito vai conseguir ter um

bom trabalho e talvez estudar, já que os brancos, de tão bons que são hoje, até cotas dão para que os negros possam estudar. Para a minha filha já pensam coisas maiores, que ela seja médica, advogada... E que ajude eles e também o coitado do irmão.

Eu, pensando sobre isso tudo agora, sobre nossa história, percebo que o amor supera tudo, mas será que supera mesmo? Não sei mais... As pessoas amam e por isso cuidam uma das outras? Mas mais de uma vez aconteceu de meu marido ir até a escola buscar minha filha e não quererem entregar ela para aquele homem preto que se dizia pai. Eu, um dia na creche, cheguei com pressa para buscar meu filho e uma pessoa que aguardava para buscar uma criança me disse: Você deve ser uma ótima patroa para vir buscar o filho dela na creche e riu... Eu fiquei muito braba e disse, bem irritada: Ele não é filho da empregada, eu nem tenho empregada, ele é MEUUU FILHO! E ela falou: Desculpa, até esqueço que hoje tem essas adoções. Que sorte desse guri!!! Não consegui falar mais nada pra ela [pausa e voz ofegante], a dor e a raiva me dominaram. Mais uma vez, melhor ficar em silêncio.

[Pausa, suspiro] Bommm, ufa, era isso, conforme quiser saber mais coisas, entra em contato. [Voz emocionada e embargada] Um abraço!

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar

15/Dezembro/2022

Eu estou um pouco em choque com isso, li, reli e percebi que muita coisa que minha família branca e racista fez conosco eu faço com meu marido e com meus filhos, mais com meu filho. É com amor, é pra cuidar, é pra proteger, mas é de certa forma racismo sim.

No fundo, no fundo não quero que eles sejam negros, não que isso tem problema pra mim, mas tem para os outros.

Tô um pouco em crise, será que nossa família não deveria existir? Teu trabalho vai dizer que devemos nos

separar e cada um procurar um par da sua cor? E meu marido, [risada/nervosa] dizendo que sou um troféu, entendi, sou uma resposta que ele quer dar a todo o racismo que sofreu e sofre. Mas, se eu fosse uma mulher negra então ele não estaria comigo? Não teríamos família? Não teríamos amor? Amo e protejo, amo e defendo, amo e quero que sejam brancos, não na prática, na mágica, mas com minhas atitudes vou tirando, vou menosprezando tudo que realmente faz parte da cultura e do modo de viver de pessoas negras. [suspiro, emoção].



Zumbi dos Palmares

Cangaçu

Primeira Experiência Narrativa

10/Novembro/2022

Esses tempos tu me convidou pra falar sobre a minha família, prestar um depoimento sobre essa e tal... Não gosto muito de falar de coisas de raça e de família, ainda mais na frente dos meus filhos e da minha mulher. Mas só pra ti posso falar, só não quero que mostre para minha esposa, tá? Pelo menos por enquanto, deixa, pra ver se o que falo tem

algum sentido, se de repente não preciso abrir o verbo pra ela mesmo. [Suspiros, dúvida, parecia um certo alívio] Sempre acho que vou ferir alguém, eles ou eu mesmo [risada], meio louco isso, mas bem assim que sinto.

Conheci minha esposa em festas, baile, como dizia na minha época, sempre joguei futebol e sempre fui da noite: bailes, festas, carnaval... **Sempre adorei dançar e dava show nos bailes da vida** [risada], **tinha fila de brancas pra dançar com o negão aqui** [risada - semblante de orgulho de satisfação].

A Manuela foi uma das muitas namoradas que tive, **na real namorar mesmo, sério, somente com mulheres brancas**. [Interrompi e perguntei por que]. Sei lá, sempre gostei e não posso negar que **causava um certo burburinho, as pessoas comentavam, xingavam, opinavam, acabavam te valorizando, muitas querendo te ter, te conhecer, te achando bonito e tal**. Enfim, virava-se notícia! **Tem um lado ruim que é os xingamentos racistas e preconceituosos, mas tem também um lado bom, que é eles** [se referindo às pessoas brancas] **têm que te respeitar, têm que te aceitar, têm que te engolir**.

Não sou mais o negão jogador, de boas, engraçado somente. Sou também o cara que namora, que pega tuas filhas, tuas mulheres. Sendo certo ou não, se ganha respeito com isso. Se ganha espaço. Parece que aí nos enxergam, nos escutam. Nossa relação começou meio sem compromisso, uma ficada. E foi indo, e acabou virando amor, casamento, filhos...

Somos bem felizes, **passamos muito trabalho com essa coisa de raça, por isso, não sou muito de falar sobre, mesmo me sentindo um cara bom,**

legal, trabalhador e até bem preferido pelas moças da minha época. Quando assumimos uma relação mais séria, a casa caiu, veio a brancalhada toda pra cima de nós, me prejudicaram bastante, perdi trabalho por conta disso, fui xingado várias vezes pela família dela, de tudo que é coisa, nego sujo, nego ladrão, nego preguiçoso, macaco. Chato isso, mas passou [olhos um pouco marejados e voz embargada, olhar perdido].

E ela também foi ofendida de várias maneiras, como: puta, ordinária, irresponsável e por aí vai... Mas sempre nos respeitamos muito e juntos fomos vencendo, ganhando respeito e até admiração das pessoas. **Perceberam que tinha amor e aí acho que isso acalma essas coisas de racismo, e até meio que de ódio de nós negros**. Ah e minha família não gostou muito da ideia, sempre alertavam que eu ia passar por sofrimento e tal, mas enfrentamos, superamos.

Com relação aos meus filhos, não me preocupo muito, porque hoje os tempos são outros, racismo é crime, as pessoas falam sobre isso, isso tá na televisão, nas novelas. Minha esposa e eu conduzimos bem as coisas, meus filhos são educados, estudam, andam bem arrumados, coisas que também são importantes para termos lugar na sociedade. Então, terão mais chances e oportunidades que nós.

Com essa questão de aparência, minha filha é branca e meu filho é preto.

Pra mim, não existe diferença, são meus filhos, meu sangue. Sempre os tratei igual. Tu também disse algo de nós, da nossa relação, então nós dois trabalhamos e estudamos, ela, minha esposa, estudou mais que eu, mas nós dois estudamos, nos amamos e nos cuidamos um do outro. No início mesmo, ela sempre me protegeu, ouviu muita coisa ruim, triste, por minha causa, mas hoje tá tranquilo. Mas ela segue me cuidando, de olho nas roupas, nos

sapatos e até nas palavras, nada de cabelo grande, roupas largas, capuz, coisas de reggae [gargalhada], porque diz sempre que ainda tem racismo e que temos que ser exemplo, ser os cara sempre. Nem sempre dá, mas eu tento. Meu filho também, e assim vamos indo.

Chega, não sou de falar e falei demais.

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar

15/Dezembro/2022

Pois é, eu também não sei o certo e o errado, não quero defendê-la, mas entendo que se eu e, principalmente, meu filho deixarmos nosso cabelão Black Power aparecer sofreremos mais, seremos mais apontados na rua, mais marcados pelos brancos maus/preconceituosos.

Minha esposa é minha companheira, mas não posso deixar de dizer que ela ser branca é sim um troféu, no sentido que já falei já, o “negro sujo” como me chamavam, de tão ofendido que já fui, foi lá e casou, constituiu família com uma mulher branca.

Acredito que o amor é o que nos une hoje. Ele, o amor, faz com que juntos

possamos superar as dificuldades diárias e que são muitas, assim meio que aos trancos e barrancos vamos existindo. Eu não tô em crise, como ela disse, eu tô contente de conseguir falar e olhar para as coisas que parecem que estão só na rua, só fora, mas que também estão agindo dentro da nossa casa, dentro da nossa família, pensar sobre isso dói, incomoda, mas pode ser bom.



Angela Davis Rio Grande

Primeira Experiência Narrativa
13/Abril/2023

Desde pequena eu sabia que era de uma família inter-racial, pois eu convivia mais com a família da minha mãe branca, em que todos eram diferente de mim e do meu pai, nós éramos os únicos pretos da família dela. Meus pais contavam histórias sobre como não eram aceitos pelas suas famílias, minha avó branca não aceitava meu pai devido a sua cor e a minha mãe não era bem vista pela família do meu pai por ser branca. Meu pai contava que frequentava um clube que tinha uma corda que separava brancos e pretos, eu ficava imaginando eles pulando a corda para ficar juntos, eles romantizavam a história ou eu romantizava na minha cabeça de criança, não sei bem.

Com relação à positivação de identidades, com certeza a identidade branca foi bem mais positivada, como eu não sou retinta, as pessoas sempre diziam que meu cabelo não era tão “ruim” e que eu não eu não podia ser considerada preta, pelo tom de pele mais claro, como se isso fosse um elogio. Então, comecei a alisar meu cabelo com nove anos, todas as minhas

tias pretas alisavam e todas as minhas referências eram brancas da infância até a adolescência.

O embraquecimento era muito forte por parte da minha mãe, eu tinha vontade de colocar tranças e ela nunca aceitou e falava de forma pejorativa sobre os cabelos afros, hoje ela nega isso, mas ela nunca se preocupou em trazer referências pretas para nós. E a família do meu pai, embora toda de pessoas pretas, também eram muito embranquecidas esteticamente, contudo, culturalmente havia a presença da religião afro e da música negra. Hoje, as minhas tias, na sua maioria, estão com seus cabelos naturais, mas isso é um processo bem recente.

Então, eu fui casada por dez anos com um homem branco, acredito que isso seja resultado de frequentar espaços muito brancos, na adolescência o cenário do rock era dominado pelos brancos, e depois mais velha na universidade também com pouquíssimos colegas pretos.

Pensando sobre afrocentrar relacionamentos. Sim, atualmente, depois que me divorciei eu tenho como prioridade relacionamentos afrocentrados e isso ocorre devido ao meu processo de consciência racial, minha entrada no movimento negro e o fato de eu frequentar mais espaços com pessoas pretas. Os relacionamentos inter-raciais nos expõe a experiências difíceis, você vai acabar ouvindo algum comentário racista em algum momento. Quando me relaciono com pessoas pretas vivencio experiências em comum, que não consigo com uma pessoa branca, é como se essa pessoa compreendesse as minhas dores, mesmo uma pessoa branca antirracista não consegue entender.

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar 28/Junho/2023

Você poderia me chamar de Angela, em homenagem a Angela Davis. Penso que as famílias inter-raciais continuarão existindo, mesmo que parte do movimento negro defenda a importância do amor negro como alternativa à luta pelo genocídio do povo negro. Contudo, cabe às famílias inter-raciais ter um olhar atento para as questões raciais, que contemplam a branquitude e negritude, buscar o letramento racial, para auxiliar a criança que é fruto desta relação, porque certamente ela enfrentará problemas nessa sociedade racista. Acredito que a família inter-racial precisa assumir essa responsabilidade.





Luiz Gama Rio Grande

Primeira Experiência Narrativa 01/Junho/2023

Tenho 40 anos e sou casado com uma mulher branca de 43 anos, temos dois filhos, um de 15 e outro de 12 anos, ambos autodeclarados pardos.

Meu pai é homem negro com a pele clara, minha mãe é bem pretinha, a família do meu pai o criticou muito, pois pensavam na época que ele sendo “claro” podia aproveitar isso para se relacionar com mulheres brancas ou mulheres negras “mais claras”.

Ele enfatiza que essa autodeclaração é recente, surgiu no ano de 2022, por meio de questionamentos do filho mais velho, antes “eu e a mãe deles sempre os classificávamos como morenos ou moreninhos”.

O mais velho teve uma aula, onde a professora comentou sobre essa coisa de dizer moreno, que é um tipo de negação da negritude, um tipo de racismo. O guri ficou pensativo e colocou isso pra nós em casa.

E pela primeira vez em 16 anos de união eu, minha esposa e meus filhos conversamos sobre raça, racismo e autoclassificação racial. Foi

um momento bacana, sabe que sofremos tanto para formar nossa família, que falar essas coisas parecia não ser bom, então fazíamos silêncio com relação a essas questões. Minha família negra aceitou com tranquilidade minha mulher, mas sempre diziam que o sofrimento faria parte do nosso cotidiano, diziam isso pelo racismo.

A família branca dela sempre me aceitou bem, o que na época até soou um pouco surpreendente, mas hoje penso que essa aceitação se deve ao fato de eu ser um homem negro de pele clara. Na primeira gravidez da minha esposa, após um ano mais ou menos de nossa união, isso que falei ficou claro, pois temiam o nascimento de uma criança “negra” que puxasse a aparência e apresentação de pessoas retintas que tenho na minha família (mãe e tios/as).

Nós, enquanto pais, também torcíamos pela “morenice” dos nossos filhos, pelos “cabelos mais macios”, valorizamos a herança ancestral negra da minha família, mas não posso negar que, como pais, pensávamos que quanto mais brancos eles fossem

representaria mais aceitação e menos sofrimento, mais possibilidades.

Talvez tu esteja me achando racista, sem pertencimento, mas ser negro no nosso país dói! A alma dói, o corpo dói!

Precisamos mudar isso, mas como país não posso te mentir, queremos proteger, queremos amenizar as dores e mesmo sendo difícil de dizer ser um negro claro, mais branco faz isso. Não deveria ser assim, mas é.

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar 20/Junho/2022

Minha esposa casou com um homem negro, então ela sabia que teríamos filhos e que poderiam “ser negros mesmo”, mas eles “nasceram morenos” então ela nunca se preocupou muito com isso. Quando eram pequenos, algumas poucas vezes que minha mãe foi buscá-los na escola gerou alguns comentários desagradáveis, a escola confirmando se era avó mesmo, colegas mexendo, rindo, dizendo que tinham sangue de macaco. Mas depois disso passou, até porque ela foi poucas vezes na escola.

Bom, olhando para o que te disse outro dia, percebo que nossa família infelizmente valoriza, privilegia e positiva a identidade branca, pensamos proteger, ajudar, cuidar... Mas talvez não seja bem assim...

Pensando em famílias inter-raciais de modo geral, posso dizer que elas são importantes, quebram um pouco o modelo tradicional de família, como sendo aquela composta somente por pessoas brancas. A mistura tem potência, rompe barreiras.

Mas não se deve fazer como minha família fez, de silenciar a questão da raça, precisamos estudar, perguntar, conversar, enfim, explicar para os nossos filhos, nos compreender enquanto pessoas negras e pessoas negras que se orgulham da sua cor, da sua ancestralidade. Isso acho que é letramento racial e é fundamental para a luta contra o racismo e também para relações familiares mais saudáveis e democráticas.

Que legal participar desse trabalho, olhar para minha família e aprender com os erros e também se orgulhar com as aprendizagens que fizemos.

Sobre nosso relacionamento como casal, não percebo muita coisa com relação a raça, nos amamos, estamos juntos e pronto. Ela, minha esposa, chama minha atenção e, principalmente, dos meninos com relação ao racismo reverso, para que não venhamos a fazer isso, porque o mundo é racista, mas nós não devemos ser, ela está sempre falando que somos todos iguais.



Emicida Pelotas

Primeira Experiência Narrativa 29/Junho/2023

Bom, irei respirar fundo algumas vezes, vou contar um pouco da minha história, né... Bom, tentarei ser objetivo, vou explicar por que demorei tanto pra finalmente conseguir encontrar contigo e fazer esse relato.

Tenho 36 anos, sou um cara negro, trabalho em um escritório de contabilidade aqui na cidade de Pelotas, não sou casado e não tenho filhos.

Meu pai era um homem negro, mas ele não era casado com minha mãe que é branca... Eles tiveram tipo um romance, um caso, e eu nasci. E ele não quis saber, se mandou, depois via judicial veio contribuir financeiramente, mas nunca com presença, afeto, essas coisas.

Ah ele tinha pele clara e minha mãe era branca, aí, acho que já falei isso, mas, bem, é... Eu nasci bem mais escuro, como sou até hoje, né?!

Acho que isso, não sei bem se lembro de ter ouvido ele, meu pai mencionar isso, quando eu era muito pequeno, mas não sei exatamente, parece que ele achava que eu era

filho de outro cara [suspiros] por ser mais escuro e minha mãe ser branca, “alemoa” como dizem.

Ela me criou sozinha, depois casou, mas sempre me alimentou, sabe? Me sustentou sozinha, eu a amava, mas.... Ahhh, não sei como dizer, sentia um ar de nojo, de repulsa. Eu era criança, não entendia, mas sentia esse olhar, essa sensação.

Mesmo ela sendo branca, morávamos em um bairro bem periférico aqui da cidade, onde existia muitas pessoas negras, eu ser negro não era um estranhamento, tava tudo bem, tudo de boa.

Na escola, pelos 7 anos, comecei a ouvir piadas de colegas, apelidinhos, sabe? Tipo: carvão, tomou banho no pixe, foi pintado (não toca que vai soltar tinta)... Eu não ligava, meio que resolvia ali, xingava de volta, batia, corria...

Bom, acho que algumas professoras da escola viam e se faziam que não viam, eu tirava boas notas, então, tava tudo bem.

Mas um dia resolvi perguntar pra mãe, aí já era maiorzinho, tipo uns 10 anos, se era assim mesmo, se aqueles guris podiam me dizer aquilo... [lágrimas e voz embargada]. Ela disse: “tá na hora de tu saber, eu sou tua mãe vou te proteger o quanto der, mas tu foi, eu fui, nós fomos amaldiçoados. Teu pai que era negão, mas negro claro, se mandou por tu ser mais preto e eu fiquei, porque mãe fica, mãe atura, mãe aguenta. Mas não pensa que é fácil pra mim, saber que tu nunca vai ser ninguém, por que quem quer gente preta? Se eu pudesse escolher tu seria branco ou clarinho pelo menos!”

Ah foi um lance assim, chato, triste, mas na hora não entendi bem, eu era pequeno também.

Ela não me abraçava muito, mantinha meu cabelo raspado total, e fazia isso às vezes com gilete de depilação, cortava, doía e depois coçava muito. Mas era tipo um ritual, não podia faltar, dizia que eu precisaria me esforçar mais que os outros pela questão da cor e que eu tinha que ser agradecido por ela não ter me abandonado, como meu pai. Que se ouvisse algo ruim na rua, na escola, não desse bola.

Bom, pelos 16 anos, já no ensino médio e sempre com excelentes notas, comecei a fase do namoro. Como disse morávamos em um bairro pobre, com bastante gente negra. Eu não queria namorada de lá, não queria me relacionar com mulheres da minha cor,

só procurei gurias brancas. Até então sendo bom aluno e tal, nunca ouvi ou tive uma boa aula, bom ensinamentos sobre coisas de racismo, raça... Digo, nem na rua, na escola e muito menos em casa.

Os anos passaram, minha mãe tinha se casado, eu era bem independente, estudava, ajudava em casa e trabalhava em um mercado no bairro. Até que um dia, quando cheguei em casa, ouvi minha mãe comentando com meu padrasto o sofrimento que foi eu ser assim, e eu fiquei pensando assim como, não sou viado, estudo, trabalho, nunca fui pro lado da bandidagem que tinha no bairro... Ah fiquei querendo entender, aí ela contou, aí eu ouvi de novo que teria sido melhor se eu fosse branco, que ela tentou me clarear com produtos, ah sei lá o que mais, simpatia, e que nada adiantou. Que sabia que por dentro eu era bom porque era branco como ela, algo tipo como se eu tivesse do avesso, sei lá, gravei ouvir algo assim. Ali, caiu a ficha, ela é minha mãe, mas não me aceita, não ama mesmo.

Peguei minhas coisas e fui embora, pedi ajuda pro dono do mercado que deixou eu ficar em uma pecinha que tinha nos fundos... Ela me procurou, xingou, mas nunca disse que me amava, que me aceitava, que eu era bonito ou coisa assim.

A partir disso segui a vida, fui me informando sobre, **não sou de ler, sou dos números, mas fui vendo filmes, indo em palestras de pessoas que falavam sobre negritude, cabelo, racismo e aí fui me encontrando, sabe? Parece que fui me sentindo**

gente, e essa sensação de ser gente, de ser humano me fez pensar muito e me tornar um cara bacana. Bom, não fui tão objetivo, mas falei um pouco, é difícil pra mim e não sei se vai te ajudar. Mas por hoje deu, meu limite de mexer nas lembranças doloridas chegou.

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar 20/Junho/2022

Respiro e respiro, desculpa é porque falar é um troço, olhar para aquilo que falamos assim em folha, em texto é diferente. Dói, e vejo que achei que tinha falado muito, muito, mas agora vendo, vi que fui resumido [risada nervosa], não compartilhei muita coisa, muitas lembranças...

Pô, massa poder escolher um codinome, **quero ser chamado de Emicida, esse cara é muito bom, as músicas e o rap também me ajudaram a pensar e me sentir negro, e negro que entende seu valor, sabe?!**

Tu perguntou da escola, da educação, bom, posso dizer que era um espaço de aprender, lá sofri? Sofri! Mas onde não passava perrengue? Apreendi muitas coisas importantes na escola, mas nada sobre EU, sobre ser negro, sobre meus ancestrais, esse papo não existia, pelo menos naquela época.

Em casa, na família branca da minha mãe, só me chamavam de Pelé e queriam que eu treinasse pra ser jogador de futebol, eu que

nunca gostei de futebol e nem muito de esporte... Depois, quando fui ficando adolescente, diziam que eu devia malhar, trabalhar e me dedicar a encontrar mulheres brancas, “isso clarearia o meu lado, a minha vida” – dizia um escroto de um tio meu. Que coisa!

Olhando pro que eu falei antes, sei que minha mãe era uma mulher sobrecarregada, e que talvez visse meu pai em mim, tipo uma revolta, uma mágoa. Mas, eu não tive culpa eu era uma criança! E entendo que **muita coisa que ela fez, foi pela raça, foi porque eu era negro de pele escura. Eu lembro os banhos eram demorados, tinha escovão com força, não gostava que eu suasse “para não ficar brilhando” e ainda dizia: “além de preto brilhante, não tem quem aguente”!** Quando íamos passear, me colocava roupa comprida, mesmo no calor, acredito que fosse para não aparecer muito a pele, cabelo totalmente raspado, e às vezes até uma pincelada de pó na cara eu levava, obviamente que no tom da pele dela, eu ficava opaco, era isso.

Queria concluir dizendo que nada disso me afetou, mas não estaria falando a verdade. **Fiquei muito revoltado, comecei a me relacionar com mulheres brancas e era bem idiota, bem mal caráter com elas, não me orgulho disso, mas fiz. Depois me dei conta que tava seguindo o conselho do meu tio e sendo escroto como eu o achava.**

Então parei, comecei a me informar mais, a cultura e a internet me ajudaram muito, fui reavaliando minhas condutas e fui optando por me relacionar com mulheres negras.

Em algumas reuniões do movimento negro que participo às vezes, tenho aprendido muito, ali se educa pra vida, pro pertencimento. Ah, pra encerrar, aquele outro dia tu falou algo com relação à existência de famílias interraciais, entendo que não tem um tipo exato, correto de ser uma família, mas mais do que dizer que tem amor, as famílias têm que falar as coisas, têm que se perceber como espelho, como reflexo da sociedade, a proximidade, a intimidade, o afeto não blinda a violência, a dor o abandono [emoção, lágrimas]. Feito, chega, valeu!



**Marighella
Pelotas**

Primeira Experiência Narrativa
28/Junho/2023

Então, Liana, eu não tenho nada assim que me lembre família interracial em si, música que lembre isso, né! O que eu consigo me remeter mais ao negócio assim do negro né. Tipo de **me colocar como negro, de me sentir negro, sabe? Essa coisa assim que eu lembro**, que eu ouvia quando eu era pequeno, desde pequeno eu ouvia muito o hip-hop. Tanto o americano porque o pessoal tinha lá um DVD com uns clipes americanos, os

meus amigos, e a gente via lá, e aí depois eu lembro de ter uma fita do Rappa. **Que o Rappa tem umas músicas que falam sobre isso, sobre racismo, sobre a própria multirracialidade do Brasil, né!**

Tem uma música deles que se chama "O Homem Amarelo" e aí fala um pouco disso, da mistura racial, né.

Tem uma música também que depois eu vou, eu coloco ali direitinho os nomes porque eu não lembro, que eu lembro que **eu escutava muito, e falava também de religiões de matriz africana junto com outras religiões. A gente era, eu ia com a minha mãe e com a minha tia na igreja evangélica** quando era pequeno, e **aí a minha tia não gostava que tocasse essa música, né! Porque falava de religião de matriz africana.** E aí até vou botar no meu trabalho essa música. E também fala de questões raciais assim, né. Que agora eu não lembro o nome da música, mas eu coloco ali depois direitinho, e então **tem também o Racionais! Que o pessoal na escola falava de rap, de racionais, de MV Bill ou não sei o quê. Aí eu lembro que na época, acho que tinha uns onze anos por aí, eu tinha um MP3, aí eu ia na Lan House baixar as músicas e ouvia, né. Ouvia racionais, eu lembro de ouvir o negro drama e tal, né! Ah, até as músicas mais conhecidas lá, eu já lembro de ter no MP3 já na época.**

O Rappa - brixton Bronx ou baixada

"É só regar os lírios do gueto que o Beethoven
Negro vêm pra se mostrar
Mas o leite suado é tão ingrato
Que as gangues vão ganhando cada dia mais
espaço"

"Cada qual com seu James Brown
Salve o samba, hip-hop, reggae ou carnaval
Cada qual com seu Jorge Bem
Salve o jazz, baião, e os toques da macumba
também

Oh macumba, macumba

Orixá, macumba

Os toques da macumba

Vem, vem, vem"

Eu lembro que... que tocava essa parte, né. Dessa que ele fala da macumba também. E daí a minha tia pedia pra desligar e tal, pra tirar essas música aí não sei o quê... E até na época a gente não tinha nem DVD, que esse que eu lembro que eu ouvia era o Acústico MTV do Rappa. E aí tem até um DVD. Mas eu tinha a versão que era, vinda do CD. Na verdade eu tinha era numa fita, e na época era walkman ainda, e aí eu ouvia num toca fita antigo lá do meu tio, e aí não tinha nem a figura do cara né. Um negão de dreadlock... Mas os meus amigos tinham DVD, eu não tinha. Não tinha em casa. E também é tipo assim, ali a imagem dele assim, era uma coisa assim... eu lembro que eu queria ter trancinha e tal, mas não era muito incentivado pelo meu meio, meu meio todo branco. A minha família por parte de mãe é toda branca e eu não eu não tinha convívio com a minha família negra de parte de pai, né. E aí tipo, eu tinha as figuras que eu gostava, né. E era sempre a do cara que cantava no Rappa. O Falcão, era os cara que assim... É essas figuras que eu gostava assim, quando eu era pequeno. E principalmente esse cara do Rappa, né. Eu gostava muito dele, das músicas e também da postura dele, na época ele tinha um pensamento social né. Hoje em dia ele já está mais, já está mais do outro lado da coisa.

Mas eu lembro que assim, que essas coisas assim acho que foram as letras do rap, né, e as músicas do Rappa assim que serviram pra mim ter um pensamento, de me importar com essas coisas, assim né. Tanto raciais, quanto sociais... E eu acho que essa música fala um pouco da... Essa que eu coloquei a letra, ela fala um pouco da emancipação cultural, pela cultura, sabe? Eu acho que é um pouco disso assim... De ter um incentivo na nas comunidades... E aí tu desperta! A pessoa se desperta pela cultura né, na música fala do Beethoven regar os lírios do gueto, pro Beethoven negro se mostrar né, então acho que é um pouco isso, e também de colocar a macumba, a macumba como uma expressão cultural. Bota a macumba junto com o jazz, o baião, né? Com Jorge Bem. Então, acho que da expressão cultural, da emancipação pela cultura, eu acredito que essa música fala assim... E é uma coisa que, tipo, parece muito, muito a ver comigo assim sabe, do jeito que eu penso. E desde sempre assim, sabe?! Então, eu gosto muito, até vou usar essa música na minha dissertação também, porque acho que tem muito a ver com a com a minha história.

Ah, tenho 27 anos, sou de 95. Me declaro negro de fenótipo pardo. Então, é difícil responder quando é que eu percebi dinâmicas raciais, né. Porque assim, acho que desde pequeno, mas é mais pela redondeza. O bairro que eu morava, o bairro Obelisco né. O

Obelisco Areal aqui em Pelotas, era um bairro em que a maioria das pessoas eram branca assim! Tinha negros e tal, mas até eles não moravam perto da minha casa, depois eu fui conhecendo pela escola e tal ali, algum conhecido, mas as pessoas que me rodeavam assim, na maioria eram brancas, do meu bairro. E aí na escola que eu estudava, estudava muita gente de outros bairros, ali do Dunas e do Vasco Pires que é da redondeza, aí tinha mais negros, até era bem parelho assim se tu for pensar, assim em números, até o começo ali do ensino fundamental era bem parelho assim, né, nas salas era... Devia ser cinquenta por cento negro cinquenta por cento branco, sabe.

Pensando agora, mas esse tipo de coisa né. Então, por exemplo, a minha tia ela sempre falava pra mim desde pequeno, que não era pra mim ficar, namorar com uma negrinha, porque se não os filho ia ficar, iam nascer muito negrinho. Entendeu? Ah não, e se fosse pra ser negra tinha que ser com a pele não muito escura senão depois os filhos iam ser muito negrinho, né! Então, desde pequeno, tipo, acho que desde uns oito anos acho que eu já ouvia isso, né! Mas sei lá, eu sempre, pelo que eu lembro, eu tipo não entendia, ou não aceitava de fato, não era uma coisa que colava pra mim, não era uma coisa que eu aceitava, entendeu? Tipo assim, que eu presumia como verdade sabe?

E... Mas eu não tinha capacidade de elaborar muito, né, eu era bem pequeno. Mas aí depois, quando vem a adolescência, e a gente vem e aí começa a ter aula de história, sociologia na escola, começa a ter né... Daí na época eu já tinha internet, eu pesquisava essas coisas, e aí a gente começa mais na adolescência, lá com quinze, dezesseis anos que a gente começa a querer problematizar essas coisas, né.

E... mas o que eu tenho mais latente assim era da... que eu comecei falando e eu fui me enrolando aqui. mas eu comecei falando do bairro, né. Porque eu era uma criança, eu até quando era pequeno tinha a pele mais escura ainda do que eu tenho agora, né. Porque eu estava sempre jogando bola na rua e pegava mais sol e aí pô, viam uma pessoa ali moreninha, que falava em mulata né, e aí filho de uma mãe branca né, e aí ficava aquela coisa. Eu lembro de as pessoas do bairro perguntar muito: ah teu pai é negro? não sei o que, ah o que que teu pai faz da vida? O que que ele trabalha? Teu pai é ladrão? Não sei o que... falava uns negócio assim. Ah e aí eu nem sabia direito, porque o meu pai ele não vinha me visitar muito, né. Ele tem outra família lá, que daí eu só vim a conhecer há dois anos atrás na pandemia. Mas até então não conhecia, e aí eu não conhecia, meu pai ia me visitar muito pouco e depois teve que ele não pagava pensão né. E aí ajudava pouco em casa, aí a minha mãe botou ele na justiça, ali quando eu era pequeno, daí depois

nunca mais me visitou! Porque tipo assim, “ah me botou na justiça eu não vou mais visitar esse guri”. Aí não me visitou mais. Aí eu não sabia como é que era, eu não lembrava direito nem o rosto dele né. **E as pessoas me perguntavam o quão preto ele era, sabe? Uns negócio assim, e eu pô, como vou saber? Eu não sabia direito com o que ele trabalhava, então era um negócio assim, que eu lembro mais assim de criança, eu lembro dessa da minha tia falar isso, de estranhar isso pelo menos na minha cabeça né... ué, porque que eu não posso ter uma companheira negra, né?**

E lembro da redondeza assim, né? Desde pequeno. Mas aí depois, mas aí é quando a gente fica mais é ali na adolescência, como eu te falei, que vem as questões, né? Daí eu comecei a lembrar depois quando eu comecei a prestar mais atenção nessas coisas. Na adolescência, já pesquisar, ver nas aulas de sociologia lá, história, às vezes tinha alguma coisa nesse sentido, até porque eu mesmo perguntava pros professores sobre isso, e aí eu comecei a lembrar assim por exemplo... **Pô, a minha mãe sempre lavava as partes que é mais escura do meu corpo, né. Tipo, minha as minhas canela, a minha canela é mais escura e os meus braços também. E aí ela pegava e lavava assim como se tivesse que tirar a minha pele, né! Isso quando eu era pequeno e ela me dava banho.** Então, essas coisas assim que a gente vai conversando, que a gente vai percebendo!

E várias outras coisas assim que a gente vai percebendo, quando a gente vai falar, vai conversar com outras pessoas negras que vieram de famílias inter-raciais a gente começa a perceber essas coisas em comum, né! Que a gente acaba sofrendo racismo da nossa própria família! Da nossa própria mãe, que não é porque se relacionou com um negro que vai deixar de ser racista né, e acha que não é racista, mas é racista sim.

É então, não tinha nem essa questão, né?! De identidade negra ser positivada ou não, não queriam assumir sabe, tipo assim, que eu sou negro. Tipo, pô, sabe, é um negócio assim, tanto que nos meus documentos, na certidão de nascimento, os documentos que vão para a escola, e aí eu lembro que eu vi em um documento meu, aí eu já tinha quinze/dezesseis anos, acho que eu tava mudando de escola, acho que era isso. Aí eu vi um documento que estava branco, né. E eu falei assim, ué, por que botou branco? E aí a nem lembro o que a mãe respondeu, mas daí eu só falei ah tem que botar pardo e que não sou branco. Né? Pô, olha pra mim, não sou branco, né? E daí eu lembro que nos documentos, documentos oficiais sempre botaram um branco. E essa questão, por isso que agora pra mim é muito interessante escrever sobre a branquitude, positivado como negro. Eu convivia muito com pessoas brancas, daí eu sei bem como é que funciona. Então, pra minha mãe e pra meus parentes tudo, é sempre assim

quando vão falar um negócio que é neutro ou que é bom sobre uma pessoa negra, aí ela é morena. Né! É morena. Ah! Morena é isso? Morena é aquilo. Aí se é um negócio ruim, aí é aquela negra, aquele negro, né? Então, isso eu sempre reparei. Isso aí é um negócio que eu sempre reparei, difícil dizer quando é que começou isso, mas desde muito tempo eu lembro de reparar isso. Então, quando era algo negativo pra falar sobre o negro, falar aquele negrinho, aquela negra, aquela coisa assim, aquele preto. Agora quando era algo positivo ou neutro, era aquela morena, né? Entendeu?

Então, mesmo sendo a mesma pessoa, entendeu. Quando a pessoa é boa embranquece, né. Quando a pessoa tem algum respeito, quando as pessoas brancas têm algum respeito sobre a pessoa negra, então a pessoa negra acaba se embranquecendo na visão dos brancos. Isso que eu reparei assim né, que eu há muito tempo eu penso nisso, reparando que funciona assim. Observando a minha mãe e minha tia que era com quem eu convivia em casa. Que eu sempre fui reparando essas coisas e aí a gente vai lendo, e escrevendo também, sobre isso, e a gente começa a ver o quanto faz sentido.

*E eu lembro até que eu vi um episódio do mano a mano com o Emicida, que é o podcast do Mano Brown, e aí estava o Emicida sendo entrevistado e aí o Emicida falou um negócio assim, porque uma coisa que sempre me deixou com a identidade assim, a questionar a minha identidade como negro, é porque as pessoas brancas ficavam falando esse tipo de coisa na minha frente. Tipo assim, coisas racistas na minha frente e aí eu ficava pensando, tipo, eu ficava assim ué, mas então a pessoa acha que eu sou branco pra estar falando um negócio desse, né? Tu acha que eu vou ficar a favor disso que você está falando? E eu sempre quando tinha os racistas na minha volta e sempre falando essas besteira, aí eu sempre questionava ou até brigava, mais assim discutindo, né, com a pessoa. Dependendo de quem era né? Então, eu pensei, pô, então, antes eu sou branco? Se acha que pode ser racista na minha frente. Então, a pessoa acha que eu sou branco. Eu pensava, né? Mas na verdade não é que eu pensava, eu ficava com uma sensação de identidade rompida, sabe? Tipo assim, então, pô, será que eu não sou negro? Será que eu sou negro? Eu ficava muito em dúvida né? E aí quando eu ouvi esse podcast eu consegui entender. Então, eu fiquei sem entender essa parte por muito tempo e aí eu ouvi esse podcast e o Emicida falou que acontecia a mesma coisa com ele. Que as pessoas eram racistas, os brancos eram racistas na frente dele. E se sentiam assim, né! **Porque quando tu,***

quando a pessoa tem algum respeito ou gosta de ti, os branco, eles pegam e te embranquecem, né!

Tipo, então, ah tu é negro, mas tu não é que nem aquele negro ali, entendeu? Tipo assim, mas tu nem é tão preto, né? Porque tu é bom, sabe? Aquela coisa assim, não, tu é bom, tu é uma pessoa legal, pô, tu nem é preto, tu nem tem uma pele mais escurinha, né? Então, o Emicida relatou isso lá com o Mano Brown e eu comecei a entender. Oba! Então era isso, né? E aí depois conversando também com algumas pessoas, com uns amigos meus, que são de família inter-racial, a gente vai encontrando, vai percebendo essas similaridades.

E meus amigos viam do jeito que eu era, acho que não iam ficar, é... não iam querer bater nesse ponto porque viam que eu já não concordava com nada que eles falavam sobre essas coisas de raça, sempre discutia lá quando eles falavam besteira, falavam coisa racista, eles não viam essa abertura, talvez falavam entre si, mas não falavam pra mim, né.

Então, sobre relacionamentos inter-raciais, é doido, então, e na verdade no começo não, porque é como eu te falei no colégio que eu estudava era mais dividido. Tipo assim, era mais proporcional a quantidade de negros e de brancos, logo ali até uma sexta, sétima série. Então, eu convivía, tinha bastante negro pra conviver.

Aí os primeiros beijinhos, lá da escola né, eu ficava, eu me relacionei mais com negras, mais no começo. Aí depois, na oitava série, que eu já vou a partir da oitava série eu vim estudar aqui no centro, até tinha bastante negra, assim bastante pessoas negras.

Depois do primeiro ano em diante tem mais gente branca né! Na aula e mesmo em escola pública e tipo, porra, nas aulas lá era oitenta por cento de brancos eu acho, sabe?! Era muito mais, tinha três, quatro negros em cada turma, né, no primeiro ano. E por mais que eu até já tinha uma alguma reflexão sobre isso, estava com dezesseis, quinze anos, ali já tinha alguma reflexão sobre isso, mas não era o bastante. **Então eu me relacionava mais com brancas a partir de então, porque tu vai convivendo com os ambientes mais branco, né. Quando tu começa a ficar com mais escolaridade, pelo menos pra mim foi assim, não sei se ainda é assim, mas talvez seja assim né, começa a ficar com mais escolaridade e a frequentar outros espaços e depois tem a universidade, com mais prestígio, digamos assim, né! E os espaços começam a ficar mais branco. Mas aí, depois na faculdade, acho que a partir ali do terceiro ou quarto semestre, eu comecei a pensar mais... E também estava mais forte essas discussões, aí eu tive mais relacionamentos com pessoas negras, a namorada com quem eu tive mais tempo também era negra/parda, uma moça, e a gente discutia bastante**

também sobre isso e via coisas em comum nas nossas famílias, na nossa criação, né!

Mas eu acho que no meu caso, eu acho que não reproduzo o modelo inter-racial, mas acabou que com quem eu tive mais afinidade também vieram de um relacionamento inter-racial, né... Não sei se isso quer dizer alguma coisa.

Ah sim, eu já ponderei relacionamentos afro-centrados né, até tinha uma época, logo quando eu comecei na faculdade, nos primeiros anos, que era muito forte isso aí, de falar nisso aí, de **afrocentrar, de afrocentrismo, não sei o que... mas nessa época ninguém lia nada, né? Só ficava um negócio assim, bah que não sei o que... potência os relacionamentos negros.**

Aí depois, lendo o Fanon, aí que eu fui pensar mais, né. Que tipo assim, por mais que haja assim, por mais que a gente tente priorizar relacionamentos afrocentrados até, de certa forma. Mas eu acredito que existe uma maneira mais correta de pensar nisso e uma maneira que não é muito legal, né! Uma, eu acho que a maneira que eu vejo como assim mais correta, digamos, eticamente assim, é tu pensar que a pessoa não vai ser racista. **Pô, uma pessoa negra não vai ser racista, não vai ter aquele pensamento de branquitude, sabe? De ver as coisas assim num jeito assim, que busca sempre se manter, vê o branco como o centro do universo sabe? Aquela coisa assim, né?**

E que vai compartilhar das mesmas questões que eu, a gente vai poder conversar, vai ter coisa que conversar e reparar nas coisas, não vai ficar só bitolado assim, né! Sem ver essas questões como se não existisse, sabe? Então, é legal que tu consegue conversar sobre coisas mais profundas assim com essas pessoas que são negras e que passam pela mesma coisa que tu,! Acho que esse é o viés, que é assim, que é o correto, né, digamos assim. Que o viés que eu acho que faz sentido assim, pra se buscar relacionamentos afrocentrados.

Mas eu vejo que às vezes, nas redes sociais, o pessoal coloca mesmo como uma questão assim, aí temos que continuar, temos que manter preta

a família, tenho que ter filhos negros. Eu acho que isso aí não é muito legal, acho que é uma visão tipo um eugenismo também, trocando de lado, né? Claro que não se compara com o eugenismo do Brasil, com o que que aconteceu no Brasil. Mas eu acho que é uma visão equivocada assim, até uma visão de um tipo, quem eu vejo colocar essas questões dessa forma é quem tem como base um autor que não vejo muita contribuição, que é o Marcos Garvie. Então, hoje em dia eu acho legal e de certa forma eu sigo um afrocentrismo, eu dou uma certa prioridade para esses relacionamentos, mas eu não tenho uma visão crítica também sobre isso, entendeu? Eu acho que depende dos motivos que tu está usando esse afrocentrismo, entendeu? Então acho que é basicamente isso.

Segunda Experiência Narrativa (Re)contar

03/Julho/2023

E até como os próprios negros lidam com o cabelo né. Meus irmãos sempre tiveram cabelo bem curtinho, muitos colegas negros da escola faziam comentários depreciativos sobre o meu cabelo. São muitas camadas...

Outra coisa que é bem relevante de falar das questões tanto de família inter-racial, como se dá a percepção dessa pessoa que vem de uma família inter-racial como negro, né? A questão do cabelo também assim, né? Que eu acho que é o mais... Foi o mais marcante assim, o meu traço que mais

fez eu sofrer racismo, que é um negócio complicado de tu dizer que foi racismo. Porque as pessoas brancas também falam isso, de que tem cabelo cacheado, de achar que aquilo é racismo ou de dizer que “ah não, então eu também sou negro”? E se eu tenho o cabelo cacheado e falaram que o meu cabelo é ruim, que meu cabelo é isso e aquilo, e também sei lá, isso não é racismo? Querer desmerecer, fazer comentários depreciativos ou cabelo crespo. Mas eu acho que é um pouco diferente.

Por exemplo, a gente sempre ouviu, sempre ouviu falar que meu cabelo era ruim, que parecia Bombril, um monte de coisa, assim, bem depreciativa, que só era tolerável quando estava molhado, quando passava muito gel, e teve várias formas assim de eu tipo, eu não lembro, não sei bem se foi da minha cabeça que foi esse negócio de não gostar do meu cabelo, eu acho que foi da cabeça dos outros, e aí teve uma época que eu cortava bem curtinho, gastava a máquina dois. Aí depois na adolescência, que daí eu comecei a ter umas referências assim, tipo, eu tocava em banda, quando eu tinha treze anos, eu comecei com doze anos, aprendi violão, aí com treze eu tinha uma banda de rock e aí depois eu fui ouvindo várias coisas né? Até que eu cheguei no Jimi Hendrix. E aí Jimmy Hendrix é uma das poucas figuras negras lá no rock. E ele tinha um baíta blackzão e tal, né! E aí eu tinha um black assim quando eu era adolescente, e aí na época nem tinha direito o creme de cabelo e então eu não usava, então ficava bem crespo e tal, bem grande e bah, eu não conseguia nem andar na rua! Tipo, era só comentário, sabe? É, tipo, era um bagulho assim bizarro. Aí depois que eu comecei a usar creme, começou a ter mais creme nas propagandas de creme pra cabelo crespo e cacheado, aí comecei a usar e melhorou um pouco, os comentários, a reação das pessoas.

Quando estava mais curto não tinha tanto problema. Depois, quando

eu deixava muito crescer, tipo dois, três meses, já ficavam enchendo o saco também. Todo mundo dá volta assim, falando besteira e que, então, eu tava falando eu queria chegar num ponto, né? Que é diferente, das pessoas brancas, né? Que tem cabelo cacheado, né? Porque tipo assim, eu já vi mulheres negras, gurias da adolescência lá... E mesmo quando alisavam o cabelo não era tolerável o bastante para as pessoas. Porque a raiz ficava mostrando, o cabelo mais pesado, então, não ficava com aquele cabelo fino de quem não tem o cabelo crespo, né? Quem tem o cabelo crespo fica com o cabelo liso, mas ele fica mais grosso, com uma pegada assim mais grossa, e aí diziam assim: “ah, mas dá pra ver que o teu cabelo é ruim, não adianta alisar que dá pra ver que teu cabelo é ruim, né!”. Então, é diferente uma pessoa que tem o cabelo cacheado, que não é o crespo, e ela vai alisar o cabelo, vai passar ali na rua e não vão encher o saco dela, né? Mas a pessoa que tem o cabelo crespo vai enfrentar isso.

Isso também é uma forma de racismo, né? É um negócio muito complexo, essa coisa do cabelo. Eu gosto do Fanon... Depois que eu encontrei o Fanon eu comecei a de fato ver que muitas coisas que eu não concordava, assim com algumas posições dos textos que eu lia na internet e tal, eu comecei a entender por que algumas coisas não me representava, como não me representa o Marcos Garver, né?

Que é um que autor que pelo que eu tive contato, eu não consegui ver muita coisa legal. Até sei que ele teve uma contribuição pro reggae, e eu gosto de reggae e tal, aí nesse sentido o cara trouxe sua contribuição, mas de resto tem muita coisa que... meu Deus do céu. Como é que pode? Mas, enfim, né!

Aí depois que eu encontrei o Fanon aí muita coisa faz sentido. E o **Silvio Almeida** também, né? Que também gosto bastante, porque ele parece que consegue explicar tudo que eu ouvi e vivi e nunca consegui explicar, nunca consegui falar. É e por isso que eu gosto. E também a **Lélia González**, ela é genial, né? O modo que ela fala e, principalmente, o jeito que ela escreve é incrível. Esses são autores que eu vejo que conseguiram explicar as coisas e são os que eu mais admiro.

Bom, mas essa questão do

cabelo, como eu te falei, é um negócio pra mim, é um negócio tão dialético, tão complexo que até hoje eu não encontrei nada, nenhum texto que consiga explicar todas as variáveis que pode ter nesse lance, acho que dá pra fazer um livro gigantesco só sobre isso, né! Isso aí é muito é louco, né? É louco!

O **Deivison Faustino** falou uma frase que eu achei impressionante e didática sobre isso: “o branco criou o negro. Mas nesse processo, ele não se diz branco. Ele diz: eu sou humano, você é negro”, é uma síntese, né!

Para me identificar, pode ser o **Marighella**? Ele é um pardo com um dos nomes europeus, sofria racismo quando era deputado, mas ainda tem gente querendo tirar a negritude dele na internet.





Figura 18 - Grande Veleiro – Bispo do Rosário.

Fonte: Reprodução fotográfica Rafael Adorjan - Museu Bispo do Rosário.

costurando retalhos-narrativos

A obra de arte exposta é de autoria de Arthur Bispo do Rosário, um homem negro, que viveu em isolamento em instituições psiquiátricas em torno de 50 anos, foi um artista plástico brasileiro reconhecido internacionalmente. O conjunto de sua obra conta com 802 peças com diferentes técnicas, com destaque para a costura e bordado em tecido, em formas de fardões e estandartes.

Os materiais para as produções do Bispo, eram doados por funcionários das instituições psiquiátricas em que ele ficava, eram materiais que seriam descartados, além do reaproveitamento. Bispo também tramava artisticamente com as memórias de quem utilizou esses materiais, compondo uma obra única, mística e potente. Esses mesmos funcionários também o ajudavam a desfiar os uniformes para que assim ele tivesse linha para suas costuras, o azul que ele tanto gostava, e o conseguia em vários tons, alguns mais desbotados pelo desgaste dos uniformes e outros tons mais vívidos vindo dos uniformes mais novos. Bispo dizia que costurava porque precisava e que só fazia o que as “vozes mandavam”. Teço, ainda, que a arte de Bispo, para mim remete às nuances de festas populares de matriz africana, trazendo um viés de memórias afetivas, esbanjando aspectos lúdicos, delicados e estéticos, conduzindo a reflexão entre a força e a fragilidade, o sagrado e o profano. A arte foi a vida de Bispo, ele se despia para produzir!

O grande veleiro foi nomeado por outras pessoas, após a morte de Bispo em (5 de julho de 1989), pois ele não gostava de nomear e nem datar suas obras. Um grande veleiro repleto de subjetividade, histórias, dores e resistência, um belíssimo veleiro poético para compor nesta pesquisa-costura e, quem sabe, nos convidar para uma viagem? Pode ser bom embarcar em um veleiro feito de pano, linhas e madeiras, e quem sabe com essas miudezas possa nos conduzir ao cotidiano dos/as participantes-autores/as da pesquisa, suscitando ideias à pesquisadora-costureira de como prosseguir com sua pesquisa-costura frente a tantos potentes materiais de campo.

Em meio as dúvidas de como conduzir a costura, lembrei do que dizem Clandinin e Connelly (2015, p. 179): “Quando aprendemos a ser pesquisadores narrativos, percebemos que não existe uma única forma de transformar os textos de campo em textos de pesquisa”. Pensando nessa multiplicidade de formas de transformação dos textos de campo para “os de pesquisa”, fui remetida aos potentes textos, anteriormente comentados, elaborados durante o processo de escrita para a qualificação desta tese (em abril de 2023). Esses foram um dos muitos textos



intermediários ou textos provisórios, os quais, de acordo com Clandinin e Connelly (2015), são escritas provisórias.

Uma espécie de experimentação textual situada entre os materiais de campo e a versão final dos textos de pesquisa, aproximando, novamente, os procedimentos adotados por este trabalho com a metodologia almejada pelo escopo da pesquisa-narrativa. Tendo, portanto, esses textos intermediários em mãos, todos os retalhos-narrativos experenciais e o forro da colcha, comecei a percorrer os alinhavos que haviam sido realizados de forma artesanal/manual. Esses alinhavos são movimentos de costura, contudo, em caráter mais fluído, sua principal função é compor a disposição dos retalhos, sendo, então, um dos artefatos necessários para a tessitura⁷¹ desta tese-colcha de doutoramento.

Prossigo cosendo agora com o suporte da máquina de costura, que vai fixando os retalhos-narrativos, forro e borda da colcha. Neste movimento de costura, os textos intermediários outrora escritos vão se compondo enquanto texto de pesquisa, em um processo analítico interpretativo de **composição de sentidos das narrativas** (ELY *et al.*, 2005). Para compor este texto-costura de pesquisa, precisei escolher as linhas que seriam utilizadas na máquina de costura. Esse processo é complexo, uma vez que ao olhar para as experiências narrativas produzidas me encontrei com 12 tipos de fios. Estão eles apresentados na figura 19, por ora dispostos na minha caixa de costura.

Enquanto pesquisadora-costureira, analisei com atenção todos os 12 fios e percebi que de forma individual seria impossível trabalhar com todos devido as suas singularidades e amplitude. Percebi, também, que alguns desses fios se enroscavam, se uniam, e que esse entrelaçamento poderia ser proveitoso para a costura. Assim, seria possível compor esses fios em linhas harmônicas entre si e junto à máquina de costura, para que elas dessem conta de fixar os retalhos-narrativos, forro, botões e todos os demais materiais utilizados na artesanania da composição da colcha.

71 Palavra criada pela autora, apresenta significado similar à tessitura, ou seja, composição, feitura, algo tecido de forma manual/artesanal.

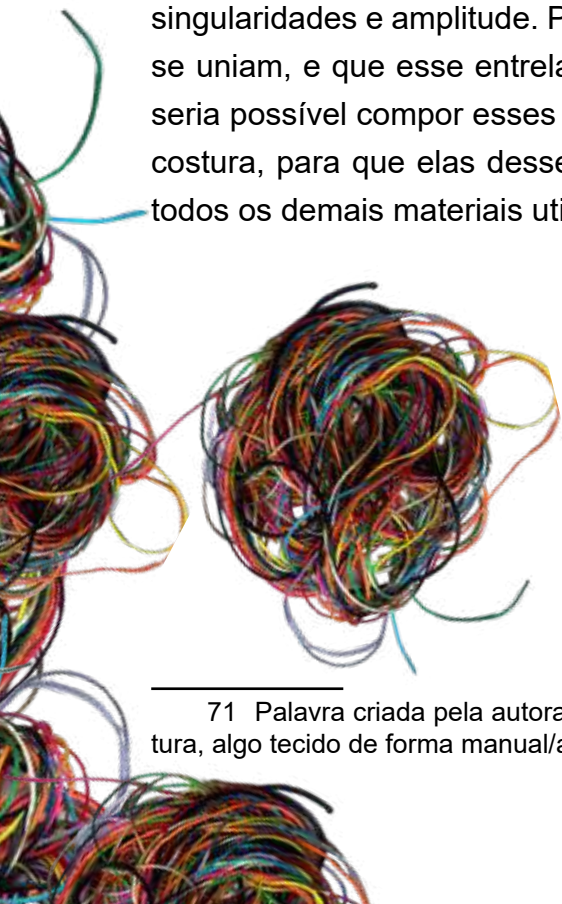




Figura 19 - Fios-conceitos das experiências narrativas
 Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desses 12 **fios-conceitos** dispostos na minha caixa de costura, compus três linhas condutoras, durante o processo analítico interpretativo das narrativas. Atentei, para tal, a todos os materiais construídos no campo (encontros experienciais narrativos, notas de campo, transcrições), percebendo a convergência entre alguns fios.

Com esse entrelaçamento de alguns fios-conceitos narrativos dos/as participantes-autores/as, apresento as três linhas condutoras para a composição de sentidos das narrativas, como pode ser observado na imagem a seguir (Figura 20) e mais detalhadamente no Quadro 4. A escolha dessas três linhas condutoras foi baseada na potencialidade/versatilidade de cada linha em representar e conectar os

temas de maneira eficaz, construindo uma costura harmônica e potente, entrelaçando fios-chave de maneira coerente, proporcionando um enfoque objetivo, crítico e poético das narrativas.



Figura 20 - Linhas condutoras da pesquisa
Fonte: Elaborado pela autora.

Dito isso, em pontos importantes da costura costumo fixar um botão e essa fixação foi feita manuseando essas linhas condutoras que me aproximam do que Clandinin, Steeves e Caine (2013) conceituam como ressonâncias através dos relatos, as quais aqui nomeio como **linhas condutoras** da costura, e com elas a costura foi acontecendo. Durante esse processo, revelaram-se algumas interconexões entre elas, ressalto: estética, amor romântico, opressão racial e identidade.

Para que este tecido textual não venha a desfiar, teço um ponto chuleado, ao contar que os títulos das linhas condutoras da pesquisa foram atribuídos baseando-se em excertos e conceitos das falas dos/as participantes-autores/as. De modo a explicar melhor a composição das linhas condutoras da pesquisa, teci o Quadro 4. Quadro: Tensões das linhas condutoras para a composição de sentidos para as narrativas. Fonte: da autora 2023.

Quadro 4 - Tensões - linhas condutoras para composição de sentidos das narrativas.

“Pulando a corda da aceitação”	Uma linha que se propõe a pensar a negociação do amor inter-racial e a aceitação familiar, focando em compor sentidos aos desafios enfrentados por indivíduos em famílias inter-raciais, investigando a dinâmica de aceitação e rejeição dentro de suas famílias. Destaca as histórias e experiências dos/as participantes-autores/as que tiveram que percorrer pela desaprovação familiar, bem como o impacto em seu sentimento de pertencimento e sua formação de identidade.
Negociando ‘Moreno/a’	Essa linha desenrola-se nas jornadas de identidade racial entre gerações. Nesta conjunção, buscou-se como os/as participantes vão tecendo e (re)tecendo suas identidades raciais dentro de famílias inter-raciais. O título desta linha incorpora a reflexão dos/as participantes-autores/as sobre o termo “moreno/a” e destaca as complexidades da negociação da identidade racial.
Afrocêntrica	A linha perpassa as experiências compartilhadas de compreensão e cura. Neste ponto, a investigação vai alinhavando o significado dos relacionamentos afrocentrados para os/as participantes, enfatizando o poder transformador das experiências compartilhadas, como a potência que há pela educação, pelo letramento racial crítico e movimentos negros que caracterizam esses processos. O título reflete a expressão para os/as participantes-autores/as encontrar consolo e compreensão nas conexões afrocênticas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Aproveito e costuro aqui outro botão para chamar a atenção para a noção de composição de sentidos desenvolvida por Ely *et al.* (2005), que salientam que

esse processo não se inicia no momento de “análise”. Ao dialogar com essas autoras, Protásio (2023) cita alguns meios para a feitura do processo de composição de sentidos das narrativas que compreendem: a leitura e releitura, bem como a escrita e reescrita das informações do campo, as análises-reflexivas e as experimentações de gêneros textuais (poemas, resumos, cartas, criação de perfis para cada participante, transcrições, colagens, dentre outros).

Tais autoras me ajudaram a compreender o processo de “análise” da pesquisa como sendo um movimento de emaranhar-se nos textos de campo. E nesse emaranhamento, nessa imersão nos materiais do campo, ir tecendo formas para as diferentes composições de sentidos das narrativas dos participantes-autores/as.

Nessa movimentação pelos artefatos da costura, compartilho os momentos do procedimento adotado para a composição de sentidos das narrativas dos/as participantes-autores/as nesta pesquisa-costura, agora alinhados com o forro teórico de Ely *et al.* (2005) e Protásio (2023):

1. Escolha da foto/rosto para representar cada um dos/as participantes-autores/as da pesquisa;
2. observação e elaboração das apresentações dos/as participantes-autores/as;
3. construção dos perfis com as etapas das experiências narrativas (um para cada participante-autor/a);
4. organização estética das transcrições das narrativas e impressões dessas para uma visualização ampla;
5. leitura-releitura dos materiais do campo (transcrições e notas de campo), de acordo com Clandinin e Connelly (2015);
6. composição de novos textos intermediários, conforme Clandinin e Connelly (2015);
7. escolha dos fios-conceitos das experiências narrativas (apresentação dos conceitos entrelaçados e confecção de esquemas);
8. a partir dos fios-conceitos das experiências narrativas, alinharei a escolha das linhas condutoras da composição de sentidos das narrativas (confecção de esquema e quadro explicativo das linhas escolhidas).

Todos esses movimentos foram realizados para compor o procedimento de “desempacotar as histórias”, conceito utilizado por Clandinin (2013) para dizer o quanto uma história (uma narrativa) vai se desembulhando em outras, levando em conta os aspectos de sociabilidade, temporalidade e lugar (anteriormente descritos no Quadro 1).

E nesse processo de desembalar as histórias, da forma mais entendível e significativa possível, fui me movendo entre os materiais do campo. E ao me movimentar pelo ateliê de costura, observei com cuidado os **retalhos-narrativos experienciais** vivenciados no campo, e percebi que essas experiências alteraram minha maneira de olhar, como mencionado por Larrosa (2002, 2011).

Realmente, pesquisar narrativamente é um movimento relacional (CLANDININ, 2013), tudo se mistura, linhas e pontos se entrecruzam, os enredos narrativos se emaranham e deslocam a pesquisadora-costureira para múltiplos olhares. Destaco o que já foi dito, na tentativa de desenredar os amarilhos, surgiram os fios-conceitos das experiências narrativas e, posteriormente, devido às especificidades da máquina de costura, as linhas condutoras da pesquisa, ambas desenhadas no Quadro 4.

Por fim, a tessitura de uma tescolcha de retalhos é uma produção artesanal e artística, por isso a questão estética vem sendo valorizada nesta pesquisa-costura. O movimento de costurar com a máquina tem uma cadência própria, um fluxo que vai cingindo os retalhos-narrativos.





Figura 21 - O Manto da Apresentação – Bispo do Rosário.
Fonte: Reprodução fotográfica Rafael Adorjan- Museu Bispo do Rosário.

costurando com a máquina • análise

De novo trago uma imagem poética composta por Bispo do Rosário, o **Manto da Apresentação** (nomeação composta pelos curadores do Museu Bispo do Rosário), feito a partir de um cobertor da colônia psiquiátrica onde estava internado. O fundo rústico e irregular da peça se contrapõe aos bordados delicados e coloridos, Bispo compõe um dos seus trabalhos mais complexos, vários bordados, composições de cores e palavras. Gosto da arte (dos “trabalhos” como Bispo as nomeava) porque para ele, elas (obras) serviram de escape, talvez uma maneira de denunciar as péssimas condições das instituições psiquiátricas da época (entre 1938 e 1989) e talvez, também, seus dilemas por ser um homem negro, com doença mental e financeiramente pobre.

Esse “trabalho” possui uma minúcia de detalhes, um imaginário de mundo e de “juízo final”, Bispo dizia que iria se apresentar nesse “julgamento” com esse manto. Contudo, fora todo esse arcabouço artístico e imagético que Bispo nos provoca, a presença desse manto nesta tessitura desta tese-colcha tem também um objetivo didático. Então, no manto do Bispo são dispostos vários fios de cores e texturas diferentes, esses fios percorrem diferenciados caminhos, mas se entrelaçam, se emaranham no centro da peça, barbantes coloridos e entrelaçados que inspiram uma ideia de amarras, de união, em especial os cordões que perpassam e abraçam a peça, como proposta de circunscrição, acabamento delicado-firme, que coroam o delineamento final da peça. Esse movimento tem muito a ver com o que fiz na Figura 20: Linhas Condutoras da Pesquisa: dos retalhos-narrativos dos/as participantes-autores/as desta pesquisa-costura surgiram fios-conceitos e esses foram se fundindo, se emaranhando, assim como o nó, central, potente e colorido do trabalho de Bispo.

composição de sentidos das narrativas

Nesta pesquisa-costura, desse emaranhado de fios-conceitos, como já anteriormente apresentado, foram compostas as três linhas-condutoras apresentadas na Figura 20. Buscando facilitar a compreensão do leitor, essas linhas se moveram por entre os retalhos-narrativos, mantendo a continuidade da composição de sentidos, nessa sequência: *Manuela D’ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*. Essa disposição deve-se à cronologia dos acontecimentos das experiências narrativas, bem como à divisão dos/as participantes-autores/as da pesquisa relacionados às suas cidades de origem.

Argumento, também, que a composição de sentidos das narrativas dos/as participantes-autores/as *Manuela D’ávila* e *Zumbi dos Palmares* foram tecidas de forma articulada, devido a eles comporem um casal. Aproveito para pontuar que são

esses os/as únicos/as participantes-autores/as deste estudo que apresentam uma conexão familiar entre eles.

“pulando a corda da aceitação”: o que dizem as narrativas sobre a negociação do amor inter-racial e aceitação familiar

Ao pegar essa linha condutora, buscando construir uma unidade de significado, “Pular a Corda da Aceitação”, vou cosendo os retalhos-narrativos que perpassam os desafios enfrentados pelas pessoas nas suas relações afetivo-familiares inter-raciais, buscando aconchego e aceitação de seus parentes, e em meio aos marcadores da colonialidade, reflito sobre a “negociação” do amor levando em conta os processos de racialização. Parto da perspectiva apresentada anteriormente, de que vivemos em uma sociedade hierárquica, onde pessoas lidas socialmente como brancas ocupam lugares “de maior prestígio” e pessoas lidas socialmente como negras ocupam lugares de subalternidade.

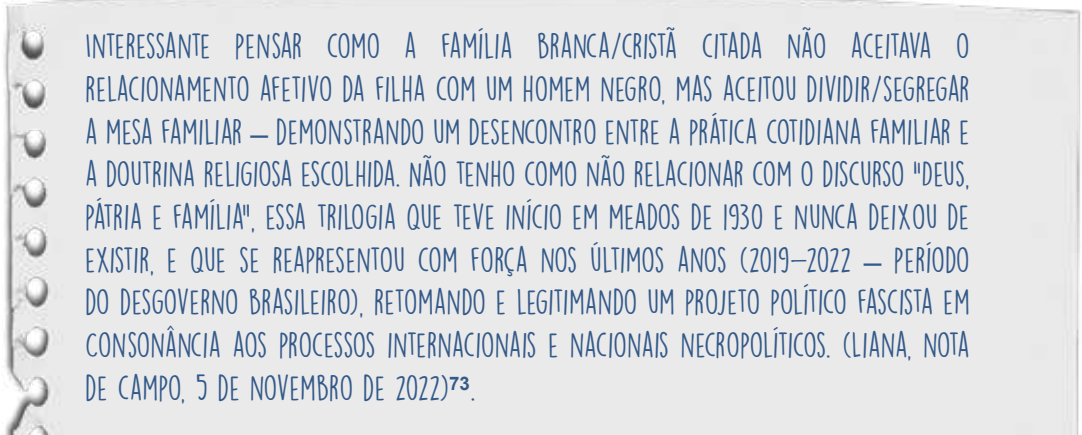
Os tecidos teóricos de Berger e Luckmann (1985) destacam a potência do ambiente familiar para a construção da identidade pessoal e se entrelaçam com Sarti (1992), que demarca a urgência da desnaturalização da família enquanto um “modelo” fixo/estático para que consigamos compreender essa instituição familiar como algo em constante modificação e reorganização. Com a costura dos retalhos-narrativos de *Manuela D’Ávila* e *Zumbi dos Palmares* é possível perceber como eles tentam transpor as barreiras hierárquicas raciais com afeto e união, buscando por aceitação no âmbito das suas relações familiares e sociais.

Manuela começa narrando os três olhares distintos lançados sobre sua família. O primeiro olhar é vindo da sua família branca e cristã – um olhar costurado pela dor, palavras ofensivas e expulsão de casa, todas essas violências ocasionadas pelo seu relacionamento com um homem negro. Para pensar essas relações, recorro à Jessé de Souza (2021), que fala sobre o quanto o cristianismo propaga a busca por uma virtude platônica, uma espécie de recompensa, que seria a vida eterna para quem consegue “controlar o corpo”, suas paixões e desejos. Isso pode ser visto na fala a seguir:

[...] não dividiam a mesa comigo, me chamavam de puta, me levaram a médicos por acharem que eu tinha problemas mentais, tinham certeza que por eu ser branca e estar de relacionamento com um homem negro eu não passava de uma prostituta e que gostava muito de sexo, por isso querer um cara preto. (Manuela D’Ávila, 15 de dezembro de 2022).⁷²

⁷² Utilizei a cor vermelho bordô para demarcar os excertos das narrativas dos/as participantes-autores desta pesquisa-costura.

Na fala exposta, podemos perceber o quanto os princípios da colonialidade podem se manifestar na “moralidade”, conforme nos alerta Ballestrin (2013), principalmente no que diz respeito à moralidade cristã, que dita padrões brancos e heteronormativos. Sobre este trecho, costuro uma nota de campo:



INTERESSANTE PENSAR COMO A FAMÍLIA BRANCA/CRISTÃ CITADA NÃO ACEITAVA O RELACIONAMENTO AFETIVO DA FILHA COM UM HOMEM NEGRO, MAS ACEITOU DIVIDIR/SEGREGAR A MESA FAMILIAR — DEMONSTRANDO UM DESENCONTRO ENTRE A PRÁTICA COTIDIANA FAMILIAR E A DOUTRINA RELIGIOSA ESCOLHIDA. NÃO TENHO COMO NÃO RELACIONAR COM O DISCURSO "DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA", ESSA TRILOGIA QUE TEVE INÍCIO EM MEADOS DE 1930 E NUNCA DEIXOU DE EXISTIR, E QUE SE REAPRESENTOU COM FORÇA NOS ÚLTIMOS ANOS (2019–2022 — PERÍODO DO DESGOVERNO BRASILEIRO), RETOMANDO E LEGITIMANDO UM PROJETO POLÍTICO FASCISTA EM CONSONÂNCIA AOS PROCESSOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS NECROPOLÍTICOS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 5 DE NOVEMBRO DE 2022)⁷³.

O segundo olhar que *Manuela* menciona emerge da família negra de seu marido, a qual a tratava com formalidade e admiração pelo fato da sua branquitude. Aqui pode-se perceber o “poder simbólico” da branquitude de Lia Schucman (2012, 2013), explicando que pessoas brancas, mesmo não ocupando um lugar de “poder real”, ocupam lugares de poder simbólico. *Manuela* é uma mulher como sua sogra e suas cunhadas, mas o tratamento que recebe em relação a essas mulheres é diferenciado e isso se deve a essa construção social que concebe pessoas brancas como o “sujeito universal”.

Retomando o movimento de costurar, é importante dizer que esse “poder” que a branquitude detém contempla o sentido de “poder nomear o outro”. Por exemplo, disseram que indígenas são preguiçosos, que pessoas negras são vagabundas, pela lei da vadiagem⁷⁴, e esse “poder de nomear o outro” vai se difundindo com o que essa branquitude concebe como “verdade” e vai circulando o cotidiano das pessoas. E essa circularização dessas “verdades” ocorre também porque essa branquitude detém, entre outros poderes contemporâneos, o capital e a mídia.

Assim, a mídia pode ser considerada altamente como uma “aliada” ao processo de validação da nomeação do outro, basta olharmos para os filmes e novelas amplamente difundidos na TV aberta. A maioria dessas produções delega papéis de subalternidade ou solidão às pessoas negras (principalmente às mulheres negras),

⁷³ Buscando reforçar a aparência artesanal, optei por utilizar um fundo real de papel e a cor azul escuro para a fonte, tentando trazer o tom de uma caneta esferográfica. Essa estética foi adotada para as minhas notas de campo e para a carta (P. 214), como uma tipografia manuscrita que simula a escrita humana, o que intencionou criar uma apresentação mais afetiva, como se de fato tivesse sido produzida manualmente pela pesquisadora-costureira.

⁷⁴ Lei n.º 3.688 de 1941, que entendia como crime a ociosidade, a capoeira. Pode-se dizer que essa lei se prestou para encobrir o abuso de poder da polícia/Estado.

ou quando elas possuem núcleo familiar é um núcleo composto por pessoas brancas. Flauzina (2008) nos ajuda a compreender isso quando reflete sobre o genocídio simbólico, que é essa ausência de representação de pessoas negras em lugares de poder.

O terceiro olhar que *Manuela* narra emana do movimento negro – uma aceitação cautelosa envolta em reservas. Aqui, a jornada do casal desperta pontos de julgamento, com *Zumbi* sendo considerado “palmitreiro”⁷⁵, uma sensação de desconforto envolve o casal por essa situação. Aqui é importante fixar um botão, compreendo que pessoas negras não têm o poder institucional para serem racistas, porém, em muitas situações existe a reprodução de práticas racistas por conta da estrutura que oprime e naturaliza a desumanização de corpos negros.

Esta análise pontual, aqui nomeada como “um botão”, está localizada na costura para provocar a reflexão: o movimento negro canguçuense que *Manuela* e *Zumbi* frequentam tem sido espaço de acolhimento, fundamental para uma organização negra para fins de aquilombamento? Será que, mesmo sendo um movimento negro, não está sendo pensado/articulado em uma lógica branca e colonial? Esses questionamentos retomam e aproximam a realidade do casal com a perspectiva teórica de Ballestrin (2013).

Aproveito essa pausa na costura de um botão para propor um olhar a respeito da questão: não estariam, talvez, este grupo organizado que é composto por pessoas forjadas em uma sociedade que opera pela lógica da colonialidade e do racismo estrutural se fechando ou não se atentando para a potência da criação de espaços de escuta e debate acolhedor-humanizado sobre “palmitagem”?

A partir dessa questão podemos pensar a ineficácia de apenas criticar/rotular homens e mulheres negros/as já tão oprimidos pela hierarquia racial e não provocar a reflexão e construção de posturas de resistência contra-hegemônicas. Para o movimento de construção dessas posturas é fundamental que se confronte a palmitagem, começando pelo entendimento de que ela é um fenômeno social. Sobre isso, Neusa Souza (2021) pode nos ajudar a pensar, quando diz que a subjetividade de pessoas negras é construída com base em um ideal branco. Sendo assim, esse fenômeno social da palmitagem é alinhavado a um processo de busca por “aceitação”, por uma brecha no mundo privilegiado da branquitude.

Não é possível pensarmos fenômenos como a palmitagem no âmbito pessoal, particular de sujeitos, sem lançar uma percepção holística para como a estrutura

75 Gíria utilizada para denominar pessoas negras que mantêm relações afetivas com pessoas brancas. “Palmitar”, “palmitagem” ou “palmitreiro/a” são expressões informais e que fazem relação entre a cor de pele branca e o legume palmito.

racista e a branquitude se articulam, levando pessoas negras a relacionamentos interraciais em busca desse ideal que Souza (2021) sinaliza. Teço aqui um nó, que busca chamar atenção para não nos enredarmos nos amarrilhos coloniais, os quais criam “dogmas” por não promover a troca, o diálogo e o aprofundamento das discussões que envolvem temas polêmicos como o anteriormente exposto.

Esses retalhos-narrativos, como observado anteriormente, nos fazem pensar sobre como os aspectos da colonialidade funcionam na prática de dominação dos corpos subalternizados. E para tecermos um entendimento sobre isso é preciso a compreensão de que corpo é política (FOUCAULT, 1987) e que política compreende tudo em nossas vidas, as coisas que consumimos, o que pensamos e as causas pelas quais militamos. Compreendendo o corpo como política, entende-se que é nesse corpo que se inserem os signos que fazem sentido e que dão significados a certos modos de pensar. Por exemplo, as escolhas estéticas que fiz para compor esta tese são escolhas políticas, nada foi aleatório.

Dito isso, podemos perpassar a agulha pelos movimentos de “docilização dos corpos” referido por Foucault (1987). O autor apresenta esse conceito para se referir a corpos que passaram por um processo de árduo de disciplinamento e estão “aptos” para performar o “modelo” (homem, branco, cis, hétero) imposto pela colonialidade. Esse movimento disciplinar é incorporado por uma agenda conservadora e acontece em muitos espaços, como: família, escola, igreja, presídios, dentre outros. Esses processos de dominação dos corpos acontecem pela imposição da disciplina. Esse disciplinamento vai pontecendo a narrativa de *Manuela*, quando ela narra:

Para minha família, minha filha, aparentemente branca, foi uma benção, devido a tantas orações e fidelidade à igreja por parte deles. Meu filho, aparentemente negro, para eles é um coitado, algo que aconteceu para lembrar a coisa “errada” que fizemos. (Manuela D’Ávila, 15 de dezembro de 2022).

Manuela tece reflexões sobre como o fenótipo de seus filhos eram percebidos por sua família como um “disciplinamento divino”. Dito isso, é possível alinhar aqui a colonialidade do ser, descrito por Maldonado-Torres (2018), que promove uma deterioração da identidade, principalmente da identidade negra e indígena.

A “colonialidade do ser” dita como esse “indivíduo” deve se constituir, como ele deve se apresentar, como deve se comportar, que aparência ele/ela deve ter. Aqui posso tramar a linha com o que *Zumbi* diz:

[...] ela segue me cuidando, de olho nas roupas, nos sapatos e até nas palavras, nada de cabelo grande, roupas largas, capuz, coisas de reggae [gargalhada], porque diz sempre que ainda tem racismo e que temos que ser exemplo, ser os cara sempre. (Zumbi dos Palmares, 10 de novembro de 2022).

Sobre isso, compartilho:

SER OS "CARA SEMPRE" É O QUE MANUELA ESPERA DE ZUMBI E DE SEU FILHO, MAS O QUE É ISSO? SERÁ A ADERÊNCIA A UMA ESTÉTICA BRANCA? OU EXISTE NA EXPECTATIVA DELA QUE ZUMBI E SEU FILHO SEJAM "SUPER HERÓIS". CHAMO ATENÇÃO PARA ESSE MOVIMENTO DE COLOCAR PESSOAS NEGRAS FORA DA CONDIÇÃO DE HUMANIDADE, ESSE PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO NO SENTIDO DE NÃO PODER FALHAR, DE NÃO TER AUTONOMIA PARA ESCOLHER SUA APRESENTAÇÃO ESTÉTICA, SUAS ROUPAS, O QUE TAMBÉM SE ALINHA COM O PROCESSO DE ANIMALIZAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS E AS REDUZ A UM CORPO E UM CORPO INCAPAZ DE AGENCIAR SUAS PRÓPRIAS ESCOLHAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 10 DE NOVEMBRO DE 2022).

Tecendo a partir da nota de campo anterior é possível pensarmos esse corpo negro como um “corpo-propriedade”, como diz Bárbara Carine Pinheiro (2023). Um corpo que não pertence a si próprio, que não dispõe de autonomia para realizar suas escolhas estéticas e linguísticas. Na fala de *Zumbi* percebemos como a colonialidade do ser trama-se com o modo como *Manuela* o trata, impondo disciplina, um modo de ser e estar, e essa imposição é estruturada em uma idealização de mundo branca.

Esse cuidado que transpassa a narrativa de *Zumbi* e *Manuela* como afeto, como zelo, pode ser lido como um tipo de racismo cotidiano que Grada Kilomba (2019) nomeia como infantilização, que é quando a pessoa negra se submete a uma espécie de “dependência” dos parâmetros impostos por pessoas brancas. *Zumbi* compreende essa imposição de *Manuela* como “cuidado” e vai tentando se enquadrar nesse padrão eurocêntrico estabelecido.

Nas narrativas de *Zumbi* e *Manuela* o amor aparece como um elemento que produz aceitação e conforto, um tipo de “antídoto” para o preconceito e a discriminação, conforme diz:

[...] perceberam que tinha amor e aí acho que isso acalma essas coisas de racismo, e até meio que de ódio de nós negros. (Zumbi dos Palmares, 15 de dezembro de 2022).

O participante-autor afirma que as outras pessoas começaram a perceber que o relacionamento inter-racial dele e *Manuela* tinha um item especial, e esse item era o amor. Na concepção de *Zumbi*, essa percepção de “amor” gerou a “diminuição” do ódio que a sociedade canguçuense nutria por ele, por ser um homem negro se relacionando afetivamente com uma mulher branca. Sobre isso, Toni Morrison (2003) pontua que

mesmo com toda sua força o amor não é capaz de extinguir as desigualdades sociais-raciais históricas que atravessam a vida das pessoas.

Sobre o amor, *Zumbi* ainda diz:

Acredito que o amor é o que nos une hoje, ele, o amor, faz com que juntos possamos superar as dificuldades diárias e que são muitas [...]. (Zumbi dos Palmares, 15 de dezembro de 2022).

Vale destacar que o amor representado nessas narrativas é o amor romântico, aquele que vem nesse alinhavo de resolver as agruras da vida, de fantasiar a realidade, talvez como uma estratégia de sobrevivência, de resistência em meio ao ódio e a opressão, alinhando-se à nota de campo a seguir:

O AMOR ROMÂNTICO QUE ALINHAVA AS HISTÓRIAS DE ZUMBI E MANUELA ME REMETE PARA ALÉM DO AMOR SENTIMENTO, MAS ME FAZEM PENSAR EM IMAGINAÇÃO, EM UTOPIA, E ESSAS COMO ESTRATÉGIA DE LUTA. ESSE MEU SENTIR—PENSAR⁷⁶ SE ENREDA AO QUE BELL HOOKS (2020) AFIRMA QUANDO TECE A POTÊNCIA DA IMAGINAÇÃO COMO FORMA MAIS PODEROSA DE RESISTÊNCIA PARA PESSOAS OPRIMIDAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 10 DE DEZEMBRO DE 2023).

Continuo a tecer com hooks (2020), que nos ajuda a pensar o amor como uma potência transformadora contemplando aspectos sociais/coletivos e também privados/familiares. Esse botão aqui costurado é importante para nos deslocar dessa concepção de amor romântico, fantasioso, para um amor emancipatório. Costurando este ponto de pensar o amor como emancipação, compartilho um retalho-pedaço de *Manuela*, posterior à realização da leitura do seu primeiro relato narrativo:

É com amor, é pra cuidar, é pra proteger, mas é de certa forma racismo sim. (Manuela D'Ávila, 15 de dezembro de 2022).

Aqui mais um botão se une à costura, esse movimento de recontar histórias, como o método narrativo propõe, enfatiza o caráter autoformativo da pesquisa narrativa, conforme percebemos na fala de *Manuela*. Olhando novamente para a experiência vivenciada e falada, a participante-autora conseguiu lançar um olhar crítico para a sua conceituação inicial sobre amor. O movimento de falar-ler-reler e conversar com *Zumbi* sobre suas primeiras narrativas fez com que *Manuela* percebesse os “óculos do amor romântico” que estava usando. Rememoro o que hooks (2020) destaca ao dizer sobre o amor racializado, que o patriarcado é um problema para todos/as e gera violência, controle e opressão. Pensar o amor descolado do patriarcado, fora do racismo e do sexismo é uma forma de libertação.

⁷⁶ Sentipensar, termo criado por Saturnino de la Torre (2001, n.p.), indica “é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar”.

Dito isso, através dos relatos de *Manuela* e *Zumbi*, podemos observar a repetição de pontos, como a respeito do simbolismo genocida de Flauzina (2008), quando a participante-autora *Manuela*, diz sobre a negação da sociedade hegemônica em relação à existência de sua família, as lutas que enfrentam cotidianamente e a dor que se infiltra e, por vezes, silencia-os.

O evidente silenciamento do casal sobre a dor e as tensões oriundas das questões raciais nos mobiliza a pensar os silêncios. Ao alinhavarmos esse silenciamento com o forro teórico de Audre Lorde (2015), podemos pensar a respeito da reflexão das tiranias do silêncio. E assim é possível perceber que esse movimento tirânico, de alguma forma, faz parte das relações desse casal, dessa família, pois sentem dor, questionam comportamentos, mas não falam sobre isso, silenciam, como podemos perceber:

Mas... mesmo em silêncio, mesmo sem falarmos sobre isso, a dor está ali. (Manuela D'Ávila, 15 de dezembro de 2022).

Não gosto muito de falar de coisas de raça e de família, ainda mais na frente dos meus filhos e da minha mulher. (Zumbi dos Palmares, 15 de dezembro de 2022).

O questionamento de Lorde (2015) – quais seriam as tiranias do silêncio que “você engole diariamente até que morra delas, ainda assim em silêncio?” – grita aos ouvidos desta pesquisadora-costureira, quando olho novamente para a narrativa de *Manuela*, pois percebo o sofrimento por todas as violências que sua família de origem gerou (e ainda gera) sobre ela, seu marido e seus filhos. *Zumbi* também sente por toda a violência cotidiana que sofre, mas eles preferem silenciar sobre essas dores.

Continuando o movimento de costura sobre a experiência dos/das participantes-autores/as em relação aos seus núcleos familiares de origem, podemos perceber como as estruturas sociais e históricas do racismo afetam suas relações pessoais e familiares, como ao perpassarem pela “corda da aceitação”, *Manuela* e *Zumbi* cruzaram pontos sobre a hegemonia cultural⁷⁷. Provoco a reflexão com relação ao cristianismo acrítico, que segue um Deus branco e tirânico, reflexo da sociedade que segrega e pune as pessoas que questionam ou que não seguem o modelo colonial exigido. Um Deus inventado para trazer sustentação e justificar a lógica patriarcal racista.

O casal também transitou pela imposição impetuosa da disciplina imposta por agendas familiares conservadoras, que violentam, oprimem e punem, buscando impor de todas as formas um “modelo ideal” a ser adotado.

⁷⁷ O termo descreve o domínio exercido por um grupo ou classe social no processo de estipular e validar normas e crenças que modelam a cultura de uma sociedade.

Manuela e Zumbi tecem ainda um convite para pensarmos sobre a (des) romantização do amor, cerzindo com o que diz hooks (1994) quando fala sobre como o processo de escravização gerou impactos no ato de amar, principalmente, de pessoas negras. A autora narra que esse processo foi marcado por violências variadas e extremas, como pessoas negras “vendidas” como mercadorias, estupros e outras vivências horríveis, que ainda ecoam na sociedade atual e interferem na maneira como pessoas negras experienciam o amor. Essa costura não pode ser silenciada, é preciso pensar sobre essas formas de amar de forma crítica e emancipatória.

Continuo a movimentar o pedal da máquina de costura, agora cerzindo os retalhos-narrativos de *Angela Davis*, que inicia tecendo um relato da sua criação em uma família inter-racial, descrevendo um retalho de resiliência de seus pais contra as amarras da rejeição familiar, devido à inter-racialidade do casal.

Desde pequena eu sabia que era de uma família inter-racial, pois eu convivia mais com a família da minha mãe branca, em que todos eram diferentes de mim e do meu pai, nós éramos os únicos pretos da família dela. Meus pais contavam histórias sobre como não eram aceitos pelas suas famílias, minha avó branca não aceitava meu pai devido a sua cor e a minha mãe não era bem vista pela família do meu pai por ser branca. (Angela Davis, 13 de abril 2023).

Esse retalho narrativo de *Angela* sinaliza pontos sobre como ela se percebia em sua família. Ela cresceu ciente das diferenças raciais entre ela, seus pais e o lado materno da família (branca). As histórias de não aceitação de ambos os lados de sua família ressaltam os desafios que seus pais enfrentaram devido ao relacionamento inter-racial. Isso destaca a complexa dinâmica de raça e aceitação nas famílias, tensionando a compreensão de *Angela* sobre sua própria identidade e o significado da consciência racial.

Para a compreensão do exposto anteriormente, trago novamente o forro teórico de bell hooks (2019), quando trabalha o conceito “olhar de oposição”, que pode ser aplicado para entender a narrativa de *Angela Davis* dentro de sua família inter-racial. O olhar de oposição se refere à forma crítica e consciente com a qual os indivíduos marginalizados olham para o modo como a cultura dominante os percebe e age sobre eles. Na fala de *Angela*, ela reflete sobre suas próprias experiências crescendo em uma família inter-racial e as complexidades da aceitação. Sua consciência da dinâmica racial e seu envolvimento com a consciência racial podem ser vistos como um exemplo do olhar de oposição, desafiando as narrativas dominantes e buscando redefinir sua própria identidade dentro de seu contexto familiar.

Costurando os retalhos-narrativos da participante-autora, percebe-se a importância de reconhecer e compreender as múltiplas camadas de opressão das

identidades negras e privilégios das identidades brancas que se entrelaçam as relações inter-racializadas.

Trago para a costura algumas fitas de viés que ajudam a embelezar e sustentar a costura, provocando um olhar mais atento a como indivíduos experimentam e constroem suas identidades raciais. Com relação à positivação/negativação das identidades (branca e negra), *Angela* diz:

[...] com certeza a identidade branca foi bem mais positivada, como eu não sou retinta, as pessoas sempre diziam que meu cabelo não era tão “ruim” e que eu não podia ser considerada preta, pelo tom de pele mais claro, como se isso fosse um elogio, então comecei a alisar meu cabelo com nove anos, todas as minhas tias pretas alisavam e todas as minhas referências eram brancas da infância até a adolescência. (Angela Davis, 13 de abril de 2023).

Quando li esse trecho fiquei incomodada em perceber a colonialidade atingindo crianças, pois com nove anos *Angela* já se sentia oprimida a seguir um “padrão” estético branco. A participante-autora relata sobre os “elogios equivocados” que ouvia, como cabelo menos “ruim”, o que pode ter contribuído para começar a alisar o cabelo ainda tão jovem, revelando o impacto dos padrões de beleza eurocêntricos e a crença internalizada de que a brancura é superior (FANON, 2008). Isso se alinha com as teorias críticas da branquitude (RAMOS, 1995), que enfatizam como as estruturas sociais e as narrativas culturais perpetuam a valorização da branquitude e a marginalização da negritude. Sobre isso, compartilho uma nota de campo:

A FALA DE ANGELA MOBILIZOU A PROFESSORA QUE SOU, FIQUEI PENSANDO COMO É PRECISO TRABALHAR LETRAMENTO RACIAL COM CRIANÇAS (NEGRAS E BRANCAS) NO ESPAÇO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA. PROPORCIONAR PRÁTICAS QUE CONTRIBUAM PARA AS CRIANÇAS NEGRAS SE EMPODERAREM, PARA RESISTIR À OPRESSÃO DO RACISMO ESTRUTURAL E EXPLICAR PARA CRIANÇAS BRANCAS QUE ELAS SÃO RACIALIZADAS E NÃO SÃO O CENTRO DO UNIVERSO, QUE ELAS TÊM UM PAPEL IMPORTANTE NA LUTA ANTIRRACISTA DE APOIADORAS/ALIADAS E NÃO PROTAGONISTAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 13 DE ABRIL DE 2023).

A experiência pessoal de *Angela* reflete as maneiras pelas quais os padrões de beleza da sociedade e as percepções de raça podem levar os indivíduos a internalizarem e se conformarem a esses “ideais tendenciosos”. Isso é o que Fanon (2008) chama de “conformação ao branqueamento”.

Além disso, *Angela* destaca a falta de representação negra em suas referências, desde a infância até a adolescência. Essa ausência contribuiu para a crença internalizada de que a cultura e os padrões brancos seriam superiores. Isso ressoa com o conceito de “aniquilação simbólica” ou “genocídio simbólico” do qual Flauzina (2008) fala. Esses fenômenos sociais se referem à sub-representação ou

marginalização de certos grupos na mídia e nas narrativas culturais. Sobre isso, Pinheiro (2023, p. 57) também pontua que no Brasil “pessoas brancas são racistas, e pessoas negras reproduzem o racismo – inevitavelmente internalizado - contra elas mesmas”. A experiência de *Angela* exemplifica como a ausência de representação negra pode perpetuar um sentimento de inferioridade e contribuir para o apagamento das experiências e perspectivas negras. Com relação a isso, costuro aqui uma nota de campo:

ESSA FALTA DE REPRESENTAÇÃO NEGRA QUE ANGELA TRAZ ME FEZ LEMBRAR DADOS DO CENSO 2022, DO IBGE, QUE INFORMA QUE 56% DA POPULAÇÃO BRASILEIRA É COMPOSTA POR PESSOAS NEGRAS. E AGORA UM AMONTOADO DE QUESTIONAMENTOS SE ENREDAM NA CABEÇA DESTA PESQUISADORA—COSTUREIRA. MAIS DA METADE DO BRASIL É NEGRO, E ONDE ESSAS PESSOAS ESTÃO? QUAIS LUGARES DE PODER ELAS OCUPAM? (LIANA, NOTA DE CAMPO, 13 DE ABRIL DE 2023).

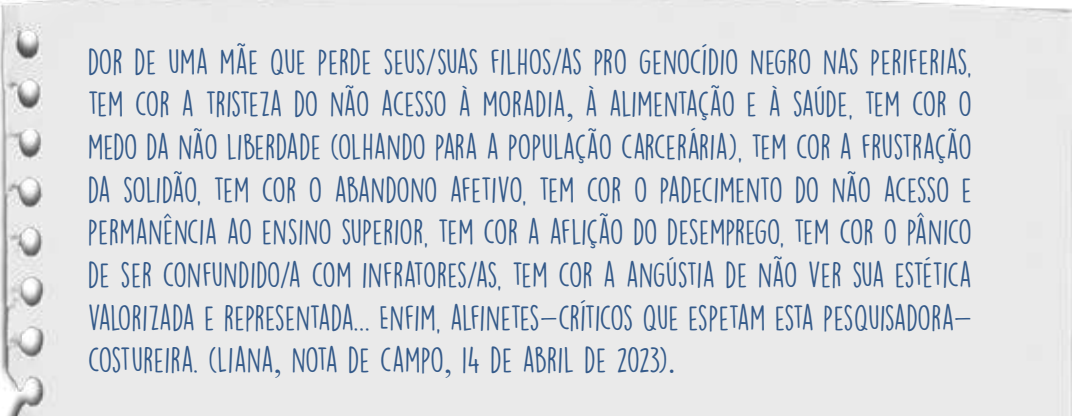
Ao olhar para esses pontos significativos, *Angela* fornece uma análise crítica do impacto da segregação racial, da valorização positiva da branquitude e da falta de representação negra. Suas contribuições se alinham com teorias como o olhar de oposição, a teoria crítica da branquitude e a aniquilação simbólica, enfatizando a necessidade urgente de desafiar e dismantelar essas estruturas prejudiciais em busca de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Girando a roda da máquina me encontro com a metáfora de “pular a corda”, simbolizando os esforços incansáveis dos pais de *Angela* para superar as barreiras sociais e permanecerem juntos. Aqui é possível perceber o “amor romântico” em ação, quando ela narra:

Meu pai contava que frequentava um clube que tinha uma corda que separava brancos e pretos, eu ficava imaginando eles pulando a corda para ficar juntos, eles romantizavam a história ou eu romantizava na minha cabeça de criança, não sei bem. (Angela Davis, 13 de abril 2023).

Na fala de *Angela*, vários pontos significativos podem ser destacados, fornecendo *insights* sobre as complexidades da segregação racial, a valorização positiva da branquitude e a falta de representação negra. Sobre isso, fixo aqui uma outra nota de campo:

NA MINHA PESQUISA—COSTURA, O TECIDO DO AMOR APARECE NOS RETALHOS—NARRATIVOS DE ALGUNS/ALGUMAS PARTICIPANTES—AUTORES/AS. JÁ TECI EM ALGUM LUGAR DESTA ESCRITA QUE É UM AMOR IDEALIZADO, ROMANTIZADO, MAS... SERÁ QUE ELE TEM COR? NÃO SEI RESPONDER! MAS QUERO TECER OUTROS SENTIMENTOS QUE TEM COR NO BRASIL, COMO: TEM COR O MEDO DE SER VÍTIMA DAS VIOLÊNCIAS OBSTÉTRICAS E DO BRAÇO ARMADO DO ESTADO, TEM COR A



DOR DE UMA MÃE QUE PERDE SEUS/SUAS FILHOS/AS PRO GENOCÍDIO NEGRO NAS PERIFERIAS, TEM COR A TRISTEZA DO NÃO ACESSO À MORADIA, À ALIMENTAÇÃO E À SAÚDE, TEM COR O MEDO DA NÃO LIBERDADE (COLHANDO PARA A POPULAÇÃO CARCERÁRIA), TEM COR A FRUSTRAÇÃO DA SOLIDÃO, TEM COR O ABANDONO AFETIVO, TEM COR O PADECIMENTO DO NÃO ACESSO E PERMANÊNCIA AO ENSINO SUPERIOR, TEM COR A AFLIÇÃO DO DESEMPREGO, TEM COR O PÂNICO DE SER CONFUNDIDO/A COM INFRATORES/AS, TEM COR A ANGÚSTIA DE NÃO VER SUA ESTÉTICA VALORIZADA E REPRESENTADA... ENFIM, ALFINETES—CRÍTICOS QUE ESPETAM ESTA PESQUISADORA—COSTUREIRA. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 14 DE ABRIL DE 2023).

Essa nota de campo, anteriormente disposta, me “espeta” como às vezes em que, estando sem dedal, a agulha resvala e fere meus dedos, mas ela é um retalho-crítico que serve de alerta para não nos enrolarmos na normalização e na romantização dos processos violentos e racistas. *Angela* revelou a dura realidade da segregação racial por meio da história de seus pais, narrou sobre um clube e contou como uma corda separava pessoas brancas e negras. A imaginação de *Angela* enquanto criança trouxe esse ar de “romance” àquela situação de opressão.

Com todos os pontos e linhas que os retalhos-narrativos de *Angela* nos fizeram refletir, fixo um botão de alerta para não cairmos nos enredos da colonialidade e assim acabar corroborando com o “mito da democracia racial”, onde se pronuncia e se valida um discurso de “igualdade” e onde as relações afetivas, mesmo violentas e racistas, são romantizadas. A roda da máquina e do tempo giram, e, infelizmente, *Casa Grande e Senzala* vão ganhado releituras.

Prosseguindo o movimento de cerzir, pego os retalhos-narrativos de *Luiz Gama*. Transitando com esses retalhos-narrativos pela linha condutora – “corda da aceitação”, entremeiam-se as complexidades em uma composição de amor e ansiedade que envolve a narrativa desse participante-autor. A família negra de *Luiz* abraça/aceita sua união com uma mulher branca, enquanto os parentes brancos de sua esposa estendem essa “aceitação” ao relacionamento do casal. Sobre isso, *Luiz* menciona:

A família branca dela sempre me aceitou bem, o que na época até soou um pouco surpreendente, mas hoje penso que essa aceitação se deve ao fato de eu ser um homem negro de pele clara. (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

A colocação de *Luiz* nos remete a pensar que a “aprovação” ofertada pela família branca de sua esposa pode ter sido tingida pelo tom “mais claro” de sua pele. Também é possível tecermos tramas, no sentido de como são construídas as identidades de pessoas negras e brancas e como essas construções identitárias se dão em vieses contrários.

As autoras Machado, Rosa e Brignol (2019) enfatizam o quanto a identidade racial branca é envolvida por vantagens relacionadas ao fenótipo da brancura, já a identidade racial negra traria consigo “embaraços”, principalmente envolvendo mobilidade socioeconômica e cultural. As teóricas também tramam que essas composições identitárias podem acarretar a interiorização dessas limitações (mobilidade socioeconômica e cultural) por parte de pessoas negras. Essa interiorização mencionada pelas autoras também se relaciona com o conceito de **colonização do imaginário** trazido por Fanon (2008), onde o autor nos provoca a refletir sobre como essa busca por relacionamentos brancos pode indicar uma busca por humanidade, por aceitação e respeito à existência.

Talvez por esse motivo a família negra de Luiz “aceitou” essa relação, mesmo alertando do sofrimento com relação ao racismo que o casal e filhos poderiam sofrer, ao ponto que a família branca que não se mostrou resistente ao relacionamento inter-racial do casal, talvez porque a negritude de *Luiz* poderia ser “atenuada” pela leitura social das demais pessoas, já que ele tem a pele clara.

Aqui, mais uma vez, o nó das **teorias do embranquecimento** se mostra na costura, não quero me aprofundar nelas, porque elas serão *sul* da próxima linha condutora (negociando o “moreno/a”) que irá transcorrer os retalhos dos/as participantes-autores/as. Todavia, é importante trazer Carone e Bento (2007) para ajudar a desfazer esse nó que se enrola aos pontos desta pesquisa-costura, embolando mais o nó, *Luiz* diz:

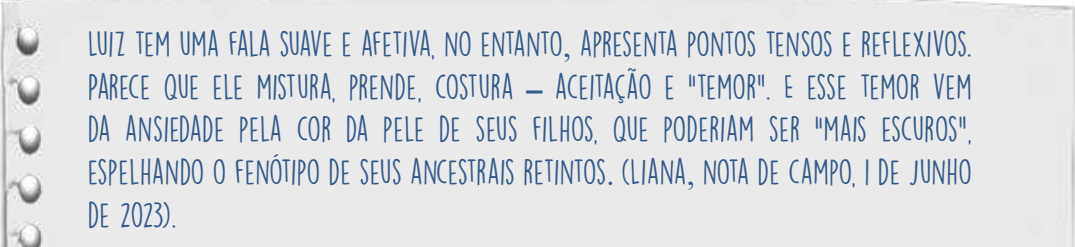
valorizamos a herança ancestral negra da minha família, mas não posso negar que, como pais, pensávamos que quanto mais brancos eles fossem representaria mais aceitação e menos sofrimento, mais possibilidades. (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

As autoras citadas no parágrafo anterior à fala de *Luiz* discorrem sobre como a aceitação social de pessoas negras nesse processo de embranquecimento/miscigenação depende da “adaptação” da sua identidade racial (CARONE; BENTO, 2007). Ou seja, ao adentrarem nesse processo de embranquecimento existe a aceitação da condição de que todos os aspectos que compunham a sua identidade devem ser “encobertos/anulados” para que então aconteça a sua “inserção social”.

Dito isso, *Luiz* narra que ele e a esposa valorizam a ancestralidade da sua família negra, mas que torciam para que os seus descendentes nascessem “mais brancos”, porque essa brancura representaria mais aceitação e possibilidades, logo, menos sofrimento. Com relação a isso, podemos pensar que o fenótipo branco poderia permitir aos filhos de *Luiz* acesso aos privilégios da branquitude.

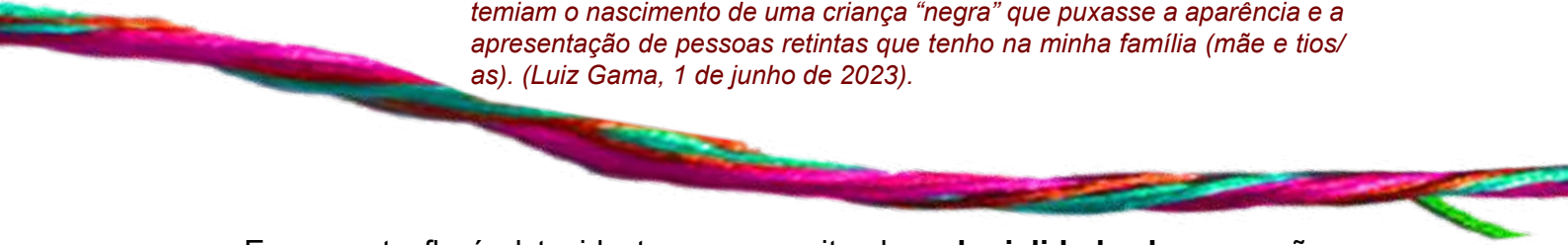
Essa violência identitária descrita acima traz efeitos perversos na psique dessas pessoas. E esses efeitos violentos da supressão da identidade racial negra podem ter perpassado as construções sociais de ambas as famílias (branca e negra). Quem sabe a família negra de *Luiz* estava sob efeito dessa repressão de identidade racial e por isso “aceitou” prontamente o relacionamento inter-racial e se manteve na torcida por netos “mais brancos”. Porventura, não viam no relacionamento do casal uma oportunidade de “restauração” da humanidade.

E a família branca também poderia estar enlaçada por essa colonização do imaginário (FANON, 2008), também contando com a brancura dos netos, visto que a mãe era uma mulher branca e o pai um homem negro de pele clara. Costuro aqui uma nota de campo:



LUIZ TEM UMA FALA SUAVE E AFETIVA, NO ENTANTO, APRESENTA PONTOS TENSOS E REFLEXIVOS. PARECE QUE ELE MISTURA, PRENDE, COSTURA — ACEITAÇÃO E "TEMOR". E ESSE TEMOR VEM DA ANSIEDADE PELA COR DA PELE DE SEUS FILHOS, QUE PODERIAM SER "MAIS ESCUROS", ESPELHANDO O FENÓTIPO DE SEUS ANCESTRAIS RETINTOS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 1 DE JUNHO DE 2023).

Sendo assim, um ponto flexível pode ser tecido para se buscar a compreensão desse “temor” pela negritude apresentado por *Luiz*, quando ele reforça:



temiam o nascimento de uma criança “negra” que puxasse a aparência e a apresentação de pessoas retintas que tenho na minha família (mãe e tios/as). (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

Esse ponto flexível tecido traz o conceito da **colonialidade das emoções** trabalhado por Porto (2022) e que pode ser entendido como mais um dos fios que compõem a trama da ideologia do branqueamento. Para o referido autor, a colonialidade das emoções é um artefato que faz com que pessoas negras “não olhem para os pares”, o que seria um olhar para si mesmo, “um ser inferior que precisa ser superado” (PORTO, 2022, p. 105). Seria uma maneira de negação de si mesmo e de todos os fios, linhas e pontos cruéis que tecem o ser negro em uma sociedade estruturalmente racista.

Luiz e sua família talvez experimentem essa colonialidade das emoções e, ainda, relacionando-se a isso ele diz:

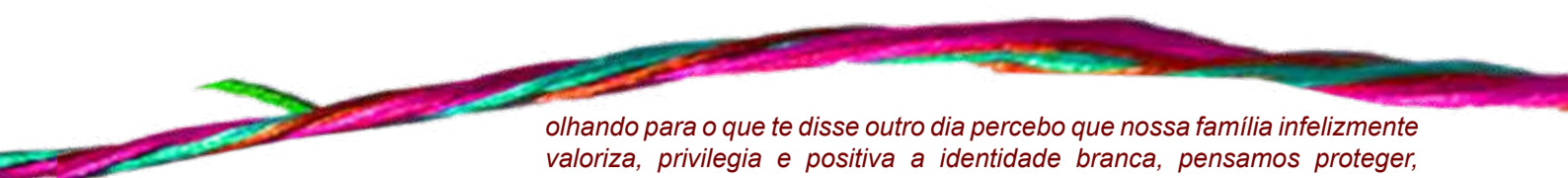
algumas poucas vezes que minha mãe foi buscá-los na escola gerou alguns comentários desagradáveis, a escola confirmando se era avó mesmo, colegas mexendo, rindo, dizendo que tinham sangue de macaco.

Mas depois isso passou, até porque ela foi poucas vezes na escola. (Luiz Gama, 20 junho 2023).

Esse episódio que *Luiz* narrou refere-se a um dia em que sua mãe, uma mulher negra de tom de pele retinto, foi buscar seus filhos na escola. Aqui talvez possamos perceber que a violência que pessoas/crianças negras sofrem cotidianamente é extremamente sanguinária e perversa. A animalização de crianças, um fio impiedoso e opressor e que, quem sabe, contribua para o que Porto (2022, p.105) defende como “impossibilidade de autoaceitação das pessoas negras”, é ponto que enrijece a costura, mas que serve para reflexão.

Dito isso, trago para essa trama de linhas o que diz um dos teóricos críticos da branquitude, Ramos (1995), quando se refere à questão da “pele escura”. Ele fala que esse tom de pele escura representa um problema para os brasileiros, como uma “barreira” a ser transposta, como uma “patologia” que “necessite de cura”. Com isso, Ramos (1995) evidencia que, na construção social-cultural brasileira, o ser branco é a “normativa”, é algo “valioso”.

Pode-se perceber que *Luiz*, por ter a pele clara, tinha passibilidade, “aceitação” pelos pares dos filhos dele, visto que nunca o insultaram. Contudo, o mesmo não se replicou a sua mãe, uma vez que devido ao seu tom de pele essa mulher se “distanciava” mais evidentemente do “modelo branco valioso” que a colonialidade impõe. Tecendo pontos sobre a valorização de identidades, *Luiz* fala:



olhando para o que te disse outro dia percebo que nossa família infelizmente valoriza, privilegia e positiva a identidade branca, pensamos proteger, ajudar, cuidar... Mas, talvez não seja bem assim... (Luiz Gama, 20 de junho de 2023).

Aqui *Luiz* tece como ele e sua esposa positavam, valorizam e privilegiam a identidade branca como sendo a identidade que pode ofertar “proteção” aos filhos, corroborando com Ramos (1995). Deslizo esse retalho-narrativo de *Luiz* pela agulha da máquina de costura, destacando a relevância do (re)contar, do olhar para a experiência narrada. Ao fazer esse movimento, *Luiz* parece se questionar se essa positivação da identidade branca seria o mais apropriado para se construir com os filhos.

Assim sendo, os retalhos-narrativos de *Luiz*, ao transitarem pelos emaranhados da aceitação familiar, nos permitem refletir sobre os entrelaçamentos das “normas sociais”, a construção/negativação da identidade negra, a colonialidade das emoções, as políticas de embranquecimento e a positivação da identidade branca.

Prossigo o cerzir agora pelos retalhos-narrativos de *Emicida*, que começa articulando alinhavos sobre sua criação como filho de uma relação inter-racial. Ele discute os desafios de ser uma criança de pele escura com uma mãe branca e os sentimentos de repulsa e rejeição que experimentou dela. A linha condutora de “pular a corda da aceitação” é retratada por meio de sua busca por aceitação e pertencimento à família branca. Com relação a isso, disse:

Ela me criou sozinha, depois casou, mas sempre me alimentou, sabe? Me sustentou sozinha, eu a amava, mas.... Ahhh, não sei como dizer, sentia um ar de nojo, de repulsa. Eu era criança, não entendia, mas sentia esse olhar, essa sensação. (Emicida, 29 de junho de 2023).

No trecho costurado acima *Emicida* narra como se sentia com relação ao olhar de sua mãe. E sobre essa sensação de não aceitação por parte da sua mãe, continua tecendo:

Ela não me abraçava muito, mantinha meu cabelo raspado total, e fazia isso às vezes com gilete de depilação, cortava, doía e depois coçava muito. Mas era tipo um ritual, não podia faltar, dizia que eu precisaria me esforçar mais que os outros pela questão da cor e que eu tinha que ser agradecido por ela não ter me abandonado como meu pai. (Emicida, 29 de junho de 2023).

A narrativa dolorosa de *Emicida* me leva a tecer sobre como, mesmo existindo “amor e cuidado”, o racismo aparece nas dinâmicas familiares, o que é mais um exemplo de como o racismo é estrutural, conceito trabalhado por Silvio de Almeida (2019). Sendo assim, o racismo organiza e regimenta **todas** as instâncias e relações sociais. *Emicida* também trama pontos com relação ao sentimento de falta de valorização da sua estética negra. Costurando sobre isso, pergunto, a beleza está nos olhos de quem vê? E que olhos são esses? Posso pensar que são **olhos colonizados** e esses olhos enxergam e concebem como belo uma estética branca igual a dos colonizadores. Nessa mesma costura, ele diz:

[...] nunca disse que me amava, que me aceitava, que eu era bonito ou coisa assim. (Emicida, 29 de junho de 2023).

Aqui pode-se perceber como *Emicida* sentiu a falta da aceitação da sua negritude por parte da mãe, bem como que essa mãe o lesse como bonito. O eugenista Renato Kehl escreveu um livro chamado “A cura da fealdade” (1923) ou “cura da feiura”, onde apresenta várias medidas para “embelezar” o povo brasileiro. O ideal de “embelezar” a população consistia na “limpeza” dos traços africanos e indígenas. O autor considerava, também, o nariz grande e achatado como uma “desgraça” que poderia acometer a existência das pessoas.

Dito isso, a branquitude foi se costurando como a “**única estética**”, a única estética digna de ser entendida como bela e admirável. Esses padrões também alinhavam grupos de pessoas negras de forma a trazer reconhecimento, como belo a homens e mulheres negros/as que tem o tom de pele clara, cabelos mais cacheados e traços afilados.

Emicida conta como enfrentou a discriminação e os comentários depreciativos dos colegas e da sua própria mãe, o que o levou a buscar relacionamentos com parceiras brancas na tentativa de se distanciar de sua própria identidade racial. Essa narrativa revela o impacto profundo das hierarquias raciais e o desejo de transpor preconceitos sociais por meio de relacionamentos inter-raciais.

Na composição de sentidos da narrativa, presenciamos o enredo dos fios que tecem as dinâmicas familiares, onde as linhas da identidade são tecidas e as realidades são preestabelecidas. No âmbito da intimidade familiar, os indivíduos sobem ao palco da vida, palco montado com ensinamentos de sobrevivência e valores morais, apresentados como verdades universais. Esses ensinamentos, compartilhados por aqueles que os orientam, conduzem a uma intrincada teia de entendimento, envolvendo potencialmente sua percepção do mundo. Com os retalhos-narrativos de *Emicida*, entre-teço uma nota de campo:

ENQUANTO A MÁQUINA DE COSTURA CINGE OS RETALHOS-NARRATIVOS, EMICIDA REVIVE AS FERIDAS DA REJEIÇÃO E O DESEJO EXPLÍCITO DE ACEITAÇÃO E AMOR MATERNO AGITAM-SE EM SEU CORAÇÃO. A CONVERSA DA EXISTÊNCIA SE DESENROLA, UM DIÁLOGO CONSIGO MESMO E COM O MUNDO. NO RITMO DA COSTURA DA VIDA, ELE DESCOBRE QUE A JORNADA DE AUTODESCOBERTA NÃO É ISOLADA, ELA SE ENTRELAÇA COM AS VOZES E EXPERIÊNCIAS DOS OUTROS, ECOANDO A HARMONIA DO ENTENDIMENTO COMPARTILHADO. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 29 DE JUNHO DE 2023).

Emicida, ao (re)contar sua experiência narrativa, ressalta a importância de referências negras (como do cantor que ele escolheu como codinome) e também ressalta a potência da educação e das discussões promovidas pelo movimento negro como dispositivos que contribuiriam para ele se constituir como um homem negro e, assim, assumir sua negritude. Freire (1987) nos chama atenção sobre a consciência, o processo de autodescoberta, e que esse processo não se desenrola na solidão, mas em costuras coletivas, em processos de comunicação e reconhecimento do mundo e de si mesmo.

Desse modo, emaranhado em linhas de resistência, *Emicida* borda sua autoaceitação, costurando com orgulho sua negritude. O cabelo, antes cortado ritualmente para se adequar ao “molde” das expectativas da sociedade, agora está

alto, uma coroa de autenticidade. Sua voz, uma canção de empoderamento, fala de resiliência, de se tornar uma pessoa crítica e consciente.

Com a máquina de costura prossigo, agora com os retalhos-narrativos de *Marighella*, do qual vislumbramos as complexidades de sua identidade racial e as experiências que ele viveu ao crescer em uma família inter-racial. Desde muito jovem, ele se sentiu atraído por elementos da cultura negra, sentindo uma conexão com sua herança negra. A música, particularmente o hip-hop e as canções da banda brasileira O Rappa, desempenharam um papel significativo na formação de sua consciência sobre questões raciais no Brasil. Ele diz:

[...] eu lembro que eu queria ter trancinha e tal, mas não era muito incentivado pelo meu meio, meu meio todo branco. A minha família por parte de mãe é toda branca e eu não tinha convívio com a minha família negra de parte de pai. (Marighella, 28 de junho de 2023).

Marighella nos mostra a importância de que crianças negras tenham referências negras, pois ele não teve incentivo da família branca para a busca dessas referências, teve que tecer seus próprios caminhos para esse processo de tornar-se negro. Sobre isso, Souza (2021) pontua que a construção das identidades tem como ponto base uma idealização branca. Talvez por esse motivo a família de *Marighella* não o incentivasse a conexões com sua ancestralidade negra, porque essa família foi constituída nessa lógica branca, enlaçada pelos pressupostos da **política de esquecimento** (VINHAS, 2019), do **colonialismo epistemológico** (FANON, 1968; GILROY, 2001) e do **racismo epistêmico** (CARNEIRO, 2005).

Quando criança, *Marighella* morava em um bairro predominantemente branco, e a curiosidade das pessoas sobre sua origem racial (talvez por ele ter fenótipo pardo), combinada com a tentativa de sua mãe de **lavar sua pele mais escura**, destacaram a influência dos preconceitos raciais dentro de sua família.

Os comentários de sua tia (branca e também responsável por sua criação) sobre não namorar “negrinhas” devido a preocupações com crianças de pele escura ressoaram com ele, mas ele não aceitou ou entendeu totalmente esses sentimentos quando jovem.

Foi na adolescência que *Marighella* começou a se aprofundar nas questões de raça e identidade. Ele explorou esses tópicos durante sua educação, pesquisando história e sociologia e conversando com seus professores. Nesse período, ele reconheceu como o racismo permeou até mesmo dentro de sua própria família, levando-o a confrontar sua própria identidade racial.

O tema da identificação racial tornou-se crucial para *Marighella*. Ele notou discrepâncias em documentos oficiais onde era identificado como branco, o que conflitava com sua compreensão de si mesmo como homem negro de fenótipo pardo. Novamente, percebemos o apagamento, a invisibilização e a negação da negritude.

Apesar desses desafios, a consciência de *Marighella* sobre questões raciais cresceu, alimentada por suas observações e interações com outras pessoas de origens de famílias inter-raciais. Dessa forma, ele percebeu como os indivíduos em famílias inter-raciais podem experimentar o racismo até mesmo dentro de suas próprias casas.

Ao analisar a narrativa de *Marighella*, podemos extrair *insights* de várias perspectivas teóricas, como, por exemplo, Derrick Bell e Kimberlé Crenshaw, reconhecidos teóricos críticos da branquitude que, a partir de uma estrutura conhecida para a área, dizem sobre a influência generalizada do racismo sistêmico e como ele se cruza com outras formas de opressão, como o **genocídio simbólico** e o **racismo internalizado**. Emaranhados/as com as experiências de *Marighella*, ilustram como raça e identidade são socialmente construídas e influenciadas por fatores históricos e culturais.

Teço que a interseccionalidade, um conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989), nos ajuda a entender como múltiplos aspectos da identidade, como **raça, gênero e classe**, se cruzam para criar experiências únicas de discriminação e privilégio. A jornada de autodescoberta de *Marighella* é moldada não apenas por sua origem racial, mas também pela interação de outros fatores, como dinâmica familiar, normas sociais e acesso a dispositivos educativos e culturais.

O participante-autor se lembra de comentários racistas feitos por brancos em sua presença, o que o deixou questionando sua própria **identidade racial**. Ao escutar a entrevista do artista/rapper Emicida, no podcast “Mano a Mano”, de Mano Brown⁷⁸, as colocações do artista/rapper repercutiram em *Marighella*, pois ele percebeu que esse fenômeno também afetava outras pessoas.

Os retalhos-narrativos também refletem elementos do **interacionismo simbólico**, uma perspectiva sociológica desenvolvida por George Herbert Mead (1982), uma vez que as interações de *Marighella* com sua família, colegas e sociedade influenciaram a construção de sua identidade racial. O uso de linguagem e rótulos, em contexto de formação de identidade e subjetivação de pessoas negras, impactam sua autopercepção e como cada pessoa é percebida pelos outros. A exemplo disso, *Marighella* reflete a respeito quando diz:

78 Mano Brown é um consagrado rapper e apresenta o podcast “Mano a Mano”, um programa de entrevistas, disponível no Spotify®.

Eu lembro de as pessoas do bairro perguntar muito: ah teu pai é negro? não sei o que, ah o que que teu pai faz da vida? O que ele trabalha? Teu pai é ladrão? (Marighella, 28 de junho de 2023).

Muitos colegas negros da escola faziam comentários depreciativos sobre o meu cabelo. (Marighella, 3 de julho 2023).

Aqui a linha da máquina se trama. Diante das falas de *Marighella*, a pesquisadora-costureira reflete sobre a relevância do que é narrado. Talvez seja importante anexar um botão nesta parte da costura, demarcando alguns pontos relevantes. Marighella vivia em um bairro periférico e composto majoritariamente por pessoas brancas, mas neste bairro tinha também um contingente considerável de pessoas negras, e era dessas pessoas que ele ouvia comentários pejorativos sobre seu pai (um homem negro) e também sobre seu cabelo *black*⁷⁹.

Tal circunstância nos remete ao pensamento sobre “pessoas negras serem racistas com elas mesmas”, um senso comum perigoso e que é facilmente difundido e ainda popularmente aceito. Contudo, é necessário termos atenção sobre inverdades desse tipo que reforçam estereótipos e invisibilizam uma estrutura racial enraizada sobre os corpos racializados. Para nos auxiliar sobre esse debate, vale nos atentarmos e retomarmos o conceito de **auto-ódio**, desenvolvido por Fanon (2008), Souza (2021) e Pinheiro (2023).

O auto-ódio, que acompanha pessoas negras ao longo de suas vidas, é uma psicopatologia social contemporaneamente presente e fruto de um modo de reprodução do racismo em comunidades negras. Em diálogo com os teóricos supracitados que dão embasamento em forro para a nossa colcha de retalhos, o fio da colonialidade, neste momento, nos salta aos olhos. Esse fio enreda vivências negras, quando pessoas constituem suas identidades e subjetividades em uma sociedade que lhes ensinou a odiar sobre a própria existência.

Esse ódio perpassa a estética, as epistemologias, a religião, as histórias, as memórias e tudo que se conecte à ancestralidade negra. Por isso, dentro desse contexto, o olhar para outra pessoa negra é paradoxalmente “olhar para si”. Corpos racializados que, mesmo se percebendo, “preferem” não querer se ver constantemente no outro. O outro se torna uma espécie de “espelho” e afirmação da sua própria racialidade social. Esse movimento complexo é dado à nível inconsciente, pois elas aprenderam e foram educadas em uma sociedade que diz que ser negro/a é ruim, é algo negativo.

79 O cabelo black vem sendo muito discutido na atualidade, como uma forma de autoafirmação e resistência da beleza negra. Para saber mais, é importante conhecer o movimento “*black is beautiful*”, que pode ser acessado pelo link: <https://debenguela.com.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-movimento-black-beautiful/>

A **colonização do imaginário** de Fanon (2008) é perceptível nas interrogações das pessoas do bairro de origem de *Marighella*. Com base nesse imaginário colonizado, a vizinhança tecia suas “perguntas” a uma criança, ao acusar o pai dela de ladrão, afinal de contas “um homem negro, só poderia ser ladrão”, e o pai daquela criança não seria diferente diante dos olhos voltados a um imaginário colonizado. Em nota de campo, sigo tecendo juntamente com as reflexões de *Marighella*:

ME CHAMA ATENÇÃO O QUANTO MARIGHELLA CONSEGUE, RELATAR ENREDOS RACIAIS. E MESMO AINDA JOVEM E EM MEIO À COLONIALIDADE E ÀS TENTATIVAS “FORÇADAS” DE EMBRANQUECIMENTO, ELE CONSEGUIU FAZER UM PERCURSO CRÍTICO DE ACEITAÇÃO DA SUA NEGRITUDE. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 3 DE JULHO DE 2023).

Olhando de forma geral para os retalhos-narrativos de *Marighella*, percebo que eles mostram a potência que há quando incorporamos estruturas teóricas para compreender as complexidades da identidade racial e os impactos da estrutura social nas experiências individuais. É por meio dessas composições de sentido que podemos obter uma compreensão mais profunda de como raça e identidade são moldadas e negociadas em diversas sociedades.

Arremato essa linha condutora lembrando que a noção de modelo de família “padrão”, enraizada em ideias cisheteronormativas e estruturas patriarcais, vem sendo aos poucos questionada pela sociedade brasileira contemporânea, que apresenta uma diversidade de arranjos familiares. Santiago e Feitosa (2011) apelam ao reconhecimento e desconstrução desse modelo naturalizado para melhor compreender a natureza organizacional de qualquer sociedade.

Usando como base os pontos desenvolvidos pelas áreas do direito e da antropologia, vemos que o conceito de família evoluiu para abranger várias configurações além da tradicional família cisheteronormativa, branca e nuclear. Como família nuclear, com base no forro teórico de Roosenberg Rodrigues Alves (2009) entende-se que é aquela composta pelo chefe da família (pai), sua esposa e os seus descendentes legítimos. O reconhecimento legal das relações entre pessoas com a mesma identidade de gênero, como a homoafetiva⁸⁰ (ALVES, 2009), contribuiu para a ampliação do entendimento de família, reconhecendo diferentes formas de relacionamento e parentesco.

Dessa forma, os retalhos-narrativos aqui costurados, juntamente com o forro da teoria e das percepções dos autores mencionados, desafiam as noções tradicionais de família e enfatizam a necessidade de uma compreensão inclusiva e

⁸⁰ Ressalto que por via da comissão de previdência, assistência social, infância, adolescência e família da Câmara, que o Projeto de Lei n.º 580/2007 ainda encontra-se tramitando via congresso nacional. Esse projeto de lei, se aprovado, provocaria um retrocesso em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo biológico e/ou mesma identidade de gênero.

diversificada das estruturas familiares. Os retalhos-narrativos de *Manuela D'Ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, ao serem costurados com a linha condutora “**Pulando a corda da aceitação**: o que dizem as narrativas sobre a negociação do amor inter-racial e aceitação familiar”, contribuíram para prosseguirmos a costura em busca da práxis de enfrentamento ao racismo e suas múltiplas “máscaras”, pontuando que, por vezes, esse racismo se emaranha, buscando se “camuflar” nos tecidos do amor romântico e da estrutura familiar.

Por fim, termino a costura desta linha condutora pontuando que ela pode nos impulsionar a uma busca coletiva em defesa da justiça social, promovendo o diálogo emancipatório e inclusivo. Ao reconhecer a potência da família como um possível local crítico para a formação das identidades e reconhecendo a fluidez e a diversidade das configurações familiares, podemos tentar promover uma sociedade mais justa e racialmente democrática, onde o amor não tenha tons de alienação, mas sim nuances de emancipação e aceitação, e que essa aceitação transcenda as normas sociais da colonialidade.

negociando ‘Moreno/a’: o que dizem as narrativas sobre as jornadas de identidade racial entre gerações

Para continuar tecendo esta tese-colcha, a pesquisadora-costureira começa a troca da linha condutora de escrita, agora sob o tom desta segunda linha de análise. Para isso, os retalhos narrativos dos/as participantes-autores/as serão cerzidos com entrelaçamentos sobre identidade racial e comportamentos geracionais.

A narrativa de identidade se desenrola dentro do caleidoscópio da existência humana, onde a ancestralidade e as relações afetivo-familiares podem se entrelaçar em uma (ou várias narrativas) sobre “como negociar o conflitivo conceito de moreno/a”. Juntamente com os processos subjetivos de envolver-se em profundas jornadas de autodescoberta racial dentro de famílias de diversas matizes, sejam elas inter-raciais ou não, diferentes modos de perceber a si e ao outro se mesclam e evidenciam alguns conflitos geracionais.

É importante dizer que esse termo (moreno/a) foi e, infelizmente, ainda é utilizado para classificar pessoas negras de fenótipo pardo. O termo “moreno/a” ainda corrobora com as políticas de apagamento da negritude e enreda-se totalmente nas teorias do embranquecimento, trazendo cores de apagamento e negação. Essas cores de apagamento e negação se referem a todo processo de **epistemicídio** que pessoas negras foram e são acometidas, e encontram forro teórico em Grosfoguel (2016) e Carneiro (2005), que demarcam a desqualificação e deslegitimação

recorrentes, atribuídas às pessoas negras e os conhecimentos por elas produzidos. Este momento de análise, nomeado como: “negociando ‘Moreno/a: o que dizem as narrativas sobre as jornadas de identidade racial entre gerações”, investiga a intrincada trama de experiências que os indivíduos atravessaram, ao longo dos anos, quando se emaranham nas complexas tramas da identidade racial, das dinâmicas familiares e dos destinos entrelaçados.

Esse processo me lembra um trecho do poema (Protopoema) de José Saramago (2008), que diz: **“Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos”**. Então, vamos lá, na expectativa que meus dedos se mantenham ritmados pela escrita decolonial aqui proposta. A linha condutora já está disposta na máquina, movimento o pedal. Logo depois escuto o girar da roda da máquina de costura e, a partir desse momento, posso continuar costurando os retalhos-narrativos de: *Manuela D’Ávila, Zumbi, dos Palmares, Angela Davis, Luiz Gama, Emicida e Marighella*.

Esse fio que parece solto começa a percorrer os retalhos narrativos de *Manuela* e *Zumbi*, quando a participante-autora retrata os conflitos e tensões dentro de sua família inter-racial e os preconceitos enfrentados pelas respectivas famílias de origem do casal. O racismo que o casal precisou lidar de ambos os lados de suas famílias de origem demonstra o **racismo internalizado** e profundamente arraigados e existente na sociedade.

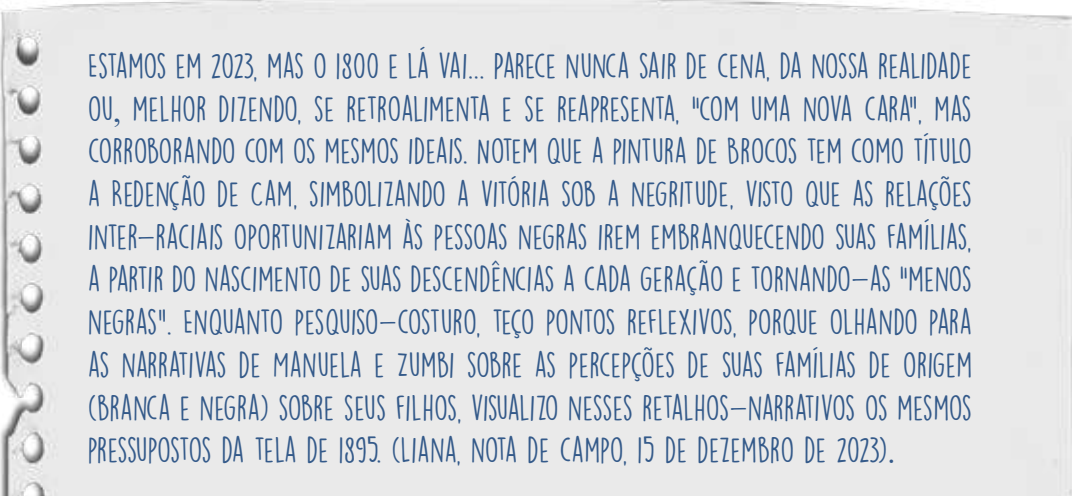
Esse racismo também se manifesta como “silêncio”, indicando que mesmo dentro da família inter-racial não se fala sobre raça, visibilizando uma evitação de algum possível incômodo referente a confrontos sobre o tema. No entanto, como já foi abordado na linha condutora anterior, *Manuela* e *Zumbi* percebem e reconhecem que discutir abertamente sobre questões raciais é algo essencial para promover relações afetivo-familiares inter-raciais saudáveis e democráticas.

Sigo tecendo, agora com um convite aos leitores/as, para voltarem os olhos para a Figura 5, onde a pintura de 1895 – como anteriormente exposto –, representa um “ideal” de **branqueamento social**. Com relação a isso, *Manuela* diz:

Para a família do meu marido, meu filho é o azarado, podia ter sido “branco” e não foi, mas se ele se esforçar muito, vai conseguir ter um bom trabalho e talvez estudar, já que os brancos, de tão bons que são hoje, até cotas dão para que os negros possam estudar; para a minha filha já pensam coisas maiores, que ela seja médica, advogada... E que ajude eles e também o coitado do irmão. (Manuela D’Ávila, 5 de dezembro de 2022).

Neste trecho do retalho-narrativo de *Manuela* percebemos a atualização e reapresentação dos pressupostos da obra de 1895 (Figura 5). Isso nos remete ao pensamento que Patrícia Hill Collins (2019) aponta em seu livro *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, sobre como o racismo estrutural é perpetuado pela maneira como os sistemas sociais são organizados e pelos estereótipos e preconceitos que são reforçados por esses sistemas. A frase “mas se ele se esforçar muito” é muito potente para pensarmos como as estruturas sociais se movimentam e se articulam, para que ele (o filho de *Manuela*), mesmo sendo um homem negro, se veja e se perceba como pardo. É um movimento bem organizado e sistematicamente posto em prática, “retirando”, apagando e negando a negritude das pessoas.

Com relação aos filhos, *Manuela* e *Zumbi* fazem menção ao tratamento “diferenciado” que seus filhos recebem pelas suas famílias de origem. Teço tramas que dizem respeito às famílias de origem do/da participante-autor/a, sendo assim, a família de origem de *Manuela* é composta por pessoas brancas. Já a família de *Zumbi* é composta por pessoas majoritariamente negras. Dito isso, a filha com o fenótipo branco é vista como uma bênção pela família branca e o filho com fenótipo negro é visto como um “coitado” pela família negra. Esse tratamento “diferenciado” é uma manifestação das expectativas e preconceitos em relação à raça que se perpetuam na sociedade em geral. Sobre esse comportamento da família negra com relação ao neto fenotipicamente negro, vale destacar que os preconceitos e os “julgamentos”, ao qual provavelmente essa família negra foi submetida, afetaram sua própria autoestima e identidade, emaranhando-se ao auto-ódio (SOUZA, 2021; PINHEIRO, 2023), ao racismo internalizado (HOOKS, 2019) e à colonização do imaginário (FANON, 2008) tecidos na linha condutora anterior. Em nota de campo, escrevo:



ESTAMOS EM 2023, MAS O 1800 É LÁ VAI... PARECE NUNCA SAIR DE CENA, DA NOSSA REALIDADE OU, MELHOR DIZENDO, SE RETROALIMENTA E SE REAPRESENTA, "COM UMA NOVA CARA", MAS CORROBORANDO COM OS MESMOS IDEIAS. NOTEM QUE A PINTURA DE BROCOS TEM COMO TÍTULO A REDENÇÃO DE CAM, SIMBOLIZANDO A VITÓRIA SOB A NEGRITUDE, VISTO QUE AS RELAÇÕES INTER-RACIAIS OPORTUNIZARIAM ÀS PESSOAS NEGRAS IREM EMBRANQUECENDO SUAS FAMÍLIAS, A PARTIR DO NASCIMENTO DE SUAS DESCENDÊNCIAS A CADA GERAÇÃO E TORNANDO-AS "MENOS NEGRAS". ENQUANTO PESQUIÇO-COSTURO, TEÇO PONTOS REFLEXIVOS, PORQUE OLHANDO PARA AS NARRATIVAS DE MANUELA E ZUMBI SOBRE AS PERCEPÇÕES DE SUAS FAMÍLIAS DE ORIGEM (BRANCA E NEGRA) SOBRE SEUS FILHOS, VISUALIZO NESSES RETALHOS-NARRATIVOS OS MESMOS PRESSUPOSTOS DA TELA DE 1895. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 15 DE DEZEMBRO DE 2023).

Aqui, novamente, trama-se à esta costura-pesquisa o quanto o racismo é algo socialmente construído e que também pode ser internalizado por parte da população negra que ainda não possui letramento racial crítico, o que pode levar essas pessoas à

produção subjetiva de sentimentos de “inadequação” e “autorrejeição”. A todo momento, entrelaçam-se, neste ponto da costura, reflexões sobre o auto-ódio, colonização do imaginário e colonialidade das emoções (SOUZA, 2021; PINHEIRO, 2023; PORTO, 2022; FANON, 2008), juntamente com pensamentos do livro *Olhares negros: raça e representação*, onde hooks (2019) discorre sobre o racismo internalizado e o quanto ele pode levar pessoas negras a espelharem subjetivamente, apropriando-se de mensagens de que são socialmente “menores” ou “inferiores” devido à sua raça. Tal processo de subjetivação pode afetar a maneira como leem seus próprios corpos e como se relacionam com os outros, o que também se trama novamente com a colonialidade das emoções (PORTO, 2022).

O racismo internalizado pode levar à rejeição do próprio eu e à negação de suas raízes culturais (FANON, 2008). O psicanalista negro destaca como a luta para se identificar como pessoa negra em uma sociedade racista pode ser dolorosa, podendo levar à alienação da sua própria cultura. Tramando-se a isso, *Manuela* e *Zumbi* dizem:

[...] entendo que se eu e, principalmente, meu filho deixarmos nosso cabelão Black Power aparecer sofreremos mais, seremos mais apontados na rua, mais marcados pelos brancos maus/preconceituosos. (Zumbi dos Palmares, 15 de dezembro de 2022).

Amo e protejo, amo e defendo, amo e quero que sejam brancos, não na prática, na mágica, mas com minhas atitudes vou tirando, vou menosprezando tudo que realmente faz parte da cultura e do modo de viver de pessoas negras... No fundo, no fundo não quero que eles sejam negros, não que isso tem problema pra mim, mas tem para os outros. (Manuela D'Ávila, 15 de dezembro de 2022).

Nesses trechos acima apresentados, os/as participantes-autores/as se alinham no processo de alienação da cultura negra comentado por Fanon (2008), puxando novamente o fio das “diferenciações”, em relação aos modos de tratamento para cada um dos filhos do casal. Pode-se pensar que a família branca de *Manuela* tem maior afinidade com a neta de fenótipo branco, bem como seus posicionamentos e atitudes se afiliam à ideologia do branqueamento⁸¹, leem o corpo da neta como um corpo branco, um corpo que merece existir, usufruir privilégios, ter sucesso pessoal e profissional, ou seja, um corpo que acessa os privilégios da branquitude.

Com isso, o conceito de branquitude envolve-se nessas narrativas quando os elementos e características da brancura são considerados um lugar de poder e regra. McIntosh (1989) lista 46 de suas próprias vantagens cotidianas pelo fato de ser

81 Simpatizantes da ideologia de branqueamento acreditavam que a raça negra iria avançar culturalmente e geneticamente, ou até mesmo desaparecer totalmente, dentro de várias gerações de miscigenação entre brancos e negros. Essa ideologia ganhou o apoio da ideologia do racismo científico e do darwinismo social.

branca, dentre as quais ela cita: “Posso ir às compras a maior parte do tempo, com bastante certeza de que não serei seguida ou assediada” e “Tenho certeza de que meus filhos receberão materiais curriculares que atestam a existência de sua raça”. Os dois exemplos citados pela autora compõem uma lista produzida pela autora 34 anos atrás, onde ela apresenta uma série de vantagens por ser uma mulher branca, as quais continuam atuais e vigentes na sociedade brasileira. A questão do privilégio branco, muitas vezes, é ignorado ou minorizado por pessoas brancas que se blindam, abstendo-se da discussão racial no Brasil, sob a premissa de que “não são racistas”. Isso pode significar que os privilégios da branquitude são naturalizados e vão sendo compartilhados culturalmente ao longo do tempo.

Entretanto, o mesmo fio da conduta de **naturalização de padrões** não se aplica ao neto negro, pois para esse corpo relegam sua existência ao castigo divino, à maldição. Reforçam, assim, o preconceito racial que se manifesta em discriminação e estigmatização (entre outros), impactando negativamente no desenvolvimento da identidade e da autoestima desse jovem negro. Talvez, as duas famílias (branca e negra) tratem o neto fenotipicamente negro de forma racista, como menciona Fanon (2008, p. 26): “o racismo não é apenas um problema dos brancos, mas de todos aqueles que internalizam o discurso racista”. Logo, a família branca manifesta comportamentos e expectativas alicerçadas em pressupostos declaradamente racistas. A família negra, por sua vez, tendo sido forjada em uma sociedade estruturalmente racista, internalizou muitos desses pressupostos, e nas suas dinâmicas afetivo-familiares com o neto com fenótipo igual aos seus reproduzem o **auto-ódio**, conceito já anteriormente explicado.

Com os retalhos-narrativos de *Manuela* e *Zumbi*, podemos refletir sobre como as teorias do embranquecimento continuam se reapresentando na contemporaneidade. Enlaçando e enredando-se ao cotidiano das pessoas que compõem famílias inter-raciais, é como uma **estratégia de sobrevivência** e acesso aos **privilégios da branquitude**.

Nesse momento, movimento meus pés sob o pedal da máquina de costura. E com esse mover dos meus pés, percebo o fluir da costura, o giro a manivela. Esse giro, por sua vez, puxa a barra que sustenta a agulha para cima e para baixo. E por entre esse oscilante movimento da agulha, vou costurando outros retalhos-narrativos.

Por meio da experiência com os retalhos-narrativos de *Angela*, pode-se contemplar a intrincada trama da negociação de identidade, onde o termo “moreno/a” representa as complexidades e desafios que ela enfrentou em uma família racialmente diversa.

À medida que nos emaranhamos nas experiências da participante-autora, entendemos como esse termo transita pela construção da sua identidade e

autopercepção, tecendo pontos de resiliência e redefinição de condutas no contexto de suas famílias inter-raciais⁸².

Olhando para a narrativa de *Angela* sobre a negociação de sua identidade racial nas tessituras de suas famílias inter-raciais, pode ser relacionado o forro teórico de Berger e Luckmann (1985), que destacam a importância e a potência do ambiente familiar na construção da identidade individual. Os autores demarcam que neste primeiro contexto de interações sociais (a família) é possível que indivíduos **internalizem** e **reproduzam** conceitos preestabelecidos e já validados pela composição familiar da qual fazem parte. Os retalhos-narrativos de *Angela* nos permitem refletir sobre como as experiências e histórias de suas famílias inter-raciais (de origem e também a que manteve pelo período de dez anos) foram tecendo sua percepção da identidade racial.

As contribuições dos teóricos supracitados, sobre o significado da **família** na formação da identidade racial, alinham-se com as experiências de *Angela* e a negociação de sua identidade racial. A união de seus pais, como já foi tecido na linha condutora anterior, desafiaram “normas sociais”, mas o legado de resistência e luta por aceitação também guarda sombras de apagamento. Em meio às tramas do passado de seus pais, a participante-autora, em um primeiro momento de sua vida, enquanto jovem e adulta, reproduziu relacionamentos inter-raciais espelhada em seus pais e também por frequentar espaços majoritariamente brancos, como diz:

fui casada por dez anos com um homem branco, acredito que isso seja resultado de frequentar espaços muito brancos... na universidade também com pouquíssimos colegas pretos. (Angela Davis, 13 de abril de 2023).

Aqui fixo um botão, chamando atenção para a importância das políticas de ações afirmativas como pontos de acesso e permanência de pessoas negras na universidade. Este botão se conecta com a narrativa de *Angela* quando ela tece reflexões sobre seus percursos pelas vias institucionalizadas da educação, onde o silêncio em torno das discussões raciais ecoava alto. A ausência ou o número reduzido de seus pares (pessoas negras) na universidade deixou um vazio, um buraco no arremate da costura dos seus processos de aprendizagens.

Quando *Angela* narra alguns dos momentos em que não foi lida como uma mulher negra por ter a pele clara, se reconhece uma fala articulada por outras pessoas como um “elogio”. Isso dá a entender que talvez ela não fosse “tão negra”, pois se fosse mais clara, talvez morena, ela teria uma maior mobilidade social. Essa parte da pesquisa-costura nos provoca a pensar a hierarquia de tons de pele imposta pela colonialidade brasileira, onde pessoas que têm o tom de pele mais claro têm maior

82 Aqui justifico o “suas famílias inter-raciais” porque *Angela* é oriunda de uma família inter-racial e também teve uma família inter-racial pelo período de dez anos. E desse relacionamento tem uma filha autotransclassificada como negra.

“aceitação” social, ao ponto que pessoas negras com tom de pele mais escuro (retintas) são menos aceitas socialmente e, por consequência, as camadas de opressão vão se sobrepondo, complexificando os variados tipos de preconceito, sofrimento e violências discriminatórias que as acometem.

Para pensar sobre isso, utilizo os conceitos de pigmentocracia ou colorismo criados por Alice Walker (1982), que resumidamente pode ser compreendido como mais uma das facetas do racismo estrutural, na qual pessoas com diferentes tons de pele são tratadas em consonância com as leituras sociais e raciais que recebem. A partir de agora entre-teço que tons de pele mais claros performam aceitação e passibilidade social enquanto tons de pele mais escuros se enlaçam a estereótipos de agressão e opressão. Talvez isso possa reforçar a conduta da mãe de *Angela*, narrada por ela e transcrita a seguir:

O embranquecimento era muito forte por parte da minha mãe, eu tinha vontade de colocar tranças e ela nunca aceitou e falava de forma pejorativa sobre os cabelos afros. Hoje ela nega isso, mas ela nunca se preocupou em trazer referências pretas para nós, e a família do meu pai, embora toda de pessoas pretas, também eram muito embranquecidas esteticamente, contudo, culturalmente havia a presença da religião afro e da música negra. (Narrativa de Angela Davis, 13 de abril de 2023).

Angela também compartilha que a busca por embranquecimento veio com intensidade por parte de sua mãe branca, mas também citou que suas tias paternas (mulheres negras) tinham uma aderência a estética branca, alisavam o cabelo e se espelhavam em referências brancas. Em nota de campo, entrelaço:

NA TENTATIVA DE COMPOR SENTIDOS PARA A BUSCA PELO EMBRANQUECIMENTO DE ANGELA, PROCESSO QUE FOI DESENCADEADO, PRINCIPALMENTE, POR SUA MÃE, PENSO SER IMPORTANTE DESTACAR QUE PESSOAS QUE NASCEM E SE SOCIALIZAM EM SOCIEDADES ESTRUTURADAS PELO RACISMO, COMO É O CASO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, NÃO ESTÃO IMUNES OU BLINDADAS EM RELAÇÃO AO RACISMO. SENDO ASSIM, AS PESSOAS VÃO INTERNALIZANDO, NORMALIZANDO E REPRODUZINDO O RACISMO COM TODAS AS SUAS TRAMAS E MÁSCARAS, EM SUAS PRÁTICAS SOCIAIS MAIS ÍNTIMAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 13 DE ABRIL DE 2023).

Para concluir este trecho da costura, teço dois pontos importantes: o genocídio simbólico alinhavado à política do esquecimento (VINHAS, 2019). Esses pontos foram encontrados na narrativa em que a mãe de *Angela* buscava apagar, da existência e da estética da filha, qualquer traço que a conectasse com referenciais negros.

Continuando a feitura da costura-pesquisa, agora tecendo com os retalhos-narrativos de *Luiz Gama*, ressalto que foi a partir dos retalhos narrativos dele que surgiu a nomeação desta linha condutora: “Negociando ‘Moreno/a’”, uma vez que o participante-autor destacou a evolução dos processos de compreensão de sua família

sobre identidade racial. Ele conta que, inicialmente era usado o termo “moreno” para a classificação racial de seus filhos, como disse:

[...] autodeclaração é recente, surgiu no ano de 2022, por meio de questionamentos do filho mais velho, antes eu e a mãe deles sempre os classificávamos como morenos ou moreninhos... (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

Na narrativa de *Luiz* aparece a potência do campo da educação enquanto estratégia de contribuição com processos de letramento racial crítico, tanto das pessoas quanto das famílias. *Luiz* contou que tal conversa familiar só foi desencadeada após a aula escolar do seu filho mais velho, e que serviu para a abertura do diálogo familiar sobre raça, racismo e autoclassificação racial.

Depois desse diálogo, a família percebeu que essa classificação “moreno” para os filhos poderia ser uma forma de negação de apagamento da negritude.

Emaranham-se, aos retalhos-narrativos de *Luiz*, o que Ramos (1995) chama de patologia do branco no Brasil, que seria a necessidade de apagamento de tudo que se origina da negritude e de povos indígenas. Enlaçado a esse processo de apagamento, Bento (2002) destaca lugares de poder como sendo acessos relegados à branquitude. Talvez o que *Luiz* e sua esposa desejavam com o embranquecimento de seus filhos, com as tentativas de apagar os traços da negritude presente no corpo deles ainda jovens, fosse uma tentativa de garantir a eles o mesmo acesso aos privilégios sociais ocupados pela branquitude. *Luiz* narra:

Nós, enquanto pais, também torcíamos pela “morenice” dos nossos filhos, pelos cabelos mais macios. (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

Nessa tessitura de *Luiz*, ele narra as expectativas de branqueamento que tinham antes mesmo do nascimento dos filhos. Podemos tramar a essa “expectativa” o conceito de **superioridade estética** (SCHUCMAN, 2012), que é um dos nós que fundamentam as vivências privilegiadas da branquitude brasileira. Compreende-se que a busca por essa “superioridade estética” atravessa a narrativa de *Luiz* no momento em que ele e sua esposa manifestam que torciam por filhos com traços mais embranquecidos, o que pode ser lido no desejo de que as crianças nascessem com cabelos “mais macios”.

O desejo da família de *Luiz* em **proteger** seus filhos do racismo, ao mesmo tempo em que apagam a negritude e valorizam a branquitude, provoca a reflexão em relação ao difícil enredamento com relação às questões de reconhecimento racial, que muitas famílias inter-raciais enfrentam ao percorrerem os fios da identidade racial.

Luiz reconhece que essa abordagem pode não ser ideal, mas é balizada pela **dor** e pelas **lutas** associadas a ser negro em um país estruturalmente racista, como o Brasil. Sobre isso, ele narra:

[...] ser negro no nosso país dói! A alma dói, o corpo dói! Precisamos mudar isso, mas como país não posso te mentir, queremos proteger, queremos amenizar as dores e mesmo sendo difícil de dizer, ser um negro mais claro, mais branco faz isso. (Luiz Gama, 1 de junho de 2023).

Com base na narrativa de Luiz é possível perceber o quanto ser lido como um homem negro de tom de pele clara performa para ele como um modo de estar mais próximo da concepção de ser humano. Parece que Luiz não percebe ou ainda não valida integralmente a concepção de humanidade do homem negro. Isso pode ser observado quando ele enfatiza numa argumentação sobre “ser negro” enquanto um sinônimo de “mais branco” e com isso ele encontra uma maneira de ser mais aceito socialmente. Nesse contexto, Luiz e sua esposa tentam “dissolver” (e até apagar) os traços fenotípicos negros dos filhos quando estão na esfera familiar.

Contudo, ressalto que esse mesmo fenômeno de não humanização de pessoas negras, de genocídio real e simbólico, também coopera para o apagamento não apenas de indivíduos e suas subjetividades, mas de “um coletivo negro”. A pesquisa-costura se encontra nesse momento, novamente, com teorias críticas da branquitude. Ramos (1995), Bento (2002) e Schucman (2012) tencionam a reflexão sobre como pessoas negras brasileiras não têm ampla representatividade social e nem ocupam espaços de poder. Sendo assim, espaços de representatividade, de prestígio e de poder são “reservados” apenas para pessoas brancas. Diante disso, teço outra nota de campo:

O COLORISMO ESTÁ PESPONTANDO AS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES—AUTORES/AS, PRINCIPALMENTE OS RETALHOS NARRATIVOS DE LUIZ. AGORA ENTENDO O PORQUÊ A AUTORA ALESSANDRA DEVULSKY (2021) DIZ QUE O COLORISMO É SOFISTICADO. ELE NÃO É UM NÓ EXPOSTO NA COSTURA, ELE É MAIS UM EMARANHADO DE FIOS COM TONS RACISTAS QUE COSTURA O COTIDIANO DOS BRASILEIROS/AS. O RACISMO EM NOSSO PAÍS É BASEADO NA LEITURA RACIAL QUE SE FAZ DAS PESSOAS. LOGO, QUANTO MAIS EMBRANQUECIDAS FOREM ESSAS PESSOAS, EXISTEM MAIS CHANCES QUE ELAS SEJAM LIDAS SOCIALMENTE COMO BRANCAS E, SENDO ASSIM, TALVEZ POSSAM ACESSAR OS PRIVILÉGIOS DA BRANQUITUDE. AINDA FICO TECENDO COM AS FALAS DE LUIZ, PENSANDO NA SUA MÃE, UMA MULHER RETINTA QUE NÃO PODIA BUSCAR OS NETOS NA ESCOLA, PORQUE A PARTIR DESSA PRESENÇA RETINTA NA ESCOLA OS FILHOS DE LUIZ FORAM LEGITIMADOS SOCIALMENTE COMO CRIANÇAS NEGRAS E PASSARAM A SER ANIMALIZADOS. É MUITO NÓ, MUITA COMPLEXIDADE. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 20 DE JUNHO DE 2023).

Portanto, podemos aferir que um dos meios que algumas pessoas negras utilizam para tentar acessar esses “lugares reservados” seria buscando similaridades que as aproximem da branquitude. Dessa forma, mais embranquecidas, mais **amorenadas**, é possível que seus corpos consigam acesso a alguns desses lugares reservados para a branquitude. Isso porque pessoas negras retintas e/ou com traços fenótipos negros bem marcados, de forma geral não conseguem adentrar a esses espaços de representatividade e poder mantidos pela branquitude brasileira. Na sequência da narrativa, *Luiz* compartilha o seu entendimento sobre famílias inter-raciais, dizendo:

Pensando em famílias inter-raciais de modo geral, posso dizer que elas são importantes, quebram um pouco o modelo tradicional de família, como sendo aquela composta somente por pessoas brancas. A mistura tem potência, rompe barreiras. (Luiz Gama, 20 de junho de 2023).

Aqui costuro um botão, para chamar atenção, pois o trecho do retalho-narrativa de *Luiz* alinha-se com o forro teórico de Sarti (1992), que salienta que não existe um único modelo de família, levando-nos à compreensão dessa instituição como algo maleável. Todavia, o botão também faz um chamamento para não romantizarmos processos de opressão (HOOKS, 1994). Mas o que quero dizer com isso? Uma família inter-racial pode seguir a “lição” da tela da redenção, como na tela de Cam. Pode buscar o embranquecimento, desejando se emaranhar à estrutura da colonialidade, ou seja, seguindo as linhas, os modelos coloniais. Ou uma família inter-racial pode ter letramento racial-crítico, se dispor ao diálogo, assim como a família de *Luiz*, e a partir desse movimento ir construindo compreensões em relação à raça, racismo, amor inter-racial e colorismo. Não é a inter-racialidade de uma família que irá romper as barreiras do racismo estrutural, bem como não é o amor romântico que não permitirá que o racismo se manifeste e se perpetue no dia a dia familiar.

Como escrito em algum lugar desta tese-colcha, romper com essas estruturas coloniais brasileiras somente é possível com movimentos de costuras coletivas e decoloniais. E não conseguiremos extingui-las, mas podemos ir abrindo furos na costura colonial, ir tecendo e entre-tecendo novas possibilidades, novos caminhos.

Com a finalização da costura com retalhos-narrativos de *Luiz* por essa linha condutora, ficam pontos cheios que servem de alerta **para as denominações em relação ao termo moreno/a para nomear pessoas negras**. Compreende-se que essa nomeação é um movimento de apagamento da cor dessas pessoas, bem como um apagamento de todos os pontos de luta, existência e resistência de pessoas negras em um país racista como o Brasil. Ressalto que nomear uma pessoa negra de moreno/a desmancha simbolicamente a sua identidade racial, tanto quanto a do grupo social/racial ao qual ela faz parte.

Por esta máquina de costura agora irão passar os retalhos-narrativos de *Emicida*, emaranhados com as complexidades de crescer em uma família inter-racial. Ele narra reflexões sobre as tramas causadas pelas normas sociais e o seu processo de encontro com o impacto da descoberta do colorismo em sua autopercepção. O participante-autor conta sobre as provações enfrentadas por ser uma criança negra de tom de pele escura, criada em um ambiente inter-racial, e com a ausência de seu pai (um homem negro de tom de pele clara). Ele narra que durante sua infância os comentários sobre o tom de sua pele o marcaram profundamente. A narrativa de *Emicida* revela camadas de complexidade que envolvem as famílias inter-raciais, onde a identidade racial por vezes pode se tornar um ponto de disputa, que pode marcar as vivências de pessoas com diferentes heranças raciais.

Emicida apresenta uma narrativa composta por tecidos endurecidos pelas constantes tentativas de branqueamento às quais sua mãe o submetia. A mãe de *Emicida* buscava o **moreno** para seu filho, ou seja, queria a todo custo que ele fosse lido socialmente como branco e, se isso não fosse possível, que sua leitura social ao menos tramasse com a morenice. Sobre esse processo, ele conta:

sou tua mãe, vou te proteger o quanto der, mas tu foi, eu fui, nós fomos amaldiçoados. Teu pai que era negão, mas negro claro, se mandou por tu ser mais preto e eu fiquei, porque mãe fica, mãe atura, mãe aguenta. Mas não pensa que é fácil pra mim saber que tu nunca vai ser ninguém porque quem quer gente preta? Se eu pudesse escolher, tu seria branco ou clarinho pelo menos! (Emicida, 29 de junho de 2023).

Pedaços de tecidos difíceis de serem costurados, uma textura áspera, a linha encontra dificuldade de se mover pelo meio desses panos. A textura rígida do tecido também pode nos conduzir a pensar sobre essa mãe, uma mulher talvez sobrecarregada, sem rede de apoio, sem letramento racial. Sem conhecimento prático sobre conceitos como branquitude, a ignorância racial costurada na sua concepção de mundo é também exposta pelo cotidiano de apagamento da negritude ao qual submetia seu filho. (RAMOS, 1995; ASCENSO, 2014). As razões sobre tais práticas estão “perdidas”, não a conhecemos, mas podemos supor que ela pode ter sido convencida pelo argumento da mestiçagem, considerando o seu desejo para que seu filho fosse “ao menos” moreno. Talvez ela estivesse num movimento para que esse menino fosse visto (lido) socialmente como humano (FANON, 2008). Ainda nessa perspectiva, *Emicida* compartilha:

[...] eu ouvi de novo que teria sido melhor se eu fosse branco, que ela tentou me clarear com produtos, ahhh sei lá o que mais, simpatia. E que nada adiantou. (Emicida, 29 de junho de 2023).

A rigidez presente nos retalhos-narrativos de *Emicida* continuam. Nesse trecho, ele cita como sua mãe compartilhava com outras pessoas suas tentativas desesperadas para o embranquecer, tentativas que demonstram a utilização de produtos químicos junto a pele do filho, os banhos de escovão e “até” simpatias⁸³. Aqui teço uma nota de campo:

OLHANDO PARA OS RETALHOS-NARRATIVOS DE EMICIDA, QUE APRESENTAM TRAMAS FORTES E IMPACTANTES, E TENTANDO COMPOR SENTIDOS PARA ESSES, FICO REFLETINDO QUE SE QUEREMOS EXTERMINAR O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL, DISCUSSÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVO-FAMILIARES INTER-RACIAIS SÃO FUNDAMENTAIS, POIS É NO CENTRO DA TRAMA DA BUSCA PELO "MORENO/A" QUE SURGEM SEUS IDEAIS, ENLAÇADOS COM BRANQUEAMENTO, COLORISMO, RACISMO. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 29 DE JUNHO DE 2023).

Podemos tramar tais experiências em relação ao colorismo no Brasil com os processos colonizatórios, que foram também processos de miscigenação, muitas vezes cruelmente forçados por estupro e outras violências de diversos tipos. Sobre essa realidade, não podemos deixar de citar, mesmo que brevemente, sobre a perspectiva das mulheres. Rita Segato (2021) pontua que o apagamento da ideia de violência contra a mulher, principalmente contra mulheres negras, é mais uma tentativa de construção de narrativas romantizadas sobre amores “entre diferentes raças” e de uma possível **democracia racial**.

Voltando ao retalho-narrativo das práticas de embranquecimento realizadas pela mãe de *Emicida*, podemos tecer algumas reflexões acerca de traços eugenistas presentes nos atos narrados. Ascenso (2014) nos diz sobre isso como uma “forma de limpeza étnico-racial”, o que fica evidente na busca daquela mãe por variados modos que permitissem a ela prover “o clareamento do filho”. Sendo assim, talvez ela buscasse, além da eliminação dos traços fenotípicos do corpo de seus filhos, o apagamento ancestral, cultural e epistêmico da população negra, como demonstrado pela teoria de Grosfoguel (2016) e Fanon (2008).

Outra trama delicada e polêmica pode ser tensionada nesse momento: o **colorismo**, que por vezes se apresenta na tessitura dos retalhos-narrativos de *Emicida*. O participante-autor relata que ouviu comentários de parentes encorajando-o a buscar relacionamentos com mulheres brancas para supostamente melhorar sua posição e aceitação social. Sobre o incentivo ao clareamento de suas descendências, ele conta:

Em casa, na família branca da minha mãe, só me chamavam de Pelé e queriam que eu treinasse pra ser jogador de futebol, eu que nunca gostei de futebol e nem muito de esporte... Aff... Depois, quando fui ficando adolescente, diziam que eu devia malhar, trabalhar e me dedicar a encontrar mulheres brancas, “isso clarearia o meu lado, a minha vida!” – dizia um escroto de um tio meu. (Emicida, 12 de julho de 2023).

83 Ritual simples, com nuances espirituais para alcançar algum objetivo.

No trecho da narrativa de *Emicida*, observamos, além dos estereótipos (de associação de homens negros a jogadores de futebol e a hipersexualização de seus corpos), uma outra prática ainda comum nos ambientes sociais: o **racismo recreativo**, que infelizmente pesponta as vivências de pessoas negras, como nos alerta Grada Kilomba (2019). Em pesquisa-costura sobre o colorismo, enfatizo que ele nasce como um movimento de opressão, como um esquema que objetiva promover fissuras (rasgos) junto ao movimento negro e, por conseguinte, potencializar e/ou causar divisões políticas que podem ocasionar o enfraquecimento desse movimento. Conforme Alessandra Devulsky (2021) salienta, o colorismo é um processo de hierarquização de pessoas negras pelo fenótipo, quanto mais retinta uma pessoa negra for, mais opressão e menos oportunidades ela terá. Em contrapartida, quanto mais clara uma pessoa negra for, mais oportunidades e acessos lhe serão disponíveis.

Pontuo, novamente, que o colorismo é uma tecnologia, uma estratégia, uma outra “máscara” do racismo que estrutura um sistema baseado na ideia de supremacia branca, hierarquizando os diferentes tipos de negritudes, para com isso seguir mantendo os privilégios da branquitude o mais intacto possível. O colorismo ataca todas as pessoas negras independente da classe social. E reforça a ideia de que beleza, candura, valor e nobreza estão sempre relacionados/costurados a pessoas brancas.

Ao finalizar o tecer dos retalhos-narrativos de *Emicida*, por esta linha condutora, ficam ressoando por entre os dedos de quem costura e trama esta tese-colcha o poder transformador da autoconsciência, da autoaceitação e da solidariedade na superação dos desafios da negociação da identidade racial. A história de *Emicida* inspira um chamado à ação compartilhada, incitando a sociedade a se libertar dos grilhões do colorismo, atentando-nos a buscar a discussão sobre a multifacetada identidade “moreno/a”, que ainda hoje serve como uma estratégia perversa de apagamento da negritude brasileira.

Sigo o movimento de tecer agora com os retalhos-narrativos de *Marighella*, que enfatiza sobre a consciência racial que começou a desenvolver na infância, enquanto crescia em um bairro composto predominantemente por pessoas brancas. Ele relembra as questões e os estereótipos que enfrentou sobre sua origem racial e que moldaram a compreensão de sua identidade. Sua narrativa explicita que o racismo existe mesmo dentro das estruturas familiares e ressalta a necessidade de discussões honestas e da autorreflexão sobre preconceitos raciais, mesmo e principalmente, entre aqueles que estão em relacionamentos inter-raciais.

Marighella foi criado por uma família branca, em um bairro com predominância branca. Desde pequeno foi incentivado a se relacionar com mulheres brancas ou

então com mulheres negras, mas de tom de pele clara, como um modo de garantir descendentes menos negros. Novamente, o ideal pintado por Brocos em 1895 se reapresenta nessa pesquisa-costura, quando *Marighella* narra:

[...] minha tia, ela sempre falava pra mim desde pequeno, que não era pra mim ficar, namorar com uma negrinha, porque se não os filho ia ficar, iam nascer muito negrinho... Ah não, e se fosse pra ser negra tinha que ser com a pele não muito escura, senão depois os filhos iam ser muito negrinho... Então, desde pequeno, tipo, acho que desde uns oito anos, acho que eu já ouvia isso... (Marighella, 28 de junho de 2023).

No trecho da fala de *Marighella* aparece novamente a busca, por parte de sua família branca, pelo seu embranquecimento. Ele era orientado, desde os oito anos, a buscar relacionamentos com mulheres brancas ou, como uma “segunda” opção, relacionamentos com mulheres negras de pele clara, relatos que vão se alinhavando com os pressupostos do conceito de colorismo de Devulsky (2021). Emaranhados pelos fios do colorismo e da branquitude, *Marighella* narra que as pessoas ficavam perguntando-lhe o “nível de negritude” do seu pai. Uma pergunta que ele enquanto uma criança nem sabia como responder por não conviver muito com o pai:

E as pessoas me perguntavam o quão preto ele era, sabe? Uns negócio assim, e eu pô, como vou saber, né? (Marighella, 28 de junho de 2023).

A mãe branca de *Marighella* não causava incômodo e nem era “especulada” pelos/as vizinhos/as, já o pai do participante-autor, sendo um homem negro, causava uma “mística” em torno da sua pessoa, queriam saber o “quão negro” ele era e, como visto na linha condutora anterior, questionavam até se ele não seria “ladrão”. Além da “curiosidade” pelo tom da pele do pai de *Marighella*, podemos perceber o quanto pessoas brancas concebem pessoas negras como não humanos, como objetos, reforçando a teoria apresentada por Fanon (2008). Posto isso, percebemos como pessoas negras continuam sendo lidas socialmente por esse viés racista, colorista e estereotipado. Costuro uma nota de campo:

OLHANDO PARA OS TRECHOS NARRATIVOS DE MARIGHELLA FIQUEI PENSANDO COMO O PROJETO DE BRANQUEAMENTO DO BRASIL FOI ALGO “PODEROSO” E BEM ESTRUTURADO, QUE ATÉ HOJE AS PESSOAS REPETEM ABSURDOS, COMO SE FOSSEM MANTRAS, COMO, POR EXEMPLO: “TEM QUE CLAREAR A FAMÍLIA”, “NEGRAS DE PELE CLARA ATÉ DÁ PRA ACEITAR”. ESSAS FRASES VIOLENTAS E OPRESSORAS VÃO SENDO NORMALIZADAS E, POR VEZES, SERVEM DE “RECOMENDAÇÕES” PARA QUE PESSOAS NEGRAS ACATEM ESSAS “RECOMENDAÇÕES”, ESSES “MANTRAS”, E ADQUIRAM RESPEITO PELA SOCIEDADE. ISSO CONTINUA VÍVIDO E OPERANTE NA SOCIEDADE, PORQUE A EUGENIA COMO DIZ DIWAN (2007), É UM PASSADO QUE NÃO PASSA! (LIANA, NOTA DE CAMPO, 28 DE JUNHO DE 2023).

Seguindo esses fios com tons de apagamento e genocídio, *Marighella* tece pontos importantes sobre a questão do termo moreno/a e sobre como esse termo seria utilizado por sua família branca para “amenizar” a negritude de pessoas negras com as quais eles/as tinham algum tipo de afeto/credibilidade. Ele narra:

Então, pra minha mãe e pra meus parentes tudo é sempre assim né, quando vão falar um negócio que é neutro ou que é bom sobre uma pessoa negra, aí ela é morena. Né! É morena, morena isso, morena aquilo. Aí se é um negócio ruim aí é aquela negra, aquele negro, né? Quando era algo negativo pra falar sobre o negro, falar aquele negrinho, aquela negra, aquela coisa assim, aquele preto. Agora quando era algo positivo ou neutro, era aquela morena... Mesmo sendo a mesma pessoa, entendeu? Quando a pessoa é boa embranquece, né, quando a pessoa tem algum respeito, quando as pessoas brancas têm algum respeito sobre a pessoa negra, né, então a pessoa negra acaba se embranquecendo na visão dos brancos Porque quando tu, quando a pessoa tem algum respeito ou gosta de ti, os branco, eles pegam e te embranquecem, né! Tipo, então, ah tu é negro, mas tu não é que nem aquele negro ali, entendeu? Tipo assim, mas tu nem é tão preto, né? Porque tu é bom, sabe? Aquela coisa assim, não, tu é bom, tu é uma pessoa legal, pô, tu nem é preto, tu nem tem uma pele mais escurinha, né? (Marighella, 28 de junho de 2023).

Com todo esse trabalho poético, estético e teórico visto nesses retalhos-narrativos de *Marighella*, posso tecer alguns pontos. Retomo a frequente argumentação validada por algumas pessoas, de que não pode existir racismo nas relações afetivo-familiares inter-raciais, pelo fato de essas pessoas brancas estarem se relacionando com uma pessoa negra. E, por isso, estariam “imune” ao racismo. Uma perspectiva tão naturalizada quanto aquela a respeito de não existir machismo, pois homens se relacionam com mulheres e, desse modo, não teriam como ser machistas.

Em ambos os casos, o que conduz essas estruturas sociais são as relações e as posições de poder, pois o amor e “os gostos individuais” também são construções sociais. É necessário tecermos pontos subversivos em relação à atribuição vazia de adjetivações morais, como bom e ruim. Exemplificando, muitas pessoas negam-se a discutir e pensar questões raciais, por se sentirem acusadas de racismo, e justificam que não podem ser racistas, pois são “pessoas boas”. Destaco que a compreensão de racismo como um desvio moral esvazia-o de significado e impossibilita o avanço em debates mais aprofundados sobre o tema. O que quero dizer é que nós brancos/as fomos socializados para sermos racistas.

A mãe branca de *Marighella* pode ser uma mãe responsável, ser uma pessoa idônea e mesmo assim ter condutas racistas. E isso não significa, necessariamente, que ela seja “uma pessoa ruim”. O que ocorre é a evidência de que ela, assim como outras mães e pessoas em geral, foi socializada para reproduzir hierarquias raciais. Aproveito para fixar um botão colorido de alerta, principalmente para nós pessoas brancas, para que possamos compreender de uma vez por todas que ser racista não

está inevitavelmente conectado a ser “uma pessoa ruim”, e sim a um processo de socialização em uma sociedade racista que inicia desde o nosso nascimento. Para concluir sua experiência narrativa, *Marighella* diz:

O Deivison Faustino falou uma frase que eu achei impressionante e didática sobre isso: “o branco criou o negro. Mas nesse processo, ele não se diz branco. Ele diz: eu sou humano, você é negro”⁸⁴, é uma síntese né! (Marighella, 3 de julho de 2023).

Entre-tecendo com *Marighella* sobre a citação de Faustino (2020), podemos sintetizar o quanto que a concepção de ser branco está entrelaçada com a noção de humanidade. Conforme Fanon (2008) nos adverte, o ser branco, ou o mais alinhado possível ao fenótipo de pessoas brancas, traz aquela dimensão de sujeito universal, de modelo colonial, de humanidade no seu “sentido pleno”. O psicanalista destaca como os sujeitos colonizados/as concebem o branco como sinônimo de ser humano, enquanto esse pertencimento de humanidade não se estende às pessoas negras. Sendo assim, é possível tecer que a opressão é tanta que acaba retirando a dimensão humana dos colonizados que vislumbram no branco a “norma/universal” em todos os aspectos, inclusive de humanidade.

Ao arrematar a costura com esta linha condutora, pelos retalhos-narrativos de *Manuela D’ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, percebemos as intrínsecas negociações e tensões que surgem nos emaranhados alinhavados pela identidade racial dentro de uma família inter-racial. As experiências compartilhadas por esses/as participantes-autores/as refletem desafios sociais mais amplos relacionados ao racismo, ao preconceito e às complexidades da autoidentificação racial.

Na finalização desta linha condutora em tese-colcha, pego a minha caixa de costura e, dentre os artefatos lá dispostos, me encontro com a experiência que tive a partir da leitura livro *O olho mais azul*, escrito por Toni Morrison e publicado pela primeira vez em 1970. Esse livro rendeu à autora um prêmio Nobel, o primeiro da categoria literária entregue a uma mulher negra. Teço, portanto, com algumas memórias dessa leitura, em perspectiva de que ela possa arrematar com precisão esta pesquisa-costura, para o fechamento deste segundo momento de análise narrativa, onde foi pensado a respeito das “negociações sobre o termo Moreno/a”.

O livro de Morrison é uma obra literária que se desenvolve narrativamente e que aborda de forma envolvente o debate sobre colorismo, ainda que a autora não o nomeie (talvez por razão de, na época da escrita, esse termo ainda não

84 Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tmyxxvU26M>

havia sido desenvolvido e/ou registrado). A história se desenrola com um núcleo de personagens compostos por pessoas negras, de tom de pele retinta e economicamente empobrecidos. A personagem principal da trama, Pecola Breedlove, é uma jovem que reza com veemência todos os dias para ter olhos azuis. Com isso, ela busca ser mais amada e até, talvez, uma vida melhor. Pecola é a personagem mais escura de todas, e socialmente lida pelas outras personagens como a mais feia, inclusive por sua mãe, que é uma mulher negra que não consegue desenvolver seu amor pela filha devido a “essa questão estética”, ao menos não do mesmo modo como desenvolveu pela menina branca da qual ela cuida.

O que Morrison (2019) quer destacar, quando narra sobre peles retintas, é que a quantidade de pigmentação na pele é proporcional à exposição ao racismo que uma pessoa pode sofrer. Ou seja, quanto mais retinta, mais ela estará vulnerável a situações de preconceito racial. Ao passo que uma pessoa com menos pigmentação na pele, “mais miscigenada” e, portanto, lida como “mais embranquecida”, é menos exposta ao racismo. No decorrer da trama, a beleza dos personagens vai sendo medida pela tonalidade de suas peles e pelos seus traços fenotípicos (textura de cabelo, volume dos lábios e nariz). E nesse emaranhado de possibilidades, o “destino” e as oportunidades para cada personagem vai sendo determinado pela beleza e estética de seus corpos.

Se prestarmos atenção na narrativa de Morrison (2019), cada personagem representa um estereótipo atribuído a pessoas negras. Nesse enredo, a vida desses personagens segue um movimento cíclico e o rompimento desse movimento racial só aconteceria se essas pessoas conseguissem desenvolver relacionamentos inter-raciais, e, assim, a “saída” aconteceria pela miscigenação. A autora explora também o auto-ódio e como as pessoas negras foram sendo ensinadas a odiar a negritude. Ela escreve situações que nos dizem sobre os sentimentos gerados pela colonização, como aqueles que impulsionavam as personagens negras a buscarem pelo embranquecimento, uma humanidade reservada apenas à branquitude.

A obra tem outros desdobramentos, mas me ative a esses, considerando o entre-tecer da história e os retalhos-narrativos aqui costurados. Isso porque o sistema descrito por Morrison (2019) e que ordena as dinâmicas da trama tecida lá em 1970, mesmo em contexto norte-americano, se reaperentaram nos tecidos tramados pelos participantes-autores/as desta pesquisa-costura.

Isso pode ser observado quando *Manuela D’ávila e Zumbi dos Palmares* contam que tentavam apagar qualquer identificação de seu filho, que tinha fenótipo negro com elementos da cultura africana, principalmente quando o impediam de manter o cabelo aparente. *Angela Davis* recebia “elogios” por nem ser tão escura e nem ter o cabelo

muito crespo. *Luiz Gama*, quando via todos os desdobramentos racistas que sua mãe de pele retinta sofria, preferiu por certo tempo classificar os filhos como morenos.

Emicida, por ter o tom de pele mais escuro que o de seu pai, nunca sentiu que sua mãe o achava bonito, nem recebeu elogios por sua estética, além de ser “doutrinado” desde a infância a buscar “clarear o seu lado” por meio de relacionamentos inter-raciais. E *Marighella*, quando teceu sua percepção sobre como o termo moreno/a era “negociado” por sua família branca, que quando queriam positivar alguma atitude de alguém, ou tinham uma certa afetividade pela pessoa negra, liam e tratavam essa pessoa como moreno/a. Já quando se referia a uma atitude não tão positiva que uma pessoa teve, ou alguém de quem não gostavam muito, essa pessoa era lida e tratada como negro/a, negrinho/a.

Nessas tramas entrançadas aparecem pontos de busca por branqueamento, por valorização do “sujeito universal”, pontos urdidos em hierarquias raciais que buscam tons mais claros de pele, como estratégia de sobrevivência, mobilidade social e melhores condições de vida.

abraçar as conexões afrocêntricas: o que dizem as narrativas sobre as experiências compartilhadas de compreensão e cura

A pesquisadora-costureira faz uma nova pausa, um terceiro momento, e pega sua caixa de costura, enquanto seleciona esta última linha condutora para cerzir os retalhos-narrativos de *Manuela D’ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*. A linha está sendo afixada na máquina e, no movimento da agulha, as unidades de significado nos retalhos-narrativos dos participantes-autores/as da pesquisa vão sendo costuradas junto ao forro teórico. Tenciona-se a potência dos relacionamentos afrocêntricos, como um modo de conexão com a ancestralidade, e destaca-se como as experiências compartilhadas nesses relacionamentos podem facilitar a cura, a autodescoberta e a resiliência.

As histórias compartilhadas pelos participantes-autores/as oferecem texturas únicas sobre suas jornadas de autoconsciência: os desafios que enfrentaram em relacionamentos inter-raciais, o impacto de preconceitos internalizados e o profundo senso de unidade e força que surge ao abraçarem suas identidades afrocêntricas. Essa narrativas também nos convidam a tecer reflexões sobre o papel da educação e dos movimentos negros como espaços de partilha, de aprendizagem e de construção de letramento racial crítico.

Seguindo a tessitura da tese-colcha, início esta linha condutora costurando os retalhos-narrativos de *Manuela* e *Zumbi*. *Manuela* narrou ter se sentido provocada com os impactos da sua própria narrativa enquanto participante-autora, bem como

ao ouvir a história narrada por seu marido *Zumbi* sobre a família constituída por eles. Sobre isso, *Manuela* diz:

Tô um pouco em crise, será que nossa família não deveria existir? Meu trabalho vai dizer que devemos nos separar e cada um procurar um par da sua cor? E meu marido [risada/nervosa] dizendo que sou um troféu, entendi, sou uma resposta que ele quer dar a todo o racismo que sofreu e sofre. Mas se eu fosse uma mulher negra, então, ele não estaria comigo? (Manuela D'Ávila, 15 de dezembro de 2022).

Conforme já foi tecido aqui, a pesquisa-costura narrativa vai possibilitando um “deixar-se emaranhar” reflexivo nas tramas das histórias narradas, ouvidas, lidas e (re)contadas, sejam elas autorais ou sobre outro/a participante-autor/a. *Manuela*, que assim conseguiu perceber alguns comportamentos racistas que cometia, fica então se questionando se esta pesquisa-costura vai apontar sua configuração familiar como “inválida” ou que “no fim” descubram que seria melhor dissolvê-la. Ela pondera, inclusive, sobre o amor de seu marido, a partir de uma narrativa em que *Zumbi* expressa que, por ela ser branca, ela é vista por ele como um troféu – uma vitória sobre todas as opressões que sofreu em virtude da sua negritude. Ainda sobre isso, compartilho uma nota de campo:

SINTO QUE MANUELA CONSEGUIU PRODUZIR ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SUAS PRÁTICAS, SENTIU MEDO DE QUE SEU RELACIONAMENTO, SUA FAMÍLIA, SÓ EXISTISSE PELO FATO DA BRANCURA DA SUA PELE. MANUELA SENTIU QUE SUA POSIÇÃO DE PRIVILÉGIO COMO MULHER BRANCA É ALGO QUE PODE SER USADO COMO UMA FORMA DE DESAFIAR O RACISMO QUE O MARIDO SOFRE, MAS QUE, AO MESMO TEMPO, TAMBÉM EXPÕE SUA PRÓPRIA FRAGILIDADE E POSSÍVEIS FRAGILIDADES DA RELAÇÃO FAMILIAR. A NARRATIVA DA PARTICIPANTE–AUTORA TRAMA–SE COM O CONCEITO DA FRAGILIDADE BRANCA DE MCINTOSH (1989). DESTACO, TAMBÉM, QUE ENQUANTO PESQUISADORA–COSTUREIRA NARRATIVA ME SENTI MEXIDA COM AS QUESTÕES APONTADAS POR MANUELA, TENTEI MANTER O “LUGAR SEGURO” ONDE OCORREU A PESQUISA–COSTURA (CLANDININ; CONNELLY, 2015), EXPLIQUEI PARA A PARTICIPANTE–AUTORA A IMPORTÂNCIA DE TERAPIA, DE PARTICIPAÇÃO COM A FAMÍLIA NAS DISCUSSÕES PROMOVIDAS PELO MOVIMENTO NEGRO EM SUA CIDADE, BEM COMO DESTAQUEI QUE NESTA TESE–COLCHA DECOLONIAL NÃO SE TEM NENHUMA INTENÇÃO EM LEGITIMAR OU DESLEGITIMAR UM TIPO DE CONFIGURAÇÃO FAMILIAR. A IDEIA É PROPOR UMA TESSITURA FLEXÍVEL, QUE NOS CONVIDE A PENSAR COMO AS TRAMAS DA COLONIALIDADE ENLAÇAM AS RELAÇÕES AFETIVO–FAMILIARES INTER–RACIAIS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 15 DE DEZEMBRO DE 2022).

Continuando a tecer, reafirmo o que mencionei na nota de campo anterior, como pesquisadora-costureira que almeja uma escrita decolonial que foge de uma costura rígida e fixa.

Quero cerzir pontos flexíveis e maleáveis, provocativos para pensarmos criticamente, promovendo, também, um reavaliar-se constante, bem como ficando alertas para os enredos da colonialidade que insistem em se tramar nas nossas tessituras. Com relação a esses enredos da colonialidade, *Zumbi* tece:

Com essa questão de aparência, minha filha é branca e meu filho é preto. Pra mim, não existe diferença, são meus filhos, meu sangue. Sempre os tratei igual. (Zumbi dos Palmares, 10 de novembro de 2022).

Ao utilizar esta linha condutora, que trata de conexões afrocêntricas e da potência de movimentos educativos, esse trecho do retalho-narrativo acima disposto, nos tenciona a refletir. *Zumbi* tem um filho e uma filha com fenótipos diferentes, ambos são socialmente lidos de modo diferente. Logo, a negação do pai em relação à diferença racial entre os filhos não parece ser algo interessante. Como já foi tecido em outros trechos desta pesquisa-costura, as famílias de origem de *Zumbi* e *Manuela*, e eles mesmos, tratavam os filhos de forma diferente: para ela (fenótipo branco), almejavam cursos de maior prestígio; para ele (fenótipo negro), incentivavam ao futebol, a música e a dependência financeira da irmã.

Alinhando-se a essas perspectivas em relação ao tratamento dos filhos, conforme Souza (2021), no Brasil, muitas pessoas negras vão se constituindo e vão se identificando como negros/as no decorrer de suas trajetórias de vida. Sendo assim, negar a percepção da cor, conforme *Zumbi* fez, não adianta, pois não vencemos ou superamos aquilo que não reconhecemos a existência (MUNANGA, 2019). Vivemos relações raciais e precisamos discutir sobre isso em todos os espaços, principalmente na família. Debates sobre negritude e branquitude podem se alinhar com movimentos decoloniais na busca por fissuras na colonialidade, pois são debates que podem contribuir para a emancipação dos sujeitos.

O tratamento igualitário que é dado aos filhos por *Zumbi*, conforme a sua narrativa, possivelmente diz respeito a sua atenção e afetividade como pai. Contudo, justamente por ser um pai afetuoso e interessado na criação dos filhos, é pertinente que não só ele, mas a família como um todo, esteja atenta aos tipos de reprodução do racismo. E com o aprofundamento do diálogo sobre esse tema tão complexo e sensível, os familiares podem ir percebendo esses (e outros) artefatos coloniais, ampliando suas percepções e dinâmicas inter-raciais. A respeito desse fio, podemos ainda rememorar Freire (1987), que salienta a potencialidade do diálogo como ferramenta de desenvolvimento pessoal e de elaboração de compreensão de mundo. Em narrativa, *Zumbi* reflete sobre a questão:

[...] eu tô contente de conseguir falar e olhar para as coisas que parecem que estão só na rua, só fora, mas que também estão agindo dentro da nossa casa, dentro da nossa família, pensar sobre isso dói, incomoda, mas pode ser bom. (Zumbi dos Palmares, 15 de dezembro de 2022).

Zumbi narra o quanto percebeu como positivo o movimento de conseguir conversar sobre raça com sua esposa. Compartilhando suas percepções, Zumbi conseguiu **romper o silenciamento** (LORDE, 2015). Ele deixa explícito que olhar para essas lembranças de racismo traz dor e incômodo. Ainda mais quando percebe que esse racismo não age só externamente, mas trama-se, também, às suas vivências afetivo-familiares mais íntimas.

Diante disso, mais uma vez se evidencia a potencialidade do método narrativo, defendido por Clandinin e Connelly (2015), enquanto possibilidade de pesquisa, pois é nesse “ir e vir” por entre as histórias, nesse diálogo com suas memórias, que os/as participantes-autores/as vão compondo outros significados para suas vivências, as (re)significações vão acontecendo de modo sutil e profundo.

Também é possível perceber, nas tramas de *Manuella* e *Zumbi*, o **colonialismo invisível** (GALEANO, 2000) e a colonização do imaginário (FANON, 2008) que demarcam como o colonialismo vai se entremeando e se reapresentando nas subjetividades do casal, procurando padronizar e legitimar certos modos de ser e estar no mundo. Arrematando este trecho da pesquisa-costura, fixo aqui uma nota de campo:

OS RETALHOS—NARRATIVOS DE MANUELA E ZUMBI PODEM SER LIDOS COMO UM CONVITE AO DIÁLOGO ABERTO, AUTORREFLEXÃO E IMPORTÂNCIA DAS DISCUSSÕES FAMILIARES PARA DESAFIAR E TALVEZ FRAGMENTAR CONCEITOS SOCIAIS COLONIAIS CRISTALIZADOS, E ASSIM PROMOVER UMA DINÂMICA RACIAL MAIS SAUDÁVEL. AO ENFRENTAR ESSAS QUESTÕES DE FRENTE E OLHANDO PARA SUAS CONEXÕES AFROCÊNTRICAS, A FAMÍLIA DE MANUELA E ZUMBI TEM O POTENCIAL DE TRANSCENDER OS PRECONCEITOS SOCIAIS E CULTIVAR UMA UNIDADE FAMILIAR MAIS INCLUSIVA E COMPASSIVA. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 15 DE DEZEMBRO DE 2022).

Continuo movimentando o pedal da máquina. A roda gira e pela agulha deslizam agora os retalhos narrativos de *Angela Davis*. A experiência narrativa com *Angela* foi muito potente, pois ela trouxe para sua tessitura uma trama de fios que versam sobre letramento racial, a força do movimento negro e a importância de pensarmos e discutirmos sobre relacionamentos afrocentrados⁸⁵.

Posto isso, aqui nesta tese-colcha relacionamentos afrocentrados também são nomeados como relacionamentos afrocêntricos ou, ainda, amor afrocentrado ou amor afrocêntrico. Tal proposta de relacionar-se surge como uma estratégia do movimento

⁸⁵ Para saber mais: <https://www.geledes.org.br/amor-afrocentrado-e-possivel-falar-nesses-terminos/>.

negro que propõe relacionamentos afetivos para além do amor romântico, incluindo em suas dinâmicas a valorização de pessoas negras de todos os tons e em vários âmbitos das vivências sociais. Por definição, são relações afetivas estabelecidas por pessoas negras que optam por se relacionar com outras pessoas negras. Muitos ativistas defendem essa proposta de relacionamento como um movimento de resistência às políticas de miscigenação e branqueamento da população negra e reforçam que desse modo se evidencia a estética negra, além da identificação racial e solidariedade que pessoas dentro desses relacionamentos podem desenvolver. Sobre isso, *Angela* trama:

[...] atualmente, depois que me divorciei, eu tenho como prioridade relacionamentos afrocentrados e isso ocorre devido ao meu processo de consciência racial, minha entrada no movimento negro e o fato de eu frequentar mais espaços com pessoas pretas. Os relacionamentos inter-raciais nos expõem a experiências difíceis, você vai acabar ouvindo algum comentário racista em algum momento. Quando me relaciono com pessoas pretas, vivencio experiências em comum que não consigo com uma pessoa branca, é como se essa pessoa compreendesse as minhas dores, mesmo uma pessoa branca antirracista não consegue entender. (Angela Davis, 13 de abril de 2023).

As narrativas que *Angela* tece mobilizam esta pesquisadora-costureira. Olho para a tese-colcha e percebo que essa trama é mais uma das linhas que repousam por entre a frente da peça (os retalhos) e o forro da colcha-tese. Ali, naquele espaço sem costura, “descansam” artefatos potentes para a criação de várias outras artesanias científicas, estéticas e poéticas. Poderia tecer, também que o amor afrocentrado é uma outra possibilidade de construção social e talvez contra-hegemônica (SCHUCMAN, 2018; HOOKS, 2020). Com relação à existência de famílias inter-raciais, *Angela* destaca a importância de que essas famílias se responsabilizem e busquem letramento racial para auxiliar as crianças oriundas desses relacionamentos, quando diz:

Penso que as famílias inter-raciais continuarão existindo, mesmo que parte do movimento negro defenda a importância do amor negro como alternativa a luta pelo genocídio do povo negro. Contudo, cabe às famílias inter-raciais ter um olhar atento para as questões raciais que contemplem a branquitude e negritude, buscar o letramento racial para auxiliar a criança que é fruto dessa relação, porque certamente ela enfrentará problemas nessa sociedade racista. Acredito que a família inter-racial precisa assumir essa responsabilidade. (Angela Davis, 28 de junho de 2023).

Com a narrativa de *Angela* aprendemos que todas as pessoas, brancas e negras, têm espaço e devem ter comprometimento com a luta antirracista. Uma luta que deve ir além de palavras e que precisa envolver ação e autorreflexão. Sobre a experiência narrativa vivenciada com *Angela*, compartilho uma nota de campo:

ENQUANTO ANGELA COMPARTILHA SUAS EXPERIÊNCIAS DE ESCOLHAS AFETIVAS AFROCENTRADAS, SUA TRANSFORMAÇÃO TEM NUANCES DE METAMORFOSE METAFÓRICA, SEMELHANTE AO DERRAMAMENTO DE CASULOS SOCIAIS QUE ENCERRAM SEU VERDADEIRO EU. ESSE PROCESSO ESPELHA AS PROVOCAÇÕES DE PAULO FREIRE (1987), QUE ENFATIZA QUE A AUTOCONSCIÊNCIA E A CONSCIÊNCIA EMERGEM POR MEIO DE DIÁLOGOS E INTERAÇÕES COM OS OUTROS. PARA ANGELA, ESSES DIÁLOGOS ENVOLVIAM LIDAR COM SUA IDENTIDADE DENTRO DE SUA FAMÍLIA, CONFRONTAR PRECONCEITOS SOCIAIS E, AINDA, ENCONTRAR FORÇA E RESILIÊNCIA NOS PROCESSOS DE LETRAMENTO RACIAL, MOVIMENTO NEGRO E NAS CONEXÕES AFROCENTRADAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 28 DE JUNHO DE 2023).

Dos retalhos de *Angela*, passo agora para os retalhos-narrativos de *Luiz Gama*, que também tece sobre a importância das famílias inter-raciais não silenciarem sobre as questões raciais e manterem diálogos sobre o tema. Ele diz:

Mas não se deve fazer como minha família fez, de silenciar a questão da raça, precisamos estudar, perguntar, conversar, enfim, explicar para os nossos filhos, nos compreender enquanto pessoas negras e pessoas negras que se orgulham da sua cor, da sua ancestralidade. Isso acho que é letramento racial e é fundamental para a luta contra o racismo e também para relações familiares mais saudáveis e democráticas. (Luiz Gama, 20 de junho de 2023).

Entre-tecendo com *Luiz*, trago o que Roger Bastide e Florestan Fernandes (1959) dizem sobre “o preconceito de ter preconceito”, que é uma atitude típica brasileira e que esse pressuposto estaria enredado à crença no mito da democracia racial. Ou seja, por sentirem-se isentos do preconceito e do racismo estrutural, muitas pessoas não conseguem enxergar o racismo e, não o vendo, não conseguem pensar sobre, não conseguindo de fato elaborar estratégias de ruptura desse sistema.

Outro ponto que a narrativa de *Luiz* nos chama atenção é o fato de que mesmo uma pessoa tendo uma relação afetivo-familiar inter-racial, e até filhos dessa relação, isso não a torna imune ao racismo estrutural. As pessoas que se relacionam de modo afetivo-familiar inter-racial não estão isentas dos reflexos sociais de uma sociedade forjada em uma estrutura racista. Alinhado a isso, *Luiz* narra:

[...] minha esposa chama minha atenção e principalmente dos meninos com relação ao racismo reverso, para que não venhamos a fazer isso, porque o mundo é racista, mas nós não devemos ser, ela está sempre falando que somos todos iguais. (Luiz Gama, 20 de junho de 2023).

Aqui é possível perceber que a esposa branca de *Luiz* ainda precisa se dispor ao movimento de aprendizagem racial, de letramento racial. Não somos todos iguais e a hierarquia racial que opera na sua própria família diz isso, visto que sua sogra, uma mulher negra de tom de pele retinta, ao buscar os netos na escola sofria

racismo. Um racismo direcionado a ela por uma animalização sofrida por parte dos colegas de seus netos e por parte da instituição escolar, que com suspeitas verificava com os pais a presença daquela mulher na escola, o que não acontecia com outras pessoas brancas ou com outras pessoas lidas como negras, mas de tom de pele clara, que iam buscar seus filhos na escola.

Aqui fixo um botão, aquele com utilidade de chamamento para como o racismo vai se enredando no cotidiano de famílias inter-raciais. A esposa de *Luiz* talvez ainda não consiga perceber os enredos coloniais que diariamente afetam sua família e até mesmos balizam seus discursos enquanto família inter-racial. Sobre isso, trago uma frase da professora *Janaína Damaceno da UERJ*, que em uma entrevista ao *Portal Geledés*⁸⁶ (2016) diz: “Quem acredita em racismo inverso crê que há um racismo bom e ideal (o anti-negro) e um racismo mau (anti-branco)”. A autora salienta que quem acredita e defende a existência do racismo reverso não concebe o racismo com toda a crueldade que o envolve, é alguém que talvez naturalize o racismo anti-negro descrito por Munanga (2019). Alguém que ainda não compreendeu que racismo reverso não existe, pois sendo o racismo um sistema de opressão sistemática, nós brancos não fazemos parte do grupo oprimido racialmente. Não existiram “navios branqueiros”, como dito por Damaceno em entrevista ao *Portal Geledés*, ou leis que nos proibissem de frequentar a escola. Nem sofremos animalização constante, racismo recreativo e tantas outras mazelas que afetam a população negra no Brasil. Neste ponto, entrego uma nota de campo:

AS PREOCUPAÇÕES DE LUIZ GAMA, SEU CONFLITO INTERNO ENTRE VALORIZAR A PRÓPRIA ANCESTRALIDADE NEGRA E PROCURAR “MINIMIZAR” AS POSSÍVEIS DIFICULDADES QUE A PELE MAIS ESCURA PODE TRAZER, ECOA AS LUTAS ENFRENTADAS POR MUITAS PESSOAS NEGRAS. ESSE RACISMO E COLORISMO INTERNALIZADOS ESPELHAM O CONCEITO DE FREIRE DE QUE ALGUNS INDIVÍDUOS OPRIMIDOS INTERNALIZAM A IDEOLOGIA DOMINANTE, LEVANDO-OS A ADOTAR PONTOS DE VISTA QUE PERPETUAM SUA PRÓPRIA SUBJUGAÇÃO. DESSA FORMA, A NARRATIVA DE LUIZ OFERECE UMA REFLEXÃO SOBRE A POTÊNCIA DE CONEXÕES AFROCENTRADAS DENTRO DE UM CONTEXTO FAMILIAR INTER-RACIAL. ILUSTRA A NATUREZA PROFUNDAMENTE ENRAIZADA DO COLORISMO E DO RACISMO NA SOCIEDADE, MESMO NAS RELAÇÕES FAMILIARES. NO ENTANTO, TAMBÉM DESTACA O POTENCIAL DE MUDANÇA TRANSFORMADORA POR MEIO DA EDUCAÇÃO, DIÁLOGO ABERTO E ACEITAÇÃO DE IDENTIDADES E INFLUÊNCIAS NEGRAS. AO EXAMINAR CRITICAMENTE SUAS PRÓPRIAS ATITUDES E DESAFIAR O RACISMO E O COLORISMO INTERNALIZADOS, A FAMÍLIA DE LUIZ DÁ UM PASSO PARA TALVEZ QUEBRAR O CICLO DE OPRESSÃO E PROMOVER UMA DINÂMICA RACIAL MAIS SAUDÁVEL DENTRO DE SUA FAMÍLIA E SOCIEDADE. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 20 DE JUNHO DE 2023).

86 O Portal Geledés é um espaço de compartilhamento de notícias, debates e entrevistas com relação a pautas de relevância social e racial. Para saber mais: <https://www.geledes.org.br/>

Concluindo este trecho da costura, com os retalhos-narrativos de Luiz destaco que pessoas brancas que compõem famílias inter-raciais devem estar atentas para não se deixarem envolver por esses fios emaranhados do racismo e do amor romantizado. Amar, se relacionar com uma pessoa negra, ter filhos com o fenótipo negro, não anula toda a exposição racista que nos molda desde nosso nascimento, dado que as nossas relações sociais são organizadas por essa lógica racista. Perceber isso nem sempre é um movimento simples já que envolve várias camadas complexas de uma opressão cotidiana estruturante.

Ao se relacionar com pessoas negras é interessante que, além do letramento racial, a pessoa branca busque questionar/reavaliar suas próprias condutas ao invés de “usar” essas pessoas negras como um “dedal”. A pessoa negra amada se torna uma espécie de “escudo” que protege a pessoa branca da agulha cruel das hierarquias raciais, imunizando-a de praticar racismo.

*Pesquisar-costurar é, entre tantas coisas, uma arte. A pesquisadora-costureira pode criar o novo e também reformar tessituras antigas. Prossigo movimentando o pedal da máquina, a roda vai girando. E o seu barulho, aquele *tac tac*, me traz um som de esperança. E com esse esperar, inspirado em Freire (1992), teço agora os retalhos-narrativos de *Emicida*. As experiências compartilhadas por esse participante-autor são compostas por fios ásperos, cortantes, mas como disse anteriormente, essas narrativas têm também uma força que pode servir de vetor para movimentos de transformação no âmbito educacional. *Emicida* começa dizendo:*

*Na escola, pelos 7 anos, comecei a ouvir piadas de colegas, apelidinhos, sabe? Tipo: carvão, tomou banho no pixe, foi pintado (não toca que vai soltar tinta)... Eu não ligava, meio que resolvia ali, xingava de volta, batia, corria... Bom acho que algumas professoras da escola viam e se faziam que não viam, eu tirava boas notas, então tava tudo bem. (*Emicida*, 29 de junho de 2023).*

Emaranham-se, neste trecho exposto, fios de racismo recreativo, definido por Kilomba (2019) como mais um mecanismo, uma faceta, uma máscara do racismo, onde por meio do humor e da piada se oculta o desprezo, o descrédito às pessoas negras, reduzindo-as a estereótipos minorizados. Em relação a isso, Carneiro (2005) destaca que muitos personagens negros/as que circulam nas novelas e programas de humor brasileiros desempenham papéis secundários, sem muita relevância na trama dessas novelas e programas, fazendo com que sua presença naquele espaço seja meramente “decorativa”, servindo para enfatizar a supremacia branca, a branquitude. Essa ponderação de Carneiro (2005) serve para mostrar como que essas representações vão construindo um imaginário coletivo altamente racista, como aparece na conduta das crianças, colegas de *Emicida*, e na naturalização e invisibilização que a escola

trata a questão.

Pegando esse fio com textura de potência educacional, gostaria de citar aquela conhecida frase de Freire (1979): “A educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e essas sim são capazes de mudar o mundo”. Envolvida pela frase de Freire (1979), pergunto: **que educação é essa capaz de transformar pessoas?**

Movida por essa indagação, encontro um fio que talvez traga algumas respostas. É uma pesquisa finalizada em julho de 2023, realizada pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), contratada pelo projeto SETA e pelo instituto de referência negra Peregum⁸⁷. De acordo com os resultados obtidos pela pesquisa, de cada 10 pessoas que sofreram racismo no Brasil, 3,8 sofreram essa violência em espaços de educação formal, ou seja, escolas e universidades. Posto isso, pode-se dizer que a escola é um dos principais espaços onde pessoas negras sofrem racismo. Portanto, questiono, que educação estamos desenvolvendo nesses espaços? Uma educação bancária, colonial, racista e LGBTfóbica?

Tentando elaborar respostas para as questões anteriormente citadas, demarco que temos a Lei n.º 10.639/2003, que dispõe sobre a necessidade de se trabalhar conteúdos de História e Cultura Afro-brasileiras no ensino público e privado brasileiro. Legislação importante, mas vinte anos se passaram e ela ainda não é implementada de fato nas escolas. Vemos alguns projetos, algumas ações, mas não um trabalho coletivo, articulado e que contemple todos os componentes curriculares. Sobre isso, *Emicida* diz:

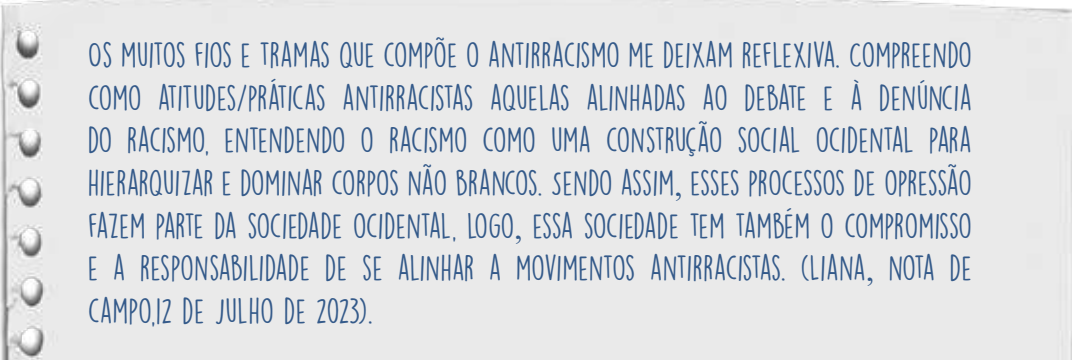
sendo bom aluno e tal, nunca ouvi, ou tive uma boa aula, bom ensinamentos sobre coisas de racismo, raça... Digo nem na rua, na escola e muito menos em casa... Tu perguntou da escola, da educação, bom posso dizer que era um espaço de aprender. Lá sofri? Sofri! Mas onde não passava perrengue? Aprendi muitas coisas importantes na escola, mas nada sobre EU, sobre ser negro, sobre meus ancestrais, esse papo não existia, pelo menos naquela época. (Emicida, 12 de julho de 2023).

No trecho anteriormente exposto, *Emicida* discorre sobre como sentiu falta de ter tido conversas abertas que pudessem possibilitar aprendizagens sobre questões raciais no ambiente familiar e também na escola. O participante-autor tece reflexões sobre o apagamento da existência de toda uma produção social, epistêmica e cultural negra. Essas reflexões de *Emicida* encontram-se com o forro conceitual de Vinhas (2019), que destaca que o legado racista da colonização brasileira pode ser facilmente visualizado no âmbito do saber, partindo da hegemonia do eurocentrismo da branquitude e, principalmente, pelo apagamento da negritude no campo da

⁸⁷ Esse instituto é uma organização sem fins lucrativos, criado em 2019, por militantes da educação popular. Para saber mais: <https://peregum.org.br/quem-somos/>

intelectualidade. Pinheiro (2023) pontua que um dos pontos nevrálgicos que sustenta os processos de desumanização de pessoas negras é pela desqualificação da intelectualidade negra, o que se enlaça com o conceito de **racismo epistêmico** de Carneiro (2005).

Posto isso, Pinheiro (2023) enfatiza que a apresentação de referenciais teóricos negros/as desde a educação infantil é muito importante para que se comece a construir uma educação pensada fora da hegemonia ocidental. A autora salienta, ainda, que além da apresentação e estudo de referenciais negros/as é preciso **enegrecer** os espaços educacionais/universitários, “contratando intelectuais e cientistas, pesquisadores/as negros/as” (PINHEIRO 2023, p. 84). A referida autora defende esse enegrecimento dos espaços educativos como uma possível estratégia antirracista. Pego os fios escorregadios do antirracismo, deixo eles deslizarem pelas minhas mãos, e assim eles vão se emaranhando nesta tessitura, tecendo, assim, uma nota de campo:



OS MUITOS FIOS E TRAMAS QUE COMPÕE O ANTIRRACISMO ME DEIXAM REFLEXIVA. COMPREENDO COMO ATITUDES/PRÁTICAS ANTIRRACISTAS AQUELAS ALINHADAS AO DEBATE E À DENÚNCIA DO RACISMO, ENTENDENDO O RACISMO COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL OCIDENTAL PARA HIERARQUIZAR E DOMINAR CORPOS NÃO BRANCOS. SENDO ASSIM, ESSES PROCESSOS DE OPRESSÃO FAZEM PARTE DA SOCIEDADE OCIDENTAL, LOGO, ESSA SOCIEDADE TEM TAMBÉM O COMPROMISSO E A RESPONSABILIDADE DE SE ALINHAR A MOVIMENTOS ANTIRRACISTAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 12 DE JULHO DE 2023).

Neste momento, em que ouço o barulho da máquina de costura, retorno a ouvir aquele som de esperança, posso dizer que é um som decolonial, com vibrações afinadas para fissurar a colonialidade. Mas como é possível fazer isso na prática? Tentando encontrar respostas para essa questão, trago mais um trecho da narrativa de *Emicida*, em que ele diz:

Segui a vida, fui me informando sobre, não sou de ler, sou dos números, mas fui vendo filmes, indo em palestras de pessoas que falavam sobre negritude, cabelo, racismo, e aí fui me encontrando, sabe? Parece que fui me sentindo gente, e essa sensação de ser gente, de ser humano, me fez pensar muito e me tornar um cara bacana. (Emicida, 29 de junho de 2023).

Neste retalho-narrativo de *Emicida* encontram-se nuances da potência do movimento de tornar-se negro (SOUZA, 2021), quando *Emicida* acessa produções culturais e artísticas, bem como discussões sobre raça e racismo. Um movimento de conexão com sua ancestralidade negra se apresenta, e o participante-autor destaca como se sentiu representado e humanizado.

Com relação a esse sentimento de humanização, que *Emicida* nomeia como “sensação de ser gente”, eu diria que é um movimento de ruptura com a colonialidade, que valida uma construção identitária que não seja aquela hegemônica idealizada a partir da branquitude (SOUZA, 2021).

Concluindo este trecho da pesquisa-costura, percebo que com o cerzir dos retalhos-narrativos de *Emicida* nesta linha condutora ficam ressoando pontos esperançosos de um novo modo de se pensar práticas educativas emancipatórias. Essas práticas emancipatórias, talvez possam se valer de uma **pedagogia da implosão**, conceito trabalhado por Pinheiro (2023), onde a autora defende que uma pedagogia da inclusão não é suficiente para a transformação da educação, porque nessa concepção pedagógica inclusiva o que vale é “colocar o diferente para dentro” (PINHEIRO, 2023, p. 127), sem levar em conta as construções sociais, as subjetividades e sem uma análise criteriosa das estruturas que envolvem essas pessoas lidas como “diferentes”. A autora exemplifica que a pedagogia da inclusão se pauta por uma estrutura preestabelecida e em consonância com os princípios da colonialidade e da branquitude. Sendo assim, o que a autora provoca é a construção de práticas pedagógicas coletivas que consigam implodir as estruturas coloniais que se camuflam com facetas de inclusão, mas continuam determinando como os processos educativos aconteçam.

Envolta nesses tecidos de implosão e mudança, sigo tecendo esta tese-colcha, neste momento, costurando os retalhos-narrativos de *Marighella*. Ele conta que foi na adolescência que começou a se aprofundar nas questões de raça e identidade, quando explorou esses tópicos durante sua educação, pesquisando história e sociologia e conversando com seus professores. Nesse período, ele percebeu como o racismo se tramou e envolveu suas próprias dinâmicas familiares, levando-o a confrontar sua própria identidade racial. À medida que avançava em diferentes estágios educacionais, *Marighella* notou mudanças na composição racial de seu entorno. Ele se lembra de ter mais interações com indivíduos negros durante seus primeiros anos de escola, mas se viu em ambientes predominantemente brancos mais tarde, como, por exemplo, na universidade. A mudança de ambiente afetou suas preferências de parceiras afetivas e ele começou a se relacionar mais com mulheres brancas.

No entanto, ao se envolver em conflitos familiares, bem como em debates com amigos/as de famílias inter-raciais, *Marighella* começou a questionar a ênfase nos relacionamentos afrocêntricos. Ele relembra um período em que ele e outros/as promoveram encontros e discussões afrocentradas, mas sem a devida análise crítica sobre relacionamentos afrocêntricos. Ele reconhece a importância de experiências compartilhadas e conversas profundas com pessoas que entendem e que experienciam vivências constantemente racializadas. Embora ele aprecie os relacionamentos

afrocêntricos, o participante-autor defende uma abordagem mais ponderada, reconhecendo que as razões por trás dessas preferências são importantes e que um foco exclusivo na raça pode também trazer consequências indesejadas. Sendo assim, *Marighella* não reduz a discussão a uma definição por relacionamentos afrocêntricos ou inter-raciais, mas ele salienta a importância de pensarmos criticamente a respeito. Ainda com relação a isso, ele diz:

Pô, uma pessoa negra não vai ser racista, não vai ter aquele pensamento de branquitude, sabe? De ver as coisas assim num jeito assim que busca sempre se manter, vê o branco como o centro do universo sabe? (Marighella, 28 de junho de 2023).

Neste momento trago uma nota de campo, com relação ao trecho narrativo anteriormente exposto:

ESSA CENTRALIDADE BRANCA QUE MARIGHELLA TRÁS ALINHA-SE AO FATO DE QUE PESSOAS BRANCAS SE LEEM COMO PESSOAS, LOGO, SE SOU BRANCA, SOU UMA PESSOA. ESSE "SER PESSOA" É PARECER-SE COM A "NORMA". E ESSA NORMA É QUE MANTÉM A ESTRUTURA COLONIAL E O RACISMO. ESSAS FALAS POTENTES DE MARIGHELLA MOSTRAM A IMPORTÂNCIA DE MOVIMENTOS EDUCACIONAIS DECOLONIAIS, QUE PODEM AMPLIAR A VISÃO DE MUNDO, CONTRIBUIR PARA O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO E PARA A EMANCIPAÇÃO DAS PESSOAS. (LIANA, NOTA DE CAMPO, 28 DE JUNHO DE 2023).

Nessa parte da narrativa, *Marighella* demonstra sua vontade de examinar criticamente a dinâmica racial e questionar pontos de vista populares, do senso comum. Ele trama, também, com o conceito de **supremacia branca** desenvolvido por Fanon (1968), Machado, Rosa e Brignol (2019) e Araújo (2006). Esses autores trazem sustentação teórica à assertiva tecida por *Marighella*, sobre como pessoas brancas se percebem na centralidade do universo. Essa percepção que ele diz que pessoas brancas performam, encontra forro conceitual nas teorias anteriormente citadas, quando defendem que existem construções sociais identitárias contrárias.

Enquanto a identidade racial branca é enlaçada por uma série de vantagens relacionadas ao fenótipo da brancura (branquitude), a identidade racial negra se enreda a fios coloniais, estereotipados e que limitam a autopercepção do próprio indivíduo e também dificultam seus processos de mobilidade social e econômica. E esse lugar de privilégio que pessoas brancas ocupam, vão sendo naturalizados, por uma trama de símbolos reforçam a supremacia da branquitude.

Como Araújo (2006) demarca, a branquitude é concebida como “molde” estético em telenovelas, filmes e séries. Sendo assim, a sociedade estruturalmente racista vai se sustentando e vai validando, normalizando e legitimando um modelo branco de ser como a “norma universal”. E na contramão dessa tessitura, essa mesma sociedade

estruturalmente racista vai promovendo fios genocidas que enlaçam toda uma população negra e, nessa trama, vão relegando esses corpos negros à subalternidade.

Prossigo a tessitura pelas experiências narradas por *Marighella*, que vai compartilhando vivências pessoais, bem como tecendo alinhavos com perspectivas de vários autores (principalmente autores/as negros/as) e contextos históricos. Buscando uma compreensão crítica das questões que envolvem identidade racial, relacionamentos inter-raciais, educação e cultura, os retalhos-narrativos de *Marighella* podem ser lidos como vieses de possibilidades decoloniais.

Esses vieses com possibilidades outras de movimentos decoloniais poderiam ser postos em prática por meio da educação, o que fica evidente quando ele diz:

E o Silvio Almeida também, né? Que também gosto bastante, porque ele parece que consegue explicar tudo que eu ouvi e vivi e nunca consegui explicar, nunca consegui falar. É e por isso que eu gosto. E também a Lélia González, ela é genial, né? O modo que ela fala e, principalmente, o jeito que ela escreve é incrível. Esses são autores que eu vejo que conseguiram explicar as coisas e são os que eu mais admiro. (Marighella, 3 de julho de 2023).

Nesse trecho, *Marighella* narra com alegria seu encontro com referenciais teóricos negros/as, que o inspiraram e contribuíram com os seus processos de letramento racial. O participante-autor também nos provoca a pensar a potência dos processos educativos formais e informais com o viés decolonial e abertos à produção artística, cultural e intelectual afrocentrada.

Provocada pelos retalhos-narrativos de *Marighella*, prossigo movimentando meus pés sob o pedal da máquina e novamente a pesquisadora-costureira se atenta para aquele barulho tão característico do processo de costurar. Quase como uma sinfonia, a manivela girando, a agulha descendo e subindo, cerzindo retalhos-narrativos com as linhas condutoras. O barulho novamente ressoa esperança, mas não aquela esperança passiva e conformada, e sim um som de esperar decolonial (FREIRE, 1992) de, quem sabe, conseguir abrir rasgos na colonialidade por meio de uma educação implosiva, como falamos anteriormente. E, porventura, essa implosão do modelo educacional colonial que temos pode ser pensada a partir dos ensinamentos de hooks (2020).

A escritora e professora universitária, autora da obra intitulada “Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática” (HOOKS, 2020), produz uma espécie de atualização do discurso freiriano, incluindo nesta perspectiva crítica o recorte de gênero e raça, tendo como base a proposta de uma educação libertadora de Freire (1999). A obra é uma composição narrativa e didática, bell nos brinda com 32 ensinamentos

que podem nos ajudar a compor sentidos, para pensarmos e construirmos processos educativos capazes de transformar as pessoas. Um movimento de pensar criticamente a educação e os processos decoloniais de letramento racial, próximo ao que pode ser observado nos retalhos-narrativos de *Marighella*.

Buscando arremates para esta parte da pesquisa-costura, vou tecer alguns pontos sobre o referido livro de hooks (2020), pela sua proposta alinhada com esta tese-colcha, quando a autora utiliza suas histórias e suas narrativas de vida para compor tessituras teóricas visando uma reflexão sensível, crítica e libertária sobre a cultura educacional institucionalizada. Dentre a argumentação tecida pela autora, escolhi três ensinamentos para arrematar este pedaço da pesquisa-costura: o pensamento crítico, a descolonização⁸⁸ e o contar histórias.

No ensinamento **o pensamento crítico**, hooks (2020) nos tenciona a pensar o problema social da educação concebido no espaço da sala de aula, um lugar onde muitas pessoas não são motivadas/incentivadas a desenvolver o ato de pensar criticamente (em diferentes assuntos/áreas), mas frequentemente são ensinadas a se manterem em uma posição de conformação. Estudantes, professores/as e demais trabalhadores/as da escola, portanto, acabam sendo reduzidos a meros receptores de informações, e não se constituindo como protagonistas dos seus processos de aprendizagem. Tal conformação se alinha com o conceito de “docilização dos corpos” foucaultiano (FOUCAULT, 1987), que diz sobre uma estratégia de ruptura com esse panorama colonial de obediência. hooks (2020) também discute sobre a importância de uma **pedagogia engajada**⁸⁹, que possibilite tirar esses/as estudantes, professores e outros/as trabalhadores/as da educação, de modo geral, desse lugar de passividade.

No segundo ensinamento escolhido, “**a descolonização**”, hooks (2020) demarca a importância de construirmos um pensamento crítico que rompa com a lógica colonial que ela nomeia como “*patriarcado imperialista capitalista supremacista branco*”. Tal pensamento seria capaz de romper com essa lógica quando alicerçado em novas práticas pedagógicas e maior valorização do “ato de perguntar” dentro da cultura educacional. Sendo assim, o pensamento crítico e a descolonização podem nos levar a superar a pessoalização do ódio e compreender a lógica da colonialidade com maior proximidade com o cotidiano de nossos espaços educacionais. O último ensinamento escolhido para pensar essa tese-costura, o **contar histórias**, enfatiza

88 Neste trecho, o termo voltou a ser utilizado com “s”, porque é assim que hooks (2020) o utiliza. Demarco isso porque no início desta tese-colcha salientei que utilizaria “decolonial”, suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico, filiando-me às perspectivas apresentadas por Catherine Walsh (2005).

89 bell hooks resume a conceituação do termo, quando explica: “ênfasis a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (HOOKS, 2020, p. 49).

que podemos usar nossas histórias pessoais para nos conectar com os/as estudantes, como uma estratégia pedagógica de vincular os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula com o cotidiano/realidade social.

O ato de contar histórias especificamente, enquanto um procedimento pedagógico, se aproxima da proposição metodológica narrativa adotada para a realização desta pesquisa-costura. Isso porque foi através das minhas histórias que consegui me conectar com os/as participantes-autores/as desta tese-colcha, em diálogo com a prática libertária defendida pelos autores já citados.

A professora hooks tece o contar histórias como uma potente estratégia para tecermos outras realidades e possibilidades, chamando atenção para como que este narrar é potente para a não naturalização de opressões. Aqui, aproximo com os exemplos de *Manuela D'ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, que contaram suas histórias, olharam para suas narrativas e assim se viram e se pensaram, quando os/as participantes-autores/as perceberam algumas tramas da colonialidade entremeando suas vivências afetivo-familiares. Também percebo esse contar histórias de hooks (2020) alinhado com o conceito de **desempacotar histórias**, defendido por Clandinin, Steeves e Caine (2013), sobre o movimento de desembalar e compartilhar as nossas histórias, o que promove o surgimento de outras tramas e enredamentos.

Sendo assim, com o forro dos teóricos Alves (2009), Santiago e Feitosa (2011) e Berger e Luckmann (1985), vou aprontando mais esta última linha condutora analítica. Dessa forma, posso dizer que as narrativas compostas pelos/as participantes-autores/as convergem e revelam uma jornada compartilhada de compreensão e possibilidade de cura dentro das conexões afrocêntricas, já que apesar de suas origens e contextos históricos diversos, essas vozes expressam experiências comuns de consciência racial, discriminação e busca por identidade e letramento racial. Ao longo dos retalhos-narrativos dos/as participantes-autores/as, o conceito de conexões afrocêntricas emerge como uma força poderosa que trama a percepção de si mesmo e de um coletivo ao qual se faz parte.

O forro das teorias supracitadas complementam essas narrativas autorais quando revelam os mecanismos das hierarquias raciais, do racismo internalizado e da construção social das identidades raciais em contexto sul-brasileiro. Essas teorias ajudam a contextualizar as experiências dos indivíduos em estruturas sociais mais amplas, explicitando como os preconceitos raciais são perpetuados e também como podem ser desarticulados. Destaco, ainda, que os participantes-autores/as enfatizaram em seus retalhos-narrativos a relevância das inspirações geradas por ícones teóricos e culturais, e como as produções desses expoentes trouxeram fios de consolo, de

alento – uma espécie de empoderamento via arte, produção literária e autoexpressão. Talvez os ecos das vozes ancestrais ressoaram dentro dos/as participantes-autores/as, encorajando-os/as a redefinir relacionamentos, desenvolver o letramento racial crítico e repensar arranjos familiares buscando conexões que celebrassem suas existências.

No entanto, também é possível encontrar pontos de desconexão nas narrativas, refletindo as complexidades e nuances dentro das conexões afrocêntricas. Enquanto alguns indivíduos encontram consolo e empoderamento em sua negritude, outros enfrentam conflitos ao conciliar suas identidades raciais com as expectativas da sociedade. A influência da dinâmica familiar, do colorismo e dos espaços educacionais contribuem para experiências variadas de compreensão e identificação racial. As narrativas de *Manuela D'ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella* destacam a resiliência de indivíduos e comunidades negras diante da opressão racial.

Portanto, a importância do diálogo aberto, da educação, do orgulho cultural e do letramento racial crítico emergem como ferramentas cruciais no processo de cura dos traumas ocasionados pela violência contra esses grupos de maiorias minorizadas.

As narrativas dos participantes-autores/as, alinhadas ao forro das teorias, demonstram que enlaçar conexões afrocêntricas é uma jornada multidimensional que abrange consciência histórica, autodescoberta e empoderamento coletivo. As experiências compartilhadas por essas vozes também visibilizaram a importância dos diálogos contínuos sobre raça e a necessidade de esforços contínuos em direção às políticas públicas de ações afirmativas, justiça e equidade racial. Ao reconhecer as complexidades das identidades raciais e a interconectividade das experiências, a sociedade pode se mover em direção a um futuro “implosivo” e um pouco mais equitativo para todos/as.

Neste ponto, retomo bell hooks (2020, p. 93), que diz: “histórias também nos ajudam a cicatrizar”. Essa frase da autora se enlaça à perspectiva de cura trazida nesta linha condutora. Ao narrarem/contarem suas histórias afetivo-familiares, os/as participantes-autores/as da pesquisa rememoraram dores, traumas, enredos coloniais, algumas situações conflituosas e íntimas. Entretanto, ao libertarem essas histórias e ao (re)contá-las, esses participantes-autores/as puderam, quiçá, dar início aos seus processos de cura, como fala a professora norte-americana: “histórias são um caminho para o saber. Portanto, elas contêm a arte da possibilidade” (HOOKS, 2020, p. 94).

Para esta tese-colcha não segui modelo, nem trouxe respostas prontas, mas teci aqui **possibilidades** que se enrolam ao significado de nos desafiarmos a reflexão

de preconceitos e hierarquias raciais dentro das composições familiares inter-raciais, para assim ir fragmentando o amor romântico, a negação do racismo, as hierarquias raciais, buscando promover escuta, diálogo, compreensão, empatia e solidariedade entre os membros dessas famílias inter-raciais.

Neste instante, a pesquisadora-costureira faz uma pausa. A artesanaria da tese-colcha está praticamente composta. Ela olha para os retalhos-narrativos cerzidos, foram tantas experiências potentes que passaram por suas mãos, linhas e agulhas. Agora o forro já se encontra costurado.

Então, esta pesquisadora-costureira contempla seu ateliê de costura, de onde ela teceu uma composição sensível e crítica, com retalhos-narrativos de pessoas que compunham arranjos familiares inter-raciais.

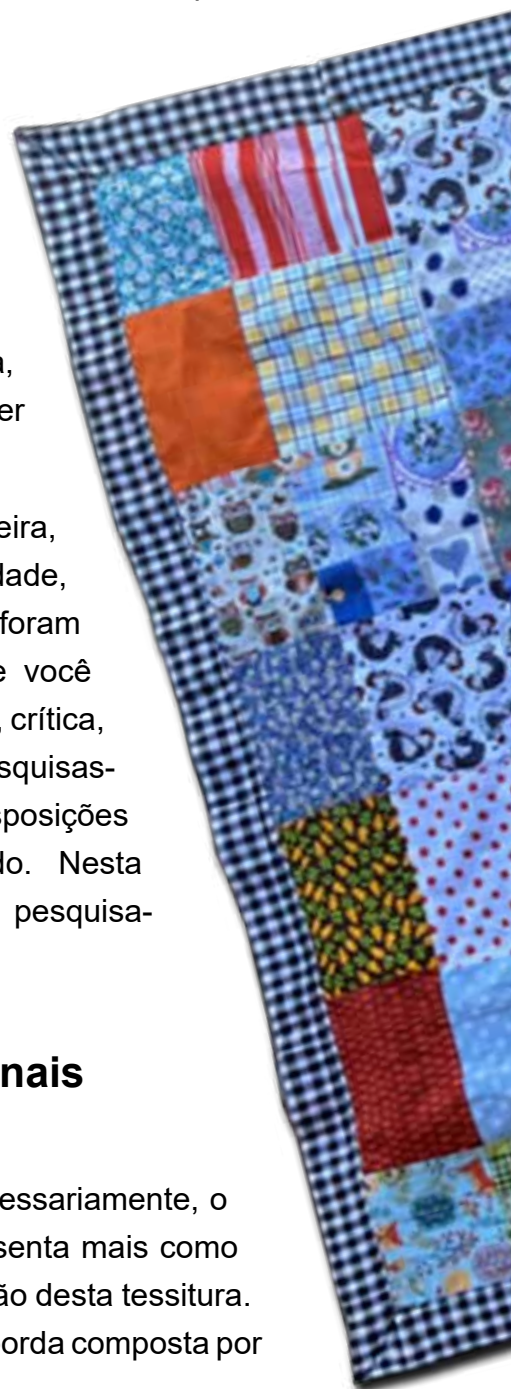
Por fim, em alguns momentos, esta que aqui lhes narra-costura, também foi espetada e atravessada por linhas ásperas da colonialidade e seus enredos. Em outros instantes se emocionou e se identificou com as tessituras que iam se compondo.

Ainda, em outros trechos, se sentiu esperançosa, motivada à composição de outras maneiras de ser pesquisadora-costureira e educadora.

Ela quer mudar o mundo, mas pesquisadora-costureira, não seja romântica! Isso não é possível, não em sua totalidade, devido a todas camadas e estruturas de opressão que já foram discutidas nesta tese-colcha. A pesquisadora-costureira e você leitor/a podem se lançar em um processo de costura coletiva, crítica, criativa e decolonial, compondo novas formas de tecer pesquisas-costuras, de ser docente, de ser antirracista, de pensar disposições familiares, enfim, maneiras outras de ser e estar no mundo. Nesta ocasião, ela se prepara para fixar o último tecido desta pesquisa-costura: a borda da colcha.

a borda da colcha • considerações finais

Neste momento, o que tramo “em borda” não é, necessariamente, o final desta pesquisa-costura, e sim um trecho que se apresenta mais como um arremate de um dos arranjos possíveis para a composição desta tessitura. Entre-teço, portanto, neste trecho da costura-pesquisa uma borda composta por



um tecido cuidadosamente escolhido, dobrado e cortado para trazer um acabamento à peça.

Logo, me parece importante dizer sobre o recorte sociogeográfico adotado – a realidade brasileira e sul-rio-grandense –, que contemporaneamente manifesta uma ampla variedade de configurações familiares. E o entendimento da família como uma categoria sociocultural é um dos elementos fundamentais para pensarmos sobre ela e até mesmo problematizarmos a concepção enganosa de sua falência. Destaco que temas, como luta, resistência, engajamento, letramento racial, antirracismo, consciência de classe, hierarquias raciais, dentre outros, podem ser disparadores para que famílias inter-raciais se posicionem criticamente. E assim, na tentativa de olharem para suas vivências afetivo-familiares, que elas possam, talvez, querer continuar o debate, aceitar ou não se desconstruir e, quem sabe, talvez se propor a fazer diferente.

Tecendo pontos que servirão para a colocação da borda desta tese-colcha, destaco a potência do método da pesquisa narrativa como metodologia de pesquisa que pode ser manuseada de forma emancipatória e decolonial. Em movimentos experienciais narrativos, a pesquisadora-costureira e os/as participantes-autores/as foram tecendo suas histórias e, no momento de (re)contar e compartilhar essas histórias, foram compondo sentidos reflexivos. Sendo assim, esta tese-colcha, como foi proposta, se deu de forma não linear, na tridimensionalidade, no corte dos tecidos, na manipulação dos retalhos-narrativos, por entre fios, linhas e forro. As narrativas foram se costurando.

Dessa costura das narrativas, foram percebidos 12 fios-conceitos que se originaram dos retalhos narrativos dos/as participantes-autores/as. Esses fios foram: estética/beleza, amor romântico, violência/opressão, hipersexualização do corpo negro, política do embranquecimento/branqueamento, racismo de marca/fenótipo, colonialidade do ser, hierarquia racial, letramento racial, branquitude, colonização do imaginário e afrocentrismo. Desses 12 fios-conceitos, utilizando-se de um processo analítico interpretativo, constituído pelo contemplar todos os materiais construídos no campo (encontros experienciais narrativos, notas de campo, transcrições) e percebendo a convergência entre alguns fios-conceitos, foram compostas três linhas condutoras.

No processo de análise, quando em desenvolvimento dessas três linhas condutoras convergentes, se deu o processo de composição de sentidos das narrativas desta pesquisa-costura. Para que esta tese-colcha fosse tecida, tais linhas foram aprofundadas: pulando a corda da aceitação, negociando “moreno/a” e afrocêntrica. Uma vez com essas linhas compostas, elas foram dispostas na máquina de costura e, então, os retalhos-narrativos dos participantes-autores e o forro teórico, que já haviam

sido alinhavados manualmente pela pesquisadora-costureira, foram sendo cerzidos com a máquina de costura.

Deste movimento de cerzir, compondo sentido às narrativas de *Manuela D'Ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*, foi possível perceber como os marcadores da colonialidade se enredam e envolvem as dinâmicas afetivo-familiares inter-raciais desses/as participantes-autores/as. O racismo é um desses marcadores coloniais que atravessa as vivências cotidianas dessas famílias-afetivas inter-raciais. Por vezes, o racismo apareceu de forma declarada e violenta, já em outros momentos performou zelo, super exigência, erotização, recreação ou infantilização de pessoas negras.

Alguns outros marcadores oriundos da colonialidade, que podem ser expostos como alguns tipos de **nó**, que surgiram nesta pesquisa-costura foram: a branquitude e os privilégios que ela garante às pessoas brancas; a hierarquização racial; o auto-ódio; a colonização do imaginário; a concepção de beleza eurocentrada; o amor romântico como uma “blindagem” ao racismo; a romantização de situações de violência e opressão; a negação da negritude como uma estratégia de sobrevivência e aceitação social; a busca por embranquecimento como busca por humanidade; e o colorismo como uma tecnologia para enfraquecer e fissurar o movimento negro e o genocídio simbólico e epistêmico da população negra (dentre outros que possivelmente ainda estão sob o véu da branquitude e não foram alcançados por essa pesquisa-costura).

Diante disso, a potência da tessitura desta tese-colcha se encontra nas muitas pautas que emergiram, levando-nos a refletir sobre a importância de as famílias inter-raciais se predisporem a se pensar. E que esse pensar não pode ser tangenciado pelos enredos românticos do amor, tampouco ser uma reflexão descolada de toda uma contextualização histórico-social. Saliento a relevância e urgência de novas e outras costuras-pesquisas decoloniais, que convidem a refletir sobre maneiras diversas de pesquisar, conceber família, ser docente, ser humano. Um manifesto propositivo em defesa de costuras coletivas, um enlaçar-se em perspectivas decoloniais, para assim conseguirmos ir abrindo rasgos de esperança e equidade enquanto uma prática anticolonialista.

Esta borda da tese-colcha realiza, contudo, uma espécie de fechamento da peça que estava sendo costurada. É como se essa borda “cobrisse” a frente da colcha (os retalhos-narrativos) e o verso dessa, que é aquele espaço que ficou encoberto pelo forro teórico, mas que está ali, e nesse espaço repousam pontas de nós, sobras de fios, arestas de linhas. Essas arestas da pesquisa-costura podem agora servir de artefatos para a confecção de outras artesanias.

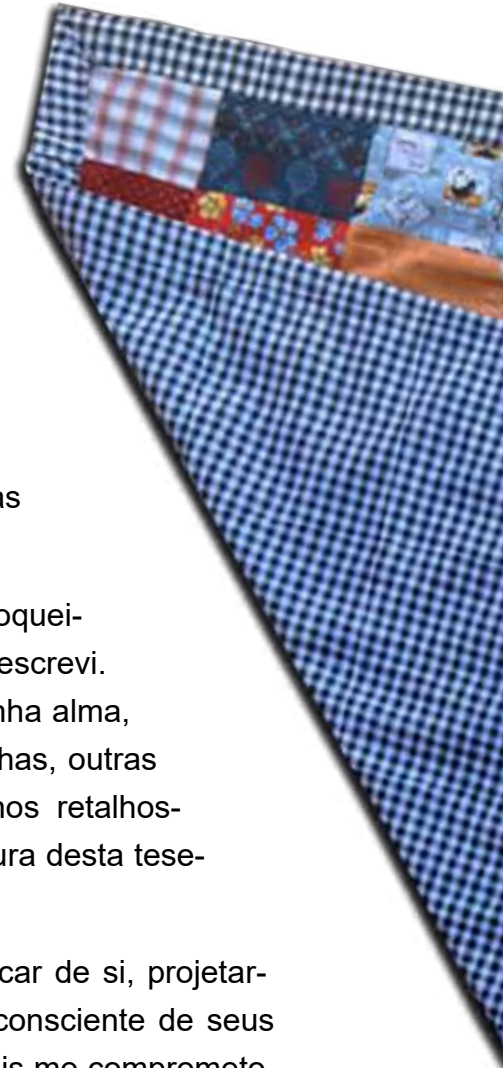
Evidencio a busca de trazer os/as participantes-autores/as para a centralidade desta tese-colcha, e o incentivo de que talvez eles/elas, se assim se sentirem motivados, poderão tecer outras peças a partir desta tese-costura.

Envolta nessas perspectivas de histórias e também por todas as experiências vivenciadas durante a confecção desta tese-colcha, encerro esta tessitura, compartilhando que a pesquisa narrativa constantemente enredava as histórias contadas, enquanto tecia a composição de sentidos das narrativas dos/as participantes-autores/as. Nesse processo, algumas agulhas resvalaram e feriram os meus dedos (desta pesquisadora-costureira que aqui narrou em costura). Alguns sons estridentes saíram da máquina de costura. Meus pés encontravam-se cansados em diferentes momentos narrativos.

Sob o pedal da máquina, um nó na garganta também apareceu, e, naquele momento, fios de sombra pareciam nublar as minhas coloridas esperanças decoloniais.

E então, o que fazer com todos esses sentimentos? Coloquei-me indignada e, para não gritar, resolvi pegar papel e caneta. E escrevi. Escrevi uma carta e naqueles pedaços de papel fui rasgando minha alma, compartilhando dores e afetos. Algumas dessas dores eram minhas, outras vinham do forro teórico tramado e exposto na minha frente nos retalhos-narrativos dos/as participantes-autores/as. Assim, encerro a costura desta tese-colcha te convidando a ler a carta-narrativa apresentada a seguir.

Por fim, penso que esse exercício constante de se deslocar de si, projetar-se no lugar do outro e então voltar a olhar para si, dessa vez consciente de seus próprios privilégios, faz parte de práticas antirracistas com as quais me comprometo. Acredito, também, que a desnaturalização do modelo de família é imprescindível para a compreensão organizacional de qualquer sociedade. Dessa forma, concluo a borda da tese-colcha convidando para que possamos nos atentar aos emaranhados da colonialidade, e em coletividade e com letramento social e racial crítico talvez possamos construir novas histórias decoloniais para a sociedade brasileira.





PELOTAS, PRIMAVERA DE 2023. AOS CAMARADAS BRANCOS/AS E A QUEM MAIS POSSA INTERESSAR

PELAS MINHAS MÃOS PERPASSAM LINHAS, CANETAS E NÓS. SOU UMA DAS OITO MULHERES DA CASA DA DONA NOEMI. NETA DO SEU ADRIANO BARCELOS, ELE, O "VELHINHO" COMO ERA CHAMADO, UMA PESSOA QUE CHEGAVA DE MANSINHO ARRASTANDO SEUS CHINELOS DE "GAÚCHO". COMO TODAS AS PESSOAS, O "VELHINHO" FOI FORJADO EM UMA ESTRUTURA DA COLONIALIDADE. OUSADO PARA SUA ÉPOCA, ALGUÉM QUE SEMPRE SE REINVENTOU, COMERCIANTE, BARBEIRO, ENTREGADOR DE ENCOMENDAS DA INTERNET, REPRESENTANTE DE JORNAIS, REVISTAS, ARRANHAVA UM CAVACO, FOI PRESIDENTE DE CLUBE DE FUTEBOL, GOSTAVA DE CERVEJA GELADA, DE PESCAR, DE CONTAR CAUSO. SEMPRE MANTINHA A PORTA ABERTA, AOS AMIGOS E A QUEM POR ALGUM MOTIVO PRECISASSE CHEGAR NA OSVALDO ARANHA 403. CONTIGO (MEU AVÔ MATERNO) APRENDI QUE NUNCA SABEMOS TUDO E QUE NÃO EXISTE PROBLEMA NENHUM EM MUDAR, TRANSFORMAR-SE, CONSTRUIR-SE, POR ISSO TROUXE ESSES BREVES RETALHOS—NARRATIVOS DA TUA EXISTÊNCIA. TUA PARTIDA DEDEU FOI ASSIM, MEIO QUE DE IMPROVISO, COMO TEUS ACORDES NO CAVACO, NOS DEIXANDO A LIÇÃO QUE TODOS SABEM, MAS SEMPRE NEGLIGENCIAM: A VIDA É UM SOPRO! E VÔ, ACREDITA, QUE APRENDI A COSTURAR? NUNCA PAREI DE ESTUDAR E GOSTO DE OUVIR CHORO PARA LEMBRAR DE TI. ESCUTO O BATER DOS TEUS CHINELOS E AQUELE "OI MINHA QUERIDA" DE SORRISO CONTIDO, TÃO CARACTERÍSTICO TEU. AO CHEGAR NA CONCLUSÃO DESTA ETAPA TÃO IMPORTANTE PRA MIM, LEMBREI MUITO DE TI E DESSA POTÊNCIA SUBVERSIVA QUE DE FORMAS SILENCIOSAS SEMPRE ME PROVOCASTE. PROVOCÇÕES A PENSAR, A TENTAR, A IR ALÉM, A PROSSEGUIR, A ROMPER COM O PREESTABELECIDO, A FAZER O MELHOR, A VALORIZAR O SIMPLES, O COTIDIANO. COMO QUANDO TE ACOMODAVAS NA TUA CONFORTÁVEL POLTRONA, ACENDIA UM CIGARRO E, SEM PALAVRAS, DEDILHAVA TEU CAVAQUINHO, APÓS MUITOS CHURRASCOS DE DOMINGO. AZAR DE QUEM QUISESSE SESTEAR, ERA TU E TUA MÚSICA, PODIA ESTAR HARMÔNICA OU NÃO, ERA O TEU MOMENTO ARTÍSTICO E POÉTICO. UMA MELODIA PARA TALVEZ ACALENTAR OS CANSADOS, UM RITMO PARA IMPULSIONAR A PROSSEGUIR. TU NÃO ERAS DE MUITAS PALAVRAS, MAS TUA MÚSICA E TEU JEITO FALAVAM E, ÀS VEZES, GRITAVAM COM OS QUE ESTAVAM A TUA VOLTA. NÃO ERA UM "CHORINHO" SAUDOSO E MELANCÓLICO, ERA UM CHORO POTENTE E MOBILIZADOR. PELO TEU DEDILHAR NAS NOTAS MUSICAIS, PELO TEU OLHAR E PELA PORTA SEMPRE ABERTA, TU TE COMUNICAVAS. E DEIXAVAS O CONVITE SILENCIOSO, FAÇAM O QUE TIVER QUE FAZER, OUSEM! NÃO TOCO MUITO BEM, MAS GOSTO DA MÚSICA E COM ELA CONTINUO.

VÔ, ENTÃO, ACEITEI TEU CONVITE E EMARANHADA NESSAS LEMBRANÇAS, IMPULSIONADA POR ESSAS APRENDÊNCIAS CONSTRUÍDAS CONTIGO, RESOLVI FINALIZAR ESTA TESE—COLCHA ESCRREVENDO UMA CARTA, UMA CORRESPONDÊNCIA ENDEREÇADA A PESSOAS BRANCAS ASSIM COMO EU, OU A QUALQUER PESSOA QUE SE INTERESSE PELA LEITURA.

MAS POR QUE ESCRIVER UMA CARTA? FAÇO PARTE DE UMA GERAÇÃO QUE ESCRVEU E RECEBEU CARTAS. ERAM CARTAS ENDEREÇADAS PARA AS EMPRESAS RECLAMANDO DE ALGUM PRODUTO, CARTAS PARA PRIMOS/AS DISTANTES, CARTAS PARA OS ROMANCES DA ADOLESCÊNCIA. OS MOTIVOS PARA A ESCRITA DE UMA CARTA ERAM VARIADOS. EXISTIA UMA ARTESANIA AFETIVA NA COMPOSIÇÃO DE CADA CARTA, SE ESCOLHIA O PAPEL, O ENVELOPE, DEPENDENDO DO ASSUNTO, SE ANEXAVAM FOTOS, FIGURINHAS, DESENHOS, E UMA BORRIFADA DO PERFUME PREFERIDO PARA QUANDO O DESTINATÁRIO ABRISSE,

SENTISSE A FRAGRÂNCIA, O CHEIRO DO EMISSOR. CARTA PARA MIM TEM ESSA CONOTAÇÃO AFETIVA, CARINHOSA E ATÉ POÉTICA. MAS AO FINALIZAR ESTA TESE—COLCHA, ME PROPUS A "ENCERRAR" ESSE PROCESSO FORMATIVO COM A ESCRITA DE UMA CARTA. NÃO UMA CARTA AFETUOSA E DELICADA, MAS UMA CARTA INSPIRADA NOS ACORDES DO MEU AVÔ. EIS, EM CARTA ABERTA, ALGUMAS LINHAS CONVIDATIVAS À REFLEXÃO, ASSERTIVAS E DESCONFORTÁVEIS.

ANTES DE NASCERMOS, NÓS, PESSOAS BRANCAS, JÁ USUFRUÍMOS DE PRIVILÉGIOS E, MESMO QUE SEJAMOS ECONOMICAMENTE POBRES, NASCEMOS EM UM MUNDO IDEALIZADO PARA NÓS, E SÓ POR ESTARMOS JÁ REPRESENTADOS EM LUGARES DE PODER, BEM COMO POR ESTARMOS NOS LIVROS DIDÁTICOS NA MÍDIA, A NOSSA HISTÓRIA É CONTADA, RECONTADA E VALIDADA. OS "DEUSES E DEUSAS" TEM NOSSA CARA, NOSSOS TRAÇOS, NOSSA COR. O NOSSO VOCABULÁRIO PODE SER SINGELO OU REBUSCADO, MAS COTIDIANAMENTE DEMARCA NOSSOS LUGARES: É CLARO, ESCLARECE, TRAZ LUZ, É INVEJA BRANCA. PALAVRAS INCORPORADAS EM NOSSOS DISCURSOS, EM NOSSOS TEXTOS, NOSSAS LINGUAGENS E QUE VÃO ALINHAVANDO O "LUGAR" DAS PESSOAS BRANCAS COMO "A NORMA". AOS POUCOS VAMOS ATRELANDO PESSOAS BRANCAS AO QUE É "CERTO", "CORRETO", ATÉ MESMO A INVEJA. VEJAM SÓ, QUE QUANDO "PASSA PELA BRANCURA" SE TORNA UMA INVEJA "BOA", "ACEITÁVEL".

SEGUIE O MEU CONVITE PARA QUE A GENTE PROSSIGA ACOMPANHANDO A AGULHA ADENTRANDO OS RETALHOS DO NOSSO VOCABULÁRIO (E LINGUAGEM) COM RELAÇÃO À NEGRITUDE. COMO TENSIONAMOS AS NOSSAS "PALAVRAS", O NOSSO MODO DE FALAR "DESPRETENSIVO" E "INGÊNUO", MESMO "SEM INTENÇÃO", EVOLVEM A NEGRITUDE. A COISA TÁ PRETA; CABELO RUIM; HUMOR NEGRO; LISTA NEGRA; MAGIA NEGRA; OVELHA NEGRA; PRETO DE ALMA BRANCA; VOLTA PRO MAR OFERENDA; MERCADO NEGRO; MACUMBEIRO; MULATO; NEGA MALUCA; NASCEU COM UM PÉ NA COZINHA E POR AÍ VAI, A LISTA É IMENSA. VEJAM, PERCEBAM, EXPRESSÕES INCORPORADAS AO NOSSO VOCABULÁRIO, DITAS "SEM PENSAR", MAS QUE OBEDECEM A UMA LÓGICA. ELAS ESTÃO ENCARNADAS DE UMA ADERÊNCIA A UM DISCURSO RACISTA E QUE COLOCA PESSOAS NEGRAS "EM SEUS LUGARES". MAS, COMO ASSIM, PESSOAS DEVERIAM TER LUGARES "PREDETERMINADOS"? E QUE LUGARES SÃO ESSES? SERIA, NESSA LÓGICA, A COZINHA, AS SITUAÇÕES NEGATIVAS, AS COISAS RUINS. TODO UM DESPREZO E SUBALTERNIZAÇÃO NATURALIZADAS À ESTÉTICA NEGRA, QUANDO RELACIONADA ÀS COISAS MACABRAS OU ILÍCITAS, POR EXEMPLO, QUANDO PROTAGONIZAMOS CASOS DE PRECONCEITO RELIGIOSO. NOTEM QUE MUITAS DESSAS "PALAVRAS INOCENTES" TRAZEM UMA DUPLA DISCRIMINAÇÃO, ASSOCIAÇÃO DA PALAVRA NEGRA/O A "COISAS" MALVISTAS E QUE DEVEM SER EVITADAS. TAMBÉM A QUESTÃO DAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS QUE TÊM SUAS MATRIZES ORIGINÁRIAS AFRICANAS, QUE ATÉ HOJE SÃO PERSEGUIDAS E DEMARCADAS COMO "RUINS", "PERIGOSAS", "SUJAS", ENTRE OUTROS VOCABULÁRIOS PARA DIZER DE UMA OJERIZA A UMA DIFERENÇA CULTURAL ENCARNADA.

E AÍ, JÁ COMEÇOU A ACHAR ESSA PROSA CHATA E MIMIZENTA? BEM, EU AVISEI QUE SERIA, NO MÍNIMO, DESCONFORTÁVEL. ENTÃO, VAMOS LÁ. E SE EU TE PERGUNTAR, A TI, AQUI COMO "PESSOAS BRANCAS": SE VOCÊS QUEREM VENCER A BARBÁRIE, O QUE VOCÊS ME DIRIAM? VENCER O RACISMO. VENCER O GENOCÍDIO REAL E SIMBÓLICO, O EMPOBRECIMENTO, O ENCARCERAMENTO, A MISERABILIDADE, A VIOLÊNCIA E AS TANTAS OUTRAS TRAGÉDIAS QUE INFELIZMENTE BORDAM VIDAS NEGRAS, O QUE VOCÊS ME DIRIAM? SE ÉS TU, "PESSOAS BRANCAS", MINIMAMENTE ATUALIZADA ÀS DISCUSSÕES MORAIS E DO QUE ADORAM CHAMAR DE "POLITICAMENTE CORRETO", PROVAVELMENTE EU OUVIREI DE TI QUE SIM. AFINAL DE CONTAS, NÓS NEM SOMOS RACISTAS, "É CLARO" QUE QUEREMOS. TODAS AS VIDAS IMPORTAM!

CONTUDO, SIGO CONVIDANDO—OS A SAIR DE "UMA ZONA DE CONFORTO SOCIORACIAL". A PESQUISADORA—COSTUREIRA, QUE AQUI LHES ESCRIVE, GRITA: CHEGA! POIS NOS MOSTRARMOS "EMPÁTICOS", SENTIRMOS MEDO, RAIVA OU CULPA PODE ATÉ SER "LEGÍTIMO", MAS NÃO É EFICAZ. O NOSSO COTIDIANO, POR MAIS "SOLIDÁRIO" QUE POSSA SER, AINDA ESTÁ NATURALIZANDO (E MANTENDO) O DOMÍNIO DA BRANQUITUDE.

LEMBREM DO FORRO TEÓRICO DE CIDA BENTO — O PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE — E A FRAGILIDADE BRANCA DE ROBIN DI ANGELO. VEJAM, NÃO SE TRATA DE FRAQUEZA: É CONTROLE! É MANUTENÇÃO DE PRIVILÉGIOS. É, EU SEI, INCOMODA NÉ?! NOS DARMOS REALMENTE CONTA DO QUANTO A NOSSA "PRÓPRIA PRESENÇA" DENTRO DESSA ESTRUTURA RACISTA AINDA CORROBORA COM PADRÕES SOCIAIS OS QUAIS, NA MAIORIA DAS VEZES, NÓS RECHAÇAMOS. POR ISSO, ENTENDAM, ADMITAM, NÓS SOMOS "CRIADOS PARA SERMOS E MANTEMOS PRECONCEITOS RACIAIS". PARA NOS AJUDAR NA CONSTRUÇÃO (OU SERIA DESCONSTRUÇÃO?) DESSE MOVIMENTO DE PERCEPÇÃO, TRAGO O LIVRO ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO, PUBLICADO EM 2008, ONDE EM UMA TRAMA COMPLEXA O AUTOR VAI APRESENTANDO AS DIFERENCIAÇÕES ENTRE O OLHAR E O VER. QUANDO JÁ NA EPÍGRAFE DESTA OBRA, ORIGINAL DO FICTÍCIO LIVRO DOS CONSELHOS, SARAMAGO ESCRIVE:

"SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA" (P. 9).

DITO ISSO, PODEMOS COMPREENDER "O OLHAR" COMO SENDO A AÇÃO DE ENXERGAR; E "O VER" COMO UM PROCESSO ATENTO DE OBSERVAÇÃO, UMA REFLEXÃO CRÍTICA DO QUE SE VIU. SARAMAGO NOS CONVIDA A SAIR DOS NOSSOS "LUGARES CONFORTÁVEIS" E OLHARMOS PARA A REALIDADE A NOSSA VOLTA. NA MESMA OBRA, O AUTOR PROVOCA: "ALGUNS DESTES CEGOS NÃO O SÃO APENAS DOS OLHOS, TAMBÉM O SÃO DO ENTENDIMENTO" (P.213). SERÁ QUE CONSEGUIMOS VER E REPARAR SOBRE ESSA ESTRUTURA RACIAL BRASILEIRA? OU APENAS OLHAMOS PRA ELA TODOS OS DIAS QUANDO ENXERGAMOS DADOS, NÚMEROS E HISTÓRIAS REAIS DE PESSOAS NEGRAS SENDO VIOLENTADAS? MESMO NOS REVOLTANDO E SENSIBILIZANDO COM A VIVÊNCIA DAQUELA VÍTIMA, SENTIMOS E PODEMOS ATÉ VER, MAS POR QUANTO TEMPO E DE QUE MODO? POR UM MINUTO, UMA HORA, UM DIA, UMA SEMANA...?

OUÇO NOVAMENTE OS ACORDES DE MEU VÔ, QUE CRITICAVA COM VEEMÊNCIA A "CATEQUESE", DIZIA QUE CADA UM DEVERIA EXPERIMENTAR SUA "VIVÊNCIA DE FÉ". QUE O SOM DESSES (A)CORDES NOS INCENTIVE A PERCEBER QUE NO BRASIL TEMOS UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL "CEGA" QUE ENXERGA, MAS NÃO VÊ. AINDA NO MESMO LIVRO, SARAMAGO DIZ: "PENSO QUE NÃO CEGAMOS, PENSO QUE ESTAMOS CEGOS. CEGOS QUE VEEM. CEGOS QUE, VENDO, NÃO VEEM" (P. 310). ESSA CEGUEIRA QUE O AUTOR NOS APRESENTA SE ENREDA AOS DISCURSOS DE MUITAS PESSOAS QUE SE VALEM DA SENTENÇA DE QUE PARA "SER RACISTA" A PESSOA PRECISA, POR EXEMPLO, VINCULAR—SE A GRUPOS CRIMINOSOS, COMO A KU KLUX KLAN. UM MODO DE CEGUEIRA SUSTENTADA NUMA IDEIA DE "EU NÃO SOU ASSIM" OU "JAMAIS CONCORDEI COM ESSE TIPO DE COISA", ENTÃO, SE EU "NÃO QUEIMO, NÃO MATO PESSOAS NEGRAS", LOGO, NÃO "SOU RACISTA". AO OLHAR E NÃO VER, DIARIAMENTE NÓS BRANCOS/AS "QUEIMAMOS" A NEGRITUDE DE UM OUTRO MODO, COMO QUANDO BOICOTAMOS OPORTUNIDADES DE PESSOAS NEGRAS AO NOS POSICIONARMOS CONTRA AS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS. MOMENTOS COMO ESSE FREQUENTEMENTE MATAM SIMBOLICAMENTE TODA UMA CULTURA ENCARNADA NUMA NEGRITUDE AFRO—BRASILEIRA. APAGAMOS A IDENTIDADE E LINGUAGEM — UMA ESTÉTICA NEGRA, QUANDO VALORIZAMOS E VALIDAMOS APENAS IDEIAS EUROCÊNTRICAS COMO PADRÕES PARA COMPORTAMENTOS E PERFORMANCES SOCIAIS.

CAMARADA BRANCO/A E QUEM MAIS SE INTERESSAR, PESQUISAR—COSTURAR NARRATIVAMENTE É ENROLAR—SE, É A TODO MOMENTO IR E VOLTAR, E IR SE ENREDANDO NO TEMA ESTUDADO, NAS HISTÓRIAS DOS PARTICIPANTES—AUTORES/AS E NA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA. SERMOS ANTIRRACISTAS APENAS NA PALAVRA (PARA CLICKS EM REDES SOCIAIS) NÃO BASTA, NÃO DÁ PRA ENTRAR NESSA SÓ POR "MODINHA". PRECISAMOS VER E REPARAR, NOS ENCHARCAMOS CRITICAMENTE, NESSE EMARANHADO PODRE QUE A COLONIALIDADE TRAMA NO COTIDIANO DE PESSOAS NEGRAS, E DE FATO NOS TORNAMOS ALIADOS/AS NESSA LUTA.

TE CONVIDO A RETORNARMOS JUNTOS AOS MEUS RETALHOS—NARRATIVOS, QUANDO ME APRESENTEI COMO PESQUISADORA—COSTUREIRA E, LEMBRANDO DA MINHA FAMÍLIA INTER—RACIAL, NARREI EXPERIÊNCIAS PESSOAIS QUE DIZEM SOBRE PRODUÇÕES DE SUBJETIVIDADE EM ÂMBITO PESSOAL ÍNTIMO. E TECI UM POUCO SOBRE AS MINHAS DINÂMICAS FAMILIARES E COMO A BRANQUITUDE E O RACISMO SE APRESENTAVAM NAQUELAS RELAÇÕES INTER—RACIAIS. TAMBÉM CONTEI SOBRE O FALECIMENTO DO MEU MARIDO E QUE DEVIDO A ISSO A NOSSA FAMÍLIA FOI DECOMPOSTA. ELE, UM HOMEM NEGRO DE 33 ANOS DE IDADE, COM TRAÇOS NEGROIDES BEM MARCADOS (NARIZ ACHATADO, LÁBIOS VOLUMOSOS) E TOM DE PELE RETINTA, FALECEU DE UM PROBLEMA RENAL CRÔNICO. DESDE ENTÃO, ALGO ME FICOU "GRITANTE", POR QUE, MESMO LUTANDO POR MAIS DE DOIS ANOS COM A DOENÇA, ELE NÃO FOI CONTEMPLADO COM UM TRANSPLANTE? MESMO QUANDO ELE TINHA UM DOADOR. UM IRMÃO DELE SE PRONTIFICOU A DOAR O RIM E JUNTOS FIZERAM TODOS OS EXAMES DE COMPATIBILIDADE NECESSÁRIOS E TUDO CORRESPONDEU POSITIVAMENTE PARA QUE O TRANSPLANTE FOSSE REALIZADO. — "MAS PORQUE, NÃO FOI?" TAL GRITO NÃO ME SAI DO CORPO. EM ESCRITA NARRATIVA E RETALHOS ALINHAVADOS, SIGO ECOANDO ESSAS E OUTRAS PERGUNTAS.

SEGUE O FIO COMIGO, QUANDO COMECEI A ESCREVER ESTA CARTA ME ENCONTREI COM UM ESTUDO INTITULADO "DESGUALDADE DE TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS NO BRASIL: ANÁLISE DO PERFIL DOS RECEPTORES POR SEXO E RAÇA OU COR", REALIZADO EM 2011. OS AUTORES FIZERAM UMA ANÁLISE COM RELAÇÃO À DOAÇÃO E RECEPÇÃO DE ÓRGÃOS NO BRASIL, CONCENTRANDO A ANÁLISE EM DADOS DE BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS), ONDE DISCORREM SOBRE AS BARREIRAS PARA RECEBER E DOAR ÓRGÃOS. TAL ESTUDO NOS PROVOCA A VERMOS UM RACISMO DE FORMA ESCANCARADA, DESCRITO PELOS AUTORES DE MODO A NOS MOSTRAR QUE QUANDO FALAMOS SOBRE O RACISMO SER ESTRUTURAL, QUEREMOS DIZER QUE ELE TRANSITA E ESTRUTURA TODAS AS RELAÇÕES SOCIAIS. O RACISMO BRASILEIRO ADENTRA NAS DINÂMICAS FAMILIARES, COMO VIMOS NESTA PESQUISA—COSTURA, E TAMBÉM SE ORGANIZA EM ESTRUTURAS "INVISÍVEIS" E BUROCRATIZADAS, COMO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS (E PRIVADAS) QUE DETERMINAM OS PROCESSOS DE ACESSO À SAÚDE.

O ESTUDO ANTERIORMENTE CITADO TRAZ INFORMAÇÕES ATERRORIZANTES SOBRE AS PESSOAS NEGRAS SEREM AS PRINCIPAIS DOADORAS DE ÓRGÃOS, DEVIDO AO EXCESSO DE MORTES REGISTRADO ATUALMENTE, CONTUDO, SÃO ESSAS MESMAS PESSOAS NEGRAS AS MENOS RECEPTORAS DE TRANSPLANTES. ISSO INDICA (ESCANDALOSAMENTE) UM RECORTE RACIAL ESPECÍFICO DENTRO DA POLÍTICA DE DOAÇÕES DE ÓRGÃOS, QUANDO É ESSE NÚMERO POTENCIAL DE PESSOAS NEGRAS, QUE, POR VEZES, SUSTENTAM AS PRÁTICAS DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA TRANSPLANTES. É IMPORTANTE DIZER QUE O ALTO NÚMERO DE MORTE DE PESSOAS NEGRAS NO NOSSO PAÍS ESTÁ CORRELACIONADO A MOTIVOS NOMEADOS COMO "CAUSAS EXTERNAS" OU "NÃO NATURAIS": VIOLÊNCIAS, ACIDENTES, HOMICÍDIOS, SUICÍDIOS, ENTRE OUTROS.

ELES MORREM PARA QUE A GENTE VIVA. NÃO É ROMANCE, NÃO É POESIA, NÃO É VITIMISMO, SÃO DADOS CIENTÍFICOS. QUE CORTAM E DOEM DESCONFORTAVELMENTE E É EXATAMENTE ESSE "SAIR DO CONFORTO DE APENAS OLHAR SEM VER" QUE BUSQUEI COM A ESCRITA DESTA CARTA. COMPARTILHAR COM OS/AS CAMARADAS BRANCOS/AS E COM QUEM MAIS INTERESSAR O DESCONFORTO QUE HÁ EM SE COLOCAR DE FATO COMO UMA PESSOA ANTIRRACISTA NA CONTEMPORANEIDADE. E QUEM SABE, VER E REPARAR, JUNTOS E CRITICAMENTE.

RELEMBRO, NOVAMENTE, ESTEVAM (MEU FALECIDO MARIDO), FOI ORIENTADO PELO MÉDICO A PROCURAR UM "DOADOR VIVO" ENTRE SEUS PARENTES, DEVIDO À EXTENSA FILA E ÀS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS E RACIAIS QUE O ESTUDO ANTERIORMENTE CITADO NOS APRESENTA. ELE ENCONTROU ESSE DOADOR. ESTEVAM ERA JOVEM E TINHA UM CASO AGRAVADO DA DOENÇA, FADADO A DIALISAR PARA SEMPRE DE TRÊS A QUATRO VEZES POR SEMANA OU REALIZAR O TRANSPLANTE RENAL — O SEU QUADRO DE SAÚDE ESTAVA DENTRO DO ESPERADO PARA QUE FOSSE CONTEMPLADO COM O TRANSPLANTE. MAS POR QUE NÃO DERAM A ELE O DIREITO (E OPORTUNIDADE) DE TER SIDO CONTEMPLADO COMO RECEPTOR DE UM ÓRGÃO? POR QUE ESTEVAM NÃO PODE ESTAR NA LISTA DE RECEPTORES DE ÓRGÃOS TRANSPLANTADOS NO BRASIL? QUANDO RECEBI A NOTÍCIA DO SEU FALECIMENTO, O MÉDICO TAMBÉM BRANCO CHOROU E DISSE: "FIZEMOS QUASE TUDO. ÉRAMOS PARA TER TRANSPLANTADO, AINDA QUE TIVESSE RISCOS...". O RESTANTE DA EXPLICAÇÃO TEÓRICA MÉDICA NÃO OUVI. A DOR ERA DILACERADORA.

ESTE RETALHO—NARRATIVO FICOU GUARDADO NO MEU ATELÊ DE COSTURA POR MUITO TEMPO. OLHAR PARA ELE DOÍA, SANGRAVA, ERA COMO QUANDO COSTURO SEM DEDAL E RASGO OS DEDOS. PRA QUEM DESCONHECE O PROCESSO DE COSTURA, O DEDAL É UM TIPO DE "ESCUDO" DE PROTEÇÃO, QUE NÃO DEIXA OS DEDOS DA PESQUISADORA—COSTUREIRA EXPOSTOS AO FIO DA AGULHA. TALVEZ O DEDAL TAMBÉM SEJA UM TIPO DE CEGUEIRA, COMO PROBLEMATIZA SARAMAGO, UM MODO DE ENXERGAR SEM REALMENTE VER E REFLETIR. SERÁ?

PARA ESTA CARTA RESOLVI TIRAR O DEDAL E ENCARAR TAL RETALHO—NARRATIVO QUE COMPÕE A COLCHA DA MINHA EXISTÊNCIA E COM ELE LHES INCOMODAR. COMPARTILHAR CONTIGO ESSE ALFINETAR E TE DEIXAR DESCONFORTÁVEL E QUEM SABE TE LEVAR A PENSAR COMIGO: A NECROPOLÍTICA TEM ENDEREÇAMENTO, E ESSE "ENDEREÇO" SÃO CORPOS NEGROS. APROVEITO O TOM E TE CHAMO ATENÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO SOCIAL QUE EXISTE COM RELAÇÃO ÀS PESSOAS NEGRAS. O QUE JÁ FOI INTENSAMENTE TRABALHADO NO CORPO DESTA TESE—COLCHA, MAS NESTA CARTA QUERO DE NOVO REGISTRAR O QUANTO AS PESSOAS NEGRAS AINDA NÃO SÃO VISTAS COMO HUMANAS. EXISTE UMA "CRENÇA", HISTORICAMENTE JÁ COMPROVADA POR ESTUDOS, DE QUE AS PESSOAS NEGRAS SERIAM "MAIS FORTES" E, PORTANTO, TERIAM "BIOLOGICAMENTE MAIS RESISTÊNCIA À DOR". CRENÇA PERVERSA E, COMO DITO, VALIDADA PELA MEDICINA NA OCASIÃO DE, AO LONGO DO TEMPO, TEREM SIDO AS PESSOAS NEGRAS ÀQUELAS "ESCOLHIDAS" PARA SEREM AS COBAIAS DE EXPERIMENTOS E TESTES—EXAMES "EM PROL DO AVANÇO MEDICINAL". UMA PRÁTICA ATÉ HOJE ADOTADA, POR EXEMPLO, QUANDO SE SABE QUE AS MULHERES NEGRAS SÃO QUEM MENOS RECEBE ANESTESIA DURANTE O PROCESSO DE PARTO E/OU OUTROS PROCEDIMENTOS GINECOLÓGICOS, SENDO VÍTIMAS CONSTANTE DE VIOLÊNCIAS, COMO A OBSTÉTRICA.

TALVEZ SEJA ESSE O CENÁRIO E PRÁXIS ONDE ENCONTRAREMOS A RESPOSTA DE POR QUE ESTEVAM NÃO TEVE O DIREITO DE SER UM RECEPTOR DE ÓRGÃO TRANSPLANTADO. AINDA EM CONSONÂNCIA COM ISSO, LEMBRANDO QUE O RACISMO NO BRASIL "É POR FENÓTIPO": QUAL ERA O FENÓTIPO DO ESTEVAM? O FENÓTIPO MAIS "ATAcado" — ESTEVAM ERA UM HOMEM RETINTO COM TRAÇOS NEGROIDES. TE CONVIDO, ENTÃO, A VOLTAR NA LEITURA DESTA TESE—COLCHA, OU QUEM SABE A "DAR UM GOOGLE",

E VER OS DADOS QUE MOSTRAM QUE SÃO ÀS PESSOAS NEGRAS COM TAL FENÓTIPO DESTINADO O GENOCÍDIO REAL E SIMBÓLICO MAIS PERVERSO.

ENTENDEM? TUDO SEGUE UMA LÓGICA TÃO BEM TRAMADA QUE NOS ENREDA, NOS ENVOLVE NESSA ESTRUTURA. INÚMERAS VEZES, DURANTE OS DOIS ANOS EM QUE ESTEVAM FICOU SUBMETIDO À HEMODIÁLISE, INDO E VOLTANDO DO HOSPITAL, INTERNANDO TODA HORA, QUESTIONÁVAMOS O MÉDICO SOBRE O TRANSPLANTE. E A RESPOSTA ERA "VAMOS AGUARDAR MAIS UM POUCO, TU ÉS FORTE, PRECISAMOS DAS CONDIÇÕES PERFEITAS"... SEM FALAR QUE NA MAIORIA DAS SESSÕES DE HEMODIÁLISE "SEM QUERER", "DESPRETENSIOSAMENTE", ELE ERA SEMPRE O ÚLTIMO A SER COLOCADO NA MÁQUINA DE HEMODIÁLISE, MESMO ÀS VEZES PASSANDO MAL. MAS MESMO VISIVELMENTE DEBILITADO, ELE ERA LIDO COMO FORTE. OU, TALVEZ, EU DEVESSE DIZER, QUE ELE ERA "OLHADO" COMO MENOS GENTE, MENOS HUMANO. OS/AS PACIENTES BRANCOS/AS PRECISAVAM SER "LIGADOS" PRIMEIRO E, ASSIM, COMEÇAREM SEUS ATENDIMENTOS VITAIS EM BUSCA DE SOBREVIVÊNCIAS ANTES DE ESTEVAM. PERCEBEM, CONSEGUEM TAMBÉM VER E REPARAR NO PRIVILÉGIO BRANCO DE ACESSO À VIDA, À EXISTÊNCIA, DIREITO À SAÚDE, EDUCAÇÃO? AO MENOS, SE AINDA NÃO CONSEGUES VER, APENAS OLHE TUDO ISSO DE "CANTO DE OLHO", CONSEGUES "ACHAR ESTRANHO/DUVIDOSO"?

E SE COLOCAR A ENTENDER MELHOR O PORQUÊ DESSA E DE TANTAS OUTRAS EXPERIÊNCIAS RACISTAS COTIDIANAS QUE AINDA VIOLENTAM AS PESSOAS NEGRAS SE REPETIREM NO NOSSO PAÍS?

TE CONVIDO A REVISITAR AS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES—AUTORES DESTA TESE—COLCHA E VER ALI NAQUELES RETALHOS—NARRATIVOS VÁRIOS OUTROS PROCESSOS VIOLENTOS, PROTAGONIZADOS PELA BRANQUITUDE. MANUELA, ZUMBI E LUIZ GAMA CORROBORAM COM O QUE FALEI ANTERIORMENTE SOBRE A QUESTÃO DO FENÓTIPO, BUSCAM NO EMBRANQUECIMENTO E NA NEGAÇÃO DA NEGRITUDE UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA, PARA SI E PARA OS FILHOS. EMICIDA E MARIGHELLA TROUXERAM A ARIDEZ DA CONDUTA DE SUAS MÃES BRANCAS TENTANDO RETIRAR À FORÇA POR MEIO DE BANHOS, ESCOVÃO, SIMPATIAS E MAQUIAGEM A COR DE SUAS PELES. ANGELA ALERTA PARA O GENOCÍDIO SIMBÓLICO E A FALTA DE REFERÊNCIAS NEGRAS NOS ESPAÇOS DE PODER.

PENSANDO SOBRE AS NARRATIVAS AQUI TECIDAS COM OS/AS PARTICIPANTES—AUTORES/AS, PRINCIPALMENTE RELEMBRO OS RETALHOS—NARRATIVOS DE MARIGHELLA, QUE TROUXE A POTÊNCIA DA CULTURA E PRINCIPALMENTE DA MÚSICA PARA AJUDAR A PENSAR AS DESIGUALDADES SOCIAIS E RACIAIS. COSTURO AQUI UM TRECHO DE UMA MÚSICA DOS RACIONAIS, DE 1997, QUE SE INTITULA CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3, QUE DIZ:

60% DOS JOVENS DE PERIFERIA SEM ANTECEDENTES CRIMINAIS JÁ SOFRERAM VIOLÊNCIA POLICIAL /
A CADA QUATRO PESSOAS MORTAS PELA POLÍCIA, TRÊS SÃO NEGRAS /
NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, APENAS 2% DOS ALUNOS SÃO NEGROS /
A CADA QUATRO HORAS UM JOVEM NEGRO MORRE VIOLENTAMENTE EM SÃO PAULO.

ESSE É UM TRECHO DA MÚSICA QUE FOI LANÇADA EM 1997, OU SEJA, 26 ANOS ATRÁS, E A SUA DENÚNCIA EM LETRA CONTINUA ATUAL. PODEMOS, JUNTO COM ELA, RELEMBRAR O ESPANCAMENTO QUE RESULTOU NA MORTE DE JOÃO ALBERTO SILVEIRA FREITAS EM 2020 EM UM SUPERMERCADO CARREFOUR® NA CIDADE DE PORTO ALEGRE, NO RIO GRANDE DO SUL. ESTÁVAMOS VIVENCIANDO O PERÍODO PANDÊMICO, ASSISTIMOS DE NOSSAS CASAS VIA TELEVISÃO E REDES SOCIAIS A FILMAGEM DESSA ATROCIDADE.

MUITOS DE NÓS BRANCOS/AS FICAMOS DESCONFORTÁVEIS, CHORAMOS, COLOCAMOS "LUTO" NAS REDES SOCIAIS, POSTAMOS VÍDEOS E MENSAGENS DE APOIO. MAS ATÉ QUANDO AQUELA MORTE NOS INCOMODOU? É ALFINETANTE PENSAR QUE NORMALIZAMOS A MORTE DE PESSOAS NEGRAS. O GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA FAZ PARTE DO COTIDIANO BRASILEIRO.

O QUE QUERO COM ESSES RETALHOS CORTANTES, E SEM OFERECER DEDAL, É QUE NÓS PESSOAS BRANCAS VEJAMOS A ESTRUTURA RACISTA QUE REGE O BRASIL. NÃO DÁ PARA AMENIZAR NOSSA CULPA, DIZER VESTIR A CAMISETA ANTIRRACISTA E NÃO VER CRITICAMENTE ESSA ESTRUTURA SOCIAL E TODAS AS SUAS TRAMAS PERVERSAS E INVISIBILIZADAS. PRECISAMOS REVER NOSSAS PRÁTICAS, NOSSAS LEITURAS SOCIAIS E RACIAIS E SE PROPOR A UMA PRÁXIS — UM MOVIMENTO DE COSTURA—COLETIVA—DECOLONIAL.

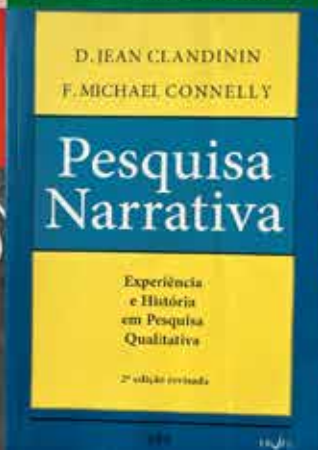
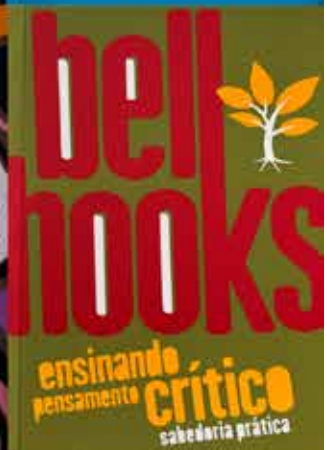
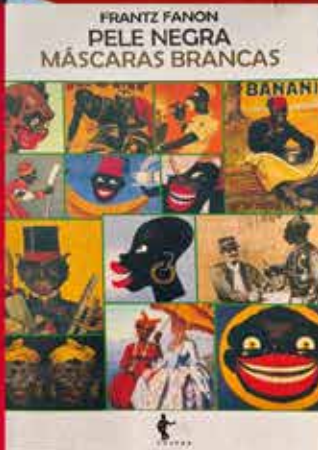
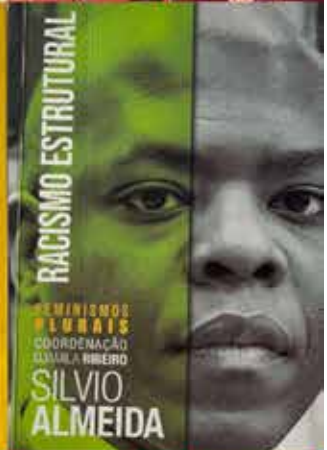
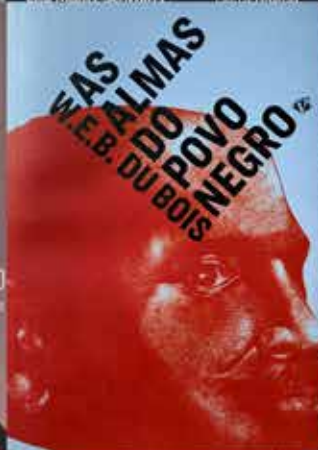
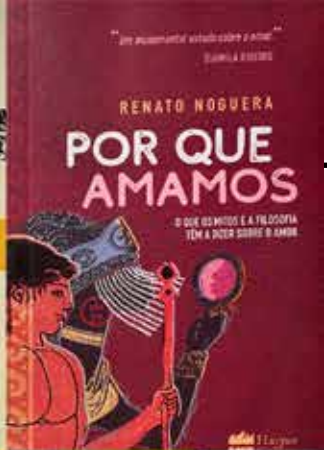
POR FIM, COM OS DEDOS CANSADOS, ENFATIZO QUE A DECOLONIALIDADE NÃO É UM MOVIMENTO FÁCIL E NEM É SIMPLEMENTE SOBREPOR—SE À COLONIALIDADE. A DECOLONIALIDADE É LUTA—COLETIVA, É PROCESSO, SÃO RASGOS, FUROS, FISSURAS, FENDAS QUE VAMOS ABRINDO NA COLONIALIDADE. ESSES CORTES NA COLONIALIDADE PODEM SER PROVOCADOS PELO DESCONFORTO, PELA ÂNSIA DE MUDANÇA, E ESSA FOI A MINHA INTENÇÃO AQUI NESTA CARTA, FAZER COM QUE OS TECIDOS REAIS E DOLORIDOS AQUI NARRADOS TE CHAMEM À LUTA, À COSTURA DE OUTRAS POSSIBILIDADES DE VER, SER E ESTAR NO MUNDO. COMO UMA ÚLTIMA PROVOCAÇÃO—CONVITE, TE DIGO: VAMOS TIRAR OS DEDALIS, BUSCAR A COMPREENSÃO DA CEGUEIRA. PARA ALÉM DE ENXERGAR, VAMOS VER E REPARAR, TENTAR MUDAR, ALTERAR A LÓGICA E SEGUIR ENTRE—TECENDO NOVAS ARTESANIAS DE MUNDOS—COLCHAS MAIS COLORIDOS E CRÍTICO—ESPERANÇOSOS.

ME DESPEÇO COM A MELODIA DOS ACORDES DO MEU AVÔ E TAMBÉM AO SOM DAS AGULHAS, TESOURAS E LINHAS SENDO ACOMODADAS NOVAMENTE NA CAIXA DE COSTURA, EM PRONTIDÃO, PARA QUANDO NECESSÁRIO VOLTAREM A INSTRUMENTALIZAR A VOZ QUE AQUI ESCREVEU E NARROU, SE PROPONDO A OUVIR E REPARAR.

GRATA PELA TUA LEITURA!

Liana Barcelos Porto





referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 2. **Anais...** Goiânia: UFG/UCG, 2009. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf Acesso em: 15 out. 2023.

AMORIM, André Felipe *et al.* A face machista do impeachment: postura de revistas brasileiras perante o processo de destituição da presidenta Dilma Rousseff. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 29, Fortaleza, Brasil. 2017. **Anais...** Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1163-1.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: MORAGA, C.; ANZALDÚA, G. (orgs.). **This bridge called my back**: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, 1981. p. 165-74.

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo-a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista USP**, v. 69, p. 72-79, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13514/15332>. Acesso em: 8 fev. 2023.

ARTE E BLOG. Análise de “Drawing Hands” de M. C. Escher, 1948. **Arte e Blog**, 2015. Disponível em: <https://www.arteeblog.com/2015/08/analise-de-drawing-hands-de-m-c-escher.html> Acesso em: 17 out. 2022.

ARTE E BLOG. Análise de “Hand with Reflecting Sphere” de M. C. Escher. **Arte e Blog**, 2016. Disponível em: <https://www.arteeblog.com/2016/06/analise-de-hand-with-reflecting-sphere.html> Acesso em: 17 out. 2022.

ASCENSO, João Gabriel da S. Colonialidade, raça e mestiçagem no ensaísmo sobre a América Latina no século XX: pensando alternativas ao “universalismo excludente”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 17, p. 169-188, 2014. <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/2150/2060>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, v. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jvhv/> Acesso em: 8 fev. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, César. A Redenção de Cam. **Enciclopédia Itaú Cultural**, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BARROS, José D'Assunção D. O amor cortês—suas origens e significados. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 195-216, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/979/811>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre os aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 2. ed. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1959.

BENEVIDES, Mariana. Frida Kahlo e a massificação da cultura. **Escotilha**, 11 jun. 2017. Disponível em: <https://escotilha.com.br/artes-visuais/analise-frida-kahlo-massificacao-cultura/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos Narcísicos no Racismo**: Branquitude e Poder nas Organizações Empresariais e no Poder Público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEZERRA, Juliana. Renascimento: características e contexto histórico. **Toda Matéria**, n.d. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BONDIOLI, Ana. A poesia da costura. **Costura Katia Costura**, 30 abr. 2015. Disponível em: <https://www.costurakatiacostura.com/a-poesia-da-costura/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BORDA, Orlando Fals. **Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual**. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1987.

BORDA, Orlando Fals. **Una Sociologia Sentipensate para América Latina**. Antologia de textos selecionados e apresentados por Víctor Manuel Moncayo. Bogotá: CLACSO/Siglo del Hombre Editores, 2009.

BRASIL. **Lei n.º 8.971, de 29 de dezembro de 1994**. Regula o direito dos companheiros a alimentos e à sucessão. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8971.htm. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL. **Preto ou Negro 3 CEC - 0029**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2011. Disponível em: <https://www.canalsaudefiocruz.br/canal/videoAberto/preto-ou-negro-3-cec-0029>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude

no Brasil. 2014. 290f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115710>. Acesso em: 08 fev. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 2 nov. 2023.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARPENEDO, Caroline; KOLLER, Sílvia Helena. Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. **Interação em Psicologia**, v. 8, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3234>. Acesso em: 8 fev. 2023.

CAZULA, Isabela Martins. Análise da obra “Os retirantes” de Cândido Portinari e seu diálogo com a atualidade. **Blog Eliane Assolini, Revide**, 5 maio 2021. Disponível em: <https://www.revide.com.br/blog/elaine-assolini/analise-da-obra-os-retirantes-de-candido-portinari/> Acesso em: 8 fev. 2023.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CLANDININ, Jean; STEEVES, Pam; CAINE, Vera (orgs.). **Composing lives in transition**: a narrative inquiry into the experiences of early school leavers. Reino Unido: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONDE, Geraldo Acerves. **História Contemporânea**. Sobral: Instituto Superior de Teologia Aplicada, 2016. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-contemporanea/pdf/Hist%C3%B3ria%20Contempor%C3%A2nea.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, 1989.

CURIEL, Ochy. **El régimen heterosexual y la nación**. Aportes del lesbianismo feminista a la antropología. Vol. 6. Colombia: La manzana de la discordia, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary. Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. **Estudos de religião**, v. 21, n. 33, p. 121-135, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342746.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2023.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DEWEY, John. **Experience and Education**. New York: Collier Books, 1938.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/racapura.pdf>. Acesso em: 4 out. 2023.

DU BOIS. As Almas da Gente Negra. **Revista Atlantic Monthly**, 1903.

DUARTE, Flávia Meneses. **Para além do que se vê**: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres. 2018. 200f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-01042019-093632/publico/duarte_do.pdf Acesso em: 9 out. 2022.

ELY, Margot *et al.* **On writing qualitative research: living by words**. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2005.

FALQUET, Jules. combinatória straight. Raça, classe, sexo e economia política: análises materialistas e decoloniais. **Crítica Marxista**, n. 48, p. 127-145, 2019. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2019_11_18_16_05_18.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FARO, André; PEREIRA, Marcos Emanuel. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos de Psicologia**, v. 16, p. 271-278, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/tNVbv6Bxm9qrXSZdf4SMWxt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Brasília: Brado Negro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica** (1961). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FREIRE. Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GARCIA, Clarck Hammer Soares . **A hipersexualização dos negros na indústria pornográfica**. 2019. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28294/1/Hiperssexualiza%c3%a7%c3%a3oNegrosIndustria.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GIDDENS, Anthony. Famílias. *In*: GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2008

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GILROY, Paul. **O atlântico negro** – modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GÓES, Virginia Santiago dos Santos. Colonialidade do saber nas Relações Internacionais: um debate epistêmico. *In*: CONGRESSO EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2017. **Anais...** Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/download/690/613>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GROSGOUEL, Ramón. Transmodernity, border thinking and global coloniality. **Eurozine**, 2008. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/2008-07-04-grosfoguel-en.html>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GROSGOUEL, Ramon. The dilemmas of ethnic studies in the United States: between liberal multiculturalism, identity politics, disciplinary colonization, and decolonial epistemologies. **Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, 2012.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistêmicos do longo do século XVI. Decolonialidade e Perspectiva Negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

GUIA GEOGRÁFICO. **Brasil Turismo**, n.d. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapas-rs.htm> Acesso em: 8 fev. 2023.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**, 1984. Traduzido e disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 6 set. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Building a Community of love**: bell hooks and Thich Nhat Hanh. Lion's Roar: buddhist wisdom for our time, 27 mar. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

construindo-uma-comunidade-de-amor/. Acesso em: 8 fev. 2023.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico**: Sabedoria Prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

KEHL, Renato. **A cura da Fealdade**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos estudos CEBRAP**, n. 93, p. 45-58, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000200005>. Acesso em: 8 fev. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977. **Portal Gelédes**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LOUREIRO, Camila; INGRASSIA, Tiago. Seria possível uma epistemologia freireana decolonial? Da “Cultura do silêncio” ao “Dizer a sua palavra”. **Roteiro**, v. 44, n. 3, e17527, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3519/351964717001/html/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

LUCIFORA, Cristiane de Assis. **A noção de família para professores de Educação Infantil**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/76960> Acesso em: 12 dez. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MACHADO, Sátira Pereira.; ROSA, Rosane; BRIGNOL, Liliane Dutra. Representações de negritude e de branquitude na produção audiovisual “Dear White People”: tensões e negociações entre identidade e diferença. **Revista Contracampo**, v. 38, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/28254>. Acesso em: 8 fev. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamiento crítico desde la sub-alteridad: los estudios étnicos como ciencias descoloniales o hacia la transformación de las humanidades y las ciencias sociales en el siglo veintiuno. In: SAAVEDRA, J. L. (ed.). **Educación superior, interculturalidad y descolonización**. La Paz: Programa de Investigación Estratégica en

Bolivia; Comité Ejecutivo de la Universidad Boliviana, 2007. p. 145-174.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (orgs.). **Decolonialidade Negra e Pensamento Afro-Diaspórico**. Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2018.

MCINTOSH, Peggy. Privilégio Branco: desembulhando a mochila invisível. **Peace and Freedom Magazine**, p. 10-12, jul./ago. 1989. Disponível em: <https://nationalseedproject.org/Key-SEED-Texts/white-privilege-unpacking-the-invisible-knapsack>. Acesso em: 8 fev. 2023.

MEAD, George Herbert. **Espiritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1982.

MELLO, Dilma. **Viajando pelo interior de um ser chamado professor**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - PUCSP, São Paulo, 1999.

MELLO, Dilma. Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de Letras. 2005. 224f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - PUCSP, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13809/1/Tese2003.pdf> Acesso em: 9 fev. 2021.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; MENDIETA, E. (orgs.). **Teorías sin disciplina**: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. p. 26-46.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona, Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, Walter. "Delinking epistemology". An interview with Marina Grzinick. **Reartikulacija**, v. 5, n. 2, 2008. Disponível em: <https://scholars.duke.edu/display/pub1023055>. Acesso em: 9 fev. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. "[...] Nós aqui é o espaço dos sem vez" – Quilombolas e educação em Poconé/MT. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1911/1/TESE_2019_Nilvaci%20Leite%20de%20Magalh%C3%AAs%20Moreira.pdf Acesso em: 12 dez. 2022.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MORRISON, Toni. **O Amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOSER, Fabiana; DAMKE, Ciro. A construção da identidade na e pela linguagem. **Travessias**, v. 6, n. 2, 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6682/5223>. Acesso em: 8 fev. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A. A. (org.). **Cadernos PENESB**. Núm. 5. Niterói: EdUFF, 2019. p. 15-34.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OMAR, Denisse. A missão civilizadora como factor de construção da alteridade colonial em Moçambique. **História Revista**, v. 25, n. 3, p. 73-88, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350985497_missao_civilizadora_como_factor_de_construcao_da_alteridade_colonial_em_Mocambique Acesso em: 4 out. 2023.

ORRICO, Maria Isabel Donnabella. Branquitude crítica dissimulada: desafios da educação para as relações étnico-raciais. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1234605> Acesso em: 12 dez. 2022.

PAIXÃO, Marcelo. **500 anos de solidão**: ensaios sobre as desigualdades raciais no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

PANTOJA, Joicy Helena da Costa *et al.* Os reflexos do período colonial na sociedade contemporânea: a questão da sexualização e objetificação da mulher negra no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 2019. **Anais...** Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/download/18/15>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 33, n. 33, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PEREGUM - INSTITUTO DE REFERÊNCIA NEGRA. Pesquisa Percepções sobre o racismo do instituto de referência negra Peregum e Projeto Seta, jul. 2023. Disponível em <https://peregum.org.br/2023/08/02/pesquisa-percepcoes-sobre-o-racismo-do-instituto-de-referencia-negra-peregum-e-projeto-seta-e-divulgada-na-imprensa-nacional/> Acesso em: 15 out. 2023.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. Barcelona: Editora Planeta, 2023.

POLI, Moema de. Repensando as uniões inter-raciais no Brasil. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 13, n. 4, p. 1051-57, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/hT3yNDdfLRMbJwnNMWRQmLk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2023.

PORTAL GELEDÉS. Entrevista Professora Janaína Damaceno ao portal Geledés. Por que você deve parar de afirmar que o racismo reverso existe? **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-voce-deve-parar-de-afirmar-que-o-racismo-reverso->

existe/ Acesso em: 15 out. 2023.

PORTO, Rhuann Fernandes. “O amor é?” **Negritude e relações não-monogâmicas: as dimensões micropolíticas do afeto**. 2022. 253f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/18066/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Rhuann%20Lima%20Fernandes%20Porto%20-%202022%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2023.

PREFEITURA DE CANGUÇU. Pedra das Mentiras. **Prefeitura de Canguçu**, 2023. Disponível em: <https://www.cangucu.rs.gov.br/portal/turismo/0/9/4778/pedra-das-mentiras> Acesso em: 8 fev. 2023.

PROTÁSIO, Michelle. Compondo vidas na universidade federal: uma pesquisa narrativa com ex-coordenadoras de licenciaturas das áreas de ciências da natureza. 2023. 295f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, 2023. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdt.d/91dad0074de0ae9a9d72abafd90b6ac6.pdf> Acesso em: 15 jul. 2023.

QUADROS, Dênis Moura. A marginalização e a sexualização dos corpos negros na mídia e na literatura afrofeminina contemporânea: espaços que (de)formam identidades. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 26, p. 513-531, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35388>. Acesso em: 8 fev. 2023.

QUADROS, Waldir. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. **Estudos Avançados**, v. 18, p. 95-117, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RGrfjV8wFpzRxkw4kmf9Dvz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2023.

QUIJÁNO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina (Análisis). **Ecuador Debate**, Quito, n. 44, p. 227-238, ago. 1998. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/6042/1/RFLACSO-ED44-17-Quijano.pdf> Acesso em: 10 out. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 22-32, 2007.

RAFANHIM, Camila Sailer; REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida; INHAN, Luciana de Oliveira. Fogo que arde sem se ver: o amor romântico nas manifestações culturais e as desigualdades de gênero. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, p. 63-75, dez. 2019. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/CamilaArt_RBSEv18n54dez2019.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

REIS, Josué Callender dos. Os concílios ecumênicos. **Revista de História**, v. 28, n. 57, p. 29-67, 1964. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123425>. Acesso

em: 15 jan. 2023.

RIBEIRO, Tiago. Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências... **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 135-154, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271>. Acesso em: 6 set. 2023.

RIBEIRO, Tiago. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, 2020. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1484>. Acesso em: 20 set. 2023.

ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 759-799, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/5NbCwJ6ShDZ6sq9FPgpBRxc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2023.

ROSALES, Harmonia. 2023. Disponível em: <https://www.harmoniarosales.art/>

RUFINO, Silvana. Uma realidade fragmentada: a adoção inter-racial e os desafios da formação de uma família multirracial. **Revista Katálysis**, v. 5, n. 1, p. 79-88, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=179618286008>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SANTIAGO, Marcelo; FEITOSA, Lourdes Conde. Família e Gênero: um estudo antropológico. **Mimesis**, Bauru, v. 32, n. 1, p. 29-41, 2011.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. 48. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771992000100007>. Acesso em: 20 out. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 122f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Anna Blume, 2013.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647126/mod_resource/content/1/Artigo_%20Branquitude%20e%20poder.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias Inter-raciais**: tensões entre cor e amor. Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGATO, Rita Laura. **Crítica da colonialidade em oito ensaios** – e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum Linguístico**, v. 18,

n. 3, p. 6400-6415, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010/47696>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SILVEIRA, Leonardo Souza; LEÃO, Natália Siqueira. O impacto da segregação ocupacional por gênero e raça na desigualdade de renda no Brasil em três décadas (1986-2015). **Revista Latinoamericana de Población**, v. 14, n. 27, p. 41-76, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7508378>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SOUSA, Jordana Freitas De. **Afetos e relações inter-raciais na cidade de Fortaleza**. 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: https://www.uece.br/cesa/wp-content/uploads/sites/32/2022/06/afetos_inter.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, v. 4, n. 4, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: 5 mar. 2021.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: LeYa, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/KwwpFjcW8rcpPnYQ3LS7Xqt/> Acesso em: 12 set. 2023.

SPINELLI, Letícia Machado. Amor, direito e estima social: intersubjetividade e emancipação em Axel Honneth. **Latitude**, Maceió, v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2099>. Acesso em: 4 mar. 2023.

TORRES, Saturnino de La. **Sentipensar: estratégias para un aprendizaje creativo**. 2001. Disponível em: <https://neuronilla.com/sentipensar-saturnino-de-la-torre/>. Acesso em: 10 out. 2023.

UENO, Laura Satoe. Amores (des)racializados: um estudo psicossocial dos casamentos de “amarelos” com negros e brancos em São Paulo. 2020. 167f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

VERA, Luis Roberto. Maternidad: raigambre y clasicismo en El abrazo de amor de Frida Kahlo. **TRAMAS**, v. 40, p. 301-317, 2013. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160419005742/http://148.206.107.15/biblioteca_digital/articulos/6-674-9762xtq.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

VIANNA, José Antonio. Futebol: esperança de mudar de vida. 1987. **Ciênciahoje**, n. 315, jun. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Vianna/publication/263963611_Futebol_esperanca_de_mudar_de_vida/links/5772854f08aeec389540b8a/Futebol-esperanca-de-mudar-de-vida.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

VINHAS, Wagner. Colonialidade e política do esquecimento. **Rth**, v. 23, n. 1, p. 204-226, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64768/35163>. Acesso em: 8 fev. 2023.

WALKER, Alice. **If the present looks like the past, what does the future look like?** San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

WALSH, Catherine. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C.

Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.

WALSH, Catherine. (org.). **Pedagogías Decoloniales.** Prácticas de Insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Série Pensamento Decolonial, Quito. Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WIESEL, Elie. **O tempo dos desraizados.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

XAVIER, Antônio Roberto; CHAGAS, Eduardo Ferreira; REIS, Edilberto Cavalcante Cultura e educação na Idade Média: aspectos histórico-filosófico-teológicos. **Revista OFFLINE**, v. 11, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32676/1/2017_art_arxavierefchagas.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.